



JOÃO PAULO
BORGES COELHO

Ponta Gea

CAMINHO

Ficha Técnica

Título: Ponta Gea
Autor: João Paulo Borges Coelho
Capa: Rui Garrido
ISBN: 9789722128773

Editorial Caminho, SA
uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© Editorial Caminho, 2017
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.caminho.leva.com
www.leva.pt

A frincha de luz sob a porta do quarto, quando na véspera os outros ainda estavam acordados — não seria esse o primeiro sinal de uma viagem? Não é verdade que, carregada de expectativas, penetrava na noite infantil tal como mais tarde a frincha de luz sob o pano de cena o faria na noite de um público?

Walter Benjamin

*Mas a verdade é que sentíamos um certo prazer neste jogo,
pois que estávamos ainda próximos da idade
em que se acredita que criamos aquilo que nomeamos.*

Marcel Proust

Preâmbulo

A infância não é um lugar, nem tão-pouco um tempo. O que é ela, afinal?

Se tomássemos a imagem das ilhas, estaríamos neste livro face a um arquipélago de episódios em que o núcleo de cada um me fosse imposto com insistente nitidez, mas em que as margens, mais incertas, exigissem um esforço contrário ao de evocar – o esforço da partida.

Por outro lado, nada liga os episódios entre si a não ser o encadeamento sugerido por desígnios que connosco transportamos, clandestinamente embarcados. Na verdade, ao contrário da rigidez das estradas, o mar deixa em aberto todos os roteiros. Poderíamos, claro, saltar por cima de tudo e conceber um porto seguro de molde a conferir um sentido ao esforço de chegar. Todavia, além de destruir a interrogação, que constitui o cerne da partida, nem este artifício nem nenhum outro nos permitiriam ultrapassar o facto que a criação de uma rota constitui ao mesmo tempo a morte de todas as outras. É esse o sentido da viagem.

É, pois, sobre os escombros de possibilidades alternativas que se constroem estas pequenas narrativas. O risco em que a sua escrita incorre seria assim o de tornar irrecuperável tudo aquilo que não é convocado, ilhas perdidas na névoa do tempo, povoadas de fantasmas. E rotas diluídas para todo o sempre no mar oceano.

Se evocar for trazer para a idade adulta, então talvez a infância seja, no seu sentido mais puro, aquilo de misterioso que se nos escapa por entre os dedos quando evocamos, a viagem que nunca chegou a ser feita e por isso resiste incólume à passagem do tempo. A potência daquilo que imaginamos poder ainda vir a ser.

1

Cidade líquida

É a primeira e mais persistente lembrança: a água como substância da cidade. Uma água quieta, no mangal como nos capinzais, nos tandos de arroz e nos baldios urbanos cuja noite o monótono som dos grilos trespassava; insidiosa também, na onda paciente que escavava a areia grossa e se espalhava até lambe a raiz torturada das casuarinas, enchendo os corvos de maus presságios e de indignação; e avassaladora, nas chuvadas súbitas e no ar carregado que toldava o horizonte e nos pesava, derrotados, sobre os ombros. Uma água cálida onde nadam todos, aqueles de cujo rasto ainda a espaços me vou apercebendo, e os outros, os que vogam em círculos como peixes aprisionados no aquário do esquecimento.

E o mangal como origem de todas as coisas. A água respirava, subia como se nascesse do âmago da terra, borbulhando nas tocas dos caranguejos e amolecendo o chão até formar um magma frio e baço, o matope que simula o princípio da matéria, aquilo que as pedras foram antes de ser duras, a lama original onde se contorcem os *mussopos* e os peixes-sapo, animais anteriores a todos os outros animais, imobilizados no gesto de deixar o casulo e, portanto, condenados eternamente à dolorosa repetição do acto de nascer. A frente está já em terra, com os seus olhos míopes e bracinhos diligentes, enquanto o corpo é pouco mais ainda que uma cauda de peixe, uma língua pastosa e fremente que arrastam em desespero, achando que é aquilo que os impede de voar.

A certa altura começa a chover, uma poalha líquida que faz reluzir as pequenas folhas das *nhacandalas* e cujo rumor é um eco longínquo que arranha apenas o silêncio, mas que vai crescer até desaguar num uníssono rouco e escancarado, a voz dos cordões grossos e quentes, as tranças de água vertical. Chove, e por enquanto o mangal é uma mancha branca feita de coisas quietas e húmidas, quentes e embaciadas, rasgadas de quando em quando por um

trovejar que acaba com as veleidades das folhas e dos pássaros, os torna pendentes e submissos, e mesmo assim continua a chover, chove sem parar, chove até à noite e durante a noite e no dia seguinte e todos os dias até o mangal ser o mar e tudo o que era duro e firme se acabar.

* * *

Chove. Alagam-se as bermas e entopem drenos e caleiras com as coisas que passam velozes à flor da água, esvaziam-se as esplanadas e somem os pássaros dos fios. Os transeuntes vão cerzindo as ruas em bicos de pés, com rápidos ziguezagues de bailarinas espavoridas. Encolhidos sob os avançados dos prédios, os jornais dobrados a amolecer sobre as cabeças, pequenos grupos assistem ao passar dos rios entre os edifícios da cidade, ao navegar de improvisados barcos sobre esses rios, ao desfilar de um tempo desperdiçado desta maneira e não nas coisas de todos os dias. E tudo isto faz derramar nas praças a euforia que existe sempre que se trocam as voltas à rotina.

Mais longe, onde a cidade dá mostras de se acabar, as hortas urbanas e os campos de arroz continuam sendo como sempre o chão da água, mas as casas de palha incham e escurecem como corpos de afogados presos no canavial. No seu âmago flutuam panelas onduladas e fuliginosas, desfraldam-se velhos cobertores empapados e caixas com papéis (certidões de nascimento, cartas vindas de longe, recortes de jornal), e esventram-se as malas de cartão apodrecido, cansadas das difíceis viagens desde lugares distantes como Caia, Inhaminga, Mopeia, Morrumbala e Chinde, e agora cheias desta água, e tal como as outras coisas fazem-se lixo e os lixos partem velozes pelos riachos que se formaram em fervorosa busca de um qualquer ralo, tudo isto imbuído de um cheiro denso, irrespirável, o cheiro da pútrida miséria húmida, e nos vasos dos pilões acumulam-se restos de chuva e nos pratos de alumínio diluem-se restos da *sadza* velha da noite que passou, num chão de terra dura pespontado pelas águas que escorrem dos telhados.

Os velhos, restos de gente, esperam imóveis a passagem das águas como vetustos ícones emergidos de um enevoadó lago inca. Os jovens são impacientes fogueiras onde a chuva crepita por um momento, à espera de uma ideia que os possa transportar. E as crianças, essas dão gritos de alegria e chapinham nas águas turvas e serpenteiam por entre palhas e latas e lixos submersos, ali onde andam à caça as maléficas vírgulas do vibrião da cólera assim como anzóis em busca da sua presa. Por baixo de todo este manto

húmido, inchado e apodrecido, por baixo de toda esta espera, o mundo está em cólera.

* * *

Chove sobre o mar. A ampla superfície é uma pele eriçada pelas vergastadas de vento, uma mancha ameaçadora e cheia, paquidérmica na cor e no volume, pairando acima da cidade sem no entanto se decidir ainda despenhar-se. Olho-a e é a onda de Kanagawa que conheço de um retrato num livro de fotografias da *Nikon* que existe desde sempre em minha casa. Salto da cama ao som do rugido que vem do escuro, abro esse volume de capa amarela, espreito mais uma vez os retratos das japonesas nuas e, entre eles, uma fotografia do Monte Fuji e outra da xilogravura da tal onda. Comparo e é a mesma onda: Argh!, a Ponta Gea está cercada de ondas de Kanagawa!

E nós não passamos de um pequeno bando atraído pelos grandes acontecimentos. Assistimos com um fascínio infantil à fúria da natureza na Praia dos Pinheiros. O mar investe com um ronco de violoncelo louco e, nos dois *compounds* de casas em banda, sobranceiros à praia, as famílias dos funcionários da polícia vão atirando sacos de areia como quem atira carne crua para aquietar a fera. Mulheres e crianças. Olho de longe as faces das mulheres e, na vulgaridade de olhares habituados a estar sempre pousados nas pequenas coisas, desponta agora um sentido épico e uma certa aura de nobreza. Vão alternando os gestos da emergência com um deitar das mãos à cabeça, como se este artifício as ajudasse a entender o que acontece. Olham o mar com a ponta do avental enrugada dentro do punho, viram-lhe as costas para se irem queixar aos antepassados e a forças mais poderosas que acreditam velar na retaguarda (Ave Maria, cheia de graça), e tornam a virar-se para enfrentar a ameaça com uma coragem desta maneira renovada. Quanto às crianças, movem-se com mais lentidão, algumas delas possuídas de um fascínio igual ao nosso ante o mundo que desaba, um fascínio quiçá ainda mais perverso se tivermos em conta o que no caso delas está em jogo, muito mais do que uma mera visão apocalíptica num determinado fim de tarde.

Os polícias deixam a ordem da cidade ao deus dará e vêm acudir aos seus. Neste momento não há quem tome conta das ocorrências, que se roube ou mate isso deixa-os hoje indiferentes. Vão chegando cheios de maus presságios, os olhos esbugalhados, cabe-lhes arregaçar as mangas das fardas e oferecer o peito a esta nova frente de desordem. Todavia, de nada lhes servem hoje as

pistolas e os cassetetes, de nada lhes serve a habitual irascibilidade nesta guerra com as ondas. O mar é surdo a todo o tipo de ameaças e apelos, cego ao quadro aqui apresentado, obstinado na sua fúria e naquilo que reclama: hoje exige as casas dos polícias. E nós somos pequenas testemunhas intrigadas com a inédita fraqueza da autoridade, a inédita fúria de um mar que conhecemos de todos os dias mais dócil e mais manso, por vezes resmungão mas nunca assim desta maneira.

Chegam os primeiros polícias nas suas motorizadas *Florette* e *Casal*, e já se foi a casa da ponta do segundo *compound* ao som do matraquear desconexo das chapas de zinco e do rangido das madeiras que a água em roxas névoas despedaça, o som de um asno zurrando de dor. Lascas de material mais duro, arrancado à terra algures, rolam inchadas nas costas das ondas como se cantassem e rissem. Cadeiras, oleados, canecas de esmalte, placas de esferovite e uma bandeira de Portugal, aquilo a que se costuma chamar os vestígios de uma vida, o fruto desse trabalho que é punir prevaricações, tudo desfila agora perante os nossos olhos fascinados, esfarelado pelas garras da onda de Kanagawa. E ela sempre a querer mais e eu com a vaga culpa de possuir o seu retrato lá em casa, como se adorássemos deuses pagãos pela calada. A segunda casa também vai e os habitantes da terceira sabem que dentro em breve chegará a sua vez, neste grande naufrágio em terra firme.

No dia seguinte voltamos lá e sobram apenas as duas últimas casas do segundo *compound*, o mais martirizado, e três ou quatro do primeiro. Não se vê viva alma, nem sequer nas casas ainda de pé. Tudo o que é pesadelo é afinal também finito, e este durou a noite que passou. Hoje é como se desde sempre aquele espaço tivesse sido uma ruína. Não houve noite, não houve ontem, não houve mar, desde sempre só esta ruína filha do tempo. O jornal chamou-lhes casas com o madeiramento castigado pelas salmouras, e intriga-me esta palavra *salmouras* que, como muitas outras palavras verdes e tenras que colhemos nesta idade, ouço pela primeira vez e me fica a rolar dentro da cabeça — *Salmouras! Salmouras!* — e é-me estranho isto porque algo me diz que salmoura está do lado da conservação, não de um desbarato como aquele que aconteceu; outro jornalista, mais lascivo, refere os beijos gulosos que o Índico dá à cidade, e nós, vagamente culpados, olhamos em volta para saber se mais alguém terá reparado nos gulosos segredos que trazemos imaginados.

Quanto ao resto, é maré vaza outra vez. Maré vaza sob um sol imperturbável, aquilo a que se costuma chamar o tempo da bonança, e reemergem os mesmos esqueletos ferrugentos dos barcos velhos que o tempo à sua maneira fez

naufragar, agora em posições de encalhe diferentes das nossas velhas conhecidas posições. Nas chapas de ferro dos cascos que resistem de pé, lascáveis como um bolo folhado da Pastelaria Scala, manchadas de laranja vivo por organismos gosmentos e plantas esquisitas que são nossas conhecidas, mesmo se não as sabemos nomear, milhões de cracas num fervilhar constante, multidões de pequenos caranguejos diligentes, pulgões-do-mar em movimento lento, uma vida intensa, os gestos de uma algazarra que só muito perto se consegue ouvir. E, no bojo dos barcos, superfícies ovaladas de areia húmida e fresca como aquelas que crescem nas grutas marinhas, inundadas de uma sombra espessa e um pouco misteriosa, delimitadas por pequenas lagoas, esquinas de água mais funda onde nadam em círculos os peixes neste dia aprisionados, pequenas águas levemente rosadas se calhou, na escalada, esfolarmos um dedo ou um joelho (memórias feridas). Se não, a serenidade é nelas azul e total. O único indício daquilo que aconteceu, ironizando da nossa perplexidade, são estes pequenos objectos que navegam entre minúsculos *tépuès* quase transparentes e de olhos negro-azeviche: um prato de plástico, um *napperon*, um braço de boneca, pequenos absurdos embalados docemente pelas ondas, cercados pelo murmúrio que é uma uníssona oração de todas as pequenas criaturas marinhas, ou pelo menos é assim que imaginamos as coisas sob o sol alto quando encostamos a orelha ao búzio para o fazer cantar.

Os dias seguiram o seu curso e de cada vez que lá voltávamos mais ténue era o rasto deixado pelas famílias aflitas dos polícias. A senhora gorda e grisalha que encarava o mar como quem combate um incêndio, o rapaz que cumprimentávamos de longe e de quem fui esquecendo as feições, cada vez mais pálido, hoje da cor da água transparente, enfim, todos eles se foram. Os dias seguiram o seu curso e de cada vez que lá voltávamos tudo era mais distante. A partir de certa altura os *compounds* não passavam, como disse, de ruínas que nunca tiveram gente, nem polícias nem outros quaisquer, apenas um mero refúgio de deserdados e vagabundos com os seus gestos clandestinos, por vezes desalojados pelos polícias com uma raiva por uma vez justificada. E nós, pequenas testemunhas fascinadas, transportávamos esse peso de sermos os únicos capazes de pressentir os fantasmas e de confirmar aquilo que diziam.

As coisas seguiram o seu curso. Hoje, se por qualquer motivo nos calhasse lá voltar, veríamos com estupor nem sequer haver lugar, ser tudo mar.

* * *

Entretanto, arrastaram os pescadores as almadias praia acima, para o recato das dunas, e os grandes navios são um rebanho ondulando inquieto no curral do porto. A noite enche-se de vultos errando pelo cimento rugoso do cais, a verificar lonas e amarrações. No escuro, o vento aviva-lhes as pontas dos cigarros e faz vibrar as abas de chapéus enterrados até às orelhas. A chuva ricocheteia como balas, arrancando lascas às superfícies brilhantes. Apressam-se os homens da estiva nas suas balaclavas negras, involuntárias réplicas de tristes salteadores. As correntes rangem e fustigam o aço dos guindastes com um tilintar grosso que os caprichos do vento tornam arredio, o vento assobia pelas frinchas largas dos portões e agita as chapas de zinco dos grandes armazéns. Rangem as grossas cordas de sisal.

No cais Manarte, as lanchas, *gasolinas* e traineiras são endiabrados potros presos pelo focinho. Ao lado, o mangal é um jardim submerso e os ramos mais altos das *nhacandalas* despontam do mar como pináculos de catedrais góticas desafiando o nevoeiro negro.

* * *

23 de Março de 1967. O cargueiro *Apollon* entra na barra com os porões cheios de trigo para o pão da Beira. Vem expelindo um fumo escuro, ligeiramente adernado porque o mau tempo lhe descompôs a estivação dos porões. Dezoito dias antes largou de Port Albany, na Austrália, com direito a três dias de calma, após o que veio a ser açoitado por ventos ciclónicos durante boa parte da semana, alternando quase impossíveis subidas ao dorso da vaga, tendo em conta os motores cansados, com descidas vertiginosas que de cada vez não se sabia onde iriam terminar. Por volta da quarta ou quinta noite as águas tomaram conta do convés e cobriram toda a proa, obrigando, nas palavras do comandante Angelos Angelidakis, a prolongados períodos de navegação submersa. Ouço isto e imagino o navio perfurando o negrume de fundos povoados de anémonas e estrelas-do-mar, uma nave perdida num líquido cosmos. O *Apollon*, sem proa que se visse, era como um bicho sem focinho, mula sem cabeça desembestada pelas sete freguesias do mar, expelindo fumos negros e urros roucos sem que os trinta tripulantes a conseguissem domar. A certa altura, uma onda mais possante abriu um rombo enorme na parede de ferro da ponte de comando e a embarcação ficou desta maneira, assim como entrou na barra passados muitos dias: submissa, de língua de fora, rastejando exangue junto à linha de água, seguida de uma revoada de

gaivotas que, vendo-a assim pesada, julgavam vir de peixe carregada. Peremptório, Angelidakis declarou que se tratava da sua última viagem como comandante da marinha mercante, não ficando claro se por causa da tempestade ou se a decisão estava tomada e foi aquela que deu tudo por tudo na derradeira oportunidade de o apanhar.



O «Apollon» já atracado ao porto da Beira

Tempos depois, no dia do meu aniversário, a pequena embarcação *Lucília*, com catorze metros de comprimento e quarenta e uma toneladas de arqueação, navegava a meio da tarde entre as bóias dois e quatro quando o leme por qualquer razão avariou. Já acordei e vesti os calções novos, já rasguei o papel colorido que envolvia a minha prenda, um avião cheio de luzes, que apita e roda em círculos mas se recusa a voar. Espero agora com os meus cinco amigos na varanda e esperam quarenta e duas pessoas no bojo frágil do *Lucília*, entre elas dezassete crianças. Daqui não os vemos, estão perdidos no meio do mar. Entramos e dispomo-nos em volta da mesa. Galgando as ondas a toda a força dos motores, chega o rebocador *Gorongosa* respondendo ao SOS, lança um cabo de aço, mas junto à bóia sete a rebentação solta-o, furiosa, e o *Lucília* voga à deriva até acabar encalhado num banco de areia que nós, de olhos fixos no bolo, não fomos capazes de descobrir. No escuro da sala, os pequenos rostos ondulam à luz das velas e as pequenas vozes entoam os parabéns a plenos pulmões para conseguirem fazer-se ouvir por sobre o fragor das vagas, enquanto cai a noite e amadurece o drama. Chegam, já no escuro, o rebocador *Sofala* e o gasolina *Sagres*. O *Lucília* tem agora um rombo enorme na proa e os passageiros são um novelo de esperanças e medos com água pelos joelhos. Os

rostos piscam vermelhos ao sabor das luzes da emergência e os soluços são abafados pelo rugido dos motores. Os cheiros do fumo e do combustível estão por toda a parte. O *Gorongosa* é demasiado grande para a função e retira-se, impotente, cerca da uma da manhã. Ficam os outros, zanzando em volta do *Lucília* sem saber como pegar-lhe. Há muito que apagámos as velas e desfizemos a festa, há muito que nós e eles nos dissolvemos na escuridão. Todavia, a tragédia segue o seu curso.

Dias mais tarde, são nove da manhã e o gasolina *Tejo* transporta cabos de amarração. A corrente forte atira-o com violência contra o casco do *Custódia*, que está fundeado. A pequena embarcação desaparece rapidamente. Desce nas águas, seguida pelo olhar guloso das gárgulas do fundo. Quatro horas antes, em plena madrugada, um pequeno *dabchick* larga do Clube Náutico e segue baía afora. Registado com a matrícula D-1563, leva dois jovens tripulantes, Bernd Kroning e Hubertus Webendoerfer. Conheço-os aos dois, em carne e osso, dos corredores do liceu. Mais tarde, Webendoerfer irromperá aos gritos na praia, alertando para o desaparecimento do companheiro. Aparentemente, numa manobra de mudança de direcção, o remo caiu à água e Kroning, excelente nadador, mergulhou atrás dele e nunca mais foi visto (nadou até à eternidade). Uns acreditam na versão do sobrevivente, outros não. São aventadas todas as possibilidades. Quanto a nós, também não sabemos o que pensar. Dias depois, Webendoerfer regressa ao liceu e caminha por corredores e intervalos do recreio cercado de uma aura de mistério (sabe-se que viu a morte). Ninguém lhe faz perguntas, ninguém ousaria. Vemo-lo passar com temor e reverência, e imaginamos o companheiro, mais alto e mais forte, todavia incapaz de contrariar esta ausência. Webendoerfer viverá para sempre com aquela sombra, pelo menos até ele próprio, ao que se diz, desaparecer anos mais tarde em novo naufrágio. Foram-se então os dois, regressando de quando em quando num estado de eterna juventude e uma incólume aura de mistério.

Por esta mesma altura, talvez mesmo neste mês, um pára-quedista de vinte e dois anos desaparece também nas águas da Praia dos Pinheiros. De nada lhe valem os gritos das suas amigas Teresa e Virgínia. Era domingo e a praia estava cheia de gente, o que comprova que o mar não nos cerca apenas quando estamos sós. O corpo foi encontrado dias depois, perto do local, e transportado de lancha para o Cais Manarte. Curiosamente, não apresentava sinais de inchaço embora a expressão estivesse transfigurada. Alguém viu nisso um sinal. Não ficou claro se o sinal se ligava às circunstâncias em que ocorreu a morte (o esforço para sobreviver), ou à acção de criaturas marinhas depois de a

morte ter acontecido, ou ainda se a dita expressão se devia a algo que o afogado viu no acto de morrer.

Quantos morriam aos domingos e também aos dias de semana, a qualquer hora, sós ou no meio da multidão, dentro de almadias e barcos de pesca, de transporte, de recreio ou mesmo cargueiros e petroleiros, nadando nas praias, tentando atravessar as águas de um lado para o outro. Os naufrágios eram sucessivos, como se obedecessem à cadência de um relógio. A cidade inteira enchia-se de naufrágios e afogados, tantos que parecia ela própria também querer naufragar.

Quanto a nós, nesse tempo entrávamos nas ondas sem qualquer reserva. Fazíamos-lo todos os dias, era-nos tão natural como respirar. Agitávamos os braços desenhando semicírculos à flor da água, divertíamos-nos a vê-la passar por entre os dedos. A espaços — uns espaços que só ela saberia dizer quais eram — a minha mãe contava-nos as cabeças: um, dois, três, quatro, cinco, seis, e tudo voltava ao início como se fosse um jogo. Os braços desenhando semicírculos, o brilho do sol, os arrepios de frio à medida que a água nos trepava pela pele. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, e as pernas imersas saltitavam em câmara lenta, os pés cegos tacteavam um chão azul e algo misterioso, deparando-se por vezes com a surpresa de uma concha ou uma pedra ou um buraco que, com um sobressalto, parecia infinito, mas afinal bastava um pequeno passo, sempre em câmara lenta, e surgia novamente o areal do fundo, do outro lado, e o susto terminava. A bolha do alívio subia e rebentava no ar da manhã, deixando soltar-se a gargalhada que trazia dentro dela. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, e as bolhas rebentavam e as gargalhadas espalhavam-se, ondulando sobre o mar, até que um dia, certa vez, um, dois, três, cinco, seis, e faltava o quatro, o quatro partira e deixara no seu lugar este vazio à superfície, e nós galgámos agitados os montes e vales azuis das profundezas, demandando o areal da praia, enquanto a garra da minha mãe traçava semicírculos com aquela brusquidão dos cegos, até encontrar e conseguir arrancar da água uma espécie de estrela do mar à deriva entre duas ondas, um novelo de algas de luz encimando o meu pequeno irmão já azulado, já a caminho da cor do mar, tremendo de frio num dia como este, em que o sol arde.

Regressámos a casa cabisbaixos, olhámo-lo com curiosidade (afinal, foi ao outro lado e regressou), em silêncio celebrámos a reposição do número na sequência certa, um, dois, três, outra vez quatro, cinco, seis, e em nossa casa a onda de Kanagawa permanece contida na página de um livro amarelo da *Nikon*,

entre japonesas nuas, ao lado do Monte Fuji, presa como sempre na véspera do acto.

* * *

Cidade líquida até na humidade dos corpos e das sombras, das espessas manchas sob as árvores e alpendres, das bocas negras que são estas garagens da Ponta Gea onde nos escondemos para sobreviver, esgotados e vazios, tentando não perder o fôlego enquanto as superfícies lisas do silêncio são riscadas pelo zumbido ocasional dos insectos. Aqui, conversamos em voz baixa sobre as raparigas em flor, os seus jogos e rubores, e também sobre a música que nos rendilha a alma, nos promete a fuga a esta ordem que nos dificulta o respirar. Daqui escutamos o ardente mundo em volta, os rios de lava negra que são estas nossas ruas onde quase tudo o que era vivo parece ter ardido e se esfumado. Daqui seguimos com os olhos os raros peregrinos que se atrevem a cruzar estes espaços inóspitos, alucinados bichos moribundos, moluscos largando um rasto viscoso sobre o alcatrão, articulando respostas lentas sob a cruel barragem do todo-poderoso sol. E, observando o mundo dos outros e os seus enigmas, seca-se-nos a garganta com o mistério das coisas que não conseguimos explicar, as injustiças que não somos capazes de reparar e para sempre nos ficarão dentro a roer, não só as conhecidas, ostentadas nas bandeiras, mas também as mais pequenas, o pequeno roubo não denunciado ou a denúncia do pequeno roubo, os três que se juntam para bater num só, rompendo o equilíbrio dos pares, questões duras e espinhosas muito comuns entre as crianças da nossa idade, e até novas injustiças cometidas na tentativa de reparar as anteriores, numa sequência que não se coíbe de mergulhar no infinito.

Enquanto isso, desce com rapidez o pano da noite. Um a um, vamo-nos despedindo e partindo. Do céu desprendem-se os últimos fiapos de fogo e os insectos irrompem aos milhões zunindo os seus conflitos sob a luz amarela dos candeeiros municipais: baratas voadoras de luzidio e alvo corpo, gafanhotos de um verde obscuro em voos tresloucados e, mais em baixo, no cimento do passeio, camaleões e louva-a-deus cheios de tentativas e tremuras, aranhas de pêlo castanho desgrenhado, besouros façanhudos, formigas em fila indiana, osgas albinas quase transparentes e hordas de pequenos caranguejos que se atreveram até tão longe na periferia do mangal. Estala todo este mundo que pisamos, o cheiro acre e oleoso da quitina junta-se à algazarra solta. Apressamo-nos no caminho de casa.

Dobrada a última curva, atravessada a última rua, tudo por um momento se suspende. Depois, a chuva desaba com fragor e varre besouros agonizantes e aranhaços translúcidos que morrem como estrelas encolhidas e amarrotadas, pequenas asas transparentes, antenas soltas, fragmentos de pinças, lavando enfim as ruas e avenidas até ao ponto de lhes apagar os nomes e ficarmos incapazes de nomeá-las. Da Praia dos Pinheiros chega a onda larga de Kanagawa largando do dorso fiapos de espuma branca, consumando finalmente um gesto há tanto tempo em suspenso. Galga as ruínas das casas dos polícias-fantasmas e segue rua fora arrastando em turbilhão as japonesas nuas e os afogados até desembocar na Praça Artur Brandão onde submerge o monumento à estrela-do-mar, recolocando-o no seu devido lugar. É a água que triunfa. As coisas duras da cidade — as árvores e as ruas, as casas e as pessoas — afundam lentamente neste nosso líquido amniótico e ganham a consistência do coral.

2

Aletria & sangue

Saio do carro com a travessa de aletria nas mãos. Está ainda morna. Olho os arabescos de canela sobre o amarelo pálido do creme, sei que ali se conta uma história. Tento lê-la e não consigo: ou a superfície irregular das pequenas cobras de massa deformou para sempre o texto ou trata-se de um código secreto.

Percorro cuidadosamente a distância que me separa da praia, transponho o muro baixo e subo os degraus para me aproximar dos soldados. Tenho agora um motivo para o fazer sem ter de sentir qualquer temor.

São jovens e estão sentados à sombra do canhão. Têm as fardas salpicadas de areia. O canhão está assente numa peanha de cimento, em pleno areal. Fumam, conversam e riem. De costas para o mar, como que desinteressados da chegada da fragata inglesa que os vai matar.

Felizmente não há ainda aviões rasgando as nuvens nem colunas de luz ou ondas hertzianas indagando o céu. O dia está calmo, não se ouve o arrastado som das sirenes.

Têm a tez translúcida e os dentes salientes que os mortos costumam ter antes de morrer, quando as caveiras rejubilam na iminência de se verem livres do invólucro de pele. Confiam cegamente no canhão que, visto assim de perto, também a mim parece invencível. Aço azulado, todavia mais áspero do que dava a entender à distância, cheio de rugosidades capazes de prender grandes gotas de humidade.



Por um momento parece-me ver os arabescos de canela reproduzidos na superfície do canhão, os mesmos meandros de um texto complexo, e espanto-me com as ligações secretas que existem entre as coisas. Mas disfarço, não deixo que estas descobertas se notem ou que me afastem do propósito que trago.

Caminho com firmeza, a travessa de aletria nas mãos, de frente para os soldados. É tarde para recuar. A minha mãe espera-me no carro, orgulhosa da valentia com que cumpro o projecto que ambos traçámos.

Assim que entregar a travessa transmitir-lhes-ei esse recado urgente que afinal sei escrito na superfície da aletria, embora não o consiga ler:

A fragata inglesa vai matar-vos!

Cairão em si. Ficarão muito sérios, tomarão as devidas providências. Talvez reforcem a guarda ou requisitem mais poder de fogo, pode ser que escrevam às famílias a despedir-se ou, ainda, que dispam a farda na calada da noite e se internem no mundo com uma identidade falsa, bigodes postiços e cabeleiras, gabardinas e chapéus de abas caídas sobre os olhos. Quem seria capaz de encontrá-los numa esconsa rua do Cairo ou no porão de um junco indonésio, entre cestas de vime a transbordar de exóticos legumes?

É estranho ter de ser uma criança a alertá-los, mas compreende-se: desconhecem, coitados, os caminhos do futuro. Não sabem que o cordão umbilical que lhes cabe proteger, aquele por onde escorre a nafta até ao país vizinho, alimenta afinal uma sinistra máquina que ficará a produzir grotescos ditadores até à eternidade. O passado é sempre enevoadado, impede as vistas claras; o futuro, enevoadado é.

Aproximo-me com as mãos estendidas, a travessa ainda morna assentando

nas palmas para vincar a oferenda.

A curta distância, notam finalmente a minha presença. Adivinham ao que venho. Ocorre-me que mais gente tenha vindo antes de mim, transportando outras travessas, e isso desaponta-me um pouco. Pisco repetidamente os olhos para afastar estes pensamentos pouco nobres.

Atiram as pontas dos cigarros para longe com gestos automáticos, sorriem aquele sorriso que tem quem se prepara para falar. Têm um cheiro acre de camponeses desabitutados do nosso sol. São vulgares, inocentes, não suspeitam ainda do recado que lhes trago (*a fragata inglesa vai matar-vos!*).

Seguram a travessa que lhes estendo com as minhas mãos de criança, pedem-me que agradeça por eles à minha mãe, que descortinam na distância com sorrisos enigmáticos. Perdoo-lhes intimamente porque sei que vão morrer.

E, por meu turno, digo qualquer coisa que não consigo ouvir. Nunca tinha visto o canhão assim de perto, a superfície afinal tão áspera, nesse tempo não havia televisão, tudo era novo, as palavras tinham outro peso, os objectos eram muito diferentes, parafusos, caixotes de obuses, aquele tubo apontando assim ao Índico, esquadrinhando possíveis ameaças, os aviões ainda sem aparecer, as casuarinas suspirando agourentas, os corvos no alto, os pescadores indiferentes nas suas pequenas almadias, cruzando em remadas lentas o ponto de mira do canhão da esquerda para a direita, empoleirados na linha do horizonte, e tudo isto volteando num turbilhão que não consigo ordenar.

Dou por mim já de regresso, todavia com a inquietante sensação de não ter conseguido avisá-los. E, nas minhas costas, sei-os debruçados sobre uma aletria que, disse-mo a minha mãe, lhes vai lembrar tardes distantes, outros lugares, a terra deles. Sim, sei-os sem olhos que não sejam para ela, muito mais vulneráveis e inocentes do que pareciam de início, da cor dos que já estão mortos, os mesmos dentes salientes, narizes aduncos, clavículas perfeitamente simétricas enquadrando umas maçãs-de-adão pontiagudas, unhas roídas e sujas das tarefas próprias dos soldados.

E eu numa urgência de dizer à minha mãe que não vale a pena voltar a buscar a travessa vazia porque não haveríamos de querer comer de onde já comeram os mortos.

Ela compreende-me e sorri, atrás do fumo do cigarro. O lenço prende-lhe os cabelos, os óculos escuros escondem-lhe os olhos. Assim que entro, engata a mudança e o pequeno *Fiat 500* desliza pela marginal. É de um verde desmaiado, uma cor própria deste tempo. Vamos mais leves, embalados pela brisa fresca que entra pelo fole aberto do tejadilho e se espalha em caracóis. O

vestido dela é branco com pequenas bolas azuis. Cantarolamos os dois.

* * *

Foi-se o sossego das noites. Sento-me à varanda a sondar o oceano escuro no temor de descobrir a fragata inglesa tremeluzindo na linha do horizonte. Não o faço com o fôto de poder avisar os soldados (seria sempre tarde, demasiado tarde), mas para conferir uma razão concreta à minha culpa e assim poder começar por algum lado a expiá-la. Da mesma maneira, nos dias seguintes recorro a todas as justificações para passar perto a fim de observar os cadáveres espalhados ao acaso em torno do canhão. Jovens soldados a quem não fui capaz de avisar, as fardas sujas de aletria & sangue.

A fragata inglesa vai matar-vos!

Bastava esta frase simples, que para sempre me vai ficar presa na garganta, e eles ter-se-iam posto de sobreaviso, calculado as suas possibilidades, comparado os respectivos poderes de fogo, pesado prós e contras, ficar e correr os riscos inerentes ou então fugir correndo riscos diferentes, e eu nesse caso de consciência mais leve, chegassem ou não os ingleses, já nada me diria respeito, havia feito o que estava ao meu alcance.

Passaria então por todos aqueles mortos de consciência mais tranquila.

3

Catedral de Nossa Senhora do Rosário

Acordar. Acordar como um boneco de pano sacudido pela ossuda mão da minha avó. Permanecer por uns instantes como esse boneco, que de tão dócil não parece ter a insuflá-lo vida. Permanecer sem vida. Aos poucos, deixar que o metal dos gestos repetidos se funda no pano e o vença. Já como um autómato, deitar água na cara com ambas as mãos para precipitar essa fusão. Em seguida, colher os objectos dispostos de véspera sobre a cadeira como uma oferenda em pedra de altar: o pequeno par de sapatos e as meias brancas, calções de caqui, uma camisa engomada pendendo erecta do espaldar. Mecanicamente, vestir-me e calçar-me, pôr-me pronto. Cercado pelos mistérios da cozinha àquela hora (os estalidos dos armários, os suspiros e tremores da geleira onde há muito habita um velho espírito), beber o copo de leite branco na fimbria da noite, mancha clara associada a uma outra claridade que espreita tímida através do vidro martelado da janela do canto.

E partirmos os dois, eu e minha avó, depois de fechada a porta de entrada com todo o cuidado, sacudindo dos ombros os fiapos de escuridão.

* * *

Atacar a avenida sob a brisa fresca. Em andamento, deparar com as suaves cores da primeira madrugada como se tivéssemos com ela um encontro apazado, sempre no mais completo dos silêncios.

Passa um primeiro machimbombo, quase vazio a esta hora. Na testa, estampado por cima da grelha que é uma boca presa num esgar, dos farolins que são dois olhos fixos, um código misterioso: 1A. O primeiro no mundo dos números, o primeiro no mundo das letras. O primeiro do dia. Quem será que

criou estes códigos que condenam os machimbombos à clausura de um mesmo itinerário eternamente repetido? Vai quase vazio, a não ser os dois ou três criados remetidos pela regra ao banco do fundo.

Passa também uma bicicleta de padeiro, montada por um ciclista vestido de branco. Será um mero distribuidor ou é ele próprio o obreiro do pão? É este o sentido das perguntas que me sobem, trôpegas ainda, estremunhadas. De qualquer maneira há uma espécie de humilhação implícita no uniforme do homem, que ele, ainda assim, por artes mágicas, consegue transformar em pureza. Como um cometa maravilhoso, passa e deixa o aroma do pão estaladiço atrás de si, e a enorme admiração dos circunstantes. No caso, eu e minha avó. Mas não comentamos, evitamos ainda as palavras que, a esta hora, retiniriam no ar da manhã com alguma estridência. Caminhamos ainda do lado do silêncio.

Mais adiante é uma *Zundapp* que rasga os ares com o seu zumbido de abelha. Antiga, com ar de que vai envelhecendo serenamente na sua função. Uma motocicleta tão contrária às do futuro, que se irão interromper abruptamente em violentos acidentes que ceifam a vida dos jovens que as cavalgam. Transporta um capataz para a sua obra, algures. Ou a inércia do levantar cedo o levou a esquecer-se de que hoje é domingo ou uma urgência de ter as coisas prontas exige estas horas extraordinárias. Seja como for, espalha na estrada vazia o arrastado lamento de quem se sente incapaz de combater a sucessão dos dias.

Zumbidos apícolas, o ronco do monstro engatando a mudança, estalidos da corrente retesada por um pedalar fragrante e branco, são estes os primeiros sons, afora o leve fervilhar dos nossos passos sobre a brita miúda sempre que o tradicional passeio de cimento se interrompe, ondas que chegam e partem como um respirar difícil, distintas ainda do ronronar constante da cidade. Primeiros ensaios, rudes e soalheiras arremetidas contra a orvalhada frescura do silêncio.

Seguimos rua fora por esta manhã tão nítida, e que a distância torna tão preciosa, passamos em frente a casas e baldios. De um destes, com capim à altura do peito, sai um restolhar mais súbito e seco do que aquele que uma rabanada de vento seria capaz de provocar, mais perto de uma sacudidela que da leve tremura da brisa. A minha avó repara, inquieta; sem dúvida sente o regresso das cobras da sua infância. Digo, para a tranquilizar, que deve ter sido um lagarto. Anui com um gesto da cabeça. Confia em mim quando atravessamos estes espaços exteriores, apesar do meu tamanho. Vê-me sair e

entrar todos os dias, não será hoje que me vou deixar surpreender pelo vasto mundo em volta. Quanto a mim, não nego que essa confiança me traz uma certa satisfação.

Há obras por toda a parte, apesar de quase todas em suspenso neste dia de domingo. Há uma ânsia de investir contra tudo o que seja aberto e amplo, uma febre de esconder este chão feito de terra e pequenas criaturas. Aos poucos vai desaparecendo a serenidade dos baldios, o refúgio que garantem aos seres mais pequenos, a perspectiva que abrem às nossas tenras indagações (são, para nós, a natureza). Não tarda será tudo um mar chão de cimento rasgado por brucas construções ditadas pelas mais variadas conveniências.

Sempre que voltamos ao fervilhar dos passos sobre a brita, nos intervalos entre um passeio e outro, a contrariedade da minha avó é mais patente. Vacila, resmunga. Assobia baixo uma melopeia agastada, impaciente e meio louca, aquela que a acompanhará quando chegar a sua vez de largar por caminhos desconhecidos. Por agora aconchega a carteira e agarra furiosamente o meu pequeno braço. Conheço de olhos fechados este prender. A minha mãe agarrar-me-ia a manga e puxá-la-ia para baixo, com isso retesando a camisa inteira até ao colarinho, ou então cravar-me-ia na carne as suas unhas compridas, carmim, a fim de me ditar o comportamento; a minha avó opta antes por fechar a mão tão particular em torno do meu braço, uma verdadeira garra, como se soltá-lo desse azo à minha subida pelos ares ou ao seu mergulho nas profundezas que espreitam dos interstícios daquele chão onde acha que se escondem cobras, vermes, coisas desconhecidas. Sinto a sua pele seca e, por baixo, os ossos. A arterite dá aos dedos uma vida feroz e independente. Confesso que esta proximidade assim em público, apesar de ser ainda muito cedo, me embaraça um pouco.

Descubro, na distância, o mecânico que costuma dirigir ameaças roucas às crianças. Imagina que a nossa intenção é atirar-lhe pedras de longe, passar os dias a congeminar coisas contra ele como se fôssemos meros satélites de um grotesco astro. Apesar de ser ainda muito cedo, o maldito está já às voltas de um carro que se recusa a revelar-lhe os seus segredos. Enverga a camisola interior com que dormiu, os seus gestos são ainda o prolongamento de um sono agitado, encharcado de malévolos suores; a face é cinzenta, resultado de um combate em que uma vez mais a barba espessa e indomável levou a melhor; a voz, sempre que pede ferramentas ao ajudante ou que ameaça, um trapo áspero manchado de óleo, esfarrapado por uma ira persistente. Mas hoje a presença da minha avó permite-me uma passagem sem sobressaltos. Mal nos olha, é como

se nada em nós lhe interessasse.

Segue-se outro baldio e a casa da rapariga americana, o muro baixo onde ela costuma estender umas pernas vigorosas que os calções curtíssimos salientam. O meu minúsculo desejo vai-as moldando, e mais tarde a memória preservando até tornar eternas. Sempre que lhe dirigem a palavra, a rapariga americana baixa os tímidos olhos azuis e deixa que um rubor reservado e insondável lhe incendeie as faces. Por essa razão costumam dizer que cora por tudo e por nada, embora eu suspeite que o faz por causa do calor e da pele que traz de longe, desabituada deste sol. A casa está silenciosa a esta hora; as pernas, julgo eu, adormecidas. De resto, embora não saiba ainda bem porquê, é assunto que intuo não poder abordar com a minha avó, mais a mais neste momento, sem o suporte da evidência. Percorro a crista do muro com o olhar, de uma ponta à outra, ali onde ela costuma sentar-se. Toda a área em volta está neutra e entediada, sem nada que emoldurar.

Chegamos finalmente ao cruzamento do semáforo, na esquina da Farmácia Beira. Passados uns quantos guardas-nocturnos retardatários sobre os quais a nossa passagem àquela hora foi espalhando uma surpresa vaga. Dos algerozes rebuscados da farmácia goteja ainda, e apenas, o silêncio. Mas a partir daqui começa a zona velha e tudo se torna diferente: as árvores são mais antigas, as casas também, cercadas por varandas de rede e cobertas de chapas de zinco, assentes em pilares que despontam de um chão de terra onde a erva se recusa há muito a crescer. Inquieta-me a escuridão esverdeada desses espaços nus dissimulados sob as casas antigas, uns espaços onde grassam, embora pequenas, sinistras criaturas. Olhos, só olhos pequenos irrompendo das entranhas destas casas. Os velhos pavilhões do hospital redobram em mim o temor, por imaginar que ali se escondem os vermes ainda menores das doenças. Não revelo esta suspeita por temer que a minha avó se benza. Por qualquer razão, embaraça-me que ela se benza em público.

Por tudo isto apresso o passo, obrigando-a a ir até ao limite. Nesta parte velha há ainda que contar com uns passeios mais revoltos, agitados por raízes pouco dóceis. Levantam-se as placas de cimento, fica o caminho como um mar encapelado que nos obriga a uma incerteza ébria e tateante. Mas a minha avó é valente, não se queixa. Até por irmos um pouco atrasados. Os seus olhos são duas pequenas contas negras e brilhantes, fixas na distância. Volta a melopeia assobiada entredentes, cheia de estranhos meandros e deixando sempre a impressão de um orgulho obstinado. Embora sem palavras que se cantem, sei que é coisa de tempos antigos, quintais, cobras, infância, barcos perdidos nos

pântanos da ilha. E cemitérios. A minha avó é mais rebelde do que qualquer um de nós poderia imaginar. Segue na sua guerra silenciosa com o mundo, nada a faz vergar.

Passamos o pavilhão desportivo onde soa uma bola de basquete fustigando o *parquet*, um som de pancadas de Molière anunciando que o espectáculo do dia vai enfim começar. Há também gritos soltos dos atletas madrugadores, interessados em melhorar o desempenho. Quem sabe não atingirão um dia o almejado patamar?

Chegamos às imediações da Escola Eduardo Vilaça, a minha escola. Hoje, por ser domingo, adormecida. Invade-me uma silenciosa alegria sempre que vejo a escola assim desta maneira, encerrada, impedida de me agarrar. Presa hoje a um silêncio tanto maior quanto ensurdecador é o rio de pequenos sons que desagua na rua sempre que é a hora da saída.

Lá dentro, a professora (como se chamaria ela?) deve estar por uma vez aprisionada no seu pequeno labirinto, sem alunos sobre quem possa exercer-se. Costuma começar pelo próprio filho, para nos dar a entender uma impoluta imparcialidade. Chama-o com um guincho e o pobre levanta-se e segue corredor afora todo tremuras e esgares, gestos sacudidos e descompassados piscares de olhos. Pergunta-lhe o que tinha em mente quando fez aquela conta, aquela cópia, aquele desenho. Se errou a soma de propósito para a contrariar, que desafio se esconde na palavra que escreveu, qual o secreto desígnio daqueles gatafunhos. Para ela, o acerto é algo que nem em sonhos algum de nós alcançará. Contenta-se, por conseguinte, com a subserviência.

Todavia, no filho o terror impede a subserviência. O pobre avança como um gafanhoto a quem tivesse sido arrancada uma asa, as mãos são arames espetados cada um para seu lado, tentando chegar a uns óculos tortos e embaciados para os ajeitar. A incapacidade da subserviência é o que a põe fora de si, sobretudo no caso do filho, que parece ter na frente, pela vida fora, uma caminhada ainda mais difícil do que a nossa. Sem dar tempo a que se solte o soluço da resposta, seja ela qual for, atira-se ao rapaz com uma ferocidade desmedida (quem diria que aquele corpo esguio pudesse albergar um urro assim?), brandindo no ar a régua grossa.

Vejam que eu bato nele como bateria em qualquer um! Vejam que eu bato nele mais ainda do que bateria em qualquer um!

E a régua estala na superfície seca da pele, embate nos ossos que esta mal consegue esconder com um som cavo de coisa íntima que nos dói fundo como se fosse em nosso próprio e tenro corpo. E a professora feia e magra e má

(Lurdes, seria esse o seu nome?), ela própria só pele e osso e dentes enormes e óculos grossos, tal como o filho, as mãos que seguram a régua ainda mais esguias e percorridas de nervuras azuladas, volta a partir pelo corredor fora atrás do gafanhoto, tentando impedi-lo de chegar incólume à branca parede do fundo.

Olhamos essa parede com a intensidade com que se olha a tela nas manhãs de sábado, ali onde desfilam pontos e números misteriosos em cascata, antes de irromperem trombetas na coluna de som e o Zorro na pradaria para gáudio da pequena multidão (*Aiô Silver, avante!*). Olhamos essa parede muito branca que sabemos prestes a ser marcada a ferro e fogo, assim o insecto se esmague e largue aquele cheiro anisado que eles libertam ao morrer, nesta tragédia todos os dias consumada.

Enquanto tal não acontece, serpenteiam mãe e filho por entre as filas de esbugalhados olhos infantis, ele hesitante entre obedecer ou fugir, ela furibunda e apoplética, exigindo aos gritos que fique quieto e se submeta (confunde, mais uma vez e sempre, o terror com rebeldia). E nós, calados, fascinados com a forma que vai ter a mancha na parede, sem saber ainda se a régua que a professora tem na mão será capaz de dar vazão a tanta ira aprisionada ou se restará alguma para distribuir por nós.

Esta enquanto professora!,
grita ela, desferindo o golpe.

E esta enquanto mãe!

Encurralado entre as duas — a professora e a mãe — o gafanhoto procura em volta, apontando ao acaso, com os imprevisíveis dedos, a quem culpar. Momento alto, de grande expectativa, este em que ocorre o nascimento de um pequeno delator. De nada servem os pactos de silêncio estabelecidos na penumbra do recreio, os juramentos de sangue feitos nos interstícios deste edifício antigo cujos meandros só nós e os serventes conhecemos de verdade. Arrastará alguém consigo na queda.

Alijar a carga das costas talvez se entendesse (fazemo-lo todos), mas apontar culpados com aquele dedo ainda tão tenro e já pontiagudo, nos lábios um ricto cruel idêntico ao da professora e mãe, as mesmas estrelas escarninhas dançando-lhe nos olhos, é isso que nos perturba, nos ensina que o ódio é mel amargo que substitui o bem sempre que uma força superior à nossa afasta este do alcance.

De qualquer maneira, hoje é domingo. Hoje, do lado de fora da escola, aperto com força a mão ossuda como que a dizer que está ali a razão que me impede

de entrar. É este o meu álibi. Não trouxe a pasta, não trouxe os cadernos, não trouxe a caixinha de plástico com o lanche de todos os dias. Lamento, não vim preparado. Qualquer dúvida, a minha avó aqui ao lado esclarecer-vos-á. E tranquilamente deixo de vos ver. Estou ainda numa idade em que o que não vejo não existe, ou se existe pouca força tem, aquela que eu quiser. Pisco os olhos para reduzir a sala de aula a uma dimensão próxima do nada. Abro-os e a escola está vazia e silenciosa.



Deixamo-la, atravessamos a rua e chegamos finalmente ao adro da Catedral. Atravessamo-lo, apressados, enquanto a minha avó desfia uma ladainha em voz baixa: ou nos culpa do atraso ou vai já adiantando a reza.

São poucos os fiéis a esta hora, de faces inchadas do sono a que foram arrancados, nos lábios um sorriso vago. A primeira manhã espalha esta espécie de optimismo, esta bonomia fresca virada para a natureza. Tudo nos distingue da missa das nove, altura em que o sol corre já à desfilada aquecendo o orvalho para o transformar em humidade, e os perfumes femininos se misturam ao incenso dos turíbulos para carregar o ambiente e propiciar outra ordem de divagações, febril e mais pesada.

Não agora. Agora seria apenas o ar leve e fresco da manhã não fosse a tensão que habita a minha avó, por virmos já atrasados. Sobe os degraus e flecte um pouco o joelho, toca com os dedos a água benta da pia da entrada criando à sua superfície pequenos círculos concêntricos como fazem as libelinhas nas poças da chuva. Os seus dois dedos são um par de libelinhas ossudas e tortas, todavia

capazes desta leveza que me fascina. Benze-se rapidamente com a ajuda daquele resto de humidade e, sempre comigo pela mão, está pronta para entrar. Este é o umbral do seu mundo, é ela que vai na frente.



Entramos. Felizmente o padre está de costas, virado para o altar. Avançamos pela nave central, os passos repenicando na pedra do chão como a água numa gruta. Escutando o harpejo, o padre vira-se e fixa em nós um olhar severo, difícil de interpretar. Próximo de uma bondade feroz.

Dominus vobiscum,

diz, como quem nos interpela, enquanto nos sentamos na coxia mais próxima e a voz da minha avó se eleva, nervosa, acima do murmúrio do pequeno coro ao qual nos juntamos:

Et cum spiritu tuo.

Passou já o momento que considero mais arriscado, aquele em que é necessária uma atenção redobrada. O momento em que o padre se afasta do rito para nos perscrutar um a um. Associei sempre esse momento às palavras doces da minha mãe quando nos distraía para poder espetar-nos a agulha da injeção. Ia falando e afagando a nádega até nos deixarmos transportar por aquelas palavras melífluas, altura em que a agulha descia súbita para a ferroada. Tudo então se precipitava, envolto em fumos de traição e choro. Aqui também é

assim: as palavras espalham-se, amigáveis, e eis que as entrecorta a ameaça autoritária, aquela que, à uma, assusta e cura, e que não sei ao certo em que consiste, mas que em todos desperta temor e reverência.

Na missa das nove tudo é mais simples, por não estar ao alcance do padre interpelar os fiéis assim directamente. Nessa altura somos demasiados, se chegamos tarde ficamos obrigados a permanecer de pé à entrada, sem nos vermos, nós e ele. Que poder tem uma ameaça quando diluída assim na multidão, mais a mais sem o reforço do olhar? Por mais empenhada que seja, a voz do padre chega até nós como uma trovada distante, atenuada por tudo aquilo que acontece no espaço mais imediato: o cheiro das fazendas e dos algodões, do perfume e do tabaco, as trocas de olhares e os acenos, os pigarros soltos, a floresta de pernas. Pobre do padre: as alterações perdem a força, tornam-se incapazes do menor sobressalto.

Não agora, em que ele pode encarar cada um, olhos nos olhos, chamando até alguns pelo nome se assim o desejar, e sem que nada possamos fazer a não ser baixar a cabeça e deixar o pescoço à mercê do cutelo. Até a mim isso pode acontecer, por via da minha avó. Por isso aguardo, expectante, que ele dispare do altar e galgue a nave central de régua em punho, na nossa direcção. Qual o sentido deste olhar? Deste gesto? Deste pensamento que me ocorre a mim, pobre gafanhoto, e não consigo afastar? Ante a perspectiva de nos ver espalmados na branca parede do fundo, percorre-me um calafrio.

É por isso este o momento — quando à minha avó acossa o enigmático olhar do padre — em que mais próximo me sinto dela. Sangue do meu sangue. Ajudou-me atrás, à entrada da escola, é agora a minha vez de a ajudar. Franzo o cenho, aperto com força a mão ossuda. Quem quiser alguma coisa dela terá de se haver primeiro comigo!

Felizmente que o meu gesto trava a intenção do padre. Desiste do que quer que ia dizer, vira-se agora para novos trabalhos. Segura a hóstia à altura do peito, manipula a água e o vinho. Em seguida lava as mãos, mas a partir daí já pouco posso testemunhar. Perco-me nas imagens dos vitrais, nessa longa sucessão de cenas, se a memória não me falha, da crucificação. Passo horas infinitas desta minha infância a examinar as figuras desse mundo vertical, num tempo em que possuo ainda uma visão de águia. Atento aos pormenores, vejo-as multiplicar-se pelas janelas como numa revista de quadradinhos, embora a sequência dos feitos nem sempre seja, no meu ver da altura, a mais perfeita. Saltam de uma janela para a outra aos solavancos, o branco das paredes entre os vitrais interrompe a sequência, escondendo coisas que ficamos obrigados a

adivinhar. Há soldados romanos em formação cerrada, elmos encimados por penachos coloridos, espadas e lanças, túnicas roxas e barbas compridas, sandálias, cavalos à desfilada largando nuvens de poeira, o caravanceraí ao fundo, à sombra de um tufo de tamareiras. Todavia, por mais voltas que demos o fim é sempre o mesmo: a crucificação. De que me serve um herói morto? Por mais alternativas que procure para preencher as ligações que faltam, tudo desemboca nesse mal absoluto pendurado na janela. As mil e uma histórias possíveis são afinal uma só, todos os domingos repetida.



Não, porém, no dia de hoje, em que, numa singular conjugação, o sol irrompe caprichoso atrás de uma nuvem, lá fora, e no vitral incendeia-se um vulto feminino em que nunca reparara, coberto por um manto púrpura. Olho e parece-me reconhecer aquele rosto afogueado. Cerro ligeiramente as pálpebras para melhor poder ver na distância, e descubro, com estupor, para mal dos meus pecados, que é ela própria, a rapariga americana!

Invade-me o suor frio dos pecadores, o latejar agudo da culpa. Arguta como um milhafre, a minha avó de imediato o nota. Não sei o que pensa, não sei se vê o que vejo. Ocorre-me ter deixado indícios lá atrás, quando olhava intensamente o muro, quando em pensamento convocava aquelas pernas, indícios que agora me traem. Tento olhar noutras direcções, concentrar-me noutros episódios dos vitrais. Procuro desesperadamente pensar em coisas castas. Sem se deixar convencer, ela recorre à mão ossuda para me trazer de volta ao bom caminho, forçando-me a ajoelhar como todos os outros em vez de

ficar sentado e só, divagando por janelas e paredes.

Obedeço, esforço-me mesmo por algum tempo, mas não é preciso muito para voltar a perder-me. Quem me dera ser agora transparente! Na missa das nove lograva ficar transparente de verdade, perdido no patamar da entrada entre a multidão de adultos altos que haviam chegado atrasados, um pequeno bosque de pernas desconhecidas, por vezes sentindo o *frisson* de não saber sequer quais as de quem me levava, enquanto a longínqua voz do padre lançava uma canora

Ave-Maria Cheia de Graça

e a multidão respondia com uma

Santa Maria Mãe de Deus

que rolava grossa como as ondas do mar, e o padre voltava a perguntar lá de dentro, na sua voz de pescador solitário, e a onda cava respondia arrastando-me na espuma e turbulência, e eu largava o arvoredo de pernas e panos e cheiros e era projectado até às janelas mais altas da torre da catedral, aquelas que se vislumbravam da entrada. Que quarto maravilhoso se esconderia ali, perto dos grandes relógios? Na certa, um quarto de onde se avistava o mar, uma ponte de comando onde, com a ajuda de um monóculo, seríamos os primeiros a descobrir o fumo da fragata inglesa no horizonte, quando esta chegasse para fazer o seu trabalho. Tomava-me então a ânsia de subir umas escadas em caracol que de certeza haveria para chegar lá acima, adequadas a uma defesa eficaz desde que tivéssemos acumulado munições suficientes para ir despejando sobre os eventuais invasores. Grandes panelas de azeite a ferver, bolas de alcatrão incendiado, uma chuva de setas ou, mais modestamente, físgas de elástico cuspidas maçaricas verdes e uma mão cheia de ovos roubados em casa. Imaginava as gemas escorrendo pelas lentes dos óculos da professora (Lurdes, será que era mesmo esse o seu nome?), ali chegada com o intuito de alargar os domínios da escola, de me arrancar das mãos o monóculo para descobrir, na distância, a quem castigar.

Quanto a mim, invejava o padre, dono de um posto de comando assim. Estava definitivamente do lado dele na guerra que lhe movia a professora, embora querendo eu próprio roubar-lhe a possibilidade de ver dali o mar, de tornar as casas pequeninas e inócuas, o mangal na distância tão mais dócil, tão mais sereno nos seus tons verdes e quietos. Invejava-lhe o quanto voariam, lançados daquelas alturas, os aviões de papel com as asas pintadas a lápis de cor!

O padre não nota a minha vil deambulação (entretanto, com o regresso da

nuvem, a rapariga americana voltou a recatar-se), distraído com as hóstias que não tarda vai distribuir pelos fiéis.

Ecce Agnus Dei, ecce Qui tollit peccata mundi!

Aliás, em nenhum momento da missa tenho tão pouca importância como agora, uma vez que me é vedado seguir com os outros pela nave central até à comunhão. Deixo-me ficar por ali, inerte boneco de pano outra vez, cindido do metal dos pecadilhos que espalhei pelas paredes, escorregando do espaldar do banco enquanto a minha avó, de faces serenas e por um instante liberta de rugas e cobras e quintais e cemitérios, é levada na pequena fila. Abandonado no banco, cresce em mim a sensação incómoda de ter sido traído por ela, logo depois que com tanto afínco me dispus a defendê-la.

Cerro os olhos, num esforço que é desta vez voluntário, e deixo-me transportar numa outra direcção. Passo por cima do edifício das Artes e Ofícios, mesmo ao lado, sobrevoa a avenida, junto já da minha escola, passo por ela e por lugares onde a visão deixa de me poder acompanhar e é só a ideia que atravessa casas e quintais, a casa do meu tio Basílio, a do doutor Rakar ali tão perto (de que falarei adiante se houver oportunidade), até chegar ao mangal da liberdade nesta maré vaza de domingo, aos cheiros da matéria orgânica em decomposição só ali suportáveis e em mais nenhum outro lugar ou circunstância, aos ecos límpidos e mágicos, à chuva verde das folhagens escondendo o chamado agudo dos pássaros que perfura o ar como os caranguejos perfuram o chão de manteiga negra onde grotescos peixes-sapo se arrastam agonizando ao sol, respirando com tanto custo como eu no meio da floresta de crentes desconhecidos da missa das nove.

Não hoje, porém, em que somos tão poucos (serei eu a única criança), e em que qualquer distracção mais alongada ditaria inevitavelmente a minha perda. Por minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa, paciente aguardo que regressem um a um de alma lavada e eu com o novel peso da virgem americana passeando-se pelos vitrais com grande desenvoltura, à uma baixando os olhos e convidando, um peso que terei de transportar pela vida fora por não ter integrado a pequena fila e que doravante me vai impedir — sempre que cerrar os olhos com a minha força, minha força, minha máxima força — de desaparecer.

* * *

Ite, Missa est

e desfazemos o caminho que havíamos feito, do fim para o princípio. As mesmas casas, o mesmo semáforo no cruzamento da Rua Comandante Gaivão, mas ao contrário, desta vez com a Farmácia Beira em plena actividade, como o comprovam as gargalhadas loucas dos alquimistas e os psicadélicos fumos multicoloridos que se desprendem de chaminés e respiradouros e sobem para o céu.

Fôssemos mais pacientes, durasse a missa um pouco mais no meu relógio de criança, acontecesse, até, caminharmos um pouco mais devagar, assistindo ao fim do jogo de basquete e à laboriosa actividade das pequenas criaturas, e o regresso teria sido feito na perfeição: os ruídos do dia a apagar-se, os guardas-nocturnos a chegar para as confabulações diárias com o escuro. Um pouco adiante, a rapariga americana assistindo ao pôr-do-sol em cima do muro, ruborizada mas retribuindo com coragem o meu ousado aceno, e o capim dos baldios a deixar-se incendiar pelos reflexos de ouro do dia que se acaba.

De qualquer maneira, a minha avó leva amansada a ansiedade que trazia, a cara tão mais liberta de rugas, os lábios de malévolos assobios, os olhos daquele brilho que me assusta. Apresso o passo e ela deixa-se ir trauteando alegremente o *Adeste Fideles*. Também eu vou de alma leve: é bom fazer logo cedo o que tem de ser feito para ficarmos com o dia todo pela frente.

4

Mangal

Deixávamos a estrada de terra e vencíamos a ligeira depressão que seguia paralela a ela, olhando para um lado e para o outro a fim de nos certificarmos. Era como se um acto de tamanha nobreza só pudesse ser levado a cabo sem ninguém à vista. Então, livres de testemunhas, inspirávamos fundo e penetrávamos no mangal.

A travessia

Sem qualquer transição, tem início um arvoredado denso e muito próprio de avicénias de médio porte a que costumam chamar *mpedje*, com folhas pequenas e carnudas que tanto parecem contas reflectindo o sol com extravagância como flocos de um louco nevão tropical. Indecisa na atribuição das cores, a natureza vai deixando estas pistas falsas: de um polido verde-escuro se de manhã, quebradiças e percorridas de nervuras amarelas ao meio-dia, um microscópico pelame gris-prateado como o da barriga de certos insectos no escaldante início da tarde, enfim, precipitando-se para o negro-azeviche assim que o sol começa a descer na direcção da Praia Nova. E mesmo, em dias enevoados, reflexos de prata azulada.

Entre as árvores nascem carreiros tortuosos que evoluem com dificuldade e paciência, compactados pelas passagens repetidas dos pés nus dos pescadores, bordejados por lixos descartados a partir da estrada, plásticos e cartões, ossos, esparsos dejectos humanos, como se tudo aquilo existisse para manter ao largo os não-iniciados. Em seguida, são súbitas concentrações de conchas partidas, espinhas de peixe, lascadas e fibrosas lâminas de lula e outros fragmentos secos

e embranquecidos pelo sol, ou apodrecendo sempre que resgatados pela humidade que tudo ali imbui e tudo esmaga.

Na verdade, só passada esta barreira de caóticas matérias sobrevoadas por moscas barulhentas começa propriamente o chão de mangal, ali onde os raios solares têm mais dificuldade em entrar. Estamos já nas sinuosas naveas do grande templo vegetal onde o ar é sempre pesado e verde. Varia o chão conforme os dias, as horas e as marés. Quando estas vão altas ele simplesmente se apaga, engolido por uma água sorrateira que aos poucos se erige em ameaça. Mansa, mas já cercando tudo, chegando onde não se imaginava que pudesse chegar, baldios isolados entre as casas que se transformam em pequenos lagos, sólidos capinzais que de súbito se descobrem empapados, e elas sempre se fingindo inócuas, melancólicas na sua serenidade, grandeza e avassalamento. Chegando, pois, também por baixo, desde as entranhas da terra, de onde borbulham com um gargarejo ameaçador.

Espantam-se os pássaros em revoada. Espavoridos, os pequenos caranguejos fogem em hordas cinzentas na frente deste manso incêndio líquido, atravessando o alcatrão para se refugiarem na cidade, invadindo jardins e quintais, subindo escadas e atrevendo-se mesmo a entrar em varandas e cozinhas de onde são escorraçados a golpes de vassoura. Um manto de escura lava animal.

Não hoje, porém, em que a água se sumiu por entre as fendas de um chão feito de placas côncavas e grossas de matope com a largura de um palmo e um formato hexagonal, encaracoladas nas pontas pela acção de um sol quase sempre inclemente. O que vale é que nesta aparente secura sabemos por onde andar. Se suspeitamos as placas moles, passamos em bicos de pés recorrendo a secretos métodos de imprimir leveza ao corpo que não podem aqui revelar-se, por os abranger um pacto de silêncio estabelecido na altura e para toda a eternidade; se não, pisamos francamente com aquele prazer de as ver desfazer-se em pó com um som de bolacha esmigalhada, quase imperceptível aos inocentes ouvidos adultos. Em rigor, estas placas destacadas de um chão que mal se vê não são a matéria dos carreiros, antes dos terrenos abertos que aqueles bordejam com minúcia, terrenos que por razões misteriosas as árvores de *mpedje* relutaram em colonizar.

Os carreiros propriamente ditos têm um piso de substância dura, já o disse, amassada repetidamente pelos pés nus dos pescadores que por eles passam de beata na boca e rede ou remo ao ombro. Sim, um chão duríssimo, imune ao que for desde que não sejam as poderosas tenazes dos caranguejos maiores, que são

também os mais possantes que existem à face da terra, silenciosas e irascíveis criaturas que surgem de repente, acusando-nos de invasão dos seus domínios e dispostas a cobrar cara a ousadia. Esticam as tenazes para o alto, em grotesca alteração, apontando-as à nossa para eles longínqua e fascinante jugular. Hesitamos, claro, engolimos mesmo em seco (somos praticamente crianças). Mas a repetição das incursões naquele húmido estômago do inferno também nos endurece a nós a carapaça, de modo que os vamos afastando com os paus que trazemos aprestados para aquilo que der e vier, e eles acabam por retirar às arrecuas, os olhos num esbugalhado insano e em sempre atenta posição de combate.

Prosseguimos, sem largar da periferia da visão as sinistras criaturas que pululam num chão de plasticina quase seca, bichos sem cor a não ser os brilhantes olhos negros, mas que se calha atravessarem matéria mais liquefeita ganham um acinzentado verde metálico só interrompido pela cor de sangue escuro dos espigões laterais que irrompem da carapaça. Diabos do matope que nos assaltam em sonhos e nestas incursões que agora levamos a cabo. Exercem a sua cólera em silêncio, a não ser quando as garras encetam frenéticos e repetidos sons de alicate a morder o ar. Pela nossa vez também nada lhes dizemos, cientes de que naquele universo os sons facilmente nos poderiam trair e, portanto, são para ser usados justificadamente e com parcimónia.

Mais tarde, quando estes caranguejos nos surgirem à porta de casa empilhados e manietados por algemas de capim seco dentro dos velhos cestos de palha dos pescadores, fingiremos, embaraçados, estar a vê-los pela primeira vez para não trair a relação nobre que deve haver entre verdadeiros adversários. Passaremos então as manhãs circulando nervosamente pelo corredor, nas cercanias da cozinha, ouvindo o martelado surdo da sua luta hercúlea, mas inglória, contra a tampa da panela que os escalfa vivos, com vontade de manietar o cozinheiro com as mesmas palhas que os amarravam a eles, vendá-lo e amordaçá-lo, soltar os combalidos bichos e ajudá-los a escapar-se escadas abaixo de volta ao mangal. É certo que acabaremos por comer os seus corpos inertes de carapaça vermelho-brasa-viva escondendo uma fragrante carne branca, mas fá-lo-emos com um aperto no coração e preparados para jurar, caso nos fosse perguntado, estar a vê-los pela primeira vez.

Adiante, de volta ao caminho. Em resultado destes encontros vamos de atenção desperta e pulsação acelerada. Tudo nos parece agora vultos entre as árvores, fugidios e calados, fugazes portadores de obscuras intenções. Estugamos por isso o passo, procurando evitar os peixes-sapo que se

contorcem em pequenos saltos nas zonas de lama mais líquida e negra, criaturas que se debatem com arquejos difícilísimos e um sofrimento atroz (esmagá-los, diz a crença, daria azo a uma década atormentada pelos mais horríveis pesadelos). Apoiam-se nos pequenos cotos dianteiros que arcam com todo o peso do corpo, arrastam uma traseira que é tensa como um desfeado rabo de sereia, uma língua que procurasse libertar-se da pastosa boca que a tem prisioneira, impedindo a fala. Dentro da nossa crença infantil, estes seres são muito antigos, anteriores mesmo à primeira palavra.

Com um silvo de corda de arco retesada, passa uma cobra ondeando à flor da lama na urgência de novo esconderijo. Deste novo susto só a imagem de valentia que temos a preservar face aos outros nos salva. É ela que nos tolhe o movimento de recuo e fuga, que nos leva a apertar ainda uma vez os paus e a cerrar os pequenos punhos.

Entramos depois no arvoredor denso de *mpias* e *mucorongos* com os seus ramos disformes de madeira macia e clara, como se uma matéria antes mole tivesse sido surpreendida por súbita solidificação enquanto ainda se decidia quanto à forma que viria a ter. Daí os inchaços caprichosos, ulcerações que sentimos contrárias ao curso natural das coisas, nódulos injustificáveis, protuberâncias absurdas que desconhecemos se são degenerescentes se, ao contrário, indagadoras das formas novas do futuro, sábia e renovadora como a natureza sabe ser.

Por vezes calha-nos achar aquilo que mais procuramos, compridos ramos retorcidos numa espiral constante e certa, uma espécie de trança de um cordão só, tão perfeita na repetição dos passos da sua formação que tal não pode ser assacado a um mero capricho da natureza, ou então é-o numa forma superior, não mais errática e repentista mas sistemática e minuciosa, portanto dotada de inteligência. Inquieta-nos a intuição do facto e por isso manuseamos estes *paus-de-rosca* com alguma reverência. Vemo-los como instrumentos que nos são emprestados pelo deus verde na condição de uma utilização devida.

Se, com a lâmina do canivete, retirarmos a película fina que os recobre (que o é mais do que uma casca), revela-se um interior pálido e em ferida de onde se solta uma aguadilha incolor, tal e qual como em verdadeiras feridas feitas por raspagem, que hesitam em sangrar e acabam por fazê-lo em minúsculos e tímidos borbotões de cor escarlate. É desta maneira que descobrimos que também às plantas pode atingir a dor. Logo em seguida, o ténue sopro de ar seca a humidade das feridas e elas escurecem com manchas ulceradas a caminho de ser crostas, o que retira a esta madeira grande parte da sua beleza.

Há, portanto, um curto instante em que os *paus-de-roscas* se afiguram perfeitos, após o que se tornam apenas úteis, sobretudo como instrumentos de batalha ou para prospectar tocas de caranguejo onde a prudência dita que não enfiemos a mão às cegas. Apesar da sua leveza, é madeira de grande resistência, capaz de nos suportar nos ramos mais altos quando trepamos às copas para poder olhar ao longe, para lá do mar verde da floresta de mangal, o denso azul do oceano.

Mas falta ainda muito para lá chegar. Por enquanto é outra vez o labirinto, a perturbadora sensação de voltar a passar pelos mesmos locais, de vaguear sem rumo mal-grado os esforços para nos orientarmos pelo sol, pela sombra, pela direcção para onde apontam certos ramos, certos sinais que julgamos perceber sem todavia estarmos certos. Os caminhos são cobras deslumbradas com as cores da própria cauda, apontam a uma ideia interminável que têm de si próprios. Uma mescla de impaciência e desespero sobe aos poucos dentro de nós, presos nessa teia, mas felizmente que é nessa altura que atingimos o umbral do descampado de capim.

O descampado é largo e misterioso, uma ilha, um espaço quase circular onde tudo é diferente do resto. Vazio, coberto apenas por um capim raso que é quase uma relva, uma espécie de monumento religioso da natureza, átrio de um altar que não se vê mas sabemos estar ali. No futuro próximo vai ser o lugar da urdidura dos nossos mais engenhosos planos, das decisões mais temerárias. As *nhacandalas*, as árvores de *mpedje*, *morrubo* e *mfinse*, todas elas interrompem a sua enleante caminhada na periferia deste estranho lugar. Nenhuma delas ousa dar um passo com a raiz, formular um gesto com o ramo, na sua direcção. Tão-pouco há vestígios humanos, esteiras de secar peixe, um tronco meio escavado por uma enxó na intenção de fazer dele canoa, nada. Nem sequer cinzas. Apenas um capim curto e dócil, capaz de dar conta da brisa mais ligeira. E nenhum chilrear de pássaros, apenas o som dessa brisa constante, rumor de longínqua tempestade ou coro leve de vestais, gemido preso a uma nota só.



Ainda inocentes, avançamos para o centro deste espaço mágico imbuídos de inexplicável euforia. Rodamos ébrios e exultantes, dançamos como num ritual pagão. Deitamo-nos no tapete verde, de barriga para o ar. Olhamos as nuvens que passam e suspendem os seus intermináveis volumes mesmo em cima da nossa pequenez. Esticamos o tempo, abandonamo-nos a um vasto leque de sensações. Gritamos, e os muitos carreiros que ali desembocam roubam o eco e engolem o som. O único que fica retido no círculo, para todo o sempre, é aquele monótono coro de vestais produzido pela brisa, um som de vésperas e augúrios.

Esmorece por isso a euforia e chega-nos o medo: quem estará à espreita nos carreiros que existem entre as árvores que nos cercam? Nada se vê a partir deste lugar. Por outro lado, de todos os cantos nos hão-de poder ver os olhos da floresta. É a consciência deste facto, invadindo-nos como um calafrio, que nos leva a deixar aquele lugar e a penetrar outra vez no mar verde por um dos inúmeros caminhos que, presumimos, demandam a costa.

Vamos agora calados, ansiosos por chegar ao areal da praia. Parece ser aqui o coração do mangal. Aos poucos vão surgindo árvores de *mpia* e grandes

nhacandalas que nos fazem sentir ainda mais pequenos e vulneráveis. Todavia, é tarde para recuar. Teríamos de vencer inúmeros obstáculos, desde a vergonha de uma cobardia assim até à insatisfação de uma curiosidade infantil, mas agudíssima. Apertamos os *paus-de-roscas* nas pequenas mãos suadas, mantemo-nos muito próximos uns dos outros, palmilhando carreiros que se desfazem no âmago de maciços de plantas carnudas até então desconhecidas, ou se perdem em baixos alagadiços felizmente para se reencontrarem adiante e nos voltarem a proporcionar a ideia de um norte. No chão, os buracos dos caranguejos são agora bocas enormes capazes de engolir até ao joelho uma perna distraída, mas felizmente nenhum dos monstros surge para nos interpelar. Quem chegou até aqui, pensam, traz um argumento, alguma ideia forte. Entre as tocas despontam rebentos de *nhantazeras*, talos direitos, ainda verdes e tenros. A partir daqui nada faria prever serem capazes de atingir a envergadura das suas irmãs mais velhas. Está na potência que as coisas pequenas encerram, na possibilidade de se tornarem monstruosas, a força e a magia deste lugar.

O verde adensa-se. Por vezes temos de passar agachados, quando o carreiro se fecha num pequeno túnel e um céu de ramos entretecidos baixa até tocar as nossas cabeças, um emaranhado vegetal que faz lembrar um gigantesco novelo de vermes de inúmeras espécies, todos vivos. Vista daqui, é imensa a nossa valentia. O grito de uma ave que não logramos ver fica preso nos ouvidos e deixa-nos um rasto de sal nas gargantas. O bater das grandes asas, muito próximo, faz uníssonos com o bater dos nossos pequenos corações. Animam-se os retardatários, revezamo-nos no acrescido risco que é ir na frente, desbravando a golpes secos o caminho. Os *paus-de-roscas* vão aprestados e o olhar desperto. Os pequenos músculos, tensos.

Felizmente que aos poucos ressurgem as já conhecidas árvores de *mpedje* e se aclara o ar do caminho. O emaranhado começa finalmente a mostrar falhas, árvores cortadas rente ao solo, aqui e ali, troncos deitados e ramagens secas. Notamos também que os carreiros se alargam e endireitam. Surgem mais pisados, com lixos e palhas nas margens, cascas de árvore, dejectos humanos outra vez. Ressurgem tufo de capim, o matope amanteigado e negro mistura-se à areia clara para formar uma lixa grossa que o cozimento do sol torna muito dura. Seguem-se redes estendidas em pequenos descampados, peixe a secar em esteiras de onde emana um cheiro intenso, *tépuès* translúcidos que o sol tornou quebradiços, *marora* seca com a carne estriada como madeira e avermelhada junto à espinha, molhos de lenha, tudo polvilhado de lascas arrancadas aos ramos e folhas carnudas desprendidas das árvores pela sacudida violência das

catanadas, todas já secando. Encaramos estes sinais como a iminência de uma revelação, estamos na antecâmara do mar azul.

Mais tarde, nas vezes sem conta que aqui regressarmos (caminhando e já largando a roupa para poder mergulhar), iremos aprender ser este o momento exacto em que se começam a ouvir os sons leves e claros, salvíficos: dos cães escanzelados e famélicos que nos ladram a prudente distância, do matraquear cadenciado da catana golpeando um ramo de *nhacandala*, das repetidas dentadas da enxó num tronco grosso de *mpia*; enfim, estalidos secos do fabrico de carvão, rolos de fumo subindo ao céu por entre as árvores, risos de crianças admoestadas pelas mulheres dos pescadores, e o eco quente de tudo isto ondeando floresta afora.

Não hoje, nesta primeira travessia, em que um manto de silêncio recobre por inteiro a descoberta, tão fundamental para o resto das nossas vidas, de que o mundo tem afinal um outro lado.

O acampamento

Mete medo um silêncio assim. Entramos muito juntos, torneando abrigos de paus e palha (que o são mais do que casas), baixos, como se tivessem sido feitos para gente pequena ou então para finta o vento das tempestades. As paredes são quase todas de *nhacandala* grossa, a estrutura dos tectos feita com as estacas mais finas dessa mesma árvore. Cobrem-nos depois com todo o tipo de coisas a que conseguem deitar mão, desde caniços e palha a chapas e tampas de bidão enferrujadas, e plásticos de cores vivas que dão ao lugar um aspecto alegre de mosaico. Passamos por entre os abrigos com cuidado. No chão há painéis abandonados, algumas fumegando. As cinzas são pontilhadas de vermelho vivo, fogos portanto ainda em vigor. Na sua rudeza amansada, vê-se que começou por ser um sítio de homens e só mais tarde foram chegando as mulheres. Algumas galinhas debicam lixos e pequenos vermes escondidos na areia. Há dois ou três porcos pretos, pequenos e peludos, que trotam com as orelhas descaídas sobre os olhos. Os cheiros são os cheiros da pobreza misturados com o cheiro do sal, do peixe, das algas secas e das feridas frescas das árvores. Passamos por tudo isto rapidamente, na ânsia de chegar à praia. É um espaço que não nos diz respeito e que por isso encaramos com fingido desinteresse. Não queremos atrair as atenções.

A praia é curta, inclinada, muito longe daquilo que esperávamos encontrar. O

mar que lhe passa em frente é embalado por uma corrente lateral, veloz e perigosa (aprendemos a desconfiar destas correntes). Não é praia de que as pessoas, deitadas ao sol, se ponham a usufruir, e isso decepçiona-nos. Além de ser a entrada da barra, ali todos parecem dedicar-se a concretos afazeres. No areal há uma multidão de almadias. Umas descansam do combate com as ondas, outras parecem irremediavelmente estropiadas, incapacitadas de voltar a sair (golpes nos cascos, remendos ingênuos e ineficazes, ou então a madeira seca e estilhaçada). Há também redes abertas sobre a areia, como se o fito fosse de aprisionar as dunas e as suas plantas carnudas.

Olhamos esta paisagem salpicada de minúsculos peixes de prata e de cascas finas de amêijoas que o sol fez da consistência e alvura dos ossos. Afinal, é daqui que partem os pescadores que passam rente à Ponta do Cabedelo a caminho do horizonte, montados em almadias tão pequenas que basta uma curta distância para deixarem de se ver (vemos apenas vigorosos remadores levitando sobre a vaga). A corrente é fortíssima, já o disse; o mar, de um azul intenso, fica cor de chumbo quando chove (veremos chover a partir daqui inúmeras vezes). As almadias parecem insectos volteando perto dos imensos navios de aço, sempre que estes passam por aqui demandando o porto.

Hoje não há pescadores, apenas os seus barcos espalhados pela praia como corpos inertes, destituídos de energia. É como uma praça de onde tivesse fugido a gente mas deixando para trás os seus pertences. Apenas barcos e mais mangal verde-acinzentado do outro lado do canal, um sítio que nos é inacessível e ainda mais misterioso.

Quanto a nós, que chegámos ao limite, sem mais caminho pela frente que não seja o mar, volta-nos a sensação de acossamento, a atenção para o que está perto, a estranheza da falta de gente, o calafrio indefinido de nos sabermos tão longe de casa. Todo o caminho que a ansiedade acabou ainda assim por encurtar é agora distância sem propósito, restos abundantes que ninguém quer. Mas não é ainda o momento de olhar para trás.

Damos a volta a uma palhota e há um velho sentado no chão. As pernas, esticadas sobre uma rede de pesca, fazem ângulo recto com o tronco. A pele é lisa, atravessada pelas estrias discretas que os músculos deixam quando se dissolvem lentamente, cumprida que foi a sua função. O velho já não precisa deles, bastam-lhe os ossos e a pele lisa, uma pele de bebé não fossem as pequenas escamas incolores que só de perto se tornam evidentes, parecidas com as escamas dos peixes. Veste apenas uma espécie de fralda de pano velho, acinzentado por infinitas secagens sob aquele sol que fustiga a praia. O umbigo

é redondo e saliente, trai a tosca arte de quem lhe cortou o cordão há muito, muito tempo (a natureza fez o resto). O seu corpo é um hino ao tempo, atravessou um interminável número de dias repetindo gestos claros, em harmonia com tudo aquilo que o cerca.

O seu tempo acabou, diz-nos sem tristeza ou ironia. Agora, quem vai para o mar é o filho. Resta-lhe este limbo de ir cosendo as redes com aquela enorme agulha de madeira, pouco mais que um pau. A beata que tem na boca sacode-se violentamente quando fala, firmemente presa ao lábio inferior. Ri um riso desdentado e cor de laranja enquanto diz algumas coisas que são curiosas, e outras, a maioria, cujo sentido não conseguimos apreender. Tudo o que diz termina com um gesto apontado ao mar, como se o que há de bom e de mau viesse sempre dali. Enquanto fala connosco nem uma só vez olha o mangal ou diz alguma coisa que se ligue a ele. É como se tivesse riscado aquela parte do mundo, como se a tivesse atravessado quando para aqui veio, há muito tempo, e estivesse determinado a nunca mais repetir a experiência. Conta-nos antes coisas do mar, ondas gigantes, barcos tão grandes que quando se chega perto tapam por completo o céu. Fala de peixes enormes, de um mar de alforrecas em que encalhou certa vez, tão espesso que se podia abandonar a almadia e caminhar a pé sobre ele. Alforrecas de todas as cores, capazes de derreter um braço inteiro. Começamos, claro, por duvidar de tudo isto, rindo furtivamente para não o indispor. Ele ri também, e aos poucos acabamos por ir acreditando.

Quando por fim nos cansamos (as artes do velho não são infinitas), perguntamos pelos outros. Há ali mais casas, muitos barcos, seguramente haverá mais gente. Sem olhar para nós, cosendo sempre, diz-nos que os outros foram velar o afogado.

O afogado

Caminhamos temerariamente para a espessa meia-lua de gente formada a certa distância, outra vez na boca do mangal mas na direcção da Praia Nova. Homens, mulheres e crianças. A princípio fica a ideia de um unísono, mas mais de perto notam-se as rugosidades e dissonâncias que caracterizam sempre a voz da multidão. Abrem alas assim que nos sentem perto, para nos deixar espreitar. Sem dúvida não esperavam ver-nos ali. Esmorecem os sons, como se fôssemos nós, as crianças do outro lado, a trazer a novidade, e eles estivessem expectantes. Avançamos, agora um pouco a medo, imersos numa miríade de

cheiros intensíssimos: da podridão desta floresta húmida que se comporta como se tivesse um estômago difícil, mas também dos corpos suados e da tensão que nos cerca a todos. As aves marinhas executam os seus voos rasantes, insolentes, feitos de súbitas mudanças de direcção. É nesta altura que damos com o corpo estendido no chão de matope.

Veste apenas uns calções, impossível dizer-lhes a cor pois tudo aqui ganha o tom cinzento do matope. Impossível, também, adivinhar-lhe a idade, uma vez que inchou o suficiente para que desaparecesse o aspecto lasso e estriado que a pele ganha com o tempo. É agora um corpo liso, ligeiramente anafado, de costas viradas ao mundo.

Quanto a mim, permaneço quieto no meio da multidão de pescadores desconhecidos: afinal, é o meu primeiro morto, a minha primeira aldeia, a minha primeira visita ao outro lado do mundo. Engulo em seco, sem desprender dali os olhos. A cabeça está mergulhada numa poça de água, como se inspecionasse as fundações da terra: raízes das árvores, galerias dos bichos, coisas assim. Os caranguejos passeiam-se ao redor do corpo com despudor. Percorro e guardo cada detalhe na premonição de que regressarei a eles infinitas vezes nos tempos que vão seguir-se, e pela vida fora.

Dois homens aproximam-se enfim do corpo, chapinhando no matope que lhes chega aos tornozelos. Fazem-no a mando do Cabo-do-Mar, talvez por haver dúvidas na identificação do morto. Viram-no de lado, sobre um ombro, provocando a debandada das pequenas criaturas que pululam por perto. Ninguém parece perturbar-se com a visão da face, com as pálpebras descaídas e inchadas, com o nariz e a boca atulhados de substâncias difíceis de discernir, com aquela ostentação de indiferença absoluta. Naturalmente já sabiam quem era, ou então trata-se de um completo desconhecido.

Quanto a mim, estabeleço desde logo uma relação muito íntima com o afogado. Sei, repito, que no futuro a sua imagem me visitará os sonhos com frequência: a mesma expressão hierática e ausente atrás das pálpebras inchadas, a mesma posição que assume agora no matope, embora vogando num espaço indefinido e escuro, idêntico àquele onde se movem os astros. Sim, um astronauta que se afasta lentamente em direcção ao largo, ao âmago da noite cósmica, mas cuja face está sempre perto de mim.

Sei que os meus companheiros experimentam sensações idênticas, falaremos sobre isso inúmeras vezes nos tempos que vão seguir-se. Olhamos tudo com avidez para que nada, nas futuras lembranças, nos escape.

Em volta há como que um falso descampado. As árvores foram abatidas para

as casas ou para queimar, o que quer que tenha sido necessário, e o resultado é este espaço de cotos miseráveis e pequenos espigões verde-vivo que um dia darão em novas árvores. É um espaço doentio, assim como uma comunidade que fosse feita apenas de velhos estropiados e de crianças. O chão é uma complexa formação de matope amanteigado e puro com areia grossa, aspergido por gerações de folhas que foram caindo das árvores no decorrer da violência do abate, já o disse. Pisado e cozido pelo calor do sol, ficou em certos pontos duro e mineral. Só os caranguejos conseguem fazer alguma coisa dele, cavando tocas de onde saem e entram a seu bel-prazer, fazendo ladrar os cães. Todavia, quando a maré subir tudo vai amolecer e as tocas borbulharão como minúsculos vulcões. Teremos então a prova, todos os dias renovada, de que nada neste mundo é fixo e imutável.

Da natureza, passamos ao corpo propriamente dito. Provavelmente poucos repararam nele enquanto teve vida. Mas agora, que não é mais do que um invólucro, deixa um vazio tão fundo que prende a atenção de todos nós: da gente, das pequenas criaturas do mangal, das aves que nos sobrevoam e até, julgo eu, da natureza vegetal. Numa espécie de paradoxo, é quando o corpo deixa de viver que todos decidem reparar nele. O que verás, por seu turno, este astronauta?

O Cabo-do-Mar nota a nossa perturbação:

Vão para casa!,
diz.

Vão para casa! Não têm nada que fazer aqui!

Mas nós tentamos ficar mais um pouco. É que há tanto trabalho ainda, tanta coisa a memorizar para que no futuro as lembranças não se vejam reduzidas a meros traços essenciais destituídos dos luxuriantes pormenores. Os nossos gestos, embora parecendo acatar a sugestão, são lentos e simulam incompreensão. Os olhos desconversam, voam como as aves brancas que pairam sobre as cabeças.

O Cabo-do-Mar está carrancudo. Aproxima-se. Está descalço. Veste uns calções e uma camisa de caqui azul-escuro, o uniforme. A camisa tem um decote quadrado debruado a branco. Enverga um barrete de marinheiro, também branco, com um filete azul-escuro. Tem um cinto de couro grosso com um coldre para o cassetete, que acaricia entre as mãos. Está disposto a fazer valer a dignidade da sua função, a zelar pelo recato do acampamento. Olha-nos como se olham profanadores de um templo.

Vão para casa!,

repete.

E somos obrigados a partir. Sem saber sequer se o corpo que ali jaz é de homem velho ou novo, o que faz toda a diferença: sendo novo, há sempre a possibilidade de ter havido violência.

O Cabo-do-Mar apurará os factos, pensamos na nossa crédula mentalidade infantil.

O regresso

As cores são agora desvairadas, um último e rápido fulgor do mundo que se apaga. As pessoas permanecem em silêncio, aguardando a nossa partida para poderem voltar àquilo que as ocupava. Sem dúvida que destoamos, nada do que exista em nós pode tornar aquele quadro mais completo.

Vão para casa!,

diz ainda uma vez, entre dentes, o Cabo-do-Mar. No fundo, talvez nos defenda.

Um último relance permite-nos ver um mar liso e manso, todavia volumoso. As ondas não têm espuma, são imensa massa em movimento. Um volume assim equivale de certa forma a uma ameaça.

Voltamos a penetrar no mangal, tomados de nova e súbita urgência. Os *paus-de-roscas* outra vez aprestados. Em princípio, seria uma repetição feita ao contrário: carreiros grossos estreitando, as árvores agrupadas por famílias, o já conhecido descampado e, por fim, o resto que faltasse até chegar a casa. Mas eis que tudo é diferente e pleno de surpresas, um campo em que as mil e uma flores fossem outros tantos motivos de perplexidade.

Desde logo, a luz. É certo que no futuro aprenderemos a antecipar este momento em que o sol mergulha do outro lado do canal, e que é a partir dele que os nossos cálculos mais complexos terão de ser feitos para que o fim do dia coincida sempre com o desfecho da viagem. É também certo que a experiência nos ensinará a caminhar num ambiente quase escuro, imunes à bazófia dos fantasmas.

Não hoje, porém, em que a esverdeada penumbra, mal atacamos o caminho, dá mostras de querer transformar-se numa muralha negra. Começamos por caminhar com afinco, como quem dá dentadas no caminho (trata-se, sabemo-lo já, de uma corrida entre nós e o escuro). Cedo nos apercebemos de que uma pequena mudança da luz dá origem à mudança de todas as coisas. As árvores

são outras, os caminhos também. É como se tudo mexesse, como se as coisas fixas se tivessem cansado de o ser e decidissem partir, também elas, à descoberta. É esta a hora em que os caranguejos saem para as suas deambulações nocturnas, em busca de alimento e sabe-se lá do que mais. São bichos de grande memória, as suas motivações podem incluir a vingança. Espreitam de todas as tocas com os seus olhinhos tresloucados. Surge em grande número uma espécie nova, dotada de um único e desmesurado braço com que enfrenta os nossos *paus-de-rosca*, num empenho de guerreiros orientais. Temos pressa, não lhes damos tempo. Sem parar, vamos distribuindo pauladas ao acaso e ouvindo o esmigalhar dos braços e o estalar das carapaças. Sentimos o chão mais mole e um gorgolejar vindo do âmago das tocas. Um som que alimenta perturbadoras suposições.

O som. Os nossos ouvidos são tenros. Se é difícil ver, decidimos que é o som que doravante nos vai guiar. O som dos pássaros que chegam do mar e voam na direcção dos telhados (a direcção certa), o som do movimento da maré afastando-se até ao ponto de um murmúrio, o som dos carros percorrendo a longínqua estrada como um familiar lamento que indica a direcção que nos convém. Capazes de determinar marcas e modelos só pelo ronco do motor, iremos atrás desses sons até nos vermos fora do inferno negro, no bulício quente da cidade.

Todavia, os sons familiares tardam em chegar. O mais que temos é o matraquear dos caranguejos à solta no escuro, afiando os dentes para o festim. Tudo o resto são sons novos, ariscos à interpretação. Silvos agudos, coaxares roucos, farfalhos assustadores. Por vezes desce mesmo tudo até ao ponto de um silêncio espesso, como se a natureza tivesse resolvido sustar a respiração. Outras, é o som surdo e arrastado que os ramos das *nhacandalas* emitem ao crescer, lento e inédito, e descobrimos que afinal as malditas aproveitam o escuro para tal fim. Fazemos estas constatações sem parar, correndo pelo carreiro. Quando este se dilui, como se sobre ele tivesse caído um borrão de tinta, batemos sôfregos o mato em volta, em busca de uma ponta que agarrar.

Adiante, chegamos a uma bifurcação. Sabe-se lá onde nos levaria o carreiro errado, quiçá de volta à praia e ao afogado, ou então a recônditas cavernas vegetais capazes de nos engolirem para todo o sempre, pensamos. Mais tarde apoiaremos a experiência em subtis indicadores deixados em cada cruzamento a fim de garantir a rota certa, pedras de determinados formatos, incisões nas árvores, essas coisas. Não hoje, em que cada percalço dá azo às mais acesas discussões.

Felizmente que a certa altura o carreiro se interrompe numa das entradas do nosso velho conhecido descampado de capim. Assim mesmo, sem aviso. E ainda bem, pois que o reencontro com um lugar que se conhece é de certa forma tranquilizador, por encerrar a mensagem de que o inferno verde é afinal finito. Mas a nossa mentalidade infantil não se aquieta, logo se põe a imaginar as outras vezes em que os carreiros nos trouxeram de volta a lugares por onde já havíamos passado e o quanto isso traduzia o desnorte em que nos achávamos mergulhados. Neste mundo movediço, nenhum significado pode ser tomado por estável e certo.

Voltando ao descampado. A bem dizer, desembocar nele não foi propriamente uma surpresa. Antes que tal tivesse acontecido a escuridão tornou-se rala, diluída, as árvores quase visíveis; o ar libertou-se das manchas mais espessas e tudo isso foi tomado por nós como premonitório. Por fim, eis que, a dar-nos razão, o mangal se abre daquela maneira numa explosão de sons, um fervilhar de besouros e libélulas e baratas albinas que são como ossos de lula dotados de asas e endoidecidos pela luz. Há também criaturas rastejantes sobre o capim, em que por vezes tropeçamos, destituídas da consistência dura que têm as carapaças dos caranguejos. No futuro, sempre que tal acontecer rezaremos para que não sejam peixes-sapo, cujo esmagamento atrai, como se sabe, uma década de indizíveis desgraças. Não hoje, em que a atenção está toda ela presa ao espanto provocado por aquele coro desvairado, à comprovação de que este lugar é um município onde os insectos se reúnem após o lusco-fusco, para nós desde logo um secreto campo de aterragem de discos voadores.

Mil e uma ideias me visitam nesta altura, próprias da forma arguta que tínhamos de pensar. Desde o facto de aquele som fazer lembrar uma imensa panela fritando até à conclusão de que seria aqui, não no acampamento, o local certo para ter surgido o afogado (a distância do mar era coisa de somenos). Espaço onde se deitar sem ser a indignidade do lamaçal, céu que ver sem estar corroído pelo negrume de ramos e folhagem, uma multidão de insectos que o venerasse. Decido, por isso, que foi ali que ele morreu, embora o tenham levado depois para a aldeia. Se fôssemos mais corajosos, penso, regressaríamos mesmo à aldeia para transmitir esta pista ao Cabo-do-Mar.

O homem afogou-se no descampado!, diríamos.

O que se seguisse estaria já a seu cargo, havíamos feito a nossa parte. Mais tarde comentarei com os outros e mostrar-nos-emos todos de acordo, mas por enquanto continua a ser urgente prosseguir. Afora os seus sons, o mangal em volta é um buraco inteiramente negro.



Prosseguimos, vultuando por entre *nhacandalas* e braços de *mpedje* que o escuro transformou em possibilidades assustadoras e desconhecidas, em suspeita de presenças. Os mosquitos que nos devoram deixaram há muito de ter importância. Impedidos de aceder às cores e sem poder interpretar os sons, desenvolvemos uma capacidade toda nova de abrir os poros para sentir os sinais que possa haver no ar. Um ar pesado e líquido que doravante nos guiará. Um ar imóvel e gordo que se nos agarra ao corpo à medida que avançamos. Sentimos as suas suaves vergastadas, pouco mais apenas que carícias. Desprende-se dos ramos assim como os frutos maduros, chega-nos como uma sensação de filamentos frescos e suaves, líquidas teias de aranha. A fusão com o suor do nosso esforço produz um azeite muito próprio, uma emulsão espessa que se espalha pela superfície do corpo, idêntica à baba da pele dos peixes mais gordos e às humidades dos *paus-de-rosca* acabados de pelar. Soro de feridas, lágrimas de caranguejo.

Somos já lagartos, os olhos esbugalhados dos lagartos, os dedos das pequenas mãos que seguram os *paus-de-rosca* ligados por membranas. Entendemos finalmente aquilo que nos cerca, chegámos ao centro da humidade, ao coração do mangal. Os passos são cada vez mais lentos, num chão que amolece à medida que a água negra vai chegando. Formam-se lagoas que não conseguimos ver, adivinhadas nas líquidas carícias como línguas tépidas, e no chapinhar. Estamos cada vez mais pesados, presos ao chão de matope que nos reclama.

Calam-se todos os sons, à excepção talvez do próprio arfar. Sentimos que

este mundo feito de nervuras e meandros em breve dará lugar ao mar de breu que já habita cada um de nós, o mesmo mar que parece ter prendido o último olhar do afogado. Ultrapassado este derradeiro obstáculo, esperamos, tudo será enfim constante e liso. Não lamentamos agora o que deixámos para trás, nem temos medo. Cada um despede-se à sua maneira das coisas conhecidas e pequenas.

Estamos juntos mas mal nos conseguimos ver. Em breve vamos perder-nos uns dos outros. Um que julgou seguir o som do grupo e afinal não era, outro que toma um certo brilho por um reflexo conhecido, um terceiro que pensará que chega mais depressa sozinho. Um a um, iremos diminuindo até ficar um só. Caminhará então, esse lagarto solitário, por caminhos interiores todos eles inéditos, todos eles interessantes, embora, se vistos de fora, assustadores. Fará imensas descobertas, ouvirá as queixas dos peixes-sapo e as acusações dos caranguejos, chegará à fala com o afogado, entendendo finalmente as circunstâncias em que se deu o caso, e o que haverá ali onde ele chegou. Reinará com ele no universo atro.

* * *

E é quando já nos resignamos, prontos para a fusão com esta ausência de todas as coisas, este negativo húmido da matéria, que nova surpresa chega para nos resgatar. Ricocheteiam inéditos disparos de luz nas avicénias, assim como braços de farol percorrendo a crista de ondas bravas; quentes, chegam-nos os sons de veículos passando numa estrada afinal mais próxima, sons atirados como cordas a cujas pontas nos possamos agarrar. Na falta de carreiros que se vejam, abandonamos todos os protocolos e seguimos estes sinais, piso mole, piso duro, e vamos sentindo o crepitar de conchas esmigalhadas sob os pés, o farfalho de plásticos e o ranger de lixos que pisamos com um descuido sôfrego até nos vermos de volta à velha e conhecida vala, de volta à vida, e logo a seguir subindo para a estrada que atravessamos furtivamente, já noite cerrada. Vamos calados e com frio, culpados, com a sensação de termos perdido, algures no caminho, a capa protectora da nossa inocência. Separamo-nos sem uma palavra, atrasados para o jantar. Demanda cada um a respectiva casa, pronto a arcar com as consequências de uma chegada assim tardia.

Mais tarde, no escuro do quarto, com restos de matope nas unhas e os olhos muito abertos, dar-me-ei inteira conta, pela primeira vez, de ter trazido comigo a aldeia, o vasto mundo, o afogado.

5

Zerofor

Amatongas

Chegámos às Amatongas para passar as férias, e as férias em locais desconhecidos criam sempre a expectativa de grandes descobertas. O local distava cerca de vinte quilómetros de Gondola, pequena vila na estrada que liga à fronteira. A incerteza era a nota dominante. Se, por um lado, à tal expectativa havia a acrescentar o entusiasmo de tantos dias sem escola e a perspectiva de mudar para o liceu, onde tudo prometia ser novo e estimulante, por outro, ao lugar não podia deixar de estar associada a desconfiança de dois meses de tédio e inactividade. De facto, as Amatongas não passavam de um pequeno apeadeiro ferroviário a meio da floresta, complementado por uma missão católica franciscana com a qual nunca chegámos a ter propriamente intimidade. Portanto, nada que entusiasmasse um grupo de crianças. Saía-se da estrada, descia-se um ligeiro declive e começava o pequeno bairro ferroviário com as suas casas sempre iguais, dispostas a intervalos regulares, um pouco distantes umas das outras. Em frente às varandas corria um imenso descampado de terra cor de sangue com fundas cicatrizes de erosão provocada pela chuva, terra em carne viva.

Nas traseiras tudo era diferente: dávamos dois passos e começava a floresta. É certo que não era uma floresta perfeita, no sentido de um infinito território verde carregado de segredos. Embora fabricasse uma penumbra densa, como acontece com as verdadeiras florestas, via-se por vezes camponeses a entrar e a desaparecer nela com naturalidade e desenvoltura, e isso era sinal de que, mesmo que não saltassem à vista, havia caminhos que a atravessavam para ir dar a algum lado.

A descoberta de que era afinal penetrável, que em si poderá parecer tranquilizadora, provocou em mim o efeito contrário. De facto, uma vez instalada, a ideia da floresta como alternativa à estrada começou a perturbar-me. Explico. Nos primeiros dias convencera-me de que só pela estrada se podia entrar ou sair das Amatongas, e por alguma obscura razão isso tranquilizava-me. Agora, que se colocava a possibilidade de outra entrada, o lugar ficava como que mais *exposto*, mais vulnerável, e a comprová-lo estavam as muitas histórias de quizumbas e mabecos (e, até, um ou outro leopardo), que surgiam de noite nas bordas dos quintais para remexer no lixo, uivando com traiçoeiras vozes de criança.

Entretanto, a estrada perdeu com isso algum interesse. É certo que nós, os mais velhos, contrariando ordens expressas da minha tia, escapulíamos-nos pela ribanceira acima até à berma da estrada, a ver passar os carros. Irrompiam na curva a grande velocidade, passavam por nós com uma dramática deslocação de ar e prosseguiam pela recta com um rugido que se ia atenuando até ao nível de um queixume, antes de se perderem na distância. É assim que fazem os automóveis quando se acham fora das cidades, em plena viagem e com o freio nos dentes: dão largas à sua natureza feroz. Vindos dos lados da Beira e do Inchope, apontados à fronteira, passavam por ali sem vacilar. Pela nossa parte, respondíamos a essa indiferença com o entusiasmo das crianças, olhando-os com o maravilhamento que despertariam em nós verdadeiras naves alienígenas e aproveitando para fazer jogos baseados na adivinhação das cores e dos modelos antes que eles surgissem na curva, ou que, com a proximidade, ganhassem formas concretas e conhecidas. Quando eles escasseavam, trocávamos palavras com os grupos de camponeses que passavam caminhando na estreita berma entre a estrada e o mato, enfrentando um permanente risco de atropelamento. Divertíamos-nos, nós e eles, com o facto de desconhecermos as respectivas línguas e termos por isso de recorrer a gestos e trejeitos para nos entendermos. Em tudo achávamos maneira de gastar o tempo.

Parte do apelo da estrada, já o disse, foi transferido para as traseiras da casa e para os seus mistérios. A floresta era mais difícil de domar. Só ao fim de uma semana inteira de estadia ousámos fazer ali as nossas primeiras incursões. Dávamos os tais dois passos e achávamo-nos dentro de uma penumbra muito própria e algo perturbante, sem pistas para prosseguirmos e, se não tomássemos cuidado, sem pistas sequer para regressarmos à segurança das traseiras da casa. Que diferente era este mundo do mangal a que estávamos habituados! Um mundo de uma humidade mais discreta, escondida nas camadas de folhagem

que atapetavam o chão ou entre os cogumelos de diversas formas e cores, de que fugíamos por guardarem, segundo nos avisavam, os venenos mais letais. Havia também, claro, bichos novos cuja reputação de agressividade e perigo, independente do tamanho, nos mantinha em respeito: escorpiões, cobras, centopeias, aranhas, ratazanas do campo e até formigas de desmesurado maxilar, capazes das dentadas mais dolorosas (os enormes morros que construíam com sobranceira no descampado, e que serviam para acumular toda a espécie de recursos que pilhavam na floresta, provavam claramente até onde eram capazes de chegar).

Mas o que nos confundia eram sobretudo os sons. Feriam-nos sempre com a sua crueza, quer fossem originados ali perto ou muito longe. Os golpes cavos de um machado abanavam os alicerces da floresta sem nos dizerem se estávamos em vias de tropeçar no acto ou se ele ocorria a grande distância, e o facto de ouvirmos a minha tia deambulando nas traseiras não significava necessariamente que nos achávamos perto. O quebrar de um pequeno ramo podia provocar um estalido por assim dizer ensurdecedor. Enfim, até quando a natureza se calava o silêncio instalado fazia de nós, até aí apenas confundidos, agora quase cegos. E o facto de esbarrarmos subitamente com algum camponês pisando chão sem carreiro que se visse (por toda a parte, no chão do nosso conhecido mangal, havia carreiros que se cruzavam), era para nós motivo de embaraço, como que um desrespeito ao protocolo que existe sempre que dois caminhantes se cruzam nessas circunstâncias, que nos leva a dar prioridade ao outro ou aceitar a prioridade que nos é dada com um aceno de agradecimento.

Mais tarde, rememorando estas impressões, dei-me conta de algo de que na altura não tive consciência clara, embora me atormentasse todos os dias: até aí vivera com o mar diante da varanda, habituado ao seu horizonte infinito, de modo que a floresta alta, forçando-nos a passar o dia de olhos levantados, se afigurava não uma possibilidade mas antes uma barreira, um limite que nos mantinha como ratos aprisionados numa gaiola (embora, repito, na altura não equacionássemos as coisas com essa nitidez). Fazíamos jogos, líamos, cantávamos, esgotávamos todas as possibilidades que uma pequena casa cheia de crianças pode oferecer.

Por vezes víamos passar os jovens estudantes da Missão nas suas imaculadas camisas brancas, entoando hinos religiosos e evoluindo em grupo do outro lado do descampado. Há muito que eu estava familiarizado com as vozes corais (nas manhãs de domingo da Ponta Gea o meu pai tinha o costume de soltar a pequena multidão de sopranos e barítonos que mantinha aprisionada no seu

gira-discos), mas verificar que as vozes saíam de gargantas e pulmões reais era para mim algo de novo e fascinante. O som começava por chegar como um rumor longínquo e, à medida que se aproximava, transformava-se numa espécie de marcha cantada, de sabor quase militar, e quando por fim eles passavam em frente à nossa porta ganhava contornos muito elaborados, com os baixos a suportar nos seus ombros toda a construção e os solistas a abrir caminho a todos os restantes, que se desdobravam para fazer as vezes dos instrumentos, criando um todo ao mesmo tempo denso e subtil, transportador, que se espalhava no ar em ondas e caracóis, fazendo tremer o chão e os corações. Com a pele arrepiada, deitávamo-nos então a adivinhar de qual dos rapazes saía determinada voz, em tentativas quase sempre goradas pela complexidade do encadeamento das frases — assim como a palha trançada nos cestos, que tem algo de capricho, mas também muito de disciplina — e pelo facto



que o grupo criava este prodígio em movimento. Era raro ocorrer a troca de um olhar, quer porque seguiam com o seu vazio, encerrados no som que eles próprios produziam e sem disponibilidade para reparar em volta, quer porque pertencíamos a mundos muito diferentes, que, apesar de passarem perto daquela maneira, não se tocavam.

Mais tarde, quando recordava esta estadia, vinham-me à lembrança os velhos livros da Condessa de Ségur. Certamente que é absurdo associar a floresta das Amatongas ao General Dourakhine e aos ambientes frios e nevados desses livros de capa dura que a minha irmã guardava na sua pequena biblioteca, mas talvez a associação tivesse por base o mesmo confinamento numa pequena casa cercada de árvores altas e uma idêntica sensação de violência difusa que eu não conseguia definir, mas intuía estar bem viva nas relações entre os homens e na própria natureza.

De entre as diversas lembranças que, presumo, alimentavam tal sensação, posso referir uma súbita chuvada que ocorreu certa vez, como se estivéssemos em Dezembro. Torrencial, avassaladora, matraqueando com fúria o avançado de zinco que protegia um dos lados da casa. Para a alimentar fora necessário um dia de calor intenso e abafado. Após o jantar, com todos nós já recolhidos no quarto das crianças, resolvi levantar-me em busca de um copo de água. Mal conseguia respirar. Na sala, à luz fraca de um único candeeiro, os meus tios conversavam em voz baixa.

Foi a primeira vez que ouvi referir o nome de Zerofor. Era, murmurava o meu tio, um perigoso assassino que degolara um camponês ali perto, e agora deambulava pela região. Era preciso ter as portas bem trancadas e manter as crianças ao alcance da vista durante o dia. Foi nessa altura que, como que a sublinhar o clima de ameaça, desabou a chuva. Violenta, copiosa. A luz apagou-se. Os raios lampejavam na escuridão, iluminando os objectos e dando-lhes aparências fantasmagóricas. As palavras que os meus tios trocavam eram ao mesmo tempo abafadas e potenciadas pela trovoada. Eu já ouvira falar nestas trovoadas das Amatongas. Os raios chegavam a entrar nas casas como bolas de fogo enfurecidas que quebravam os vidros das janelas e destruíam o que estava sobre as mesas. Impotentes, as pessoas recorriam a toda a espécie de rituais de defesa, estendendo cobertores por cima das mobílias, escondendo-se debaixo das camas ou, como no caso dos meus tios, rezando.

Sem saber se falavam ainda do caso ou se rezavam, regressei ao quarto e fiquei a observar, através da janela, o negrume amarelo e agitado que vigorava lá fora. Ao fim de um tempo a trovoada esmoreceu, mas a chuva prosseguiu, facto que terá tranquilizado os meus tios, convencidos talvez de que com a chuva tudo o resto normalmente se suspende. Senti que se foram deitar. Mas a mim custava-me conciliar o sono, achando, pelo contrário, que o temporal era uma vantagem que jogava sempre a favor dos assaltantes. Que urdiria Zerofor no meio de um dilúvio assim, protegido por sombras assustadoras?

Gondola

Encharcado da cabeça aos pés, Zerofor terá levado algumas horas a percorrer a distância entre as Amatongas e os arredores de Gondola, no meio da trovoada. Embora alguns troços tenham sido feitos na berma da estrada, optou sobretudo pelo mato, mantendo debaixo de olho a fita negra de alcatrão mas

guardando dela uma certa distância. Qualquer sinal o assustava, fosse o ladrar dos cães ou os faróis de um carro descrevendo a curva lá em baixo. Em todos os sons nocturnos via um sinal de que o vinham buscar. Andou depressa. Ainda antes do despontar da manhã chegava perto das primeiras casas da vila. Errou por ali, observando com atenção, até que uma delas lhe pareceu adequada, uma loja de janelas baixas que dormitava quieta.

Deixou-se ficar ainda uns minutos, a recuperar totalmente o fôlego, após o que transpôs a balaustrada da varanda térrea, já com a pequena faca na mão. As portadas grandes estavam todas cerradas. Todavia, encontrou um postigo cuja utilidade devia ser a de ventilar um espaço interior normalmente cheio de clientes, e que talvez tenham achado não valer a pena fechar. Por ali só passaria uma criança, e a muito custo. Zerofor mediu o postigo com atenção e concluiu que conseguiria passar (mesmo sem estar sempre a olhá-lo, acabamos por conhecer com espantosa clareza os limites do corpo que nos cabe transportar). Depois, deitou a mão a uma lata velha que achou esquecida na varanda, com óleo de motor, e untou-se para reforçar as garantias de que passava (deve ter sido esta a origem da fantasiosa versão, que mais tarde se espalhou, de que assaltava sempre nu e com o corpo untado de óleo por razões feiticistas, versão essa que mais tarde se desdobrou numa outra, a de que o móbil dos seus assaltos era a violação de mulheres). Finalmente, aplicou a faca à rede metálica, numa esquina superior do caixilho, e fê-la deslizar suavemente até baixo, mantendo-a o mais possível junto à madeira para depois não ficarem pontas salientes que o arranhassem ao passar.

O gesto provocou um som quase imperceptível e algo musical, assim como o de uma unha dedilhando os dentes de um pente. Suficiente, contudo, para que Vemeco Sipanela o ouvisse destacado do ruído da chuva, que agora era mais mansa, como que cansada de cair. Vemeco era um rapaz de Moatize com um sono muito leve, a quem Hajje Omar, o dono da loja, havia dado emprego como guarda. Achou estranho, levantou-se, deu a volta e veio à varanda espreitar. Deu de caras com Zerofor e tentou fugir, pelo que este interrompeu o que fazia e lhe cortou a garganta com a faca com que abria a rede, ficando um momento a vê-lo sangrar enquanto decidia o que fazer. Quando se extinguiu na vítima o ensanguentado olhar de surpresa já o assaltante resolvera abandonar a varanda e regressar à estrada. Não lhe agradava o rumo que as coisas tomavam, desistia do seu intento. E tudo teria ficado por aqui não fosse um outro jovem, de nome Quirisse, que estava de visita a Vemeco e ali também dormia, por ter estranhado a ausência ou ter ouvido o soluço do sangue borbotando na goela do

amigo, ter vindo também ele espreitar. Quando chegou, deparou com Vemeco caído no chão e Zerofor de costas, encetando já a retirada. Imprudente, foi-se a ele. Zerofor cambaleou com o choque, mas conseguiu ainda assim virar-se e espetar a faca no ventre de Quirisse, a mesma faca. O pobre deu mais uns passos e acabou por tombar junto à estrada, por cima do capim.

Um pouco mais tarde o patrão veio abrir a loja e deu com o sucedido. Primeiro, com o corpo do guarda estirado na varanda, no meio de uma poça de sangue, e a seguir com o do amigo, entretanto cercado pelo ajuntamento de passantes que crescia com o clarear do dia e a intensificação do movimento. Foi-lhe fácil calcular estarem as duas mortes relacionadas. Dado o alerta, as autoridades vieram e concluíram, na base dos indícios disponíveis, que ali havia mão (faca) de Zerofor; e, pelo que diziam os corpos, que o assassino fugira na direcção das Amatongas (Quirisse caíra na berma da estrada que apontava para lá).

Bandula

Para nós, nas Amatongas, o dia das mortes de Gondola amanheceu ao som das sirenes da polícia. Enquanto comíamos as papas de aveia ela atirava-se ao lugarejo, vasculhando as palhotas dos arredores, inspeccionando os vagões estacionados e cada uma das construções indefinidas junto ao ramal da linha férrea. Houve até dois sipaios que escalaram a torre do depósito de água para espreitar lá dentro. Zerofor nascera ali, tudo apontava para que andasse por perto. Foram à Missão, uma iniciativa a que assistimos de longe e que me causou certa estranheza, como se fosse possível conjugar a pureza das vozes que via passar ao fim da tarde com os actos hediondos. Vasculharam as camaratas, os quartos dos padres, a sacristia, as oficinas e a despensa, mostrando em que conta tinham a moral que ali se tentava edificar. Erraram depois pela floresta, e os sons das ordens e das manobras pareciam gerados ali mesmo, dentro do quintal da minha tia. À noite, ligaram lanternas e acenderam fogueiras para poderem prosseguir com as buscas. Os cães ladravam alto. Tudo isto nos fez viver o momento em grande excitação.

Nos dias seguintes não pudemos sair de casa, o mais que nos era permitido era seguir através da janela as correrias e o burburinho. Mas, por outro lado, o caso deixara de ser sussurrado, tínhamos agora direito à verdade inteira e isso conferia-nos uma espécie de protagonismo. Vão acabar por apanhá-lo, diziam

os meus tios, repetindo em voz baixa o vaticínio como se isso os ajudasse a acreditar.

Nesse momento, contudo, Zerofor estava longe dali. Assim que matara o segundo homem, na berma da estrada, viera-lhe a certeza de que podia ir para toda a parte menos para as Amatongas. Continuava um homem plenamente livre, a não ser que se dirigisse para as Amatongas. Assim, deixou a estrada e internou-se no mato do lado norte de Gondola. Caminhou durante horas, tirando vantagem desse tempo em que a polícia desbaratava energias e punha as Amatongas em alvoroço. Continuou a caminhar muito depois de eles terem desistido de ali o procurar. Caminhou dia e noite, dando grandes voltas para evitar as pequenas povoações (era pelas vozes que as sabia próximas e, depois que chegava a noite, pelo cheiro do fumo e pela trémula luz das fogueiras). Passou por Chimuanda, Monteiro, Babe e muitas outras localidades. Seguiu ao longo das margens dos tandos e descampados de capim baixo, evitando o mais possível cruzá-los em diagonais que forçosamente o exporiam. Ao fim da tarde atravessou um pequeno bosque, ao qual se seguia uma espécie de pântano. Entrou nesse terreno molhado e traiçoeiro sem qualquer hesitação, uma vez que ficava ali mais remota a possibilidade de se cruzar com gente. Sentou-se a descansar, encostado a umas canas grossas que despontavam directamente da água.

Nessa idade eu já conhecia mundos semelhantes àquele pântano, reais e imaginários. No mangal também não havia chão onde nos pudéssemos sentar a descansar, tudo era liso de uma água negra ou, assim que a maré baixava e as coisas secavam violentamente, áspero e rugoso, em qualquer dos casos obrigando-nos a permanecer em pé, a não ser que achássemos um ramo baixo de *nhacandala* a que nos encostarmos. Sim, no mangal era sempre necessária uma atenção extrema e permanente para ficarmos resguardados dos dentes da natureza: as tais coisas ásperas e pontiagudas, cascas de crustáceos que cortavam como lâminas, ossos de lula que eram facas de dois gumes, e também babas, pólenes ácidos, pequenas criaturas agressivas. Por tudo isso, embora amássemos aquele espaço mais do que qualquer outro, em nenhum momento deixávamos de o encarar com prudência, assim como se faria com um pai autoritário.

Zerofor, ao contrário, desconhecia a prudência e a autoridade, desconhecia este tipo de distâncias. Chegou ali e, mal a revoada de pássaros assentou, fundiu-se com o mundo em volta como se ele próprio não passasse de mais um dos seus elementos, um arbusto ou uma das pequenas feras que encontram

motivo para visitar o pântano com frequência (mais tarde, a certa altura da noite, um leopardo ter-se-á postado mesmo ao lado para beber água sem que o facto provocasse em qualquer dos dois o mínimo gesto de resguardo). Descalço, chapinhou sobre as águas como se as surpresas que estas escondiam nos fundos lhe fossem indiferentes. Assim que achou ser altura de descansar, simplesmente se deixou cair naquele chão líquido, como se estar molhado ou seco, sujo ou limpo, fosse para ele a mesma coisa. No fundo, a diferença entre nós, embora subtil, era fundamental: Zerofor não *ia* lá, Zerofor *estava* lá.

Com o passar das horas aprendeu a lidar com os mosquitos. Deixou de lhes bater assim que os sentia picar, pois as palmadas irritadas que dava na própria pele esmagavam um ou dois mas deixavam escapar a maioria, avisados pela deslocação de ar que o gesto provocava. E os que fugiam, enfurecidos pela contrariedade, depressa voltavam à carga, e com redobrado ímpeto. Aos poucos, passou a fazer as coisas de outra maneira. Fechava os olhos e instalava a sua atenção na superfície da pele, concentrando-se em cada poro, cada pêlo dos braços e das pernas. Desta maneira conseguia saber do leve e cuidadoso pousar de cada mosquito muito antes da picada. Sentia-os chegar e tactear com timidez, e ainda assim não reagia, contava-os, imaginava o que faziam para ele próprio gastar tempo, pacientemente deixava que ganhassem confiança, que esfregassem com as patas dianteiras o maldito espigão para preparar a ferroadada, que escolhessem o poro mais promissor para enfim picar e poder chegar ao almejado sangue, cáldo e doce. A confiança — por terem agido impunes até então e, também, porque cada passo dado multiplicava a promessa aberta pelas primeiras gotas — era-lhes fatal. Achavam-se no umbral do paraíso, já nada os podia travar. E era quando chegavam a este ponto de sofreguidão escancarada, desinteressados de tudo o que não fosse o accionar do êmbolo que proporcionava a sucção, que ele deixava deslizar ao de leve a mão aberta a todo o comprimento do braço, assim como se fizesse uma carícia, mas na verdade esmagando multidões de mosquitos absortos no festim. Fez assim durante boa parte da noite, enquanto esperava que clareasse para poder decidir que direcção tomar: deixava-os pousar, esperava ainda um momento, até que eles comesçassem a satisfazer-se, e só então se punha a afagar braços e pernas, a nuca, a barriga, de modo que quando a lua estava no alto já ele se encontrava todo ensanguentado, ungido com o seu próprio sangue retirado dos pequenos depósitos dos mosquitos esmagados, como se alguém o tivesse ferido à navalhada tal como ele não se coibia de ferir os outros. O seu próprio corpo escuro do sangue era a medida até onde estava disposto a ir para cumprir os

seus desígnios.

Ou porque o artifício não resolvesse totalmente a questão ou então para penetrar ainda mais intimamente no âmago do pântano, deitou-se de madrugada nas partes mais húmidas do chão e rebolou para se cobrir de uma lama que de alguma maneira o protegeu das crescentes nuvens de insectos que o doce do sangue enlouquecia, mas que também, ao secar ao fresco da primeira brisa, se transformou numa capa espessa que os seus movimentos quebravam em placas, conferindo-lhe um aspecto assustador. Estava agora o mais distante possível dos homens e o mais próximo da natureza. Ninguém, no decorrer de todos estes acontecimentos, conseguia seguir-lhe os passos dados até encontrar uma aldeia de onde tivesse vindo, ou pais e irmãos que pudessem explicar a sua existência, atenuar aos olhos de todos a substância negativa dos seus actos. Por outro lado, olhava-se aquele pântano e nada se via que destoasse, era como se vivesse ainda um tempo recuado, anterior ao da existência dos homens.

Pôs-se a caminho ainda antes do nascer do sol. Por esta altura não fica claro se fugia ou, ao contrário, se ia à procura de alguma coisa ainda mais fundo dentro da natureza. Zerofor era alto e seco, o que se costuma dizer forte de constituição. Tinha trinta e três anos, idade em que aparentemente se equacionam grandes mudanças. Levava apenas uma faca, a mesma dos crimes. Caminhou durante muito tempo (a sua resistência era impressionante, como se o sustentasse algo da ordem do sobrenatural). Chegou à estrada de Vila Gouveia e terá ficado muito tempo na berma, antes de cruzá-la. Queria certificar-se de que não havia gente por perto nem viaturas no horizonte, quer do lado de Vila Pery, quer do Guro. Só depois atravessou, rápido como uma suspeita breve e infundada. Depois, internou-se no mato, na direcção dos contrafortes da serra que se via ao longe, a Penhalonga, já do outro lado da fronteira, em território da Rodésia.

Por esses dias a minha relação com a floresta das Amatongas tornou-se ao mesmo tempo mais distante e mais intensa, um paradoxo que, reconheço, não pode passar sem explicação. Por um lado, estávamos como disse absolutamente proibidos de entrar na floresta, mas por outro eu passava agora os dias pendurado numa janela das traseiras a olhá-la, cansado de possibilidades alternativas como os jogos de cartas, as adivinhas e outras brincadeiras de casa. Foi nessa altura que descobri que quando olhamos intensamente uma coisa esta de alguma maneira se transforma; que, ao *sentir-se* observada, ela se empertiga e passa a revelar toda a sorte de peculiaridades para não dar de si uma ideia de simplicidade. As minhas convicções infantis levaram-me até a acreditar

intimamente na existência de uma espécie de *vaidade* das coisas, aplicável não só aos animais, mas também às árvores e à natureza em geral. Veja-se como, sob o calor da observação de alguém, não é só o cão rafeiro que se incomoda, mas o pássaro que limpa as penas no alto do ramo ou mesmo a flor que se retesa. Em resultado, tudo tinha agora mais do que um sentido, cada coisa escondia por baixo de si novas coisas. Não digo que em cada incidente que feria a quietude da floresta — por exemplo, uma agitação da folhagem, que podia indiciar não mais que um suspiro de vento ou a passagem furtiva de um animal — em cada incidente, dizia, eu visse a sombra de Zerofor: embora isso por vezes acontecesse, transformá-lo em regra geral seria submeter a miríade de sentidos a um único sentido, e estava longe de ser esse o caso. Era mais do que isso, era o facto de, em resultado de escrutínio tão intenso e repetido, eu começar a descobrir fenómenos para os quais essa repetição trazia novas explicações, como que pondo à mostra os hábitos escondidos da floresta. Camponeses que passavam regularmente a horas certas, por exemplo (quando antes eu pensava estarem em cada caso a passar pela primeira vez), ou pássaros que vinham pousar em determinadas árvores ao fim do dia, sempre as mesmas, ou ainda o minúsculo carreiro que traía a localização do formigueiro. Qual o sentido dessas rotinas que um olhar superficial seria incapaz de descobrir? Era assim que, embora impedido de entrar nela, eu ia conhecendo cada vez melhor a floresta, era assim que ela abria ante os meus olhos fascinados as suas penas de pavão!

A relação de Zerofor com a floresta era muito diferente. Ele não olhava as coisas, simplesmente porque não necessitava de as ver para saber que estavam lá. Era como se as tivesse desde sempre dentro de si. Os movimentos do seu andar quebravam as placas de lama que trazia agarradas ao corpo desde o pântano, soltavam-nas, criando a irreabilidade de um peixe que ao nadar fosse largando as escamas, um pássaro que ao voar largasse as penas, um homem que evoluísse largando sem remissão o passado, as suas memórias, ficando o que sobrava reduzido a um pó que dava à pele o tom acobreado dos fantasmas, idêntico ao que o sol cria ao incidir na vegetação a certas horas do dia. Desta maneira a integração ficava ainda mais perfeita. Se imóvel, Zerofor não passava de mais uma pedra na montanha; em movimento, era apenas um detalhe movediço provocado pela aragem. O corpo esguio, abraçado a um pinheiro, passava bem por uma daquelas lianas cuja cor descai do verde para um castanho acinzentado e parecem acopladas desde sempre aos velhos troncos das árvores da montanha. Os seus olhos eram duas chispas de luz brilhando na

folhagem, o reflexo do sol em duas gotas de orvalho. Assim, não admira que os animais se chegassem perto para se debruçar sobre as pedras e beber do regato sem qualquer reserva, nem que os camponeses que se atreviam até tão alto passassem junto dele sem o estremecimento de uma suspeita. Era como se ele tivesse pertencido desde sempre àquele lugar.

Um dia as coisas mudaram (as coisas mudam sempre). Não é clara a razão que o levou a descer a serra e a regressar. Talvez a polícia rodesiana tivesse intensificado as buscas na fronteira a pedido do Administrador Freiria, ou ainda o próprio Zerofor partisse do princípio de que as autoridades acabavam com o tempo por esquecer os crimes (foi assim que ele explicou o facto, quando mais tarde foi interrogado). Há ainda a hipótese, inquietante, de estar viciado no sangue. Seja como for, um dia desceu a montanha, voltou a cruzar a fronteira e apareceu a rondar as traseiras de uma casa de Bandula, pequena localidade não muito distante de Vila Pery.

Nessa casa vivia o comerciante Amadjee Issubjee com a mulher Fatima e a filha Amina. Nesse dia Issubjee acabava de regressar de uma atribulada viagem à Beira. O camião avariara perto do Inchope, fora preciso deixá-lo com o ajudante a vigiar a carga e ir adiante, a Gondola, buscar um mecânico, regressar com ele e com as peças, um dos vedantes não servia, o óleo que tinham não chegava, uma carga de contrariedades e de trabalhos. Mas enfim, estava em casa, cansado, Fatima trouxera um chá de cardamomo e umas badgias para lhe aconchegar o estômago antes de dormir.

Cá fora, Zerofor não se movimentava como na floresta. As recordações massacravam-no e confundiam-no. Tudo lhe era agora hostil, os cheiros, as luzes amarelas, o cimento. E a insegurança tornava-o agressivo. Viera apenas à procura de uma camisa pendurada num varal, se a encontrasse fugia para longe dali sem mais consequências. Rondou o camião, atraído pelo luzir da lona húmida que cobria a carga (Issubjee adiara o descarregamento para a manhã seguinte). Felizmente que o ajudante, também ele cansado, resolvera adormecer. Um cão ladrou, mas ladram os cães todas as noites, por tudo e por nada. Fatima veio, lançou um último olhar lá para fora, baixou a persiana e pôs a corrente na porta da cozinha. E Amina, onde estava Amina? (É natural que eu me preocupasse com ela, afinal tinha pouco mais que a minha idade). Amina adormecera com a cabeça tombada sobre a mesa da sala, o livro largado de qualquer maneira (preparava a admissão ao liceu). Tinha sido necessário transportá-la para a cama. Depois, as luzes foram-se apagando e a casa mergulhou no silêncio.

Grandes ou pequenas como aquela, as casas transformam-se em dédalos se não há luz que nos guie, para fugir ou acudir a alguém, ou mesmo, como é o caso, para se poder explicar como tudo aconteceu. E, na falta de explicações mais precisas, Zerofor avança em tronco nu, untado, diz a lenda, com óleo do motor do camião para melhor deslizar entre as grades, a faca presa nos dentes. Segundo ele, pretendia apenas uma camisa e teria partido sem mais caso, foi levado àqueles actos por se lhe terem atravessado no caminho, enquanto para a polícia degolar o homem e violar as mulheres (Amina ia a caminho de ser mulher) era o corolário natural da sua malévola natureza, isto segundo o Chefe de Posto Moura e os agentes Gesta e Ambrósio, que entraram naquela casa no dia seguinte e deram com os ocupantes todos mortos.

Por alturas do crime de Bandula deixávamos nós as Amatongas, de regresso à Beira, encerrando um capítulo que deixou em mim um rasto incerto. A estadia permitira-me grandes descobertas (por exemplo, no que respeita à floresta, vai uma grande distância entre aquilo que nos dizem ou se imagina a partir das leituras, e o que de facto se experimenta quando nos encontramos rodeados de árvores misteriosas, olhando para cima e respirando o seu perfume), mas, por outro lado, a clausura a que aqueles crimes nos haviam forçado, sobretudo nos últimos dias, tornara o mundo exíguo e irrespirável. Além disso, subia-me como um latejar a sensação de termos sido testemunhas do fim de uma época, de termos vivido uma transformação profunda daquela terra, de deixá-la e partir no momento em que tudo ali se desmoronava — as Amatongas estavam no fim.

De facto, todos os dias aconteciam mais coisas do que aquelas que éramos capazes de arrumar na nossa pequena lógica. Enclausurado numa casa de onde imaginava a floresta cheia de diabos, eu entendia finalmente os riscos que corriam os camponeses que caminhavam pela berma da estrada, de serem atropelados por carros que passavam cada vez mais velozes e que razão alguma faria agora parar naquele lugar. Já nada ali me surpreendia, mas desse facto não decorria uma sensação de familiaridade, antes de destruição e de ruína. Era como se o acto do conhecimento destruísse as coisas.

Entretanto, a polícia, depois de tentar calar as vozes dos cantores da Missão, vangloriava-se agora da captura de um tal Lâmina João, alegadamente tão perigoso quanto o Zerofor, mas os seus anúncios, tal como as repetidas investidas ao *compound* dos ferroviários ou às palhotas dos camponeses, não passavam, parecia-me, de uma manifestação de desespero, uma bravata que era uma maneira de esconjurar o problema.

Sim, aquele mundo desmoronava-se e nós partíamos na hora certa. Com as suspeitas dramáticas próprias da idade, eu levava até comigo a certeza de que não voltaria a ver os meus tios. E, nas profundezas da minha intimidade, algo me fazia crer de que não conseguiriam capturar o bandido.

Gondola. Desfecho

Depois do crime de Bandula, Zerofor podia ter seguido para Sul a corta-mato até chegar à região de Tomu, onde abundam águas capazes de dispersar todos os traços, pegadas e cheiros (sabemos da sua arte de atravessar pântanos e canaviais não deixando para trás mais do que uma revoada de patos). Dali, coberto outra vez de escamas, facilmente passaria por Camisola e Fetera, a Oeste, após o que atravessaria a fronteira para se internar na floresta de Bunga, já na Rodésia, onde se diz que habitam espíritos que o poderiam proteger enquanto as autoridades não voltassem a esquecer mais este episódio. Todos os sinais apontam para uma relação estreita do assassino com o território vizinho, desde logo o próprio nome (Zerofor é sem dúvida uma corruptela do inglês *zero-four*, número que lhe terá sido atribuído na prisão ou nos trabalhos agrícolas).

Não foi contudo nessa direcção que seguiu, ou por achar que seria o que a polícia iria pensar que fizesse, ou simplesmente por sentir, de modo inadiável, a atracção de casa. Há ainda uma outra possibilidade, gerada na tortuosa lógica de criança que eu tinha na altura: a de que o seu regresso não era mais do que a tentativa de nos apanhar, e que a precipitação com que foi levado a cabo se deveu ao conhecimento da iminência da nossa partida. As crianças acham-se sempre no centro do mundo, a sua lógica nutre um grande desprezo pelas regras.

De qualquer maneira, Zerofor confirmava assim a regra que diz que uma vez lançados os dados da tragédia o caminho que conduz até ela é inescapável. Já não se tratava de agir, mas de seguir o curso de acção que lhe havia sido determinado. Em suma, pôs-se a caminho das Amatongas, mato fora, paralelo à estrada como sempre, como sempre também guardando dela alguma distância. Ouvia os carros passando, em direcção a Manica ou à Beira, cada vez mais velozes, e achava sempre que estavam ali por sua causa. Aproximou-se de Gondola no início da tarde. Era domingo, dia em que os jovens da Missão das Amatongas andariam em grupo pelo descampado, salmodiando, inundando o ar

de puros sons. No local por onde entrou, um labirinto de ramais ferroviários cheio de composições adormecidas, o silêncio era, ao contrário, total. Gostou dele e por isso ali permaneceu, entrecortando longos momentos agachado por baixo dos vagões (os pés directamente em cima das pedras entre as travessas, a cabeça escondida na sombra, olhos e ouvidos concentrados), com rápidas diagonais que o levavam de uns para outros, inspeccionando cargas, satisfazendo a curiosidade. Um tinha uma pequena manada de reses que a intromissão inquietou; outro, postes de betão com a palavra Cavan estampada por todo o lado. Um terceiro estava cheio de carvão, e foi neste que Zerofor achou mais adequado esconder-se a descansar. Dormiu toda a tarde, com sonhos agitados que o fizeram rebolar sobre o carvão tal como, tempos atrás, rebolara sobre a lama do pântano. A natureza recebia-o de braços abertos outra vez, e ele voltava a entregar-se. Pelo menos foi nisso que acreditou, facto que ajudou à sua perda. Quando, já noite, deixou aquele local, era um pedaço de escuridão em movimento, ansiando outra vez por encontrar um varal onde houvesse uma camisa que lhe abrisse a possibilidade de deixar aquela via e voltar a entrar na terra dos homens. Uma camisa era o que lhe faltava, e todos podiam então dormir descansados.

Aproximou-se de uma casa. Nesse momento a sua solidão era tão aguda que daria tudo para deixar de ser quem era e encarnar a vítima que o esperava, quem quer que fosse. Ansiava pelo mesmo aconchego, os mesmos laços que o uniriam a outros, a mesma incerteza na relação com o que estava para acontecer, enfim, a mesma possibilidade de atravessar os dias sem perder escamas ou penas, sem perder lembranças que o ajudassem a libertar-se das grilhetas do presente. Estes desejos não lhe chegavam nitidamente formulados, claro, eram antes amalgamados numa lama informe feita da dita solidão e de raivas, ansiedades, instintos e fria calma assassina, enquanto atravessava a pequena horta de beringelas e tomates da dona da casa, esmagando descuidadamente os frutos mais maduros. Levava os olhos fixos na janela iluminada.

Lá dentro, D. Urânia Kavalieratos, sentada numa velha poltrona, junto a um candeeiro, costurava. Tinha por hábito entrar noite adentro na companhia da agulha e das linhas, nesse dia tentava seguir o desenho de um desdobrável em papel-manteiga que chegara na última *Burda* (fazia um bibe para um neto que lhe nascera na Beira). Estava tão concentrada que nem deu pela presença de Zerofor dentro da sala, transposta a fronteira com recurso ao velho estratagema do óleo. Era como se tudo estivesse meticulosamente disposto para acontecer

assim: a sala escura, o ocasional refulgir do dedal assinalando o gesto, o candeeiro iluminando a nuca de D. Urânia, inclinada para diante a fim de entender melhor um detalhe do desenho (usava o cabelo grisalho apanhado em cima). De tal forma se dispunham as coisas que a referida nuca parecia vogar no meio do escuro, oferecendo-se à lâmina sedenta como um pequeno e alvo anho num altar. E Zerofor, mergulhado na escuridão, não conseguia desprender-se do fascínio que aquela nuca exercia. Avançou, largando a sua pequena lâmina enferrujada para pegar antes na tesoura da vítima, que subitamente também brilhava em cima da mesinha e lhe pareceu mais adequada. Em seguida golpeou várias vezes a alva superfície. Quando D. Urânia resvalou da poltrona para o chão ele ficou imóvel, de olhos fixos, como que pensativo, na verdade com toda a atenção presa aos sons que pudessem nascer em volta, ateados pelo seu gesto. Nada ouviu.

Ao contrário, apesar de estar dormindo, o filho de D. Urânia ouvira o soluço rouco do estertor, o sangue borbulhando na traqueia e impedindo o ar, e apesar de não ter apreendido de imediato o seu significado sentiu-o estranho ao sonho e abriu os olhos para se certificar. Tinha a escuridão a seu favor (por uma vez Zerofor, junto do pequeno candeeiro salpicado de sangue, perdera essa aliada preciosa), de maneira que o tempo que levou a despertar não jogou contra si apesar de ter gritado de surpresa.

Surpreendido também por um momento, mas com o grito que vinha do canto, Zerofor largou a tesoura e, quando tentou recuperá-la, já ela estava inacessível, engolida pelo escuro que agora se postava definitivamente contra ele. Ficou portanto de mãos limpas (sabemos que largara a faca atrás, para pegar na tesoura), uma maneira de dizer que não tem em conta o sangue ou o carvão.

E no momento em que o filho de D. Urânia se levantou e se lançou sobre o intruso, abriu-se a porta do corredor e chegaram mais homens, e Zerofor, assustado, atirou-se pela janela que dava para a varanda, estilhaçando a vidraça, e na varanda onde caiu havia mais homens, e todos, os de dentro e os de fora, lhe bateram depois de agarrado, com paus, punhos e pés, é claro que o esperavam, que desconfiavam da possibilidade de ele ali ir um dia, se o guião estava escrito para o assaltante não há razão para que não o estivesse também para os da casa e para que estes não o soubessem ler de antemão. Comandando um grupo de criados, o filho de D. Urânia foi lesto a agarrar o assassino, mas não o suficiente que salvasse a sua mãe, e por isso foi ele quem bateu mais, entrava e olhava a mãe já sem remédio e voltava a sair para bater outra vez, tornou a entrar para telefonar à polícia e voltou a sair para bater mais e mais, e

pedir que batessem enquanto a polícia não chegava.

Zerofor já não era a sombra elástica de onde se soltavam as placas da natureza, a pele de prata, a liana tensa trepando a árvore, mas sim uma massa mole e informe e baça que exsudava um líquido grosso e escuro feito de lama seca e baba e mijo e sangue e outras humidades misturadas ao pó de carvão, uma massa de tal maneira indescritível que foi necessária uma lona velha para o levar quando, uma eternidade mais tarde, o Administrador Mário Freiria chegou com os agentes da polícia e os sipaios.

* * *

Os meses passaram e naturalmente a carga dramática foi-se diluindo. Voltei a ver os meus tios, claro, e o mais provável é que nas Amatongas tivessem regressado àquilo a que se costuma chamar um quotidiano normal. De qualquer maneira, senti que a estada nas Amatongas, embora curta, me havia transformado, ou pelo menos feito avançar até uma espécie de encruzilhada. Se, de um lado, havia a pureza dos salmos, o mundo previsível e a segurança da casa, do outro vingavam já as plantas novas que tinha visto bordejando os caminhos da floresta, algo que se movia num espaço ligado à fantasia e à natureza. E quando voltei ao mangal tudo me pareceu cheio de novos significados escondidos por baixo dos significados conhecidos. Em cada fervilhar daquele chão em permanente movimento, em cada perturbação daquele mundo feito de humidade quieta e de calor, eu via moverem-se coisas furtivas por entre as árvores, coisas que estavam para lá do bem e do mal. Assustadoras, mas também maravilhosas.

6

Grande Hotel

Conheço-lhe cada pedra, cresci à sua sombra. Agi secretamente atrás das suas arcadas, aprendi a nadar naquela rampa que já foi piscina e onde hoje se acumula lama grossa sempre que chove, uma lama para a qual ainda assim se inventa utilidade. Anos a fio o seu corpo imenso forneceu à minha infância sombra e desafio. Entrávamos um a um, por uma janela quebrada, com as bicicletas pela mão. A minha era uma *Realty Sports* cor de fogo com o volante invertido, sem guarda-lamas nem protector da corrente — uma arma de combate. Havia-as de várias cores, cada qual tendo custado uma imensidão a conquistar: esperas intermináveis, promessas não cumpridas e mais tarde retomadas; e, um dia, por um qualquer capricho benfazejo, consumadas.

Uma vez lá dentro, pedalávamos em grupo por corredores largos e quietos, o sabor do coração na boca esmaecendo a inicial coragem. Íamos tensos e em silêncio, antevíamos em cada curva o vulto do guardador, um ogre lento e sem idade que nos rogava pragas difíceis de interpretar, duras como pedras. Dávamos a curva e ainda não era ele, e no entanto não nos abandonava nunca a sensação de uma presença.

Prosseguíamos por novo corredor em esses largos, perfurando o silêncio fabricado por umas alcatifas grossas que as rodas pisavam, capazes de amortecer todos os sons. Pedalávamos nessa gruta labiríntica com a consistência das nuvens e o único som era aquele que as rodas produziam, o assobio surdo das coisas proibidas, um roçar constante e agourento.

Nas paredes, enquanto pedalávamos, alternavam-se janelas e quadros. Dos quadros, lembro reproduções de Raoul Dufy com naturezas mortas de flores e frutos, paisagens marítimas ou orquestras sinfónicas, tudo feito em pinceladas apressadas, os violoncelos como nervosos cifrões, os jarros e o velame dos barcos inesperadas manchas claras, os fumos das chaminés borrões de criança,

e havia ainda peixes e conchas e estrelas-do-mar, golas de músicos, pétalas de flores e candelabros de cristal cujo brilho saltitava, o pintor numa urgência de concluir o trabalho para se desobrigar daquele lugar.

A pressa dele entrava em harmonia com a nossa, e a orquestra, os barcos e as flores, entrevistados assim de passagem, afiguravam-se de uma serenidade idêntica à do cenário que se alargava na frente de cada janela que se sucedia a cada quadro da parede: a maré vaza de uma luminosidade fremente na Praia dos Pinheiros, minúsculos vultos catando amêijoas na manhã parada, e seguia-se uma orquestra sinfônica afinando com nervosismo os instrumentos, de volta à janela e era o telhado da casa da minha avó Marcelina espreitando entre as copas negras das casuarinas, e interrompiam-no as velas brancas que engalanavam o alegre porto de Nice, outra vez lá em baixo e era um par de carros como besouros lamentando a perda das asas, num queixume intermitente, e na parede flores tristes encimando o jarro de cristal de uma natureza-morta. Finalmente, ao fundo, depois de todas as janelas e de todos os quadros, imóvel, com uma majestade quase dolorosa, a mancha verde do mangal da nossa infância.



Deixávamos então de pedalar, assombrados pela visão do familiar território visto assim de cima: o mar tão mais manso, as estradas tão mais pacíficas, a praça quase imóvel, com Dona Carol muito pequena no jardim, confabulando

com o jardineiro, a minha mãe assomando à varanda para percorrer o largo com os olhos, o cigarro numa mão. E o mangal daqui afinal tão mais estreito, tão mais inocente, de árvores mais miúdas e menos encrespadas, sem os cheiros e as ameaças que quando dentro dele sentíamos pairando ao redor. E tudo o que nos parecia insuportavelmente nítido ficava agora mais estranho e desfocado, e desta maneira o peculiar edifício do Grande Hotel, gigantesco a ponto de perdermos a ideia da forma que teria, ganhava uma dimensão de aeronave futurista tripulada por um bando de pequenos ciclistas, voando baixo sobre a nossa Ponta Gea.

Enquanto tal acontecia, continuava sem nos largar a dura sensação da tal presença. E todavia não se achava o ogre, devia andar lá por baixo cuspidendo palavras aguçadas para dentro de salas vazias, iludido atrás de um som de gotas grossas de humidade ou coisa assim, cujo eco lhe soaria a gargalhadas de criança. Quem seria?

Foi preciso que decorresse muito tempo, inúmeros voos da grande nave trespassando os anos, para que descobríssemos que quem nos espreitava eram afinal bandos de crianças do futuro, sorridentes e barrigudas, de pés descalços e calções esfarrapados, o nariz sempre pingando. Olhavam maravilhadas a minha *Realty Sports*, as *Humber* e *Raleigh* e *Triumph* dos meus companheiros, algumas também vermelhas, embora de um vermelho não tão fogo como a minha, uma delas com travões de metal e o volante à antiga, outras com rodas brancas e pequenas sacolas penduradas atrás do selim, dentro das quais constava sempre uma chave universal com buracos sextavados dos tamanhos mais diversos, capazes de responder a todas as precisões, e também remendos, pequenas bisnagas de cola, lixa e borrachinhas para os pipos das câmaras-de-ar dos pneus, enfim, recursos para resolver qualquer desaperto menos aquele, inesperado, que nos assolava num terreno que não sendo nosso era-o sempre que ali nos aventurávamos, e era-o mais ainda daquelas crianças que no futuro o habitariam sem o ter escolhido, sem ter ludibriado o ogre para nele entrar, sem ter uma bicicleta para o percorrer. Crianças que por enquanto não víamos, crianças que mesmo no futuro persistiriam na sua transparência. E elas ficavam de longe a fitar-nos com o seu sorriso tímido de crianças, e nós alarmados por não as conseguirmos ver, apenas sentir num adejar de vultos e apertos na garganta, sombras furtivas e uma permanente alegria cheia de gargalhadas cujo eco se espalhava no ar sem origem nem explicação.

De vez em quando vinha-nos um cheiro acre que julgávamos ser dos pós químicos da desinfestação, ou de um fio eléctrico queimando, mas que afinal se

escapava de panelas fuliginosas onde muitos anos decorridos viria a borbulhar uma farinha grossa que mulheres distraídas haveriam de deixar queimar enquanto trançavam os cabelos umas às outras, ou tagarelavam à beira de precipícios criados pelas placas de betão suspensas no vazio (os resguardos corroídos pela sucessão das noites húmidas em que se divide o tempo), e por um inesperado arvoredado brotando sem cerimónias no terceiro andar, lugares altos a partir de onde, com os gestos largos de quem ainda semeia campos, por não se saber já na cidade, elas haveriam de atirar sacos de lixos inomináveis que se abriam em leque em pleno céu antes de tombar como uma chuva doentia e pestilenta ali onde é, neste passado que hoje recordo, o jardim que atravessávamos com as bicicletas, um a um, para chegar à janela partida que só nós e o ogre conhecíamos, ou onde pendurariam, para secar, os panos encardidos acabados de lavar na lama da piscina, como se estivessem tomando conta das suas próprias mortaldas.

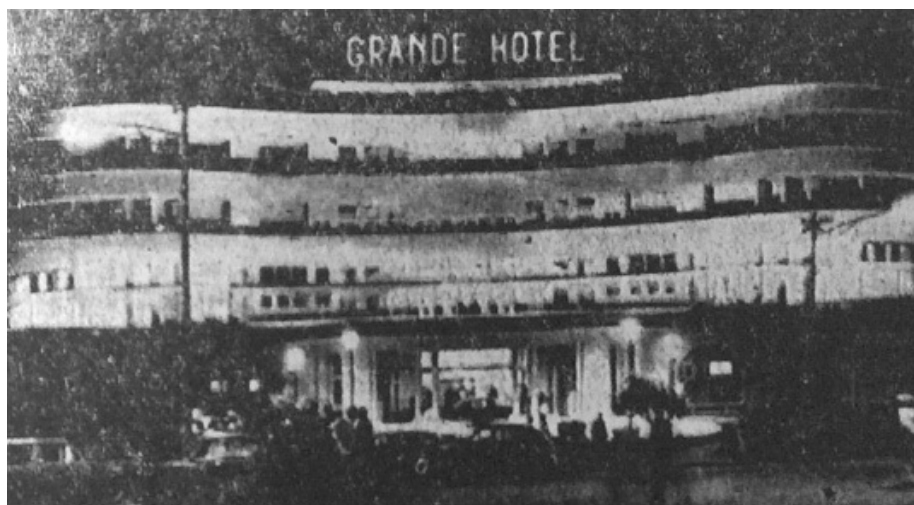
Recordo a inquietação inexplicável que me assaltava ao suspeitar da possibilidade de ali poder andar uma criança gatinhando, esquecida junto à imensidão cinzenta que se seguia ao parapeito, na margem da algaraviada distraída das mulheres, e eu nesse tempo sem ser capaz de alertá-las para a tragédia iminente, sem conseguir ver ainda essa criança, nem sequer imaginá-la, apenas senti-la como ligada a uma incómoda pressão sobre o peito, uma espécie de horror à vertigem que me assola sempre que me encontro nas proximidades desses precipícios do tempo.



Por vezes deixávamo-nos estar tempos infinitos nessas mesmas varandas, a

olhar o pôr-do-sol. Sentados ao lado uns dos outros, muito juntos, as bicicletas empilhadas, as crianças do futuro um pouco atrás, olhando-nos com admiração e rindo. Imaginávamos o mundo todo parado, os gestos e o vento interrompidos no acto, as bocas abertas, as palavras travadas a meio, e o silêncio resultante era uma espécie de vénia que a tarde e a praça nos faziam. Mas logo em seguida, surdo aos nossos anseios, o sol de fogo despenhava-se atrás do mangal, na direcção da cidade, e as coisas retomavam o seu curso, devolvendo-nos à nossa pequenez.

Outras vezes, por ser ainda cedo, ou por intuirmos a ausência do ogre, atrevíamos-nos a ir mais fundo, encetávamos as nossas vinte mil léguas submarinas num mergulho até ao centro do bicho, o átrio onde desaguava a majestosa escadaria em caracol, de cujo tecto pendia um imenso lustre de cristal, glória da nossa nave espacial, o seu computador central, o HAL 9000, um tesouro que antes do nosso tempo semeara grãos de luz na pele dos vultos perfumados e vestidos a rigor da *boîte de nuit* onde o conjunto musical de *Rubin Stein* interpretava rumbas e chá-chá-chás, tangos e paso-dobles salerosos, e que no nosso tempo ficou vazio e triste assim como o vemos, os veludos despropositados, os baldes do frapê vazios, as prateleiras do bar sem copos nem garrafas, e que depois do nosso tempo será transformado em praça pública, terreiro de combate delimitado pelas colunas próprias dos rituais, e nós parados a um canto, muito juntos, de olhos muito abertos, sentindo a acesa discussão das compras e das vendas, as ameaças e intimidações da polícia e da política, e as outras crianças olhando ainda e sempre as bicicletas, e nós seguros de que o lustre, que levaríamos connosco em certa noite de lua nova, em que o ogre estaria dormitando, nos tornaria ricos e poderosos, sem sabermos que a ideia não era original.



Por vezes partia cada um a explorar a ala que lhe cabia. Experimentávamos, uma a uma, as portas dos quartos, quase sempre trancadas para esconder os seus mistérios. Quando acontecia o milagre de uma que se abria seguia-se um pequeno espaço quase cândido, as camas feitas e as colchas sem um vinco (como se fosse ontem e não há muitos anos que alguém ali dormira), nas paredes mais uma natureza morta ou uma pequena paisagem, e nas janelas grossas cortinas cerradas, rasgadas aqui e ali por lâminas de luz crua que nos feriam a retina e punham a reparar na passagem furtiva de estrelas e de fantasmas. Nessa altura, presos ainda a uma

mentalidade infantil, achávamos tratar-se de hóspedes antigos que por qualquer razão haviam ficado para sempre aprisionados no hotel quando este encerrara as suas portas: gente apanhada nas malhas do álcool e do jogo, prostitutas caras que um capricho do destino atraiu até esta derradeira armadilha, caixeiros-viajantes solitários cruzando as colónias portuguesas com as suas malas de amostras de elixires e loções milagrosas, donas de casa enlouquecidas por jovens amantes franceses, comerciantes de vinhos que uma angina de peito surpreendeu sozinhos neste lugar, artistas de variedades presos a monótonas noites de falsa alegria. Enfim, uma multidão triste e traída pela abrupta interrupção de um projecto delirante, sem ter lá fora quem a reclamasse. Perdidos nesta estéril conjectura, cegos por aquela luz que nos punha os olhos em sangue, escapavam-nos famílias inteiras dormindo muito juntas para se proteger, obscuras transacções interrompidas pela nossa presença (nós próprios jovens ciclistas-fantasmas chegados do passado para assombrar os novos habitantes destes quartos), cabeleireiras tecendo desvairadas tranças,

empregados que saíam cedo e entravam tarde, drogados e bêbados exercendo o vício, polícias que a folga tornava parecidos com meros civis e mesmo bandidos, escultores e ourives de fancaria martelando lentamente as suas minúsculas obras, de óculos foscos e olhar vazio.

Num desses quartos, salvo erro o 302, deparei certa vez com uma mulher muito velha. Na altura a visão sobressaltou-me, fechei logo a porta, mas anos mais tarde vim a reconhecê-la num quadro de Hopper, o pintor. A bem dizer, a diferença entre a mulher de Hopper e a minha era abissal: a dele era branca e talvez jovem, sentada numa cama ao lado da mancha verde de uma austera poltrona. No meu caso, a mancha verde era uma inesperada árvore brotando no chão de cimento do quarto (dos ramos pendendo uns miseráveis farrapos a secar), e a figura uma velhíssima mulher negra sentada nos restos de uma esteira esfiapada sobre o chão. Enfim, eram mulheres as duas. Unia-as a mesma nudez de corpo e alma, a mesma e perturbante solidão. Uma solidão tão forte que esbatia afinal todas as diferenças. De tal forma que cheguei ao ponto de me perguntar quando havia Hopper estado aqui, em que circunstâncias conhecera a velha mulher, e como era possível que se retratasse de um modo assim exacto a solidão no seu estado essencial e puro.

E, ante a perspectiva de vir a crescer com a dor destas suspeitas, precipitei-me para fora do quarto aos gritos, chamando pelos meus companheiros, e disparámos pelos corredores fora nas nossas bicicletas, à procura da saída. Havia neste lugar assombrado uma doença de que era preciso escapar. E, ao fazê-lo, demos por nós levando na garupa as crianças que no futuro viriam a pulular por ali, que íamos recolhendo enquanto pedalávamos. Só elas conheciam o caminho para fugir do inferno, tão diferente agora daquele em que chegáramos, só elas nos podiam salvar. Se as bicicletas tinham bagageira, como as *Humber*, era ali que as levávamos; se não, iam sentadas de lado no quadro, entre os braços do ciclista, ou mesmo, no caso das mais ousadas, empoleiradas no volante, ou ainda atrás, com os pés assentes nas saliências do eixo da roda.

À medida que passávamos, a já esgarçada alcatifa ia-se desfazendo de tão gasta, ficando assim à mostra o cimento cru e as pontas de ferro do betão, ossatura de um velho peixe a que o tempo tivesse esfarelado a carne. Algumas chegavam mesmo a morder-nos como espinhos de micaias de metal, provocando uma dor aguda que mais tarde viríamos a aprender ser a dor do crescimento. Rodávamos cada vez mais rápido. Os vidros e lâmpadas explodiam à nossa passagem, os aros das portas e janelas saltavam e

desapareciam, devorados por pequenas fogueiras domésticas que desafiavam a escuridão. Os fios eléctricos, tirados das calhas esventradas, eram furtivamente vendidos por quem desaprendeu de distinguir os sentidos originais das coisas para ser capaz de instalar no seu lugar o sentido original da sobrevivência. Nas paredes, desaparecido há muito o apressado Dufy, avançavam os ramos das árvores como braços de polvo, e os fungos eram pinceladas gigantes de um tresloucado Hopper, afadigado agora a pintar o retrato do tempo e de uma colectiva solidão. Entretanto, a árvore do calendário ia deixando cair as suas folhas e as crianças das barrigas protuberantes incitavam-nos a pedalar mais depressa, conhecedoras dos perigos deste mundo muito mais que nós. Era urgente encontrar uma saída!

E felizmente que, tal como ludibriáramos o velho ogre das palavras aguçadas para conseguir entrar, ludibriaremos também os ogres das crianças barrigudas para nos escaparmos por uma fenda aberta para a rampa principal, e dali para a rua, que vamos ganhar para em bando — elas e os seus fantasmas — nos afastarmos pelas planícies do futuro, enquanto a nave implode nas nossas costas levando consigo os velhos e novos ogres deste mundo ainda e sempre insano.

7

Dona Carol

Havia uma fiada de casas ao longo da rua. Atrás das casas, um pequeno parque que na minha geografia desse tempo se achava muito próximo da ideia de paraíso: caminhos de curvas suaves onde as bicicletas evoluíam como patinadores no gelo, relvados ondulados onde irrompiam alguns arbustos em que nos podíamos esconder para ficar connosco próprios nessa idade de monólogos tão fundamentais, enfim, fins de tarde ligeiramente atemorizadores por nos descobrirmos sós, mergulhados no cacimbo e atrasados no regresso a casa.

Para ir da rua ao parque era necessário dar uma volta pela praça, ou então atrevermo-nos por uma passagem estreita que havia entre duas casas da referida fiada, um corredor de uns vinte metros cuja travessia — por não sabermos se era caminho público ou o prolongamento de uma zona privada desse modo devassada — constituía uma ambígua viagem. Várias vezes parei no passeio, à boca do corredor, sopesando os temores que nessa altura me assaltavam,

Vou? Não vou?,

sem me decidir se me submetia a eles ou me deixava ir atrás de uma curiosidade nesse tempo sem limites, uma imperiosa necessidade de ver um pouco mais da casa, que no meu critério de então se achava muito perto da ideia de casa perfeita, um todo feito de duas metades: a que dava para a rua, discreta e recatada, mais preocupada em proteger do que em mostrar, ao passo que a outra se derramava alegremente sobre o parque, com as suas portas de vidro de correr e uma ampla varanda no primeiro andar.



O corredor, ao proporcionar a travessia, era também um álibi perfeito para observar melhor a casa. Eu inspirava fundo, como se só chegado ao parque do outro lado pudesse voltar a ter acesso ao ar, e metia-me a caminho em passo apressado, com a expressão de quem tinha por fito atravessar e nada mais.

Quando comecei a empreender estas travessias levava os olhos sempre pregados no chão de cimento do corredor e, portanto, só através dos sons me apercebia da actividade da casa. A bem dizer, fazia-o por meio das respostas do jardineiro, já que a senhora tinha por hábito falar num inaudível murmúrio: sim senhora, já havia colocado as estacas nas roseiras; sim senhora, já havia acrescentado terra nova por baixo dos canteiros de manjerico; sim senhora, já havia regado o alecrim com pouca água, como a senhora recomendara.

Quanto a mim — que conhecia melhor os baldios com os seus capins silvestres e minúsculas flores sem nome, que só sabia das enormes vagens secas com que nós, pequenos espadachins, nos armávamos para a batalha, enfim, que dos frutos apenas achava interessantes aqueles que se deixavam comer ali na rua e cujos caroços serviam de munição para as nossas incursões, como as maçanicas — quanto a mim, dizia, todo aquele mundo onde se misturavam plantas de comer e flores de jardim com nomes desconhecidos me parecia extraordinariamente exótico.

Num fim de tarde ligeiramente frio de Junho, regressava eu do parque pelo corredor (salvo erro era a terceira ou quarta vez que ousava percorrê-lo), senti que a casa estava vazia e resolvi olhar melhor. Cheguei mesmo a parar para inspeccionar todas aquelas plantas que ouvira referir nos obedientes fragmentos do jardineiro. Fi-lo com vagar, procurando conferir se de facto a paisagem

sonora que conhecia correspondia a esta que agora via, cheia já de sombras, contígua a um conjunto de portas de vidro que ligavam ao interior da casa, de onde não emanava qualquer luz (sem dúvida haviam saído). Maravilhava-me o facto de os donos, dando apenas um único passo, poderem achar-se dentro ou fora de casa.

Por cima destas portas, no primeiro andar, abria-se a varanda que já referi. Por essa altura dei-me conta de que ainda não tinha reparado nela. Levantei os olhos e, com um estremecimento, senti a presença da senhora no escuro. Muito quieta, a mão pousada no parapeito, seguindo intrigada a minha pose indagadora. Era quase só um vulto. Perguntava-se, sem dúvida, o que poderia interessar-me tanto no seu jardim.

Desviar simplesmente o olhar não seria sensato da minha parte, pensei. Pareceria estranho, pouco educado, suspeito até. Sustive-o, portanto, encarando com coragem aquela figura de estatura miúda perdida na imensidão já escurecida da varanda.

Tudo nela condizia com a notícia que corria, de que era uma princesa indiana. Envergava um sari muito mais luxuoso do que aqueles que me habituara a ver na cidade, atrás dos balcões das pequenas lojas de comércio. Parecia salpicado de lantejoulas brilhantes que, embora esparsas, eram capazes de captar uma luz já praticamente inexistente e com ela incutir nos movimentos do corpo uns requebros sensuais. Sim, apesar da sua estatura tinha um porte altivo de princesa, projectava uma espécie de distanciamento que era menos uma atitude que uma natureza.

Mas o rosto, ah!, o rosto estava muito longe daquilo a que nos conduzia o resto, muito longe daquilo que eu imaginara. E, todavia, foi a visão desse rosto que levei gravada para casa quando estuguei o passo para fugir dali, por causa dele e por estar já atrasado. E, no sonho dessa noite, a visão retornou com nitidez e era o rosto escuro de Khali, a deusa do mal e dona do tempo. E esse domínio do tempo permitia-lhe, apesar de tão antiga, enrolar com aquele sari um corpo que falava ao meu como se tivessem os dois a mesma idade: irrequieto, malicioso, juvenil.

Os olhos, ah!, os olhos eram duas pérolas negras de uma irascibilidade fulgurante. E a língua, comprida e da cor do fogo, entrava e saía sem cessar para nos dar a entender que havia um obscuro interior onde ia repetidamente humedecer-se, assim como um aparo mergulhando no tinteiro para poder prosseguir com a escrita de uma história diabólica. A tez era escura, já o disse, marcada por rugas que resultavam como uma espécie de caligrafia do ódio.

Durante toda aquela noite Khali brincou com a sua vítima quase ainda infantil, atirando-lhe ao mesmo tempo com o desejo e com o terror.

* * *

Na noite fria de 9 de Fevereiro de 1908, por ter descido da grande cordilheira um vento agreste, apesar de já ter sido dobrado o pico do Inverno, nascia na casa de um homem chamado Talib-ud-din, nos arredores de Amritsar, Estado de Punjab, uma criança do sexo feminino a que deram o nome de Carol. Este nome, claramente ocidentalizado, assinalava o termo de uma transição levada a cabo pelo pai da criança, um inquieto indagador que, embora filho de um *mullah* muçulmano, desertara da crença para abraçar o cristianismo. Em urdu, Talib-ud-din significa «aquele que procura a fé», traduzindo por isso quase tudo o que ocupava os dias e enfunava os actos do homem. Todavia, o nome que deu à filha não era de procura, mas sim como se ela, por meio do pai, tivesse já encontrado, e portanto não necessitasse de continuar a procurar.

* * *

Levantei-me, febril, e fui até à cozinha beber um pouco de água. Lembro-me nitidamente das garrafas que usávamos nesse tempo, de plástico duro, ligeiramente rugoso por fora, com três espessas nervuras verticais de cada lado e uma tampa grossa, também de plástico. Garrafas que davam à água um sabor particular.

* * *

Carol cresceu em tempos agitados. Tinha seis anos quando rebentou a Grande Guerra e com ela uma revolta *sikh* que trouxe enormes sobressaltos à região; oito, quando o Mahatma e Annie Besant desafiaram abertamente a autoridade colonial e Amritsar contou mais de trinta mortos entre a multidão que tentava impedir que levassem Kitchlew e Satyapal sob prisão, sabe-se lá para onde. Acabava de fazer onze anos, uma menina ainda, quando o brigadeiro Reginald Dyer deu ordem de fogo aos vinte e cinco soldados *gurkhas* do 54º regimento *sikh* e aos restantes *pathans* e *baluchs* do 59º dos Sindh Rifles. Na ocasião, os populares tentavam escoar-se pelas poucas

entradas do largo e Dyer, o infame carniceiro de Jallianwala Bagh, que Kipling teve o desprazer de mais tarde enaltecer, gritava aos seus soldados que mirassem mais baixo e com mais precisão.

* * *

É natural que um contexto tão violento tivesse inscrito fundas marcas no rosto da mulher, e no olhar certa dureza. Mas isso só em raros momentos vinha ao de cima, como uma súbita transfiguração que nos deixava perplexos por não termos a certeza de qual dos dois estados era afinal o verdadeiro. Sim, porque na maior parte dos dias prevalecia a bondade do ar e a juventude da silhueta, até porque eu a via de longe, quando atravessava mais uma vez o corredor e ela se encontrava nas habituais confabulações com o jardineiro, levantando o braço como quem declama, no gesto tão trivial de ajeitar a ponta do *sari* sobre o ombro. Tantas vezes tal aconteceu que fui perdendo o receio de atravessar e ela, por seu turno, me foi enviando sinais amigáveis sempre que me via fazê-lo. Olhares de reconhecimento e até, certa vez, um inesperado aceno. Sem trocar uma palavra, tornámo-nos amigos.

* * *

Carol partiu para Lahore por volta de 1930, a fim de frequentar a universidade. Se esta opção constituía um forte sinal de autonomia (seriam raríssimas, à época, as mulheres indianas que prosseguiram estudos universitários), há que ter em conta que embora mais tarde, com a separação do Paquistão, tivesse crescido até ao tamanho do mundo, a distância entre a universidade e a porta de sua casa não passaria na altura de uns meros quarenta quilómetros. Além disso, o seu pai ascendia rapidamente na hierarquia da igreja (era o primeiro moderador eleito da Igreja Presbiteriana Americana da Índia), o que significava poder e capacidade de protecção. É importante referir que ainda antes do nascimento de Carol já o pai adquirira uma certa notoriedade, por circunstâncias como a de figurar como co-autor, em conjunto com Puran Chand Uppal e o pastor James Joseph Lucas, de um importante opúsculo dirigido aos membros da igreja presbiteriana dos Estados Unidos da América (*To the Members of the Presbyterian Church in the U. S. A.*, edições [Synod of India](#), 1904). Isto não surpreende, uma vez que se vivia uma altura

em que, para usarmos as palavras de E.M. Wherry, «muitos muçulmanos se mostram descontentes com o Islão, colocando-se por isso a questão de os conduzir até Cristo ou deixarmos que procurem conforto na fé racional de Sayad Ahmad». A instituição optou, claro, pela primeira alternativa, recorrendo cada vez mais à utilização de prosélitos para a propagação da fé. Este trabalho de base tinha aliás uma tradição. Já em 1872, o Primeiro Seminário Teológico de Allahabad contava no seu corpo docente com um professor de Islamismo, um tal J.H. Morrison. Dez anos mais tarde, o Seminário de Saharanpur tinha dois leitores dedicados ao trabalho com muçulmanos, nomeadamente J.C.R. Erwing e o referido E.M. Wherry. Este trabalho deu os seus frutos com a multiplicação de jovens indianos prosélitos. Começaram a surgir as primeiras missões dirigidas por indianos para o trabalho com indianos. É este o contexto em que surge Talib-ud-din.

Voltando à rapariga. Terminou o curso de letras e regressou à casa paterna e, entre as paredes desta, a um quotidiano de puro tédio: nem era dada a seguir as pisadas do pai no universo da religião nem fazia já qualquer sentido regressar a um passado tão indiano de submissão feminina, que na verdade nunca chegara a ter. Na altura em que ainda procurava uma ordem para as coisas, e o seu lugar dentro dela, o mundo entrou novamente em guerra. Uma guerra terrível, sangrenta. E embora tudo se esfume em incerteza, dizem-me a intuição e certas pistas que os combates lhe terão levado o irmão mais novo.

O caminho é fácil de seguir: deixa-se o aeroporto de Chittagong, no Bangladesh, e percorrem-se pouco mais de vinte e dois quilómetros para norte até chegar às cercanias de Chatteshanry Road, bem conhecida por levar ao templo hindu de Kali Bari. Aí, já dentro da localidade de Dampara, toma-se a Basha Mia Road, em cujo número 19 se localiza o cemitério de Chittagong para as vítimas de guerra da Commonwealth. Dos seus registos consta um certo Talib-ud-din, soldado do Indian Pioneer Corps, morto em combate a 20 de Fevereiro de 1945 com a idade de 28 anos, registado com o número 545577, enterrado numa campa com a referência 4.D.1. Nos cadernos, figura ainda uma arreliadora informação, a de que seria filho de Abdul e marido de Hasni Bibi, ambos de Saidabad, nos arredores de Dacca, Paquistão. Talib-ud-din é um nome vulgar, dir-me-ão, mas o mais provável é tratar-se de um erro de registo, muito comuns naquele e em outros cemitérios, onde os funcionários levam a cabo a sua monótona função com a cabeça posta em outros assuntos. Em 1945 ainda não existia Paquistão, além de que não é um facto isolado que vai *perturbar*, digamos assim, um encadeamento praticamente irrepreensível.

A morte do irmão — é ainda a intuição a decidir — prendeu Carol à casa paterna de uma maneira irremediável (a mãe não suportaria a ausência de um segundo filho, ainda que do sexo feminino). Poderá ter-se dado o caso, em alternativa, que o facto de ser licenciada, numa altura em que raras mulheres ousavam trilhar esse caminho, tenha constituído poderoso obstáculo a um possível casamento. O que interessa é que alguma coisa aconteceu para fazer com que Carol permanecesse na casa paterna até tão tarde, mesmo depois que se mudaram todos para Bombaim. Sim, porque em 1947 veio a independência do Paquistão e a casa dos Talib-ud-din passou a estar na linha da fronteira, uma fronteira desenhada pela pior espécie de ódio, o dos justos que sentem ser sua missão impor aos outros a sua justiça. A permanecer na sua terra, os Talib-ud-din acabariam por ser encarados como os mais desprezíveis entre todos os traidores, aqueles que renegam a religião.

* * *

Um dia, no parque, cruzámo-nos. Eu evoluía na minha bicicleta *Realty Sports* cor de fogo, assim como um patinador descrevendo curvas largas e suaves sobre o gelo, e Dona Carol passeava com o marido e os seus dois cães *chow chow* cujo nome, apesar de um reiterado esforço, não consigo hoje lembrar. O casal ia sorridente. Por esses dias o marido oferecera-lhe um presente especial, um *ex libris* de sua própria autoria que representava um majestoso pavão com o dizer *Paraty* em caracteres arábicos sob uma coroa condal na parte superior direita, e na inferior esquerda a frase em urdu *Ye Carol ki ketab hai*, que significa «Este Livro é de Carol». De ascendência aristocrática, ele atribuía grande importância a estas coisas e esforçava-se por incutir nela os valores que lhes estavam subjacentes.



Percebi que não tinha tempo de chegar antes deles à bifurcação onde os nossos caminhos se cruzavam. Por outro lado, era já tarde para recuar, ficaria demasiado óbvio o propósito de os evitar. Por conseguinte, só me restou desmontar, encher-me de coragem e preparar-me para passar por eles com a bicicleta pela mão. O marido envergava uma camisola de malha cor de vinho sob o habitual *blaser* azul ultramarino, Dona Carol, um luxuoso sari de seda azul, muito escura, com nervuras douradas que apareciam e desapareciam ao sabor do movimento, sobre um *choli* de uma cor difícil de interpretar, próxima da beringela. O conjunto emitia uma luz leitosa idêntica à da cauda de um pavão, e ocorre-me agora que talvez tenha sido esta a inspiração do marido. A meio da testa, ostentava um vistoso *bindi* cor de sangue. Os cães sem nome corriam em volta, farejando os arbustos.

Quando nos cruzámos, Dona Carol acenou-me amigavelmente. Por qualquer razão o gesto humilhou-me. Preferi mil vezes que tivesse passado por mim fingindo não me conhecer, ou até que não me tivesse visto de facto. Mas não: levantou a mão e acenou-me, ao mesmo tempo que comentava em voz baixa qualquer coisa e o marido se inclinava para ouvir. Talvez tenham sido inócuas

frases soltas, gestos ainda de agradecimento pelo presente. Mas na altura tive a certeza de que conversavam sobre mim, sem dúvida acerca das minhas passagens pelo corredor.

Voltei a montar a bicicleta e o caminho agora era rugoso, cheio de pedras aguçadas. Estava frio e o cacimbo era áspero e irritante como fios de algodão em rama. Pedalei carrancudo para casa, ciente de que estes acontecimentos me voltariam a perturbar a noite.

* * *

Bombaim revelou-se afinal muito diferente de um retrocesso para a família Talib-ud-din. O patriarca consolidou a sua posição, ganhou ainda mais notoriedade, começou a viajar por todo o Oriente. De uma dessas viagens chega-nos uma notícia cheia de pormenores, embora lacunar. Talib-ud-din embarcou com a esposa no *Castel Felice*, um vapor carregado de emigrantes do Reino Unido e de Itália com destino à Nova Zelândia, estava-se em meados de Julho de 1955. A viagem foi terrível, o casal enjoou durante grande parte do percurso. Mas enfim, a 14 de Setembro estão em Naenae, um subúrbio de Lower Hutt, cidadezinha não muito distante de Wellington. Nesse dia, o programa da Igreja Presbiteriana de Knox anuncia aulas sobre a Bíblia às dez da manhã, serviço religioso às onze e, por fim, uma reunião social às sete da tarde para que a pequena comunidade possa receber e conversar com o doutor Talib-ud-din e sua esposa. Pouco mais se sabe, apenas que depois do chá, servido com os habituais biscoitos de manteiga de Mrs. Nightingale, e por cortesia, ele iniciou a sua intervenção com a frase em maori, *No reira waiho ko te aroha o Te Matua Kaha Rawa hei korowai mou!* («Que o amor de Deus Todo-Poderoso vos inunde!»).

* * *

Tenho ideia de um grande mal-estar nocturno, de uma noite quente passada quase toda à varanda, com a garrafa de água na mão e no maior dos silêncios para não acordar os meus pais, que dormiam no quarto do outro lado da parede. Um mal-estar que na altura penso ter identificado com rancor (nas idades tenras atravessamos facilmente, de um extremo ao outro, toda a gama de emoções). Rancor pela humilhação naquele dia no parque, rancor pelo sorriso

que ela agora ostentava sempre que nos víamos, um sorriso suficientemente poderoso para, ao perdoá-las, reduzir a cinzas as minhas obscuras intenções.

Entretanto, o marido, qual mestre-de-cerimónias, partia e chegava a horas certas no seu *Peugeot 404* cor de vinho (ou azul escuro, já não sei bem), dirigido por um circunspecto motorista. Saía às sete e meia e regressava ao meio-dia para o almoço, voltava a sair às duas, depois da sesta, e reaparecia às cinco, como um relógio que com estes quatro movimentos fizesse avançar os dias.

* * *

Enquanto os Talib-ud-din exercitavam a fé a grande distância de casa, Carol desfrutava a liberdade de frequentar algumas festas de sociedade em Bombaim. Terá sido numa delas que conheceu Dom Miguel de Paiva Couceiro, capitão da marinha portuguesa e antigo governador de Diu. A bem dizer, estão-nos vedadas as circunstâncias em que os dois se conheceram, tal como é misteriosa a razão da presença de Dom Miguel no salão de Bombaim onde se terão cruzado. Evidentemente que a hipótese mais forte seria a de já se conhecerem desde os tempos em que Dom Miguel governava Diu. Afinal, sendo este o mais isolado dos territórios portugueses da região, é natural que de vez em quando o seu governador desejasse atravessar o Golfo de Khambhat para se distrair na cidade grande. Mas infelizmente isso é pouco provável uma vez que Dom Miguel se demitiu do cargo em 1949, agastado com o governador de Goa, de quem dependia, e rumou a África onde, após uma curta passagem pelo Rand, se estabeleceu na cidade da Beira como administrador da Companhia Colonial do Búzi. O mais provável então é que amizades antigas, ou a nostalgia das glórias de outrora, ou ainda a chamada *magia do oriente*, o tenham levado a regressar à Índia para curtas estadias sempre que surgia uma oportunidade. Dom Miguel estava de bem com a Índia independente. Durante o seu governo lograra mesmo romper o bloqueio alimentar que fora imposto ao pequeno território de Diu, estabelecendo boas relações com Samaldás Ghandi, ministro do gabinete do vizinho Estado de Saurashtra e sobrinho do Mahatma.

De qualquer maneira, isso agora pouco importa. Importa sim este ambiente de balcão amplo debruçado sobre o mar, a lua quase cheia, o suspiro das árvores negras lá em baixo, a curva descrita pelas luzinhas brancas seguindo a linha da baía; este ambiente de um azul violento, com Dona Carol encostada ao parapeito a fumar um *Balkan Sobranie* turco e negro, de formato ovalado e

cheiro acre, cuja agressividade a brisa que soprava a espaços, muito ligeira, diluía. Dom Miguel aproximou-se desta mulher de meia-idade, para ele, por razões misteriosas, imediatamente irresistível. O gesto era premeditado. Trazia na mão dois *flutes* de champanhe e envergava a farda branca da marinha, apesar de passado à reserva havia já dois anos. Propôs-lhe trocar um dos copos por um cigarro, um jogo introdutório como qualquer outro, mas afinal Dona Carol recebera lá dentro o cigarro que fumava, já não sabia de quem nem em que circunstâncias. Ele simulou desapontamento, mas estendeu-lhe ainda assim o copo prometido. Ela, num ousado gesto que fazia tábua rasa das boas maneiras, ofereceu-lhe em troca aquele cigarro meio fumado, com violentas marcas de *bâton* no filtro dourado. Conversaram. Riram, apesar de a noite estar pesada, carregando, sem que se soubesse porquê, um sentido trágico. Dona Carol recordou os tempos da universidade, as passeatas de protesto em que fizera sempre questão de tomar parte, com isso adensando o fascínio que já despertara no interlocutor. Toda ela era mistério e sabia tirar proveito disso. Dom Miguel, por seu turno, tinha também matéria com que impressionar a mulher: o condado de Paraty por via de sua mãe, a brilhante carreira militar e, mais perto, o governo de Diu. Mas era da sua natureza muito mais ouvir do que falar, tudo o que dizia de si era sempre muito pouco e tinha de ser arrancado.

Encontrar-se-iam mais vezes (Dom Miguel tinha agora razões acrescidas, poderosas, para atravessar o Índico sempre que podia), e aquela marca de cigarros passou a ser mais um dos inúmeros símbolos que escolhiam para os unir.

* * *

Um dia, tinha eu atravessado o corredor com a bicicleta pela mão, vindo do jardim, e estava já no passeio em frente à casa, pronto a ganhar a rua e a afastar-me dali, quando Dom Miguel me interpelou. Mil pensamentos me ocorreram, violentos, absurdos. Iria agarrar-me pelo pescoço, acusar-me de um crime inominável. Acabava de regressar, na garagem o *Peugeot 404* azul ou cor de vinho emitia ainda aqueles estalidos de bicho que arrefece. Envergava o habitual *blaser* azul-escuro de abas largas e botões dourados com minúsculas âncoras em relevo, e o *foulard*, esse sim, definitivamente cor-de-vinho, com microscópicos motivos numa tonalidade de marfim. Tudo nele era feito de detalhes, como se tivesse sido antes longamente pensado; como se costuma dizer, amadurecia as coisas. Era, portanto, mais que natural que tivesse

investigado com minúcia as minhas faltas de cuidado, as minhas ousadias e prevaricações. Vinha agora cobrar-me tudo isso ao pormenor, quiçá exigir uma justificação para a invasão de propriedade que aquelas travessias significavam. A água-de-colónia que usava, embora discreta, era mais uma peça a encaixar perfeitamente no *puzzle* da ameaça.

Como te chamas?, perguntou-me.

Estaquei, as pernas ligeiramente afastadas mas firmemente assentes, a bicicleta pela mão, do lado direito. Cerrei os dentes, decidido como nos filmes a revelar apenas o essencial: nome, data e local de nascimento. Nada mais. Resistiria com todas as minhas forças ao interrogatório que ele se preparava para me fazer. Sorriu, como se compreendesse a inutilidade do seu esforço, e limitou-se a estender-me um livro com a recomendação de que o entregasse a meu pai. Em seguida, virou-me as costas e entrou em casa.



Resistindo a cair em mim, achei que o homem era exímio na arte da dissimulação. Folheei o livro. Estava autografado e continha uma inócua dedicatória (*Para o fulano de tal com amizade, etc.*). O conteúdo estava longe de esconder uma ameaça. Ah, mas com a capa as coisas ganhavam enfim um sentido. Era lilás, com duas janelas orientais e um enigmático fantasma sem

cabeça pairando no ar. Lá fora, vogava aquilo que parecia ser a coroa condal, mas invertida, precisamente aquela que constava do *ex-libris* da esposa, significando possivelmente aquilo que me aconteceria se não tomasse cuidado, ou então que ele próprio perdera a cabeça e se preparava para executar uma vingança cujo primeiro passo era aquela abordagem que me fazia. Quais seriam os seguintes? Inquieto, apressei-me no caminho de casa.

* * *

Nova noite de insónia. A 21 de Janeiro de 1959, a escassos dezanove dias portanto da celebração do seu quinquagésimo primeiro aniversário, Dona Carol dirigiu-se com Dom Miguel ao Pearl Hospital, na cidade de Colombo, por ter sentido no hotel uma indisposição. Lá, constatou-se ser coisa ligeira, provavelmente um pequeno ataque de ansiedade provocado pela importância do dia. Deixaram o hospital, tomaram a Avenida H. Joe Perera Mawatha, viraram à direita na De La Salle Street, prosseguiram à esquerda pela Elie House Road até ao cruzamento com a Galle Road, em cujo número 73 se localiza a igreja de St. Andrew's Scots Kirk, onde estava marcada a cerimónia do casamento. A razão da escolha de Colombo, ou mesmo deste local, é outro dos mistérios que provavelmente nunca se esclarecerão. Desde que o Ceilão ascendera à independência, em 1948, esta igreja começara compreensivelmente a perder muitos dos seus fiéis britânicos e a ganhar um número crescente de frequentadores asiáticos, com isso se difundindo o seu nome na região. Talvez tenha sido por isso, ou mesmo por o pai de Carol ser amigo do pastor (como sabemos, há muito que a influência do velho Talib-ud-din ultrapassara as fronteiras da Índia). Há ainda, claro, a hipótese de um capricho de Dom Miguel, enfim, de uma fantasia dos dois. As possibilidades são quase infinitas.

Depois da cerimónia, que foi curta e muito simples, tomaram um táxi e desceram novamente a interminável H. Joe Perera Mawatha, ao longo das instalações portuárias, até à Khan Clock Tower, onde viraram para o centro da cidade, que atravessaram para chegar a Beira Lake, sob uma chuva miudinha. Ali almoçaram e passaram a maior parte da tarde. Esta opção faz todo o sentido uma vez que era numa outra Beira, a africana, que vivia Dom Miguel há meia dúzia de anos. De qualquer maneira, também se pode dizer que, a ter sido coincidência, foi premonitória uma vez que a cidade da Beira veio a ser palco dos dias mais felizes do casal. Entretanto, comeram ostras com o inevitável champanhe, um Cristal de garrafa transparente que Dom Miguel encomendou

para esta ocasião especial em memória de uma certa noite em Bombaim, quatro anos antes. Seguiram-se umas deliciosas lulas picantes com laranja, uma velha receita de Diu muito do agrado de Dom Miguel, e que este entregara previamente ao cozinheiro do restaurante para ser seguida à risca (uma receita que veio aliás a ser incluída no livro *Diu e Eu* com a curiosa designação de «Lulas à Coge Çofar»). Com o café, fumaram os inevitáveis *Balkan Sobranie* de folha negra e filtro dourado. O fumo acre, inconfundível, elevava-se da mesa, passava através do janelão escancarado e dissolvia-se na chuva agora grossa e pesada, renovadora, que caía lá fora. Nessa altura Dona Carol manifestou o desejo súbito de ter dois cães chineses de língua azul, um de cada cor, anunciando logo ali que se chamariam Ming e Chang (chega-me finalmente, pela voz dela, o nome dos bichos). Sorrindo, Dom Miguel prometeu satisfazer o seu capricho.

* * *

Como disse, passei por ali inúmeras vezes, numa altura em que por assim dizer ainda pedalava fantasias. Na maior parte delas concebia-a alheada de tudo, dando ordens num sussurro a respeito de uma planta, mas na verdade alheada de tudo, como se tivesse o pensamento posto na noite. Nos melhores dias, aqueles em que estaria ligada às coisas que a rodeavam, olhava para cima numa ansiedade, como se lhe fosse imprescindível saber o estado do tempo. Quanto a mim, prendia-a na teia da única religião que aparentemente não tivera. Ela era Khali, a poderosa, gerindo o universo das plantas do jardim perfeito daquela casa também perfeita, e eu assistia a tudo de cima da minha bicicleta. Às cinco da tarde, assim que Shiva chegava ao Monte Kailash de *blaser* azul de botões dourados, no seu *Peugeot 404*, o tempo parava. O dia escurecia, eu retirava-me e o jardim era uma pradaria incendiada por onde erravam Ming e Chang com fiapos de carne humana nos dentes e as línguas azuis tintas de sangue. No canto mais distante, do lado que dava para o parque, Khali, envergando o seu sari de labaredas e um colar de pequenas cabeças humanas cingido ao pescoço, acendia a pequena pira para a cremação dos corpos. Deitado, expectante e vulnerável, Shiva aguardava. E ela, bela e grotesca, com a língua azul pendurada, dava início ao ritual que me perturbava um sono que apenas espreitava a adolescência. Felizmente que havia uma varanda larga de onde eu podia esmiuçar o escuro horizonte povoado de deuses e de fragatas inglesas, antes que chegasse, apaziguadora, a madrugada.

* * *

Não dei pela passagem do tempo, enredado na sucessão desordenada de acontecimentos. Perdemo-nos uns dos outros nos nevoeiros dessa passagem. Cresci e parti. A certa altura eles deixaram aquela casa e a cidade. Ao que consta, viveram em Londres, depois em Algés, nos arredores de Lisboa, onde Dom Miguel viria a morrer, corria o longínquo ano de 1979. Com setenta e um anos de idade, viúva e só, Dona Carol regressou imediatamente a Bombaim, esse local do primeiro encontro, e desapareceu sem deixar traço (pouco depois, ao que parece, morria também).

Evidentemente que uma grande parte dos factos aqui relatados não corresponde àquilo a que se costuma chamar a verdade. Por outro lado, é também difícil desmenti-los uma vez que se trata de vidas vividas com grande intensidade, no acto gastando toda a energia disponível e, consequentemente, deixando para trás muito pouco rasto que se possa aproveitar como material de explicações. Cometas brilhantes que acabam numa explosão intensa, todavia discreta e silenciosa. Uma circunstância que, por si só, autoriza o preenchimento dos hiatos com argamassa de outras proveniências.

8

Passagem de Tsafendas

Dimitri Tsafendas assassinou o primeiro-ministro sul-africano Hendrik Verwoerd em 6 de Setembro de 1966, na Cidade do Cabo. Atravessou o corredor do salão nobre do Parlamento, na altura em que se iniciava a sessão, aproximou-se com os modos de quem trazia uma mensagem e golpeou Verwoerd com quatro punhaladas, cada uma delas por si só letal: a primeira em pleno coração, a segunda na carótida, do lado esquerdo do pescoço, e as duas últimas no fígado. Afirmou mais tarde à polícia que o tinha feito a mando de uma ténia enorme que há anos trazia no estômago. Não tinha como desobedecer-lhe.

Nem todos acreditaram no gigantesco verme. Afinal, tratava-se do assassinato de um primeiro-ministro, o que, não estando as coisas claras, permitia aventar toda a sorte de possibilidades. Descobriram-lhe ligações comunistas na juventude, embora, para decepção de jornais radicais como o *Dragbreek*, o *Die Burger* ou o *Die Transvaaler*, não tivessem sido descobertos traços, por assim dizer, de um *complot*. Outra promissora linha de investigação dizia respeito à velha motivação da raça, sempre poderosa. Tsafendas era mestiço, condição que toda a vida o colocou numa zona de fronteira, com traços fisionómicos que denotavam origens africanas, mas curiosamente sendo classificado na África do Sul, onde estas questões eram sempre objecto de minucioso escrutínio, como caucasiano. Falou-se até num requerimento que ele dirigiu certa vez às autoridades sul-africanas pedindo para ser reclassificado como mestiço (*coloured*) em virtude de se ter apaixonado por uma mulata de cujo círculo social pretendia aproximar-se, requerimento esse que, com surpresa, fora indeferido.

Por último, há ainda a ter em conta a sua doença. Tsafendas (também chamado por alguns de Stafendas, ambiguidade identitária que é em si muito

significativa) sofria de distúrbios psicóticos desde a juventude, constando do seu historial uma série de internamentos em instituições psiquiátricas de vários países.

Essa condição, comprovada na prisão por mais do que um especialista na sequência das investigações sobre o assassinato, e que aliás lhe permitiu escapar de uma de outro modo mais que certa pena de morte, é-nos de alguma maneira revelada nas imagens do seu rosto que nos chegam.

Apesar de tudo, é sempre necessária alguma cautela com as interpretações categóricas que poderíamos ser tentados a fazer a partir dos elementos disponíveis. As causas dos acontecimentos denotam sempre uma espécie de horror à solidão, e em consequência tendem a apresentar-se sempre em grupo, e tão emaranhadas umas nas outras que a tentativa de as isolar acaba sempre danificando aquelas que, embora aparentando ser secundárias, têm muitas vezes um papel importante na explicação. Além disso, essas mesmas causas dependem por sua vez de grupos de novas causas, num processo infinito de recuo, pelo que nos está sempre vedado o início de qualquer história. Mais modestamente, as nossas possibilidades resumem-se a capturar as coisas já em andamento, a explicá-las o melhor que podemos durante um tempo, até nos tornarmos incapazes de continuar a persegui-las. É isso, suponho, que ilustra o que adiante se descreve.





Dois anos antes destes acontecimentos, a 28 de Agosto de 1964, Tsafendas chegava ao Dondo, nos arredores da cidade da Beira, proveniente de Salisbúria. Apresentou-se como missionário, alternando nas conversas o inglês, o francês e o português, línguas que falava com desenvoltura. As provas dadas de grande misticismo levaram-no a granjear simpatias em alguns círculos, materializadas em almoços e jantares onde era convidado frequente. A dado passo transferiu-se para o centro da cidade, hospedando-se na Pensão Glória, à altura explorada por um certo Stelios Marangos. Este e outros indícios, adiante referidos, tornam claro que procurou interlocutores de origem grega durante a sua permanência na nossa cidade, por razões logísticas ou mais profundas, relacionadas com as suas raízes. Na verdade, Tsafendas veio ao mundo em resultado do amor fugaz entre um marinheiro grego oriundo da ilha de Creta (daí ser também chamado de Stafendzakis, incorporando-se no nome um sufixo que costuma trair a ligação a essa ilha), de passagem pelo porto de Lourenço Marques e de nome Michaelis Tsafendas, e Amélia Williams, uma mulata do bairro suburbano de Xipamanine, naquela mesma cidade. Além disso, os contactos por ele estabelecidos inscreviam-se numa tendência de algum modo reveladora da sua sagacidade, pois vinha desprovido de meios de subsistência e, no geral, foi a origem grega — além do sangue, o facto de dominar a língua na perfeição, aprendida no curso de uma estada em Alexandria, onde vivera com a sua avó paterna, estada aliás abruptamente interrompida pela morte desta — foi a origem grega, dizia, que lhe assegurou a benevolência dos hospedeiros

(sabe-se como estas coisas acabam sempre por ser importantes). Desde logo na pensão de Marangos, onde pôde permanecer durante muito mais dias do que aqueles que era capaz de pagar.

Certamente que aproveitou esse tempo para conhecer a cidade, mergulhando no bulício da Baixa ou gozando a brisa marítima nas praias ao longo da marginal; e, também, para procurar trabalho, dado que, como confidenciou na altura a Marangos, acabava de ser despedido do último emprego, no *pipeline* rodesiano, em razão de, sendo mestiço, mesmo assim ter tido o topete de se candidatar a um cargo de gerente. Como se vê, até nas confidências surgiam indícios da preocupação que o acompanhou sempre como uma sombra, relativa à questão da raça.

Foi nesse tempo, nesses meses de Setembro e Outubro em que deambulava pela cidade, que os nossos caminhos podem muito bem ter-se cruzado pela primeira vez. Eu acabara de deixar os limites apertados da escola primária e gozava os meus primeiros tempos de liceu. Tempos de nervosismo e alguma insegurança, mas tempos também de procura e novidade. O meu raio de acção, as possibilidades que tinha ao dispor, tinham sido alargados enormemente, se me faço entender. Tanto no liceu (onde em contraste com a monotonia da velha escola primária aconteciam muito mais coisas em simultâneo), como na cidade em geral. Deixara de depender de adultos para me deslocar, realizava ousadas surtidas que me levavam a zonas até então desconhecidas. Ia sozinho até à Baixa, fazer recados à minha mãe que quase sempre me traziam algum ganho marginal (comprar uma lata de laca *Elnett Satin* na Soraya a troco de um livro do Luís Euripo ou da colecção *Seis Balas*, ou de mais um *single* dos Beatles, e coisas assim), ou simplesmente explorar lugares onde nunca antes havia estado. Aliás, data desta altura uma temerária visita à pensão Gato Preto, no bairro do Maquinino, que referirei noutra ocasião se surgir a oportunidade. Enfim, nada me detinha. E, sendo pequena a cidade, é provável, como disse, que me tenha cruzado com Tsafendas numa altura em que se esticava ainda o elástico da fiska que o iria projectar para o campo da História com agá grande.

Eu não congeminava qualquer plano. Simplesmente caminhava pelas ruas e, como não podia deixar de ser, tendo em conta a exiguidade do espaço em que vivíamos, cruzava-me com pessoas, muitas vezes mais do que uma vez. Trocávamos olhares com aquele arquear de sobranceiras de quem se reconhece ou cumprimenta em silêncio, ou então baixava o meu se achasse poder vir dessa troca algum incómodo ou alguma agressividade (embora desgastando-se a passos largos, tinha ainda uma alma de criança prudente). Alguns destes

fugazes cruzamentos ocorriam na rua, sobretudo na Baixa, onde o fluxo de gente era maior, e também nos mais variados contextos, pessoas que olhavam das varandas, que passavam de carro, que atravessavam a rua para entrar no cinema, nas esplanadas dos cafés, presos encostados às grades da Cadeia Central com braços e pernas de fora para sobreviver ao calor (invektivando quem passava), os olhos de fogo de certas raparigas que já avistara no liceu e com quem me cruzava num inesperado lugar, fora do contexto habitual, o que de alguma maneira como que nos comprometia a ambos, alguém, enfim, em cujo olhar esbarrava do outro lado da estante na livraria Clássica. Alguns desses episódios ficaram por qualquer razão vogando na memória como bens que, embora inúteis, não deixam por isso de ser recorrentes. Uma vez foram desgastados pelas sucessivas investidas da lembrança até ao ponto de se transformarem num distorcido resumo daquilo que de facto terá acontecido; outras, simplesmente acabaram por naufragar, por se perder para sempre vítimas do desgaste do tempo, e só uma repetição exacta das circunstâncias, de todo improvável, poderia abrir a ténue possibilidade do seu resgate do ralo negro que é o esquecimento. Há vezes ainda em que afloram irreconhecíveis, mascarados atrás de uma sinestesia ou provocando a sombra fugaz de uma angústia sem explicação, que não abre caminho a qualquer apaziguamento, antes nos revela atalhos que não vão dar a parte alguma, becos sem saída.

Por alguma razão difícil de comprovar, até para mim próprio, estabeleci há muito tempo que me cruzei com Dimitri Tsafendas quando eu caminhava no passeio da Avenida da República e ele passou de machimbombo. Algo me diz muito firmemente que foi assim que aconteceu. Tentei vezes sem conta reconstruir a cena, tantas que passei a vê-lo com nitidez através da janela do machimbombo 1A, sentado com os outros passageiros, um semblante tornado pesado por uma papada pendurada sob o queixo e uma barba áspera, fruto de um desmazelo de três dias; e, quando se virou, uns olhos cinzentos e opacos que nada tinham a dizer.

Não digo isto por me lembrar dos pormenores deste encontro, uma vez que, repito, dele nada fui capaz de guardar, ou guardei muito pouco e fui acrescentando o resto ao longo dos anos, assim como uma peça de mobiliário que não se deitou fora e foi sendo repintada em camadas sucessivas, à medida das conveniências. Mas era o tipo de encontros que costumava impressionar-me, mesmo se sem para tal encontrar uma explicação.

Por seu turno, que terá Tsafendas visto com aquele seu olhar baço que, mais do que penetrar nas coisas, as sobrevoava? Uma criança quase adolescente

imersa na sombra das acácias da avenida, a caminho de fazer algum recado que lhe permitisse juntar o suficiente para comprar um novo *single* dos Beatles ou um par de livros de Mandrake, o Mágico? Alguém cujo olhar traía o conhecimento, ainda que futuro, de algo que nem Tsafendas sabia que estava para acontecer por obra e graça das suas próprias mãos e, portanto, alguém cuja existência constituía por si só uma ameaça? Certamente que não. Talvez o grego tivesse antes os olhos esquecidos na paisagem apenas por ser esta a melhor maneira de por assim dizer se ausentar, a melhor maneira de sentir o machimbombo progredir na avenida deixando para trás as coisas fixas e pontiagudas. As sombras e ramos das árvores, o arvoredor, as velhas paredes de tijolo manchadas de hera e humidade, o ondulado miúdo do zinco, tudo se deixava desfocar com a lenta passagem do machimbombo, tudo se transformava em suave mancha verde como acontece com as coisas amaciadas pelo tempo. Enquanto isso, o pensamento andaria por outras paragens, provavelmente ruminando possíveis maneiras de conseguir algum dinheiro ou então um sentido para a sua passagem pela terra. De resto, o mesmo acontecia comigo: sempre que passava por ali sentia até à alma o refrigério verde originado na penumbra daquela avenida, uma espécie de suprema calma, embora entrecortada pelas pontadas de preocupação com a possibilidade de me esquecer do que tinha para fazer na Baixa, os trabalhos de casa que havia que aprontar antes das aulas da manhã seguinte, e coisas assim. Sim, eram estados idênticos que por meio daquele lugar nos punham em contacto um com o outro, embora, lá está, esta sensação possa ter sido construída ao longo dos tempos que se seguiram, por meio de sucessivos aditamentos que por qualquer motivo me iam dando respostas.

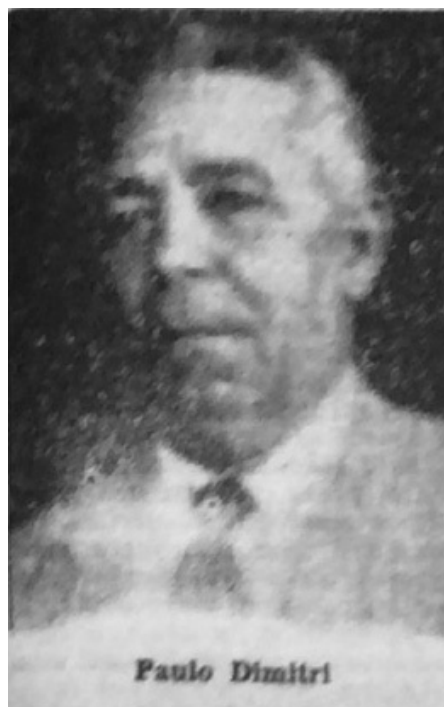
Em meados de Outubro a chuva e o calor abatiam-se impiedosamente sobre a cidade. Em tais circunstâncias, quem se atreveria a negar um tecto, uma sombra? Marangos perdoara-lhe dez dias, alegando mais tarde que o fizera porque o hóspede, além de grego, era também cândido, possuído de uma espécie de frontalidade inocente, uma vez que lhe dissera simplesmente, sem avançar qualquer justificação, não ter como pagar. Entretanto, Tsafendas aceitara já ser mudado para um cubículo das traseiras onde havia um par de arcas frigoríficas com os congelados da pensão (Marangos intuía que, além de ser incapaz de roubar, Tsafendas, com a sua presença corpulenta, ajudava a dissuadir quem, entre a criadagem, o fosse). A partir do pequeno quarto a paisagem ficava reduzida a um par de escadas e varandas de serviço, cabos e canalização das traseiras dos prédios vizinhos, e os sons aos diálogos

desabridos dos serventes ou ao *splash* da água atirada dos baldes para o chão dos pátios de cimento, na limpeza geral do fim do dia. Por vezes, com estes sons a chocalhar-lhe na cabeça, o grego assomava ao varandim e exigia aos gritos que a natureza se calasse: a cidade com as suas vozes, ventos, buzinas e motores, tudo! Outras, deixava-se estar dentro do compartimento, tão ausente que aquele parecia vazio. Conquanto ocasionais, os seus rompantes começaram a pesar na balança, do lado oposto ao da solidariedade helénica ou da comiseração despertada pelo convívio com a melancolia triste que dele emanava. Um dia acabou por ter de sair, sem rancores (que aqueles que padecem desta doença raramente têm espaço para os guardar), e também sem possibilidade de retorno. Tentou em seguida a Pensão Marques, não muito distante, e que havia uns tempos trazia debaixo de olho, onde José da Silva Pereira, o proprietário e gerente, ouviu a sua história e lhe ofereceu duas ou três refeições. Mas não passou disso, não chegou ao ponto de lhe dar guarida. Pereira era branco e português, faltava-lhe o cimento helénico ou a mestiçagem, faltava-lhe enfim uma visão maior que a do seu pequeno mundo. E foi desse cimento que Tsafendas continuou à procura, desesperado, pois sentia adensar-se a ameaça da partida e, mesmo sem ter disso plena consciência, aquilo que ela forçosamente iria desencadear.

Estas partidas (na verdade, mais do que partidas eram verdadeiras descidas em direcção a um poço atro e fundo) não constituíam novidade na vida de Tsafendas. Fora já obrigado a partir de inúmeros países e lugares desde que, alistado na marinha mercante, visitara metade do mundo. Portugal e Alemanha, mesmo os Estados Unidos, todos o puseram na fronteira depois de eventuais temporadas em asilos psiquiátricos. Contudo, não era ainda o tempo de deixar a Beira.



O passo seguinte está envolto em mistério: como foi ter à Manga, um bairro periférico, e a uma certa rua, enfim, como acabou por bater à porta de moradores como George John Frangoules ou um tal Paulo Dimitri, no caso deste último num domingo, tendo sido atendido pela esposa, que o mandou voltar noutro dia porque o dono da casa estava ausente.



Tsafendas voltou dias depois e explicou que era grego, que também se chamava Dimitri e outras coisas mais. A sua conversa era enleante por surgir carregada de elementos em que o próprio Tsafendas convictamente acreditava (elementos mais fundos que os do passado do interlocutor, elementos do passado dos pais deste — não esqueçamos que, ao contrário destas pessoas, Tsafendas conhecia a Grécia e o mundo). Digamos que recorria aos seus imensos dotes de propagandista da fé para levar os seus ouvintes até diversas formas de compromisso. Acabou por passar tempo com aquela gente, um aqui, outro ali, e por regressar um par de vezes aos mesmos sítios, quase sempre à hora das refeições. Numa dessas ocasiões, após o almoço, Paulo Dimitri levou Tsafendas no seu carro até ao quartel dos bombeiros, de onde o deixou seguir a pé pelas ruas da cidade, em direcção a um encontro muito particular.

Foi na sequência desses acontecimentos que os nossos percursos se voltaram a cruzar, embora de maneira indirecta, por interposição de um objecto muito especial. Explico.

Por essa altura eu costumava visitar uma leiloeira não muito distante de minha casa, situada a meio do caminho que levava ao Cinema São Jorge, que eu percorria com frequência porque a partir dali era mais fácil conseguir uma boleia para o liceu. No caminho da leiloeira, pouco antes de lá chegar, ficava também a casa de uma certa rapariga com quem costumava trocar olhares (um

hábito que já referi), eu caminhando pela rua, ela à varanda. Nunca soube ao certo, por nunca ter trocado com ela mais do que umas palavras de circunstância, e isso uns tempos mais tarde, mas sem dúvida que o seu quotidiano era sujeito a regras rígidas de recato e mesmo a um confinamento que ela tentava suavizar indo constantemente à varanda para olhar o exterior, como se indagasse o estado do tempo. Acontece que muitas vezes a sua visita à varanda coincidia com a minha passagem, e o olhar que lançava cruzava-se com o meu de uma maneira que eu nunca consegui interpretar, mas que de qualquer forma acabava por constituir uma razão redobrada para aquela rota que, entre um par de alternativas, eu acabava sempre por escolher. Voltando ao que interessa, essa leiloeira, embora por vezes levasse a cabo sessões barulhentas no passeio em frente à montra, nos dias normais da semana não passava de um espaço caótico e empoeirado, mas silencioso, onde o dono acumulava os mais variados objectos, fascinado talvez pelo potencial que cada um deles tinha de lhe vir a trazer algum lucro. Em muitos, de facto na maioria, esse potencial não se realizava e eles acabavam por terminar ali os seus dias, enchendo-se a si de poeira e ao dono de frustração.

Como se sabe, todo o objecto tem um percurso desde que é criado até que se desfaz. Por vezes é despedaçado e reconstruído (*reciclado*, diz-se hoje), quer na forma original quer como objecto inteiramente diferente, ficando neste último caso por se saber se o objecto permanece o mesmo ou se estamos perante um objecto novo, por conseguinte iniciando um percurso também ele novo, mais ou menos como o sobrevivente de uma doença grave que de algum modo deixa de ser a mesma pessoa (fala-se muitas vezes, a propósito deste tipo de casos, em *renascimento*). Se renasce ou permanece o mesmo, isso depende do critério e da profundidade do *acidente*, suponho. De qualquer maneira, se representássemos o percurso de cada objecto por um fio, aquela leiloeira seria um emaranhado delirante, um gigantesco e intrincado novelo de percursos dos objectos singulares. Mais do que os objectos em si, que na sua maioria eram vulgares, o que nos atraía ali era precisamente a possibilidade de imaginar o percurso que cada um fizera para ali chegar. E, como espero mostrar adiante, o percurso que ele era ainda capaz de fazer a partir dali, despedindo-se de nós e partindo veloz em direcção ao futuro. No fundo, investigávamos fio a fio.

LEILÕES EUSÉBIO

**Luxuoso
e Grandioso
Leilão**

HOJE, DOMINGO, COM INÍCIO ÀS 9 HORAS
na Rua D. Francisco de Almeida — em frente
à Garagem Triunfo — Ponta Gêa

LEILÕES EUSÉBIO realiza hoje, domingo, com início às 9 horas, um grandioso e luxuoso leilão para venda do seguinte:

1 LINDA E VALIOSA MOBILIA DE QUARTO DE CASAL, EM PANGA-PANGA, COMPOSTA DE: 2 mesas de cabeceira, 1 cómoda, 1 toilette com espelho, 1 guarda-fatos, 1 cadeira, 1 banquinho e 1 colchão novo; 2 esplêndidas mobílias de sala de jantar; 1 mobília de sala de visitas; 1 mobília de copa, composta de 1 aparador, mesa e 4 cadeiras; lindas e valiosas alcatifas; 1 máquina de escrever; 1 bar; 4 cadeiras altas; 1 mesa redonda e 1 móvel; rádio giradiscos; rádios transistores; 1 mobília de quarto de casal, composta de 1 guarda-fatos com espelho, 2 mesas de cabeceira, 1 cama com colchão novo e 1 toilette, tudo em mesinassa; cortinados; 1 fogão eléctrico; 1 fogão a gás; lindos quadros; 1 sofá avulso; 1 lixador eléctrico, novo; ventoinhas; 1 máquina de costurar; 1 máquina de projectar slides; 1 máquina fotográfica; sapatos novos; mala de câmara; livros; balança de balcão; e grande quantidade de outros artigos que estarão expostos no acto do leilão.

TELEFONE 4729

Muitas vezes invadíamos o local em bando. O dono da leiloeira, um mulato corpulento e cheio de filhos chamado Eusébio, capaz de grande bonomia quando não o possuíam uns algo frequentes ataques de cólera, e a quem faltava um dente da frente, partilhava connosco este tipo de curiosidade e, por essa razão, deixava-nos entrar e cirandar por ali, embora nos soubesse quase sempre incapazes de adquirir fosse o que fosse. Lembro-me de pilhas da revista *Jours de France*, que eu manuseava em busca dos desenhos muito coloridos de um certo Kiraz, hoje caído no esquecimento, ou de certas máquinas antigas, de escrever, contabilidade ou outros fins misteriosos, feitas de pequenas peças concatenadas com minúcia, o movimento de uma delas desencadeando o movimento das outras, de tal forma que cada uma, e mesmo todas elas, acabavam por perder a importância, transformadas em meras causadoras de um movimento desta forma objectivado, como se a nenhuma peça singular pudesse ser assacada a responsabilidade do movimento inicial ou do efeito que provocavam, e o todo tivesse portanto nascido já com esta característica de ser isso mesmo, um todo. Assim como os órgãos que, todos juntos, fazem funcionar o corpo humano. Era esse intercâmbio entre o material e o imaterial, entre o obscuro objecto e o brilho fulgurante do potencial que ele encerrava, entre a substância inerte e o movimento, que nos fascinava. Assim como uma

coisa que surge subitamente a nossos olhos com um determinado brilho, como que rodeada de estrelas, tudo isso associado ao contentamento interior de conseguirmos descobrir esse fenómeno. No fundo, aquilo a que se chama, suponho, a vida dos objectos.



Acontece que no senhor Eusébio sobrevivera esse dom que normalmente é apanágio das crianças. Embora de feitio difícil, percebia o momento preciso em que ocorria cada descoberta, em que descortinávamos para cada objecto o seu sentido íntimo, enfim, o momento em que víamos esse objecto cercar-se de estrelas, talvez por ser capaz de reflectir o brilho do nosso olhar. Era nessa altura que o leiloeiro se aproximava, quer para testemunhar o facto com ar divertido quer para, se estava de mau humor, nos ordenar que largássemos aquilo em que mexíamos e nos puséssemos a andar.

Numa dessas visitas, entre molinetes de pesca, pesadas roldanas de navio e castiçais de cobre enverdecidos, na gaveta de um velho armário de pinho

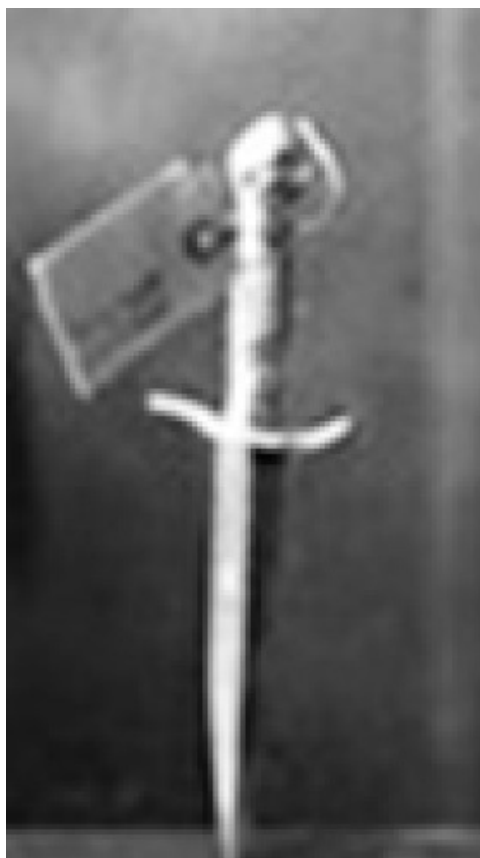
tornado negro pelo tempo e pela falta de tratamento, dei com um punhal. Era o tipo de objecto que nos fascinava, saltado directamente das histórias de quadrinhos para o mundo real da Ponta Gea. O punhal com que o membro da tríade esperava na escuridão de um beco o vulto do espião japonês de chapéu enterrado até às orelhas e gola da gabardine levantada, o punhal com que o caçador vestido de caqui enfrentava o rugido do leão, o punhal do Príncipe Valente, o punhal que o herói afagava na noite de Buenos Aires, o reflexo da sua ténpera ombreando com os disparos de luz da brilhantina do cabelo, do anel do dedo mindinho ou do dente de ouro irrompendo do sorriso. Era diferente de uma faca, na medida em que estas convocam irmãs iguais a ela, e também garfos e colheres até formarem um pequeno exército com uma divisão de tarefas e uma missão genérica e repetitiva. Este punhal, não. Olhávamos para ele e vinha-nos a imediata certeza de se tratar de um objecto único. Nele refulgia uma solidão que encerrava possibilidades de dramático efeito. Olhei-o e veio-me a certeza da sua singularidade, de ter sido fabricado com intenções precisas e um futuro certo. Peguei nele. Era pesado e escuro, com ares de necessitar de uma bela limpeza. Encetei uns gestos largos de braço, como que em preparativos de um combate imaginário. Aquecia-o e amolava-o no ar antes de lhe dar o alimento de uma substância mais tangível. E ele, adivinhando isso, empertigava-se, refulgia cheio de esperança e de promessas.

O olhar reprovador do leiloeiro interrompeu a minha dança guerreira. Várias vezes nos havia dito que aquelas coisas não eram para a nossa idade. Que mexêssemos apenas onde devíamos mexer. Que víssemos os livros com cuidado para não lhes rasgar as folhas e, sobretudo, que comprássemos em vez de estar apenas a gastar a mercadoria com as mãos e com os olhos. Fui assim forçado a devolver o punhal à gaveta antes que o senhor Eusébio me mandasse embora.

Entretanto, Tsafendas, já instalado na Manga, sabe-se lá em que condições, regressava regularmente à cidade à procura de um sinal que ainda não estava certo de saber qual era. O verme que lhe crescia no estômago, apesar de ter já, presumivelmente, um tamanho razoável, era ainda pouco claro nas ordens que dava, obrigando o seu hospedeiro a extenuantes exercícios de interpretação. Tsafendas andava pela baixa, calcorreava a rua dos chineses, o Ping Ta e o Yip Fook, talvez mesmo um certo e mais afastado Dragão Oriental (Mercearia & Brindes), de que falarei adiante se houver oportunidade. Olhava as montras distraidamente. Por vezes, quando calhava ter umas moedas, metia-se no machimbombo e ia até ao Macúti ou deambulava pela Ponta Gea, olhando as

casas com interesse, quem sabe pesando a possibilidade de uma hospedagem alternativa. Assim aconteceu nesse dia já referido, em que Paulo Dimitri lhe deu uma boleia até ao quartel dos bombeiros e ele seguiu a pé, primeiro pelos passeios sombreados da Avenida da República, depois por ruas quietas e ensolaradas até desembocar à porta dos Leilões Eusébio, na Rua D. Francisco de Almeida, junto à Garagem Triunfo.

Entrou, cumprimentou o leiloeiro, que fazia as contas das entradas e escassas saídas atrás do aparador que lhe servia de balcão. Depois, percorreu os tortuosos e empoeirados corredores da leiloeira, a sua corpulência debatendo-se com os espaços apertados. Olhava os objectos e pegava em um e outro como se se perguntasse se valia a pena entrar na sua posse. Agradavam-lhe sobretudo os artefactos náuticos, talvez por lhe lembrarem os tempos em que andara embarcado. Lanternas, ferragens de cobre, roldanas, cordame ressequido, copos e talheres de alumínio, até. Foi justamente atrás de umas roldanas de navio que, dentro de uma gaveta de um velho armário, deu com o punhal, o *meu* punhal. Sentiu imediatamente que o verme se empertigava no estômago. Era, quem sabe, o sinal que há tempos esperava. Pegou no objecto e sopesou-o. Depois, deixou-o escorregar para as pontas dos dedos grossos e achou que o equilíbrio era perfeito. Mas, perfeito para quê? Era isso que precisava de descobrir. Errou um momento por ali, a ver se o sinal enfraquecia, mas tal não aconteceu. Pelo contrário, olhava novos objectos e as sombras que estes projectavam no seu pensamento tinham a forma daquele punhal. Dirigiu-se então ao senhor Eusébio e, em voz baixa, pediu-lhe informações sobre o objecto tão singular. O leiloeiro consultou umas listas muito desgastadas pelo uso e anunciou um preço que Tsafendas estava, claro, incapaz de pagar. Mas não era ao preço que um cada vez mais impaciente Tsafendas se referia. Piscando repetidamente os olhos, pretendia que o leiloeiro lhe dissesse de onde viera o punhal, quem fora o seu anterior proprietário, enfim, que caminhos aquele objecto havia percorrido para ali chegar. As estrelas brilhavam-lhe nos olhos.



O senhor Eusébio olhou em volta, inquieto com o rumo da conversa. Era leiloeiro há muitos anos, sabia que quem fazia aquele tipo de perguntas eram as crianças ou as autoridades. Tsafendas não era uma criança. Além disso, havia no ar uma energia que denotava negatividade e, ao mesmo tempo, sofrimento. Mas, logo em seguida, reconsiderou. Tsafendas tinha um olhar amarelo baço, mas que a espaços se deixava iluminar. Assim como um farol que alterna um apagamento todo virado para si próprio com indagações ao escuro. Ou, se quisermos ver as coisas ao contrário, Tsafendas parecia nesse momento uma espécie de naufrago para quem o brilho do punhal equivalia à luz de um farol, indicando-lhe o caminho. Além disso, como referi, no meio da energia tão forte que dele se desprendia havia laivos de sofrimento. Não, este homem não era da polícia. Olhou-os, e homem e instrumento pareciam um só, ambos se apagando para fazer sobressair o potencial do acto. Mas, que acto? Viu nele o halo que por vezes via em nós, aquela capacidade de pegar numa coisa e relacioná-la com o futuro. Habitado à nossa presença, leu erradamente a luz como uma curiosidade benfazeja. Por essa razão, acedeu a procurar nos seus livros de lançamentos alguma coisa sobre aquele punhal. Chegou a determinada folha e

anunciou em voz rouca o pouco que ali estava rabiscado: que o punhal lhe fora vendido pelo tripulante de um navio, um tal E.C. (infelizmente só apontara as iniciais, por lhe ter parecido inútil uma maior precisão), de passagem pela Beira, oriundo da América do Sul e com destino a Perth, a buscar uma partida de cereais. Lamentava, mas nada mais constava na breve nota que na altura fizera. Evidentemente, omitiu por quanto o adquirira.

À falta de mais informação, Tsafendas pareceu dar-se por satisfeito. Ruminou qualquer coisa ininteligível, virou as costas e deixou o estabelecimento. O senhor Eusébio ficou um momento a bater com o punhal na palma da mão e a pensar no episódio. Qualquer coisa naquele homem lhe despertara uma tristeza imensa, um sentido quase absoluto de discreto sofrimento. Deixara-o partir assim facilmente por lhe ter parecido a princípio ser aquele recuo uma forma clássica de regatear. Mas o homem atirara-se resolutamente ao caminho, como se fosse atrasado para algum encontro. O leiloeiro ainda veio cá fora, a ver se o via tomar fôlego para voltar a entrar, mas as várias ruas que partem daquela praça estavam todas desertas. De forma que desistiu. Facilmente lhe poderia ter oferecido o punhal, pensou. Afinal, havia ali tanta coisa sem préstimo algum, de que quase esquecera a existência, que oferecer alguma de vez em quando mal nenhum faria. Se aquele punhal se destacava era porque as crianças costumavam pegar nele com certa insistência. Foi essa, aliás, a razão que o levou a contar-me o episódio, dias mais tarde, quando eu próprio deparei com a gaveta vazia e lhe perguntei pelo punhal.

Enfim, o leiloeiro decidiu que se o homem voltasse a aparecer lhe ofereceria simplesmente o punhal e, como se fazia tarde, deu o assunto e o dia por encerrados. Fechou a porta e foi para casa. Curiosamente, nessa mesma noite a leiloeira foi assaltada. Alguém atirou um bloco de cimento, segundo a polícia com um peso de seis quilos, partindo a montra e danificando seriamente um aparelho estereofónico, resultando tudo num prejuízo de relativa monta. O assaltante limitou-se a levar um rádio a pilhas. Foi nisto que o senhor Eusébio acreditou nos dois ou três dias seguintes, os mesmos que demorei a regressar à leiloeira.

Penso ter já referido que costumava passar por ali no meu itinerário para o cinema São Jorge. A *profundidade*, chamemos-lhe assim, com que eu vistoriava os objectos expostos relacionava-se directamente com o tempo de que dispunha. Por vezes ia tão apressado que me limitava a ver a montra de relance. Sagaz, o leiloeiro conhecia-nos os hábitos e punha ali os maços de revistas de quadrinhos que constituíam novidade. Olhávamo-los avidamente

uma vez que acontecia surgirem maços de dez revistas do *Mundo de Aventuras* ou do *Falcão* a um preço equivalente ao de um único exemplar vendido nas tabacarias da Baixa (é certo que já não tinham o cheiro inebriante das revistas novas, mas o seu estado era bastante satisfatório). Certas vezes, como por exemplo nas tardes de sábado, passávamos com mais vagar e ficávamos algumas horas a ver tudo ao pormenor. Nessas ocasiões, não era raro acontecer-nos deparar pela primeira vez com objectos que o leiloeiro asseverava estarem ali há anos. Esta era mais uma das magias do lugar.

Voltando ao que interessa. Nesse dia, era um sábado, cheguei à leiloeira com um certo atraso e num estado de alguma agitação. A poucas dezenas de metros dali, na Rua Pedro Nunes, havia deparado com um incidente que envolvera a polícia. Segundo disseram testemunhas, um homem caminhava no passeio com uma criança pela mão. Não ficou claro o motivo da questão surgida entre esse homem e um outro. Aparentemente, o primeiro passou muito perto do muro de uma residência, curiosamente a mesma em cuja varanda costumava surgir a rapariga com quem eu, nos dias de sorte, trocava olhares, e por essa razão também me fui deixando ficar a presenciar os factos. Como dizia, o homem passou muito perto do muro da residência, talvez para aproveitar a sombra da sebe de hibiscos, quem sabe até se para resguardar a criança. O sol estava no pino e o calor era infernal. O outro homem, talvez um guarda (trajava um uniforme de caqui), terá considerado que a atitude indiciava uma espécie de falta de respeito, de desafio ou mesmo algo mais. Foi isso que entendi quando cheguei e retardei a minha passagem, já o caso ia adiantado. Segundo diziam, o homem da criança teria apontado para alguma coisa no interior da casa, ou arrancado uma flor da sebe, não chegou a ficar claro, no primeiro caso como se preparasse um assalto, no segundo roubando já concretamente. Os dois homens discutiram, passaram a vias de facto. O guarda parecia mais forte e, em consequência, o homem da criança foi o que ficou mais maltratado. Quando ali cheguei ele estava já sentado no passeio, com a camisa esfarrapada, tentando intimamente recompor-se (a camisa e o resto já não se podiam salvar). A criança estava sentada a seu lado. Ocupava um pequeníssimo espaço e mantinha-se muito direita e composta, com os joelhos magros muito juntos. Com uma mão segurava uma ponta da camisa esfarrapada do homem, como se temesse que o levassem ou que ele se desmoronasse. Estavam os dois descalços. O polícia olhava em volta, esquadrinhando o palco dos acontecimentos. Fazia perguntas aos circunstantes, anotando tudo num caderninho. Depois, decidiria. Algo me disse que, no que respeitava à criança,

a relação com o pai (seria o pai?) permanecia incólume. Maravilhei-me com esta coisa sem explicação; como, ao amor vago e distraído que o pai neste momento emitia, a criança retorquia com uma lealdade sem limites, capaz de sobreviver a toda a provação. Por um qualquer mistério, continuava a orgulhar-se daquele homem descalço e esfarrapado. Embora ninguém reparasse nela, havia um minúsculo lampejo que mais tarde poderia transformar-se em ódio, um inaudível suspiro que, quem sabe, poderia desenvolver-se em sede de vingança. Mas por enquanto tratava-se de um olhar que não se dirigia a ninguém em particular, oculto na aura de vulnerabilidade e insignificância que cercava a sua pequena figura. A explicação, pareceu-me, não estava porém no olhar, a explicação estava na mão que segurava firmemente a ponta da esfarrapada camisa do homem, não como se quisesse protegê-lo (seria absurdo, era demasiado pequena e insignificante para tal) mas dar ao menos o seu minúsculo contributo para impedir que ele se desmoronasse.

Quando decidi retomar o meu caminho o polícia estava prestes a decidir. Ou deixaria passar o caso com uma admoestação ou conduziria à esquadra o homem esfarrapado para que lhe fosse ensinada uma lição. Embora seguindo com eles, a criança já estaria a partir sozinha pelo mundo. De qualquer maneira, o homem da farda parecia satisfeito e tentava explicar pormenores do caso a cada um dos presentes, e o facto de não querer que chegasse a minha vez levou-me a apressar a partida. Segundo ele, estava a ser feita justiça. Aliás, devia ter intuído desde o princípio que o polícia nunca decidiria contra si (as fardas solidarizam-se sempre umas com as outras). O homem esfarrapado só tinha a criança. Para ele, mesmo se não tivesse plena consciência disso, a pequena mão que lhe prendia o resto da camisa era absolutamente fundamental.

Voltando ao que interessa, segui o meu caminho duplamente incomodado, até porque em todo este tempo a varanda da casa continuara deserta. Atravessei o largo e entrei na leiloeira. Percorri alguns corredores e acabei junto do velho armário de pinho. Notei imediatamente que algo estava diferente. Bastou-me olhar a gaveta escancarada para pressentir que ela ganhara uma inocência toda nova. Parecia a palma aberta de uma mão. Regressei à entrada para perguntar ao leiloeiro o que era feito do punhal, curioso a respeito do tal fio, a baba endurecida que os objectos, como os caracóis, deixam na estrada do tempo. Estava curioso em relação ao futuro daquele objecto com o qual havia estabelecido uma espécie de conluio.

O leiloeiro surpreendeu-se. Era evidente que até então não dera pela falta do punhal. Foi até à gaveta, remexeu em vão nas coisas em volta, sempre comigo

debaixo de olho. Não pude levar a mal que, por um momento, o tivesse assaltado a suspeita de que eu tinha a ver com o desaparecimento do punhal (eu próprio tivera a ideia estapafúrdia de que ele encenara a surpresa para se justificar do acto vil de me ter escondido o punhal). No final, nem a minha nem a ideia que eu lhe imputara faziam sentido. Fiquei ali especado, sem saber o que dizer, o que felizmente o levou a abandonar as suas suspeitas. Notei-lhe isso no olhar. Ainda remexeu nuns papéis, à espera de algo mais que eu tivesse a dizer a respeito do punhal, mas acabou por baixar as mãos desalentado. Foi nessa altura que, como referi já, me contou a conversa com Tsafendas.

Deixei-o com as suas conjecturas relativamente ao punhal e com a preocupação de descobrir o que mais poderia ter sido roubado naquele espaço tão difícil de controlar. Regressei a casa com as ideias fervilhando e, nos tempos que se seguiram, passei a ter o punhal na cabeça assim como Tsafendas trazia o verme dentro do estômago, uma ideia que se reforçou quase até à obsessão quando, anos mais tarde, tropecei na célebre passagem borgiana do Evaristo Carriego, em que se fala do punhal como formado pelos homens com uma finalidade rigorosa, e de como o metal se anima ao pressentir a mão do homicida; enfim, em que o autor lamenta tanta dureza e tanta fé, tão impossível ou inocente soberba enquanto os anos passam, inúteis. Retive até a epígrafe de De Quincey que encima o pequeno volume, e que refere «... *a mode of truth, not of truth coherent and central, but angular and splintered.*»

O resto, como costuma dizer-se, é a tal História com agá grande. Guiado pelo verme, Tsafendas deixou por essa altura a Beira e levou os dois anos que se seguiram a preparar para o punhal uma finalidade rigorosa. Em 6 de Setembro de 1966, sentindo o metal animar-se, o grego deu-lhe a beber o sangue de Verwoerd.

9

Cinema São Jorge

Em certas tardes douradas punha-me de costas para o cinema e ficava com a praça inteira pela frente. Sei que mal chegava a ser praça, que quase não passava de mero local de paragem antes de se prosseguir a caminhada (menos que uma interrupção, era apenas uma pausa). De resto, perdi-lhe já o nome e quase tudo o que há para lembrar, sobraram apenas algumas manchas e um ou outro pormenor que me visita com certa insistência. A forma oval, por exemplo, canteiros e bancos a meio, um simulacro de oásis para aqueles cuja jornada era feita a pé. Uma cabine telefónica, talvez. E, ao longe, do lado direito, uma fieira de casas rasas escondendo o edifício do Observatório e o pântano que levava à Chipangara. É certo que mais tarde a idade encolheria o mundo, mas foi com esse olhar antigo que o guardei e, por conseguinte, é assim que ele teima em regressar.

Do lado oposto, a casa das duas irmãs italianas numa álea aberta, paralela à praça, o passeio em ziguezague para o estacionamento dos carros nas vezes em que calhava o filme atrair uma multidão (no resto do tempo, o ziguezague deserto era como que um desvario inútil do construtor). A casa das italianas era serena. Recordo o seu telhado de zinco, a varanda de rede, o chão levantado por curtos e grossos pilares como então se usava, criando caves e espaços inferiores ligeiramente misteriosos.



Ao fundo, havia um colégio que era um jardim de inúmeros perfumes e inocentes rubores, mais do que aqueles que as freiras, coitadas, logravam dominar.

A escadaria exterior do cinema era ampla e curva, interrompida num dos lados por um comprido bloco de cimento sempre morno, sempre coberto por uma camada de poeira fina, imperceptível. Na parede que ali se levantava, também ela curva, São Jorge vencia o dragão. Espalmei ali ambas as mãos inúmeras vezes, era uma calidez amigável não fosse a história do rapaz que habitava nas cercanias, que fazia de todo este mundo um seu exclusivo território de caça.

Agia como se quase tudo lhe pertencesse. Eu vira-o inúmeras vezes, ainda que sempre a respeitável distância: muito magro, o peito encovado sem por isso ser corcunda, o cigarro sempre aceso pendendo do canto da boca, ou indo e vindo num gesto tenso da mão direita (a outra, levava-a sempre escondida no bolso). Dizia-se que era o terror dos vendedores de amendoins e chocolates da porta do cinema, a quem virava os tabuleiros — uns tabuleiros largos, fechados por folhas de vidro de correr. Ao mínimo pretexto, espezinhava-lhes o que tinham para vender ou segurava os pobres pelos colarinhos e fazia-os comer um chocolate atrás do outro até à exaustão. Ficavam ao mesmo tempo a chorar o que haviam perdido e enjoados de o voltar a ter. E o rapaz emitia um som sibilino, uma espécie de riso de cobra.

Dizia-se que tanta maldade tinha explicação, que o rapaz era para já ter morrido há muito tempo. A cada ano a cova do peito afundava um pouco mais, um dia não restaria espaço para o que quer que temos dentro: coração, pulmões, essas coisas. A camisa de popelina que usava, sempre branca, pendia fora das calças disfarçando, a não ser que uma brisa a colasse por um instante à superfície côncava, deixando adivinhar a dimensão da tragédia. Dizia-se que o rapaz sabia de tudo — coisa rara naquele tempo, num rapaz daquela idade — e

daí a revolta que trazia. Era capaz de qualquer coisa, a maldade era a forma que encontrara de tentar perturbar a indiferente sucessão dos dias. E os vendedores debandavam pela rua das italianas num tropel de pombas espantadas do fio, ou então pela rua principal do lado oposto, na vaga direcção da Praça da Índia.



Com os carrinhos dos sorvetes era o mesmo: rios de baunilha e morango derramados no passeio, despenhando-se em cascata do lancil para o alcatrão ardente e desaparecendo nas sarjetas para açucarar as entranhas à cidade, enquanto os homens de branco seguiam espavoridos rua fora, de mãos na cabeça, ou regressavam em desalento a ver o que se podia salvar. E ele insistindo no seu riso de cobra.

Nesse dia, espalmei uma vez mais as mãos na mornidão imensa daquele bloco enfarinhado por uma poeira fina, persistente. Revigorado, olhei uma última vez a praça de onde subia o resto de uns fumos de ouro e de onde partia o túnel verde que ainda não referi, por esta altura quase negro, mesmo junto ao edifício das paixões, e que conduzia ao centro da cidade. Inspirei fundo, como fazemos quando tentamos guardar do tempo algum sinal, e pus-me a caminho. Foi nessa altura que o vi.

Vinha no sentido contrário. Ou ia fazer uma coisa ou regressava dela, trazia essa inquietude, como se em casa jantassem a horas certas e ele estivesse já atrasado. Fumava com uma das mãos, a outra ia no bolso. Causava certa inveja alguém daquela idade ser já capaz de fumar assim. Trazia o cigarro enterrado

entre os dedos indicador e maior da mão direita, e esta aberta, de forma que quando a erguia para levar o cigarro aos lábios tapava com ela a cara inteira abaixo do nariz. Fazia isso constantemente, como se o monstro escondido dentro se alimentasse de fumo e fosse insaciável.

Achei que se o dia avançasse um pouco mais a ponta do cigarro haveria de brilhar no escuro como um minúsculo planeta iluminado, conjugando dois movimentos irreconciliáveis: o bambolear provocado pelo andar gingão e um ziguezague vertical, do levar da mão à cara (do cigarro à boca). Um planeta que celebrava a chegada ao ponto mais alto da sua agitada translação com uma intensa luz vermelha debruada de pequenas explosões amareladas, assim que o puxar da fumaça espevitava a ponta ardente do cigarro. Que inveja despertava quem fumava assim!

Reconheço que buscava estes subterfúgios quase verdadeiros para ser capaz de resistir, sem largar a correr, a um cruzamento tão próximo com o rapaz. Quando o cigarro chegou ao fim (notei-o porque o planeta entrou subitamente numa desvairada trajectória helicoidal até se perder na mancha enegrecida de uma sebe de hibiscos), deixei de ter o que explorar. Baixei então os olhos e inventei um interesse todo novo e muito intenso na maneira como as raízes das acácias logravam perturbar o chão: espalhavam-se por baixo e faziam-no subir lentamente como se o fito fosse de quebrar-lhe a carapaça, acabar com as coisas lisas, estalar a pele ao mundo e revolver-lhe mesmo as entranhas. Por esta via tinha muito com que me entreter, uma vez que o dano se estendia a perder de vista e que ao redor de cada árvore havia sempre um acidente novo provocado pelas raízes, desde ténues e subtis inchaços até rachas profundas e violentas, uma espécie de antevisão da desordem absoluta.



Fosse como fosse, em nenhum caso o encontro entre raízes e passeio — nos buracos circulares que delimitavam o pé das árvores — se afigurava pacífico. A urina dos cães, as beatas dos cigarros, os pequenos lixos dos passantes, a água da chuva evaporando-se, tudo ali se conjugava para conferir às areias uma consistência acinzentada e fina, martirizada, difícil de caracterizar, isso quando não desapareciam de todo, tapadas por raízes tresloucadas que faziam lembrar carne doente, carne que perdera já inclusivamente a disciplina da forma.

Sentindo a aproximação do vulto, segui como disse por esta via. Num assomo de audácia, levantei mesmo um pouco os olhos, deixando para trás o passeio e percorrendo agora as bases das ditas árvores, aqui e ali. Em pouco tempo passava francamente aos troncos. O meu olhar, sacudido e rápido como os movimentos de um lagarto, percorria a superfície das cascas ásperas e rugosas que atestam o permanente sofrimento a que estão submetidas as árvores urbanas, explosões petrificadas, nós absurdos em tamanho e em formato, interrompendo ramificações já de si ancilosadas, furúnculos mumificados e, rasgando a martirizada pele, malévolas incisões: corações toscos e ingênuos cercando nomes que o crescimento das árvores deformava e transformava noutros nomes, iniciais, hieróglifos e sinais em código, apelos e lamentações, recados, blasfêmias, enfim, um mar de possibilidades subversivas para as finas lâminas dos canivetes, superfícies difíceis para o afã classificatório da cal dos serviços municipais.

Não cheguei aos ramos mais altos — onde haveria para descobrir todo o mistério de como folhas esparsas eram capazes de gerar as sombras mais densas — porque, entretanto, os acontecimentos se precipitaram. Aproveitando o baixar da guarda provocado pela intensidade da minha indagação, o vulto acercara-se de mim. Éramos os dois movimento, assim como astros escravos de órbitas desenhadas para passar perigosamente perto, um correndo muito mais riscos do que o outro. E já não havia passeios esfacelados nem árvores doentes, tudo era agora, e apenas, uma ânsia de sobreviver ao perigoso encontro.

Tens lume?, disse o rapaz.

Apenas isso, *Tens lume?*, enquanto abrandava o passo e lançava em volta furtivas miradas para se familiarizar com as possíveis rotas de fuga que eu teria ao dispor, espaços abertos com uma certa cadência na fiada de árvores, ou então um muro suficientemente baixo para ser saltado não fosse ouvir-se atrás dele o rouco ladrar de um mastim.

Tens lume?, e eu apalpei os bolsos como que a justificar a demora em dar

início a um gesto que precipitaria tudo aquilo que estava por vir.

Fui contudo incapaz de responder-lhe, preso ao sortilégio criado pelo negrume daquele peito entrevisto de passagem, assim que uma brisa ligeira lhe retesou o pano da camisa abrindo pequenos espaços com certa cadência na fiada vertical dos botões. Hoje, reconheço que o que vi foi talvez uma ideia de vazio, uma ideia de infinito alimentada por muitas histórias, reforçada pela maldade do rapaz. Uma maldade assim precisava de um vazio atro como aquele que eu juraria ter visto, embora sem ter intimamente a certeza. A maldade era a raiz que o prendia ao chão, tudo o que havia se relacionava com ela.

Assim que a brisa soprou fremiu pois a camisa do rapaz e eu gelei. Havia pequenos brilhos silenciosos manchando a pureza da escuridão que ele trazia no âmago, como se a atravessassem cobras ou corpos moles movendo-se com lentidão e custo. Seriam as entranhas, libertas do recato, aflorando finalmente à superfície? Seria a alma escapando-se daquele buraco fundo? Baixei ainda mais os olhos, temendo que ele descobrisse a direcção do meu olhar e se enfurecesse. E o passeio onde os voltei a pousar já nada me dizia: rachas, terra cinzenta, rugosas raízes, tudo me era agora indiferente sob a luz amarela dos candeeiros públicos, entretanto acesos.

Não tive tempo de responder-lhe. Revirados os bolsos que sabia de antemão vazios, reunida enfim a coragem de voltar a tirar os olhos do chão, descobri que o rapaz já partira; que, de facto, nem sequer chegara a parar, afinal ainda mais escravo que eu da respectiva órbita.

Envergonhei-me de ter interrompido a minha daquela maneira. Mais corajoso agora que nos distanciávamos, fiquei a vê-lo afastar-se. Reparei pela primeira vez na configuração triangular da cabeça, numa nuca cuja altivez o cabelo cortado rente deixava adivinhar. O andar era cadenciado, as costas direitas, quase capazes de dissimular por completo a desgraça que cavava o outro lado. Não admira, por isso, que fosse feita de costas a sua caminhada para o destino.

As acácias e os hibiscos eram agora sombras espessas salpicadas de grilos invisíveis; o vermelho-vivo das flores, um castanho que se despenhava rapidamente no negro. Atravessei a rua e apressei-me no caminho de casa.

Domingo barroco vespertino

O cheiro acre e abafado chega-nos por volta das duas da tarde, sinal de que a massa de farinha de milho entra na fase do borbulhar grosso dentro da panela, uma superfície ondulada feita de pequenos vulcões que expellem jactos de fumo para a atmosfera. Volta-nos o apetite para um segundo almoço, sabemos que a massa é a última coisa a ficar pronta. Descemos para o quintal e no chão empedrado está já um velho prato de esmalte de cor creme cheio até ao bordo azul escuro de fragrante caril de *tépuè*, uns pequenos camarões secos e quebradiços, quase transparentes. Em breve chega também a tal *sadza* branca e fumegante, tirada da panela para um prato igual, com gestos sacudidos e pancadas vigorosas da colher de pau. Aproximamo-nos devagar, não há pressas, sabemos que vai ter de decorrer um certo tempo até ficarmos capazes de provar.

Começa a comer aquele que tem as mãos mais fortes; ou seja, o primeiro a conseguir arrancar um bocado de farinha a ferver para o amassar na mão fechada. Esperamos, pois, que todos se sirvam, não necessariamente por delicadeza mas por sabermos estar ainda muito quente para as nossas mãos ainda tenras. Esperamos com paciência e salivando, até porque um arranque em falso, uma tentativa de prender o nosso bocado de massa entre os dedos para termos de o largar de imediato, por estar ainda muito quente, despertaria as risadas de todos e a nossa consequente humilhação. Esperamos, pois, até que, comendo todos há um certo tempo, intuímos ter chegado a nossa vez; que também não pode ser muito tarde, pois a partir de certa altura a massa começa a esfriar rapidamente. Por conseguinte, tudo tem de acontecer no tempo próprio. Quanto mais cedo for, maior o motivo do nosso orgulho e a probabilidade de arrancarmos murmúrios de aprovação às bocas que mastigam.

Arrancamos do monte o primeiro pedaço, fechando a mão ao seu redor

(soprar-lhe ligeiramente antes de o fazer não é um crime grave). Com gestos lentos e repetidos, amassamo-lo até o sentir com a forma de um pastel de bacalhau. Seguramo-lo entre os dedos indicador, médio e anelar, e mergulhamo-lo no prato do caril, deixando que o molho embeba uma ponta, ao mesmo tempo que com o polegar lhe juntamos dois ou três pequenos camarões. Em seguida, levamos o conjunto à boca mordendo apenas a parte da massa que mergulhámos no molho e os pequenos camarões, que estalam com um ruído seco entre os dentes. A massa tem na boca uma consistência levemente arenosa, os camarões o sabor acre e estaladiço das coisas secas ao sol. Enquanto mastigamos, a farinha que sobra na mão é novamente amassada para formar novo bolo, agora mais pequeno, quase esférico, que mergulhamos outra vez no caril e pode desta feita ser engolido por inteiro. Em seguida, voltamos a arrancar mais um pedaço de massa limpa e o processo recomeça.

É fundamental fazer tudo isto com gestos precisos, pois deixar cair bocados de farinha no prato colectivo do caril ou manchar de molho o prato de *sadza* com os dedos sujos seria falta de educação, do mesmo modo que deixar desajeitadamente escapar a comida por entre os dedos provocaria a ironia e as gargalhadas dos comensais. Por outro lado, é de evitar dar de nós um ar demasiado concentrado que faria sobressair a condição de neófitos, embora, muitos anos decorridos, me pareça provável que essa concentração caísse bem, por denotar respeito e empenhamento em assumir maneiras tão diferentes das nossas.

Fala-se muito enquanto se come. Fala-se de pequenas coisas, de futebol e de golos, de socos, de roubos e de feitiços. Troça-se dos colegas oriundos de outras terras. Fala-se em português, mas também numa língua que nos soa amigável, embora apenas conheçamos dela escassas missangas soltas, nunca os colares inteiros. Por vezes percebemos que falam de nós. Há ironia, mas há também uma certa camaradagem uma vez que temos os nossos próprios argumentos.

Esvaziados os pratos (come-se sempre tudo até ao fim), o pequeno grupo começa a dispersar. Todos têm os seus planos. Quanto a nós, deixamo-nos ficar mais um pouco a fim de assistir aos preparativos da partida de Zeca Gombe Gombe para o seu passeio de domingo à tarde.

* * *

Gombe Gombe vai buscar a bicicleta, uma *Raleigh* esplendorosa que ele ama

acima de qualquer coisa e que guarda no quarto, ao lado da cama. Trá-la para fora, para as últimas afinações. Começa por verificar o estado da corrente, da cremalheira e do pinhão de ataque. Acocorado, com os joelhos quase ao nível das orelhas, unta tudo com uma pasta gordurosa de cor clara que guarda numa pequena lata, limpando meticulosamente o excesso. Fá-lo com a ajuda de um pequeno galho arrancado ao arbusto de hibisco, enquanto vai falando de aspectos ligados ao que faz ou guarda um silêncio a rebentar de orgulho pelas costuras, acompanhado de pequenos olhares de soslaio para comprovar que assimilamos os detalhes.

A bicicleta está apoiada num sofisticado descanso que lhe eleva ligeiramente a roda traseira e a deixa num equilíbrio tão sólido que quase podemos montá-la assim parada sem correr o risco de cair. Com um gesto largo do braço direito, Gombe Gombe põe a roda a girar durante um bocado. Assim livre, assim solta do chão e tão bem balanceada, dá a impressão de que basta este impulso para que fique a girar eternamente, produzindo um som tão ténue que quase se resume ao leve silvo dos seus raios cortando o ar parado do começo desta tarde de domingo. Gombe Gombe espera um momento antes de lhe encostar o pequeno dínamo para se certificar que a luz do farol acende normalmente, dando depois um novo impulso para testar os travões com calços novos. Por fim, verifica diversos apertos e passa um pano por toda a bicicleta para lhe avivar o brilho, dedicando especial atenção aos cromados e ao espelho retrovisor. Olha depois o conjunto com ar pensativo, sem dúvida perguntando-se se haverá ainda alguma coisa a melhorar.

Mas não. Tudo parece pronto. Levanta-se e vai ao quarto buscar os sapatos. Regressa e senta-se a engraxá-los com uma escova gasta e uma lata de *Nugget* com um conteúdo já quebradiço de tão antigo (usa uma pitada apenas, a cada domingo). Conclui o processo com curtas cuspidelas seguidas de um polir vigoroso com um pano cinzento e ensebado, que produz chiados no verniz. Assim que os sapatos estão prontos, tão brilhantes quanto a bicicleta, volta a entrar para uma ausência desta vez mais prolongada. Ouve-se correr a água do banho, o cheiro forte do sabão azul invade o ar.

A bicicleta fica por um momento desguarnecida. O guiador tem o formato antigo, com os punhos bem elevados e paralelos ao quadro para que o ciclista possa pedalar na posição de quem transporta um tabuleiro, mantendo a dignidade de um tronco vertical (Gombe Gombe troça dos volantes invertidos das nossas mais modestas bicicletas, que obrigam a conduzir com o tronco inclinado para a frente numa posição que para nós é *de competição*, mas que

ele acha, por palavras suas, humilhante, cabisbaixa, enfim, destituída de *estilo*, e o *estilo* é fundamental como critério em tudo aquilo que ele faz).

Além disso, a posição do seu guiador também dá mais espaço para prender ali uma série de dispositivos e comandos, desde logo a campainha, uma *Hercules* de voz límpida, mas grossa, com a campânula de um cromado tão espelhado que, enquanto pedala, Gombe Gombe pode conferir ali o estado do penteado ou se os dentes continuam capazes de manter bem alto o seu sorriso de feliz proprietário, ainda que penteado e dentes figurem sempre distorcidos. Tudo isto, claro, na eventualidade de acontecer a desgraça improvável de se partir o espelho, também ele preso ao volante, do lado direito, redondo e quase tão largo como um *single* de quarenta e cinco rotações por minuto, e seguro por uma haste tão longa que o ciclista pode recorrer a ele sem ter de se submeter à humilhação de se inclinar; espelho irresistível, que Gombe Gombe, magnânimo, deixa toda a gente consultar em proveito próprio. Ao lado da base do espelho há ainda o manípulo do dispositivo das mudanças, um *Sturmey-Archer* de três marchas para nós inacessível, devido não só ao preço mas também ao cuidado de manutenção que requer, ambos para lá das nossas imberbes possibilidades. E finalmente, nas extremidades, há ainda uns punhos delimitados por rodela de borracha e de cujos extremos pendem multicoloridas fitas de plástico cuidadosamente recortadas, a fazer lembrar qualquer coisa de índio Sioux e que, juntamente com as palas também de borracha presas aos guarda-lamas, esvoaçam assim que a bicicleta se põe em movimento, dando ao conjunto o aspecto dinâmico de pássaro tropical de empertigadas plumas encetando o voo.

Do guiador, desce-se para o quadro, passando pelo tubo de direcção que ostenta o erre de *Raleigh* quase com a mesma pompa dos entrelaçados erres da *Rolls-Royce*. O quadro é todo ele protegido por uma fita isoladora enrolada com precisão (a finalidade anunciada é de impedir que a chuva faça entrar a ferrugem, mas o verdadeiro propósito é de que fique tudo mais *estiloso*, termo técnico que ninguém sabe definir mas todos sabem o que é), e do seu tubo inferior despontam dois pinos que prendem a bomba de ar, de uma marca alemã, que Gombe Gombe comprou em segunda mão mas em estado quase novo. Atrás do selim, forrado e recoberto por um protector do forro, um pequeno saco com dois fechos de fivela que contém tudo aquilo que ele pensou poder vir a ser necessário numa emergência, nas horas infinitas em que, depois do trabalho e antes de adormecer, ficou sentado a olhar as estrelas e a pensar na bicicleta pendurada junto delas: duas ou três caixinhas de lata com massas e

cremes, uma minúscula almotolia com óleo para qualquer precisão, chaves para todas as porcas e parafusos, rodela de sola para a bomba de ar, pipos sobressalentes, tubinhos de borracha para os pipos, calços para os travões, lâmpadas para o farol, reflectores de diversos tamanhos, cola e remendos, um pano, um alicate, alguns elos de corrente, uma pequena lâmina de faca, uma caixinha de lata com porcas e parafusos, enfim, um pedaço de câmara de ar com múltiplas aplicações.

E haveria ainda muito a dizer sobre os guarda-lamas, sobre o cromado dos aros das rodas, sobre os raios, sobre as rodas propriamente ditas, balançadas com minúcia (já disse que um só impulso e ficariam a rodar eternamente), sobre os inúmeros reflectores, em particular os que vão presos aos raios das rodas e giram caleidoscopicamente com o incidir da luz, ou engenhosamente encastrados na extremidade dos eixos dos pedais, sobre a chapa com o número da licença sem a qual Gombe Gombe estaria a contas com a autoridade na primeira curva do caminho, presa ao eixo da roda traseira e que brilha tanto como o espelho, sobre a estrutura de arame presa ao quadro onde encaixa o rádio a pilhas e uma placa com o orgulhoso nome de Zeca Gombe Gombe (o proprietário), enfim, sobre um dispositivo que não tem qualquer propósito e tem ao mesmo tempo o propósito mais precioso de todos, o de chamar a atenção para a obra de arte que ali vai em movimento: uma haste flexível de dois metros, assim como uma antena (ele chama-lhe antena, embora não cumpra essa função), que tem na extremidade uma pequena bandeira triangular e é rematada por uma bola de plástico cor de laranja, recipiente vazio de um sumo de frutas então muito em voga. O dispositivo da bandeira é puro, não encerra qualquer símbolo ou dizer, representa apenas aquilo que há de mais precioso numa bandeira: atrair, como disse, a atenção para o que ali vai a passar, afirmar a sua orgulhosa identidade soberana. Para isso basta-lhe ser lisa, basta ser uma bandeira.

Gombe Gombe regressa do banho e põe-se a assobiar enquanto escova o cabelo com um pente de ferro em frente ao espelho da bicicleta. Fáz-lo durante muito tempo, sempre de trás para diante, aplicando de quando em quando um pouco de um creme esverdeado com um cheiro intenso. Quando se dá por satisfeito tem uma poupa brilhante e espaventosa, bicuda e alongada, orgulhosa como a proa de um transatlântico, e que lhe muda totalmente o semblante. Enche-o de orgulho aquela poupa. Em seguida, enfia a blusa justa com cuidado (para não danificar o penteado), espeta o pente entre a meia direita e a perna para o caso de futuras precisões, prende as bocas de sino das calças com molas

de roupa para que não se enrodilhem na corrente, coloca o rádio na consola, põe os óculos de sol à Little Stevie Wonder e está pronto.

Salta para a bicicleta e arranca devagar, com aquele par de ébrios esses que somos obrigados a descrever quando em baixa velocidade, para conseguir manter o equilíbrio. Acompanhamo-lo nas nossas mais modestas bicicletas, mas só até ao fim da rua. Aí, chegados ao cruzamento, ele selecciona uma mudança das três que guarda no seu *Sturmey-Archer* e a bicicleta empertiga-se. Um aceno para os que ficam, um golpe seco nos pedais e desfraldam-se os protectores de borracha dos guarda-lamas, fremem as fitinhas dos punhos do guiador, retesa-se e inclina-se a antena da laranjinha: o pássaro levanta voo rumo ao que o domingo promete.

* * *

Voltamos para dentro e a casa está mergulhada no torpor da sesta. Por mais que sacudíssemos agora as coisas nada as faria vibrar. Correm devagar, envoltas na sonolência e no mistério das tardes de domingo. Quanto a mim, sento-me na mesa da sala, abro os cadernos e inspiro fundo em busca de alento para enfrentar os trabalhos de casa. Tudo é silêncio, salvo os resmungos do espírito que habita o frigorífico e, ao longe, uns tambores infatigáveis. Pode também dar-se o caso de a rádio transmitir os lamentos de um comentador de futebol (as partidas disputam-se à tarde). Tudo é penumbra, salvo onde o sol entra em colunas oblíquas que espantam as partículas de poeira e incendeiam cortinas, paredes e tampos de mesas, ou espalham pelo chão geométricas ilhas iluminadas.

No terreno baldio, do outro lado da janela, esse mesmo sol torna o espigado capim quase branco, uma planície nevada onde um grupo de índios Cheyenne faz a sua progressão de Inverno, enrolados em peles de bisonte e com as penas dos cocares espevitadas por súbitas rajadas de vento. Não se vêem ainda as fardas azuis dos soldados lançados em sua perseguição. Escondido na sala como na ponte de comando de uma nave espacial, movo-me com gestos vagarosos para que não dêem pela minha presença. Vejo passar os cavalos arrastando grandes cargas embrulhadas em peles de bisonte, velhos e crianças enfrentando com coragem a distância interminável, *squaws* de cabelos asa de corvo e com olhos de fogo. Firmes nos seus pequenos póneis malhados, de lança em riste e arcos aprestados, os guerreiros guardam as alas.

Abano a cabeça e obrigo os olhos à disciplina do caderno durante um certo

tempo, escravos de uma frase ou uma conta. Quando muito deixo que rastejem por perto, o tampo da mesa, as canetas, o copo de água. Quando se tornam a rebelar, o sol avançou um pouco e o baldio está inundado de ouro maduro, um campo de trigo, o areal da praia de onde os índios foram expulsos por ninfetas que me chamam para brincar. Têm a frescura congelada das coisas que vivem nas recordações, que esvaecem mas estão impedidas de envelhecer. Passo as mãos pelo cabelo para me sentir mais apresentável, deixo de usar calções, cioso já da minha pequena figura. Avanço na sua direcção com um passo quase confiante. Vistas assim de perto acabam por revelar pequenas imperfeições, mas em contrapartida abrem-me caminhos novos, antes nem sequer imaginados. Todavia, ou elas são efémeras ou eu demasiado lento, e o baldio tem ainda uma outra cor. Encosto-me ao muro com os meus companheiros, a pose cândida que os grupos musicais assumem sempre nas fotografias, cabelos compridos, semblante rebelde e algo insolente mas braços pendentes, impreparados para qualquer acção, como se nos bastasse aguardar pela chegada do destino em vez de partir atrás dele.

Novamente o tédio do caderno durante um certo tempo, até que o escoar da luz dificulta a leitura dos números mais pequenos, e outra vez o baldio, agora tingido de sangue, depois que índios, ninfetas e bandas musicais se foram, e que o sol se põe atrás de umas casas, mancha que escurece rapidamente até desaparecer de todo, como se o que havia ali se dissolvesse no desconcerto do mundo e o baldio passasse a ser um exercício mental. Quando dou por mim, lá fora ficou apenas o som dos grilos e a passagem súbita de insectos em conflito com a luz dos candeeiros. O arrepio de uma pequena aragem. Pesa-me o corpo, trespassado pelo tempo. As folhas do caderno amareleceram e os trabalhos de casa jazem inacabados. A tarde lenta voou afinal com uma rapidez estonteante. Uma a uma, também as luzes cá dentro se vão tornando necessárias. A casa cresce, vira-se para dentro.

* * *

Umaz vezes Gombe Gombe regressa cedo e nós, sentados no muro, ainda o vemos entrar, o farol da frente evoluindo trémulo e aos esses, perdendo o alimento que colhia da pedalada vigorosa, sugando os últimos sucos da inércia antes de se apagar à entrada. Desmonta e conta-nos que foi à Manga visitar um parente, e para nós a Manga é o lugar mais longínquo do universo, ou então foi ao campo de futebol ver jogar o Rebenta Fogo contra o Nova Aliança. Pode

ainda dar-se o caso de referir umas amigas com quem passeou na Chipangara, e fazê-lo com um sorriso cúmplice a que não sabemos ainda bem como aderir. Imaginamo-lo de bicicleta pela mão, os óculos postos, cercado de raparigas de perfumes adocicados e vestidos coloridos, mirando-se no espelho ou na superfície lisa da formidável campainha *Hercules*, e ele não desmente, tudo isso com o tal sorriso e ao som longínquo dos tambores que povoou toda a tarde, monótono, ondeando ao sabor do vento, um som que entra pela noite adentro e só vai parar quando chegar a madrugada, assinalando desse modo a entrada oficial na nova semana.

Outras vezes Gombe Gombe chega mais tarde, e nós, que já estávamos recolhidos, saímos furtivamente assim que ouvimos o chiado do portão. É nessas alturas que ele nos conta as aventuras mais fantásticas, sempre em voz baixa, para não acordar quem já dorme. Fala-nos dos combates de boxe a que assistiu, e tantas vezes o faz que os lutadores que menciona são já, para nós, uma espécie de velhos conhecidos, anunciados ao microfone, a meio do ringue, pelo lendário Al Pereira: Ganda, o maior de todos, mas também Danger, Mapepa, Cambeua, Dully (alcançado pelos adeptos de *Number One*), Tony Beira, Costumado, Fundice e muitos outros. Vieram quase todos de longe, do meio rural, de tal maneira que dou por mim a pensar, na minha mentalidade da altura, que os da cidade são mais fracos que os do campo, e também que estes últimos vêm quase todos das margens do rio Zambeze. Ganda é de Mopeia; Danger, o jovem que certa vez o desafiou e derrotou, da Murraça. E há também outros da Lacerdónia, Marromeu, Vila Fontes, Chemba, etc., locais que Gombe Gombe nos ensinou a conhecer como se desde sempre tivéssemos vivido lá. Está portanto nas águas do grande rio a explicação da força que têm.

Gombe Gombe ri-se das nossas fantasias, diz-nos que estamos longe da explicação. Não é a água do Zambeze que esconde o segredo, uma vez que há grandes lutadores oriundos de terras muito afastadas do rio: Morrumbala, Gorongosa, Guro e Manica. Na verdade, diz, o que lhes dá a força não é a terra ou a água, mas sim a *mangolomera*, os feitiços de que cada um se conseguiu munir antes de rumar à cidade, os remédios mais ou menos eficazes a que recorreu para poder chegar aqui e vencer os adversários que encontrou.

Certa vez contou-nos a história do rei Ganda. Era ele ainda jovem, em Mopeia, e pensando já na viagem que o iria levar à Beira resolveu consultar um feiticeiro. Este levou-o até junto de uma árvore, no meio do mato. Fê-lo sentar-se debaixo dela, fechar os olhos e ingerir uma bebida que trazia. Quando os voltou a abrir, Ganda olhou para cima e viu, num ramo alto, um leopardo

silencioso. Ao sentir-se observado, o leopardo espreguiçou-se cheio de vaidade, o gesto fazendo soltar-se do seu lombo uma nuvem de pêlos que caiu sobre o jovem Ganda, enquanto o feiticeiro rezava e lhe esfregava a pele com aquela chuva brilhante. Quando regressaram, concluída a cerimónia, Ganda tinha já o andar felino que ainda hoje o caracterizava, e aquela força sobrenatural que o celebrizou. Estava pronto. Partiu para a Beira e, embora abraçasse diversas ocupações, entre elas a de sapateiro, foi no boxe que, como sabemos, encontrou a glória. Entretanto, todos os anos regressava a Mopeia para visitar o feiticeiro e reavivar a sua *mangolomera* feita de pêlo fresco do leopardo, que lhe incutia novas forças e, à pele, um tom acobreado.

Todavia, com o correr do tempo as coisas começaram a mudar. Aos poucos Ganda foi espaçando as idas a casa. Ou o feiticeiro morreu, ou o leopardo desapareceu. Dizem alguns que o lutador recebia os pêlos do leopardo dentro de cartas da família que alguém trazia (está sempre a vir gente do campo para a cidade), mas o remédio chegava já sem a força original. Também não se pode descartar que tanto sucesso tivesse dado volta à cabeça do lutador, a ponto de o levar a esquecer-se de Mopeia e a achar que a cidade fôra desde sempre o seu lugar; ou que os adversários, por serem mais fracos, assim haveriam de permanecer para sempre. Todas estas conjecturas Gombe Gombe vai buscar, pavoneando-se com elas ante os nossos olhos para em seguida as descartar. E por fim, quando já desesperamos, eis que ele anuncia a última versão, a verdadeira, aquela segundo a qual Ganda estava tão cego pelos fumos da própria glória, tão distraído com ela que nem deu pela chegada de um jovem chamado Danger, oriundo da Murraça, de onde trazia a sua própria e poderosa *mangolomera*. De nada serviu o regresso apressado de Ganda a Mopeia ou, aqui na cidade, as visitas nocturnas que se diz ter feito ao cemitério de Santa Isabel: a sua força, frente ao adversário, simplesmente se quebrava.



Queremos de imediato saber que *mangolomera* é a de Danger, mas infelizmente ninguém sabe. Gombe Gombe encolhe os ombros, lamentando-se: ninguém sabe, repete. É um segredo bem guardado, e não podia ser de outra maneira pois se alguém soubesse logo haveria de achar uma *mangolomera* superior para a contrariar. Desalentados, já nos viramos para entrar quando Gombe Gombe nos trava com um sorriso. Esperem aí. Ninguém sabe da

mangolomera de Danger à excepção de Gombe Gombe, claro, e por isso nos chama com a mão e nos pisca um olho, preparando-se para contar antes de nos irmos deitar. A *mangolomera* de Danger é muito simples, e ao mesmo tempo muito poderosa. Consiste, afinal, não em defendê-lo, mas antes em enfraquecer todos os outros, fazendo andar duas vezes mais depressa o tempo deles. Quando deu por si, entretido que estava com o seu próprio sucesso, Ganda descobriu-se envelhecido, com os músculos cansados e a face cheia de rugas. Desgastado pelo tempo. Duas vezes mais anos do que o outro, duas vezes o atrito do vento dos dias polindo-lhe os músculos. É só isso.

E nós abrimos a boca de espanto, assombrados com a eficácia da *mangolomera* de Danger, e Gombe Gombe aproveita este momento alto, o último fulgor do seu prestígio neste dia, para se despedir. Afinal, está cansado também ele, foi um domingo em cheio e amanhã é dia de trabalho. Despede-se e prossegue para as traseiras com a bicicleta pela mão.

Deixo-me ficar para trás um bocado, apesar de ser tão tarde. Sentado no muro, olho na direcção de um baldio que já teve tantas cores e que a escuridão torna agora inexistente. Pergunto-me que poderosa *mangolomera* foi esta que fez com que tudo andasse tão depressa, a ponto de quase não ter dado pela passagem desta tarde de domingo.

* * *

Certa vez Zeca Gombe Gombe regressou mais cedo do que o habitual. Vinha com a bicicleta pela mão. Tinha um olho inchado, a blusa rasgada, a roda traseira da bicicleta estava muito danificada. Nesse dia a sua *mangolomera* não o tinha protegido. Nada nos disse sobre o incidente, se tinham sido *mabandidos* ou a polícia, estava de mau humor. Mas felizmente que dias depois o olho desinchava e ele conseguia uma roda em segunda mão, em estado quase novo.

Dragão Oriental (Mercearia & Brindes)

1

Certa manhã, caminhava eu em direcção à Baixa, tropecei numa pedra e caí. Na frente do meu nariz estava uma nota de cinquenta escudos espreitando de uma falha do passeio. Antes de a apanhar olhei em volta. Não se via vivalma. Escondiam-se todos do calor, salvo, a curta distância, um polícia sinaleiro empoleirado na sua peanha, a meio do cruzamento.

A nota era nova. Não recordo já que dúvidas me assaltaram, certamente ligadas à acesa luta entre o bem e o mal que nessa altura me assombrava de maneira intermitente. Sei apenas que, já na posse da nota, e numa súbita resolução, me aproximei do polícia, que entretanto descera da peanha e abria a caixa do semáforo para o religar, sem dúvida por ter concluído não valer a pena continuar a gerir um tráfico que relutava em engrossar.

Olhou-me com uma expressão enigmática, uma espécie de perplexidade que o enfado provocado por dilemas morais que não lhe diziam respeito atenuava. Disciplinar um trânsito que apesar de escasso provocava acidentes rodoviários violentos e frequentes, mais a mais naquele calor, devia deixá-lo exausto. Terminou lentamente o que fazia, verificou que as luzes do semáforo funcionavam na perfeição e, por um momento, que os raros carros obedeciam à máquina como se fosse a si próprio, virou-se para mim, e só então me disse, com os olhos celtas de um azul gelado, que entregasse a nota na esquadra de polícia mais próxima, na Praça do Município. Todavia, já eu me afastava, gritou-me que esquecesse a esquadra e gastasse antes o dinheiro em algo que me agradasse. Fê-lo, acho hoje, sem ponta de simpatia ou assomo pedagógico. Libertava-se apenas de algo que de outro modo ficaria a incomodá-lo o resto do

dia como uma moinha.

Quanto a mim, não precisei de ouvir aquilo duas vezes. Leve como um pássaro, mais a mais enfunado pelo conselho da autoridade, esvoacei até à loja Frimatic para trocar a nota de cinquenta escudos pelo *My Bonnie* dos Beatles, que veio a ser o meu primeiro *single*. Estava nas nuvens.

Fiz o que tinha a fazer na Baixa, já não sei nem importa o que era. No regresso, e contra o que era hábito, talvez para evitar dar de caras outra vez com o volúvel sinaleiro, descobri-me no percurso algo complicado que passava perto do Restaurante Chinês (a que chamavam *China Pobre*, para distinguir de outro porventura mais rico), de onde se desprendia sempre o aroma daquilo que para nós eram verdadeiras iguarias, embora, ao que se dizia, de higiene duvidosa (por essa razão também lhe chamavam *China Porco*, dando a entender que o rico era mais limpo). A ligeira inquietação que sentia sempre que passava por ali tinha a ver com o pequeno caos gerado por veículos em permanentes trabalhos de carga e descarga, à porta dos estabelecimentos comerciais, de que me devia manter afastado pois, repetia a minha avó desde sempre, era no decorrer deste processo que raptavam crianças e as metiam em sacos para levar para parte incerta, de onde emergiam anos mais tarde tão diferentes que os pais, por não as reconhecer, as enjeitavam. Embora eu estivesse já na idade de me ir libertando dessas histórias, persistia no ar uma nuvem de mistério associada ao dito restaurante, feita de suspeitas de ali se cozinharem cães e gatos, e de rumores fascinantes relacionados com o tráfico de ópio, uma sala de fumo escondida nas traseiras e, mesmo, negócios resolvidos a altas horas da noite e à facada, tudo isso à luz de lanternas de papel escarlate e adensado pela leitura de livros de quadradinhos que nos provavam aquilo de que os chineses eram capazes, tanto nos labirintos de Xangai como nas ruas íngremes de São Francisco e, pelos vistos, também na Beira. Aliás, por esses dias fora detido um certo Ho Kan Hi, tripulante do navio Yewbank, acostado ao Cais N.º 4, quando tentava passar mais de um quilo de pasta de ópio disfarçada dentro do cinto das calças.

É certo que o ambiente não era de todo hostil. Por vezes íamos em grupo a esse mesmo restaurante, por assim dizer *oficialmente*, para um almoço de aniversário ou coisa assim, altura em que devorávamos o porco agri-doce e as pequenas tigelas de arroz chow-chow que as moedas que trazíamos conseguiam comprar. Mas, andar por ali sozinho e sem propósito era razão suficiente para que a passagem fosse apressada e de olhos colados ao chão.

Essa vez não foi diferente das outras. Os mesmos camiões e carrinhas de

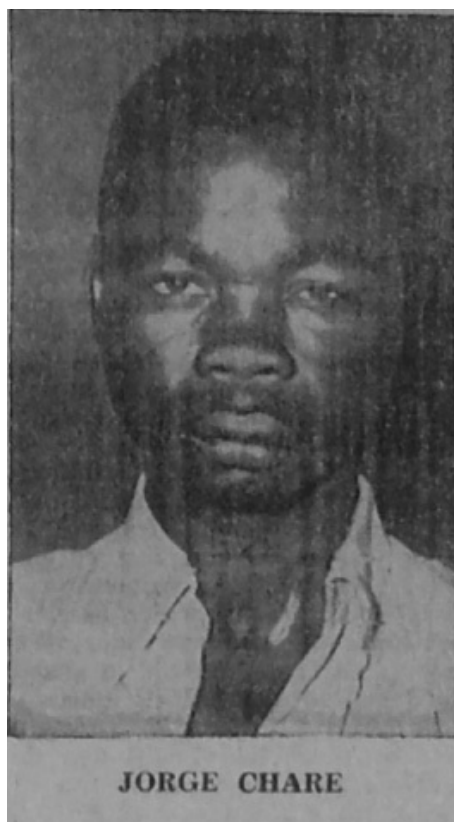
taipais descaídos à porta dos estabelecimentos, os mesmos carregadores de torsos enfarinhados pela poeira dos cereais levando sacas para dentro, dois criados do *China Pobre* esfregando panelas debaixo de uma torneira, um hóspede espreitando o movimento atrás das cortinas no quarto andar do Hotel Embaixador, enfim, o corrupio em torno da Casa Bulha, a certa distância. E, no meio de tudo isto, sentados frente a frente, uma velha mulher chinesa conversando em voz baixa com um rapaz na pequena esplanada do restaurante.

Estarem os dois assim não era totalmente impossível naquele tempo, mas a visão de uma velha chinesa sentada numa esplanada na companhia de um jovem negro era pelo menos invulgar. Além do mais, conversavam tranquilamente, o que acentuava a nota dissonante que traziam àquele caos diligente. Não eram ordens que ela lhe dava, se me faço entender, eram ideias que trocavam, olhos nos olhos.

Por essa altura eu já acreditava na teoria, que o tempo só veio confirmar, de que os olhares são feixes de luz que transportam consigo sentidos tão reais que quase se podem tocar. Assim que o meu se rebelou e partiu na direcção do par, vencidos pela curiosidade que haviam sido os esforços de o manter rente ao chão do passeio, tive a certeza de que eles o sentiriam e se veriam forçados a interpretá-lo. Foi o que de facto aconteceu. Apesar da razoável distância que nos separava, deixaram de falar e ficaram quietos por um momento, à espera que o efeito do meu olhar se desvanecesse. Embora as suas vozes não chegassem até mim, soube-o por aquela imobilidade súbita que acontece nesses casos, e porque o feixe que dos nossos olhos emana, além de enviar sinais também os acolhe. E eram estranhos, esses sinais de retorno. Virados os dois para mim, ficámos os três, por um instante, em íntima ligação.

O olhar dela, uma mulher de idade bastante avançada, era aguado como as coisas diluídas pelo tempo. Vago e míope, prendia-se à totalidade e desinteressava-se dos pormenores (era o chamado olhar de grande escala). O dele, pelo contrário, alimentava-se desses mesmos pormenores. Os seus olhos eram dois carvões incandescentes disparados da esplanada, que abriram caminho por entre carros e carregadores e ricochetearam num sinal de estacionamento proibido, atingindo-me em cheio entre os dois olhos. Em volta, tudo fingia ser como dantes. No entanto, o bulício desaparecera de repente, substituído por uma paisagem esbatida e um silêncio pesado. Apertei na mão o disco novo e quase larguei a correr.

Embora adaptadas às especificidades de cada caso, as acções do assaltante Jorge Chare tinham aspectos em comum que permitiam perceber um padrão no modo de operar. No final de cada assalto dirigia-se sempre à cozinha da casa visada para comer e beber tudo aquilo a que conseguia deitar mão. Só depois fugia. A Polícia de Segurança Pública, sempre inclinada à criação de um efeito dramático junto do público, considerava-o por isso mesmo um ladrão possuído pela gula («extraordinária gula», ou mesmo «o pecado mortal da gula», foram expressões a que recorreu nos seus comunicados). Os jornalistas, mais comedidos, referiam nas suas peças tão-somente um forte apetite, e o próprio Chare, quando mais tarde foi interrogado, asseverou tratar-se de fome mesmo, pura e simples, uma fome crónica que o perseguia desde criança.



Fosse como fosse, o padrão era claro. No episódio da casa de António Esteves Lomba, à Rua Aires de Ornelas, Chare introduziu-se pela janela da

cozinha, depois de ter cortado a rede mosquiteira com uma lâmina, e passou rapidamente ao quarto onde a vítima e a esposa dormiam. Uma vez ali, apoderou-se de diversos artigos de vestuário, com predominância para calças e camisas de homem, após o que regressou à cozinha onde se banqueteceu tranquilamente com pão e chouriço (expressão algo exagerada, constante do comunicado da polícia), a menos de três metros de distância do sogro de Lomba, que dormia numa dependência mesmo ao lado.

Seguiram-se muitos outros assaltos na Ponta Gea, em Matacuane, nas Palmeiras e no Macúti, em que foram visadas residências de médicos e arquitectos ou simples moradas de funcionários e velhos reformados coloniais. Um resto de guisado da véspera em casa de Almor Lopes Doutel, à Rua Pedro Rafael Maria da Assunção, ou carnes frias do arquitecto Julião Azevedo, um simples copo de leite em casa de Owe Pieter Boese ou acepipes variados no Hotel Miramar — nenhuma cozinha se achava ao abrigo da sua gula, fome ou apetite.

Vendo bem, os tons ásperos com que a polícia traçava o retrato de Chare junto do público tinham origem não só nos crimes em si, mas sobretudo na desfaçatez do ladrão. Sim, porque saquear as cozinhas da cidade a bel-prazer envolvia mais do que audácia, roçava uma desfaçatez comprovada pelo facto de não ter sequer poupado a residência do tenente Oliveira Marques, um dos comandantes da corporação, onde se infiltrou a 24 de Março para roubar o que achou no quarto enquanto a vítima dormia, nomeadamente um dinheiro esquecido no bolso de uns calções e, imagine-se, o próprio dólman da farda oficial (a ninguém passaria pela cabeça meter-se em trabalhos roubando uma coisa daquelas, e a única explicação possível só pode estar na atracção exercida pelo brilho das dragonas!). Como sempre, terminada a vistoria ao quarto Chare passou à cozinha, onde engoliu dois bifés empurrados por um fundo de garrafa de vinho branco achado na despensa, antes de se internar na noite. Não admira, pois, que fosse perseguido com redobrado afínco, ao mesmo tempo que o injuriavam nos jornais.

Nada, porém, que incomodasse o ladrão. Dos jornais estava ele imune, por não saber ler. Já quanto às perseguições, elas não esmoreceriam quer assaltasse ou não, ou comesse no final como ele fazia. De modo que optara por escapar-se para diante, realizando assaltos cada vez mais frequentes e audaciosos, numa espiral que ninguém sabia onde iria terminar (alguém chegou a chamar-lhe um Clyde africano sem a sua Bonnie). Fazia-o durante a noite, e antes que raiasse a madrugada escapulia-se sob as copas das casuarinas da praia, de onde o escuro

custa mais a desentranhar-se, até chegar ao canhão das Palmeiras e descer à sua casamata, um dédalo de pequenos quartos subterrâneos onde ia empilhando tudo aquilo que roubava.

Ali passava os dias, resguardado do sol e do bulício da cidade, avaliando, classificando e empilhando o produto dos seus roubos e maquinando novas acções para as noites que aí vinham. Assim que estas chegavam, passado o lusco-fusco, atirava-se de novo aos caminhos, atraído pelas coisas luzidias. Através das janelas, farejava cenas domésticas inundadas do brilho do néon das cozinhas, ludibriava cães de guarda, apalpava grades e cadeados para lhes descobrir os segredos, esmiuçava frinchas por onde conseguisse esgueirar-se de barriga cheia, depois de nelas penetrar.

Aconteceu-me algumas vezes parar junto àquele canhão e ficar dali a olhar a praia, quem sabe se numa altura em que estas coisas corriam já à desfilada. Assim que tive conhecimento delas, tempos mais tarde, sobreveio-me um calafrio só de imaginar-me com os meus companheiros conversando calmamente na sapata do canhão, enquanto por baixo, nos labirintos, Chare estaria aguardando que chegasse a noite, passando em revista, para matar o tempo, o produto das suas errâncias nocturnas, camisas e calças, pares de sapatos, coisas roubadas nas casas da cidade enquanto as vítimas hibernavam em quartos isolados pelo ar condicionado ou atravessavam sonos difíceis, atormentados pelo calor, tombadas de borco sobre os charcos de suor que empapavam os lençóis. Algumas vezes chegámos mesmo a descer à casamata, num daqueles atrevimentos a que são dadas as crianças, que as levam a correr grandes riscos sem o menor estremecimento. Todavia, lá em baixo nunca deparámos com mais que recantos escuros cheios de lixos e dejectos, envoltos numa indescritível pestilência, com as paredes manchadas de urina e humidade, e invadidas por escritos que algumas vezes eram secretas declarações de amor mas na maioria dos casos agressivos comentários sobre o mundo lá de cima: pragas, blasfémias, desafios insolentes.

Quando tive conhecimento do caso, ocorreu-me a possibilidade de ter sido o próprio Chare o autor daqueles libelos fragmentados, uma forma de responder às injúrias dos jornais. Ofendia-se a polícia e as autoridades em geral, atentava-se contra os burgueses e a sua moralidade, lançavam-se pragas sobre a cidade, faziam-se considerações cruas sobre partes do corpo das mulheres, considerações essas que, à uma, nos ruborizavam e nos alimentavam a imaginação, pelo que se dizia e tentava desenhar (porque não eram só palavras, mas também desenhos ingénuos e bravios), e também porque o simples facto

de os ver nos comprometia com a prevaricação.

Imaginei-o atravessando os dias de pincel na mão (evidentemente, um pincel roubado), entretendo o tempo com aquele ajuste de contas com a cidade enquanto a noite não descia para o deixar passar a termos mais concretos. Assim como uma espécie de grito que deixava ali guardado para a posteridade, na impossibilidade de vir à superfície largar o grito verdadeiro. Com a atitude, exorcizava também o medo (apesar da nossa idade, sabíamos já bem não haver coragem sem que a acompanhe o medo, e por conseguinte Chare erraria na noite enchendo os outros de terror mas também aterrorizado ele próprio). Sim, tinha o costume de me perder nestes estéreis raciocínios, que prometiam muito mas acabavam por ver esvaído o seu potencial ao esbarrarem na realidade. Neste caso, caí em mim quando me veio à mente que Chare não sabia ler nem escrever!

Por outro lado, o facto de nesses dias não termos tropeçado uns nos outros nos corredores do labirinto, nós e ele, parece hoje inconcebível. Já na altura, assim que os jornais descobriram o esconderijo do bandido, esse problema começou a atormentar-me e hoje ainda a espaços me intriga. Foi ele que, entre outros, me alertou para o quão complexos são os lugares, para a capacidade que têm, devassados pelo tempo, de se multiplicarem numa sucessão infindável de outros lugares iguais a si próprios, sob uma aparente capa de unidade. Assim, mais do que um simples labirinto (de si suficientemente complexo para lá quase nos podermos perder), o esconderijo era um labirinto que se multiplicava por muitos labirintos, um a cada hora que passava (ou qualquer outra medida de tempo, se quisermos ser justos e rigorosos), com uma nova luz e novos acontecimentos no seu bojo, e foi essa multiplicidade que tornou possível o nosso desencontro: circulávamos aparentemente no mesmo espaço, mas de facto encontrávamo-nos — Chare, os do meu grupo, outros bandos de rapazes ou, mesmo, ocasionais pares de namorados envolvidos numa urgência — em diferentes gavetas de tempo, o que na prática significa que habitávamos labirintos distintos. Na verdade, se nos encontrássemos todos na mesma gaveta, no mesmo labirinto, de bom grado Chare nos teria transformado em assaltantes como ele ou, mais provavelmente, degolado!

No entanto, por mais prometedora que seja, esta teoria não explica o facto de nas nossas incursões à casamata não termos deparado senão com salas vazias. Sujas, mas vazias. Onde estavam as coisas de Chare, essas calças e camisas capazes de, ao permanecerem ali quando ele saía, atravessar as divisões do tempo? Sim, porque não faz sentido que Chare deambulasse pela cidade

transportando os fardos roubados, em algum sítio teria de os deixar. O mais lógico seria, portanto, que deparássemos com eles quando descíamos. Onde estavam esses fardos?

Só mais tarde este enigma se desfez, quando se soube que Chare entregava os bens roubados a uma receptadora de origem chinesa.

3

Essa mulher, soube-o quando vi uma fotografia sua no jornal, chamava-se Yue Huang Shee e era oriunda de Cantão. Nestas idades mais tenras, em que quase tudo nos acontece pela primeira vez, existe uma grande dificuldade em entender as relações de causa e efeito que se estabelecem entre as coisas, em interpretar as sequências, e por isso mesmo não me foi difícil imaginar a chinesa saltando das páginas do jornal para a esplanada onde a vi conversando com o rapaz, muito antes de ser notícia; assim como não me foi difícil assustar-me com a *coincidência*. Era como se andasse atrás de mim desde o dia em que me atrevi a levantar para ela o olhar, e o facto de surgir no jornal, encarando-me com o seu olhar abstracto, significava que não desistira de me cobrar a ousadia. E todavia, apesar destas divagações fantasiosas, nunca senti que ela fosse uma ameaça; pelo contrário, sempre despertou em mim a ideia de uma indiferença geral a respeito de tudo o que não fossem os seus pequenos interesses mais directos, sem um objecto específico, talvez por causa do olhar vago que tinha, um olhar associado à sua condição de quase cega.



Passei uma vez à porta do seu minúsculo estabelecimento no Maquinino, com o nome nada original de Dragão Oriental (Mercearia & Brindes), nas imediações da pensão Gato Preto (aquando da sua prisão, os jornalistas haviam localizado a loja à Rua Victor Cordon, o que constitui mais uma imprecisão das muitas em que incorrem os jornais). Passei-lhe uma vez à porta, dizia, numa altura que a minha memória não consegue localizar com precisão, vagamente uns tempos depois do dia em que a vi pela primeira vez com o jovem conversando na esplanada do *China Pobre*, mas antes do seu aparecimento de rompante nos jornais; ou seja, numa altura em que eu já sabia quem ela era, embora não fosse ainda, por assim dizer, e pelas piores razões, uma figura pública. Explico.

Por esses dias eu tomara a decisão audaciosa de procurar os Navarones, um

grupo musical sul-africano que se encontrava na Beira para apresentar dois ou três espectáculos. Digo que a decisão era audaciosa por duas razões. Desde logo, porque a possibilidade de uma criança conseguir chegar ao contacto com o grupo era remota; e, também, porque era a primeira vez que me atrevia a ir sozinho a pé ao Maquinino, o bairro da pensão Gato Preto onde os músicos se haviam hospedado. O Maquinino era um bairro periférico de comércio e armazéns, situado do lado de lá do rio, e que era visto por nós, a partir da Ponta Gea, como um local distante e até um pouco misterioso. Convém acrescentar que, por essa altura, tal como um infinito número de crianças em toda a parte, eu tinha reservado um pequeno caderno para a recolha de autógrafos de personalidades que por qualquer razão considerava importantes — músicos, lutadores, futebolistas, professores do liceu caídos nas nossas boas graças. Talvez tenha sido o entusiasmo pelo projecto que fez com que me dirigisse ao Maquinino assim tão resolutamente, para a recolha dos autógrafos inaugurais. No dia escolhido pus-me a caminho do Gato Preto logo após a hora do almoço.



A pensão tinha mau aspecto. Localizava-se numa espécie de largo para onde confluíam três ruas de areia compactada, bastante onduladas e poeirentas, com terrenos baldios de capim alto a toda a volta. Apesar da hora e do calor, viam-se velhos camiões Bedford carregados de mercadoria e muita gente a pé, com trouxas à cabeça, uns com ar de quem ia ou vinha de fazer coisas, outros com aquele tom pasmado que os rurais trazem quando chegam à cidade. Havia também ocasionais polícias para observar tudo isto. Era um lugar de obras de construção, empreendimentos de todo o tipo, transacções comerciais por grosso, mas também pequenas trocas, negócios e vendas. Era um lugar de actividade que contrastava violentamente com a placidez da Ponta Gea. Respirei fundo, para afastar naturais hesitações de última hora, e entrei na pensão. Uma vez lá dentro devo ter perguntado pelos músicos. Não recordo pormenores do que se seguiu, talvez vagamente uma sala com um balcão de

recepção mergulhado na penumbra, umas escadas que se esfumavam à medida que subiam para o primeiro andar. O grupo deve ter dito que me deixassem subir, pois vi-me à entrada de um quarto relativamente amplo do primeiro andar, com janelas e uma porta que davam para uma varanda ampla e curva de onde se via a cidade. Lá dentro, os músicos, uns quatro ou cinco, espalhavam-se pelas camas e cadeiras. Um estava sentado no chão. Tocava guitarra e um ou dois trauteavam. O ar era atravessado pelo fumo acre da suruma que, com bastante naturalidade, fumavam. Não era bem um ensaio, talvez um momento de distensão antes de um concerto.

Quanto a mim, passei de repente a sentir-me ainda mais inseguro aqui do que lá fora. Era uma sensação difícil de definir, mas muito atenta, a atenção de um antílope no tando, sentindo no ar o cheiro dos leões, isso se os animais também tivessem o defeito da ironia. Sim, porque era sobretudo ironia o que eu sentia ser despejado a rodos em cima de mim. Quando me mandaram subir talvez estivessem curiosos, ou apenas cumprissem a obrigação de responder aos eventuais admiradores. Agora, além da natural vaidade que apesar de tudo lhes suscitava a minha presença (embora eu não passasse de uma criança), havia também essa ironia naquele quarto, como se a minha idade me impedisse de ver quão absurdo era o esforço da caminhada sob o sol cru para aqui chegar e obter não mais que umas quantas assinaturas. Na verdade, não faziam mais do que ostentar uma espécie de ilusão muito comum entre os jovens rebeldes dessa época, de que só eles estavam na posse da verdade, ou só eles sabiam o caminho até ela, enquanto todos os restantes pactuavam forçosamente com *o outro lado*, se perdiam no marasmo que então vigorava. Em um ou dois dos rapazes do grupo cheguei mesmo a notar, não sei se com razão, um esgar de condescendência, enquanto assinavam a primeira folha do meu caderno de autógrafos.



Mas era um erro subestimarem-me daquela maneira. Ainda o segundo assinava e já o meu raciocínio trabalhava rapidamente para me libertar. Comecei por colocá-los mentalmente no seu devido e modestíssimo lugar, longe dos Beatles e de outros grupos que habitavam o meu panteão. A bem dizer, nunca tinha ouvido falar dos Navarones antes de aqui chegarem, não lhes conhecia uma música sequer. O meu pequeno coração começava até a nutrir uma certa pena da sua condição de ilustres desconhecidos, de pobres asilados numa pensão daquele calibre, escura e suspeita. Se lhes tinha dado importância era por serem tão poucos os grupos que aqui chegavam, portadores da promessa da existência de um mundo mais vasto para lá daquele em que vivíamos, e para poderem servir de cobaias no meu projecto de angariação de autógrafos, que mal se iniciara e me parecia já tão pouco promissor. De qualquer maneira, quando eles começaram a escrevê-las, as dedicatórias de circunstância e as assinaturas já haviam deixado de ter para mim qualquer préstimo. De facto, ainda o último concluía a sua, com a língua travada entre os dentes e gestos hesitantes que traíam uma escolaridade precária, e já eu resolvera sair dali quanto antes. Respondia àquela jactância com uma altivez que, embora minúscula e secreta, era ferozmente independente. Um deles, num assomo de consciência, ainda me perguntou qualquer coisa como se andava na escola e qual a minha banda musical favorita (imagino que o pobre tolo esperava que eu dissesse serem eles próprios). Ah, mas era demasiado tarde. O

que quer que me havia trazido ali tinha-se quebrado, dissolvido em fumo, já não existia. O que existia era uma espécie de tenra e verde crueldade que abria uma fenda na casca e se preparava para deixar o ovo. E, antes que qualquer deles pudesse reagir, já eu, escondendo sob um olhar azul angelical o profundo desprezo que me inundava por dentro, me declarava atrasado e descia as escadas duas a duas para ganhar a rua e poder enfim respirar. Assunto encerrado, incluindo o caderno de autógrafos que, insisto, me parecia agora, de repente, uma ideia inútil, demasiado infantil, néscia até. Uma vez lá fora, afastei-me rapidamente do Gato Preto pelas ruas daquele bairro que, já o disse, era para mim um pouco misterioso. Livre de um projecto que me havia ocupado boa parte da semana anterior, pretendia disfrutar da minha nova leveza. Foi nessa altura que passei à porta do estabelecimento da chinesa.

O Dragão Oriental (Mercearia & Brindes) não passava de um pequeno compartimento escuro que o contraste com a luminosidade de fora tornava ainda mais imperscrutável. Apesar disso reconheci a mulher imediatamente. Estava atrás do balcão, ocupada. Parecia atender vários clientes ao mesmo tempo. Neste tipo de lojas, sobretudo nas mais modestas, fala-se sempre muito, toda a gente pergunta, discute preços e dá-se por satisfeita sem chegar propriamente a adquirir os produtos. Há quem tente ganhar tempo, procurando atrair o lojista para o seu ponto de vista, pedindo-lhe soluções alternativas, mais baratas, como se o dever deste fosse atravessar o balcão para o lado de cá ou como se as transacções dependessem de boas ou más vontades. A chinesa parecia envolvida em diálogos desse género com dois homens, enquanto outros se aproximavam para fazer perguntas curtas e logo se afastavam a observar novas coisas. A loja era tão pequena que meia dúzia de pessoas passavam por uma multidão. Dela emanava um cheiro abafado a cereais, humidade e talvez um rasto de sândalo misturado com um ranço indefinido e o adocicado desabrido das essências duvidosas (de qualquer modo, um cheiro muito diferente do das suas congéneres indianas, onde as especiarias reinavam sempre incontestadas). Havia rolos de tecido barato à mistura com latas de petróleo, velas, pacotes de bolachas, rolos de arame e fio de pesca, assim como bijuteria de plástico. Junto à parede havia sacos de serapilheira com as pontas enroladas, meio-cheios de milho, feijão, arroz de terceira, coisas sólidas que se mediam em litros com recurso a uma colher de latão, o que na altura me causava certa estranheza. Tudo se dispunha de forma desarrumada, criando um clima muito diferente das lojas chinesas do centro da cidade, como o Ping Ta ou o Yip Fook, onde os clientes, maravilhados, encontravam as novidades da

Formosa: estatuetas de jade, pijamas de seda, camisas de casca de ovo, jarrões enormes, minúsculas chávenas de café com carantonhas no fundo, pratos trabalhados com os respectivos suportes (dois eles de madeira ligados por uma dobradiça e que, uma vez abertos, suportavam os pratos em exposição). Aqui não havia, por assim dizer, a tentativa de maravilhar, mas tão-somente de chegar às possibilidades mais modestas dos clientes. Estava mais perto de uma cantina comum que de uma loja de chinês.

Como disse, reconheci a mulher de imediato. Falava com dois clientes ao mesmo tempo que transmitia a impressão de se esforçar por manter os restantes debaixo de olho (conhecia-os, sabia que alguns não olhariam a meios para satisfazer os seus intentos). Vestia uma daquelas batas descoloridas com ar de cobrir aquele corpo há uma eternidade, e que lavagens sucessivas haviam aproximado da perigosa espessura da gaze. O corpo magro era tipicamente chinês, com aquelas pernas curtas e arqueadas que incutem um aspecto diligente. Contudo, as dela não eram grossas e vigorosas como as pernas chinesas costumam ser, e isso devia-se talvez à idade. Mas movia-se bastante bem. A comprová-lo estava a desenvoltura com que tomava conta da loja apenas com a ajuda de um empregado a quem segredava coisas, e que, por sua vez, tratava de lhe obedecer cegamente. O problema dos olhos era a sua única limitação.

Dei dois passos no interior da loja, impossível que ela não me visse: uma criança da Ponta Gea recortada no umbral luminoso como numa anunciação, completamente deslocada naquele lugar. Viu-me mas não pôde aproximar-se. Estava, sabemo-lo já, ocupada com dois homens tensos e brilhantes de suor a quem dirigia palavras assertivas. Fez sinal ao ajudante, que me veio interpelar. Respondi qualquer coisa e apressei-me a sair. Já a caminho, na berma da estrada de areia, e embora não me tenha virado, fiquei com a sensação de que a mulher veio até à porta para me seguir com os seus olhos vagos.

Curiosamente, fiz o caminho de regresso livre de qualquer temor. Pensando nisso, acho hoje que a razão foi o ter-me deixado distrair com os restos da ideia ainda do meu caderno de autógrafos. Era como se, depois do descrédito sobre ele lançado pelas assinaturas dos Navarones, algo tivesse de súbito renovado as suas virtudes. Agora que ele estava por assim dizer inaugurado, eram inúmeras as pessoas elegíveis para ali figurar com uma assinatura, desde pais e tios a amigos, arquitectos professores de desenho, e até à própria chinesa, uma vez que a vira, enquanto falava, escrever rapidamente sobre o tampo de madeira grossa do balcão uma espécie de pequenas facturas informais para entregar aos

clientes juntamente com os embrulhos em papel pardo. Estas ideias arrastavam outras atrás de si, tão ou mais absurdas. Por exemplo a de que o mundo era um gigantesco caderno de autógrafos em que toda a gente se mostrava elegível para assinar e colocar dedicatórias como algumas das que figuravam nas paredes da casamata, por baixo do canhão das Palmeiras. Nessas idades pensasse assim, sem muita estrutura, mas em contrapartida com total liberdade, permanecendo obscura a mecânica que nos leva de umas ideias a outras, e a química que faz algumas delas fermentar. Por vezes são as ideias que se seduzem entre si, outras as palavras que se entrelaçam arrastando consigo as ideias que têm dentro; outras vezes ainda são razões de ordem mais obscura, mais difícil de achar. De qualquer forma, talvez o caderno de autógrafos tivesse ainda algum futuro.

Fiz o caminho de regresso, dizia, liberto de qualquer temor. Uma despreocupação extraordinária tendo em conta o meu carácter temeroso e, também, os acontecimentos que se haviam seguido ao meu primeiro *encontro* com a chinesa na esplanada do *China Pobre*, no dia em que comprei o disco dos Beatles, e que relatarei em seguida.

4

Notei a sua presença mais ou menos por alturas da pequena igreja ortodoxa grega. Sempre aquela coisa dos olhares (o dele, como disse, queimava como fogo). Parecia vir atrás de mim, convencido de que eu desvendara o segredo da sua conversa com a chinesa, ou então tudo não passaria de uma lamentável coincidência. Mas o certo é que cruzámos olhares e eu reconheci-o. E, se é que ele não vinha com má intenção, o facto de eu o reconhecer pô-lo de sobreaviso. A partir desse instante sabíamos-nos cada um no seu lugar, eu chegando perto da entrada da Biblioteca Municipal, ele uns bons cinquenta metros atrás, do outro lado da rua, caminhando com pressa no mesmo sentido. Veio-me à ideia atravessar o pequeno jardim, galgar os poucos degraus e entrar. Não o fiz por concluir ser de grande imprudência, ante a ameaça daquela perseguição, meter-me num dédalo semideserto de estantes (lia-se pouco na cidade). Poderia talvez subir ao primeiro andar e, encostado à balaustrada, controlar dali as entradas, mas que importava isso? Quem me garantia que ele não se postava simplesmente lá fora, atrás de um arbusto (a entrada era recuada), pronto a

medir paciências? Tinha poucas dúvidas de que a sua fosse mais treinada do que a minha. Limitei-me por isso a apressar o passo para ganhar distância, a fim de atravessar a rua por alturas do edifício seguinte, o Centro de Cultura e Arte, sem o ter perigosamente perto. Mais uma vez me ocorreu entrar. Conhecia bem o velho edifício, de ali ter ido inúmeras vezes, em bando, espreitar e agitar com a nossa presença as pequenas bailarinas ruborizadas. Subiria mais uma vez os íngremes degraus de cimento vermelho e viraria à direita, para a sala de ensaios onde elas se alinhavam de mãos no varão, em frente ao espelho, uma delas muito mais vermelha do que as outras por se saber observada, enquanto a professora, num sotaque inglesado, ordenava, *Demi plié! Elevé!*, e depois um brusco *Sauté!* que as deixava suspensas no ar por um momento, após o que se abateriam com fragor no tabuado de madeira, fazendo estremecer o velho edifício até aos alicerces e assustando e pondo em fuga o meu perseguidor, ao som da inevitável Valsa das Flores do Quebra-Nozes, que se libertava roufenho do pequeno gira-discos de plástico.



Todavia, o velho edifício dormia o sono do fim da manhã e nada disto se afigurava possível com as portas cerradas. E o mais inquietante é que depois deste edifício havia apenas o campo de golfe, terreno para mim desconhecido. É certo que já vira por ali golfistas ingleses no gesto teatral de varrer o capim raso com os seus tacos de metal, seguidos de *caddies* maltrapilhos com grandes sacos às costas, e que muitos do meu bairro procuravam ali as apetecíveis bolinhas brancas perdidas no matope do mangal adjacente, mas tratava-se de um mangal diferente do nosso, talvez mais ralo, mas em contrapartida mais cruzado por caminhos que iam dar a paragens longínquas para lá da

Chipangara, onde, dizia a minha avó, podíamos desaparecer sem deixar rasto. Não tinha, portanto, alternativa. Num assomo de coragem, atravessei a rua, ficando por isso muito mais perto do rapaz, os dois do mesmo lado do passeio, e virei para a Marquês Sá da Bandeira, que percorri em passo dobrado até à esquina da catedral, silenciosa e morta àquela hora, por conseguinte mais do que adequada a um crime de contornos hediondos. Entretanto, ele dobrara também à direita e vinha já no princípio da rua, os olhos sempre expelindo fogo.

Só me restou a corrida aberta, despida de subterfúgios, com a atenção presa no passeio para não tropeçar nas placas de cimento que as descontroladas raízes das árvores levantavam. Corria e sentia a paisagem desfilir, quase tão desfocada então como é hoje na lembrança: a escola Eduardo Vilaça, o Pavilhão de Desportos, o arvoredor que fazia da avenida um mundo submerso em águas verdes. Apertava com força o disco novo para que não se escapasse da pequena mão suada. Cheguei à esquina seguinte, da Rua Comandante Gaivão, sem ousar olhar para trás. Suspeitando não ser capaz de manter aquele ritmo até chegar a casa, atravessei a estrada num impulso e atirei-me para dentro da Farmácia Beira, em busca de protecção.

Encostado ao balcão, um cliente conversava em voz baixa com o farmacêutico. O tom parecia conspirativo. Aparentavam os dois uma idade bastante avançada. Um pouco atrás, uma senhora, também idosa, aguardava pacientemente que chegasse a sua vez. E, a um canto, um servente vestido de caqui espanejava lentamente uma estante de vidro com caixas e frascos de medicamentos de todas as cores. Viraram-se todos para mim. Eu trazia o coração aos pulos na garganta e, de certeza, uma palidez de cera. Não me lembro como justifiquei uma entrada assim intempestiva, ou o que disse para ganhar tempo. Sei que reconheci o velho cliente, e que isso me embaraçou um pouco. Também ele me reconheceu. Olhou-me de um modo em que descortinei severidade e censura, por andar a passear-me por ali com ares alterados em vez de estar cumprindo com os meus deveres. Pelo sim pelo não, acabei por dizer-lhe que estávamos numa quarta-feira e as aulas de violino eram às terças e quintas (o ruído de fundo que ali chegava, vindo da casa contígua, do ensaio de um principiante, não era portanto produzido por mim). Isso pareceu satisfazê-lo, pois virou-se novamente para o farmacêutico e prosseguiram a conversa interrompida, sempre em voz baixa. Tive por isso a oportunidade de os olhar com mais atenção. Tinham ambos o olhar esgazeado dos loucos e as roupas empoeiradas dos químicos que abundavam nessa altura nas farmácias. O velho

cliente tinha uns cabelos à Art Garfunkel mas arroxeados, com uma mancha verde de um dos lados, completamente inesperada. Até as suas pantufas estavam tingidas por poeiras de cores extravagantes (como se sair à rua calçado com elas não o fosse já bastante). A velha e paciente senhora tinha um ar sereno, mantinha-se de carteira presa pela alça no braço dobrado, o olhar fixo na espera. Era óbvio que não suspeitava do risco que corria. Se viesse a ser atendida, se caísse nas malhas daqueles dois e seguisse a prescrição, sairia dali aos risos ou aos prantos. Quanto ao servente, tinha o ar de estar conformado com aquele mundo, incapaz já de qualquer surpresa. Continuava, imperturbável, a espanejar tudo para apagar as cores tresloucadas e devolver ao estabelecimento um respeitável ar colonial.

Enquanto aguardava (tinha decidido para mim mesmo que pediria, por exemplo, uma pequena lata de pastilhas Valda para a garganta, quando chegasse a minha vez), olhei através do janelão e vi, do outro lado da rua, o meu perseguidor. Caminhava despreocupadamente pela Avenida da República. Passou junto da farmácia sem sequer olhar para dentro e prosseguiu na direcção do Cinema São Jorge e, para lá dele, da Praça da Índia, correndo por sua vez o risco de ser interceptado por um malévolo rapaz com um buraco no lugar do peito. Na farmácia, ninguém reparou nele a não ser eu.

Saí para a rua ainda um pouco receoso. Por um feliz acaso, um *Peugeot 404* abrandou e parou a meu lado. Era o Conde de Paraty com o seu motorista, e oferecia-me uma boleia. Entrei e rumámos em silêncio para as nossas bandas, salvo um ou outro comentário seu sobre o calor. O Conde com aquele ar distante da nobreza, eu aliviado.

5

As coisas devem ter acontecido como segue. Em inícios de Abril, dois cadastrados de nome Macuche Macecute e José Frutuoso Mafunga evadiram-se da cadeia do Savane, onde cumpriam penas por furto (o primeiro, de doze anos de prisão maior). Na noite seguinte, revelando uma espantosa ousadia e um conhecimento profundo das instalações, regressaram à cadeia para a assaltar, tendo-se apropriado de roupas dos guardas da prisão, nomeadamente dezenas de pares de calças e camisas, além de cobertores, documentos e objectos dispersos, após o que tornaram a pôr-se em fuga com grandes maços às costas.

No mês seguinte espalhavam já uma grande intranquilidade pela Manga, nos arredores da cidade, assaltando sobretudo casas particulares. Depois dos assaltos iam cada um para seu lado. Macecute era o chefe do bando. Escolhia alvos e datas e tinha uma maneira qualquer de avisar o companheiro (assaltavam sempre juntos, como juntos haviam estado na cela, isso era para eles uma espécie de garantia de sucesso).

Um dia, estabelecidos mais uma vez a data e o local da operação, Mafunga não se fez presente, um mistério que nunca chegou a ser esclarecido. Ter-se-ia enganado no dia? Estaria doente? O alvo era fácil, o quintal de uma daquelas lavadeiras itinerantes, pobres mulheres que iam de casa em casa a recolher roupa suja para lavar em troca de uns tostões. Havia já dois arames cheios (a encomenda desse dia fôra boa), a lavadeira tinha ido lá dentro calar um filho chorão ou buscar mais peças, estava completamente entretida nos seus afazeres. Que custava entrar por ali de lâmina na mão, encostar a mulher à parede e apanhar a roupa, já lavada e tudo? De qualquer maneira, na ausência do colega, e supersticioso como era, Macecute acabou por desistir do assalto e por se pôr a caminho da casa de uma filha já casada, na Munhava. Ia preocupado com os sinais, algo não soava bem.

Acontece que essa filha andava debaixo do olho da polícia desde o dia em que os dois meliantes haviam fugido da cadeia do Savane, e portanto não foi difícil capturar Macecute. Tinha tomado banho, estava sentado numa cadeira sob o alpendre, sem camisa, pensando ainda na intrigante ausência do comparsa e em outros sinais aziagos que julgava se tinham feito presentes nesse dia. Viria a descobrir o seu significado quando a polícia irrompeu no quintal para o capturar. Quanto a Frutuoso Mafunga, seria preso dias mais tarde, não ficando claro se faltou ao encontro por estar já a contas com a polícia ou se, pelo contrário, foi Macecute que, apertado na esquadra, o denunciou. Um deles tramou o outro.

Eu lia estas coisas no jornal e imediatamente me punha a imaginar. Ocorreu-me que os conhecia, inventando parecenças com os homens que entrevi fugazmente em conversa tensa com a chinesa, no dia em que fui ao Gato Preto em busca de autógrafos e calhou passar pelo Dragão Oriental (Mercearia & Brindes). A minha fantasia infantil pôs-se mesmo a tentar descobrir qual dos dois seria o Macecute (talvez o mais alto), qual o Frutuoso (talvez o mais claro). A probabilidade de os ter visto era mínima, mas mesmo assim real, uma vez que, tal como Chare, a dupla costumava vender o produto dos roubos à chinesa.

Contudo, há a assinalar importantes diferenças entre os dois casos. Desde logo porque não tive, por assim dizer, o mesmo acesso às actividades de Macecute & Frutuoso que havia tido às de Chare, uma vez que a Manga me era mais distante do que a Ponta Gea. Além disso, as acções de Chare deixavam traços visíveis (eu conhecia algumas das casas assaltadas, em um ou dois casos sabia até quem eram as vítimas). Mas quanto a Macecute & Frutuoso tudo me era, como disse, mais estranho e desconhecido, incluindo as ruas mencionadas, e é sabido que, sem pontos de referência que permitam à imaginação traçar os itinerários das suas viagens, restam-lhe apenas fantasmagorias, possibilidades amorfas perdidas no tempo e no espaço. Finalmente, sendo a Manga um bairro distante e periférico, a polícia e os jornais falavam pouco destes casos que, por terem menos repercussão na opinião de quem importava na altura, eram menos alarmantes. Em consequência, enquanto Chare se tornava a passos largos numa lenda, ainda que arreliadora, Macecute & Frutuoso não passavam de vulgares casos de polícia remetidos para um modesto canto das páginas da cidade.

Não, contudo, para Yue Huang Shee, que se mostrava imune a estas minudentes distinções de classe. Durante algumas semanas recebeu os produtos trazidos pelos foragidos do Savane (como se conheceram, eles e ela, é ainda uma nova incógnita) da mesma maneira que recebia os de Chare. O negócio era feito ali mesmo, nas traseiras do Dragão Oriental (Mercearia & Brindes), entre caixotes de lixo, capim e regos de água suja. Tiravam dos sacos as bugigangas variadas, rádios a pilhas, candeeiros, ventoinhas, máquinas de barbear, e a mulher examinava tudo com grande atenção. A princípio todas estas coisas pareciam interessar-lhe. Depois, começou a orientá-los em direcções mais concretas, dizendo que a grande parte daquela mercadoria era difícil dar um destino, ficando para ali a acumular-se e a despertar as suspeitas dos vizinhos. Preferia que trouxessem apenas calças e camisas de homem, que era o que tinha mais saída. Novas ou usadas era igual, ela resolvia a questão no preço de revenda. E embora pagasse mal para poder revender barato, pagava sempre a pronto, o que aliás ajudara a construir a sólida reputação de que gozava no meio.

Shee tinha razão, claro. A roupa em segunda mão era um negócio de grande potencial uma vez que com ela se abria um vasto mercado de clientes, além de que o seu rasto era difícilimo de seguir. E a roupa de homem mais segura que a de mulher, considerando que havia na altura muito mais homens a circular pelas ruas da cidade, muito mais roupa masculina envergada e em movimento. Mesmo que se desse a improvável coincidência de alguém reconhecer uma

peça de roupa num passeio público, ou a atravessar uma rua, quem poderia provar que era seu o que ali ia vestindo outro corpo? Felizmente, Macecute & Frutuoso tinham já muita prática em roupa de homem e puderam assim prosseguir com a sua especialização, de tal forma que na Manga e na Munhava deixou de haver varal seguro nos quintais e nas varandas, ou porta suficientemente sólida que se lhes opusesse. Aos poucos, os métodos deles iam-se aproximando dos de Chare, sob influência, vimo-lo já, da chinesa. A única diferença residia no conhecido apetite do ladrão da Ponta Gea (nunca foi feita qualquer referência aos hábitos alimentares de Macecute & Frutuoso, sendo portanto legítimo presumir que fossem normais).

Ceguei a pensar, nesse tempo, que até aos pobres Navarones seria possível um dia bater à porta a má sorte. Afinal, estavam ao virar da esquina, o Gato Preto tinha varandas antigas, cheias de reentrâncias por onde o par do Savane, a mando de Shee, facilmente treparia. E eles, estivessem a dormir ou a dar o seu concerto no Pavilhão do Ferroviário, acordariam para o dia seguinte apenas com a roupa do corpo. Concedo que parte do meu raciocínio assentava no fascínio que aquelas roupas exerciam sobre nós, peças difíceis de encontrar nas lojas da Baixa, e de qualquer maneira fora do alcance do nosso bolso imberbe. Tudo aquilo desapareceria da pensão para reaparecer tempos depois espalhado na cidade. Imagine-se só, jovens da Ponta Gea em fila no Maquinino, à porta do Dragão Oriental (Mercearia & Brindes), à espera de serem atendidos ou, se quiséssemos levar ainda mais longe o raciocínio, empregados domésticos passeando-se de camisas floridas e botas de tacão alto, arduas de calças de veludo à boca de sino, vendedores de legumes do bazar envergando coletes de cabedal, mainatos com chapéus de abas largas e lenços de pescoço com motivos *hippies*.

Claro que nada disto fazia sentido. Mais razoável era que Shee quisesse manter os movimentos o mais longe possível do seu estabelecimento para não levantar suspeitas. Mas, como ficou provado pouco tempo depois, o recato não era razão que a impedisse de se afadigar a imprimir uma dinâmica crescente ao seu negócio. Pôs a dupla em contacto com Chare, sem dúvida num dia em que coincidiram todos nas traseiras da loja, os primeiros vindos da Manga, Chare do canhão das Palmeiras. No fundo, a chinesa pretendia concentrar as operações na Ponta Gea, onde havia maior densidade de residências burguesas e, por conseguinte, mais *material*. E também, a avaliar pelo espólio de Chare, material com mais qualidade.

Os dias passaram. Vieram as primeiras chuvas e aquele caso foi-se afastando de mim como uma mancha que as águas estivessem lavando. As trocas de olhares com Yue Huang Shee, as perseguições, as velhas notícias de jornal agora desaparecidas, tudo me parecia fazer parte, cada vez mais, de meras construções fantasiosas. Até os autógrafos dos Navarones, quando calhava folhear o meu caderno, estavam transformados em rabiscos ingênuos de sentido também diluído, capazes de despertar pouco mais do que um sorriso embaraçado.

Porém, a partir de certa altura começaram a multiplicar-se os sinais de que as coisas caminhavam inexoravelmente para o seu desfecho. Um dia foi o anúncio de que terminara o demorado julgamento de Ho Kan Hi, o tripulante do *Yewbank* e contrabandista de ópio, condenado ao pagamento de cinco mil escudos de multa e a seis meses de prisão substituídos por multa, beneficiando da atenuante de não se lhe conhecerem antecedentes criminais. Pouco depois, era o polícia sinaleiro que tempos antes me aconselhara a ficar com a nota de cinquenta escudos que morria num acidente na Praça da Índia. Por qualquer razão, a sua grande moto tombou ao descrever a curva e ele bateu com a cabeça no lancil do passeio. Impressionou-me muito essa morte, por ser o primeiro morto com quem eu já falara em vida (não contavam o afogado que havia visto no mangal tempos antes, por não ter trocado com ele qualquer palavra, nem o meu avô, por não o recordar com nitidez).



Finalmente, numa vistosa operação, Chare era surpreendido e capturado a meio de um assalto. Ao que tudo indica, estava já de saída, arrotando de satisfação, mas a gula foi mais forte do que ele e obrigou-o a regressar, como se costuma dizer, ao local do crime a fim de vistoriar uma panela que havia passado em claro e que, uma vez cá fora, não lhe saía da ideia. E o tempo que gastou a fazê-lo foi o tempo de que a polícia precisou para chegar ao local, apanhando-o, para usar novamente uma expressão consagrada, com a boca na botija. Daí à casamata do canhão das Palmeiras foi apenas mais um passo. Lá dentro, a polícia conseguia por fim transitar pelas gavetas do tempo até dar com aquela que albergava um monte de camisas, a prova do crime. Dias antes tinham ocorrido as detenções de Macecute & Frutuoso, nas circunstâncias já relatadas. Restava ainda a velha Yue Huang Shee, que foram buscar ao Dragão Oriental (Mercearia & Brindes), no Maquinino e não à Rua Victor Cordon como erradamente os jornais haviam afirmado.

Nunca mais tive notícia de qualquer deles. Como é sabido, fala-se dos criminosos quando cometem os crimes, não quando os expiam, embora seja na circunstância da expiação que eles mais necessitam de apoios e de publicidade. De qualquer maneira, a vida de todos nós seguiu o seu curso, assim como um

rio que, por mais voltas que dê, acaba quase sempre por ir dar ao mar.

Doutor Rakar & Cia

Por qualquer razão misteriosa os artistas sucumbiam ao fascínio da cidade e tentavam deixar-se ficar por aqui até morrer. O itinerário era quase sempre o mesmo: partiam de Lisboa, nesse tempo a longínqua porta do Império, permaneciam uns meses em Angola, percorrendo a via sacra de Luanda, Lobito e Benguela, passavam depois a Lourenço Marques e acabavam invariavelmente na Beira, de onde relutavam em sair. Havia, claro, exceções, desde logo os circos, por serem muito apegados à rotina, à certeza de que voltariam no ano seguinte, e isso amenizava neles a dor da partida. O Boswell e o Wilkies, por exemplo, que mais tarde se vieram a fundir, ou o circo Mariano de Henry Tony, o circo Texas do palhaço Quinito, o circo Cardinalli e outros, todos eles iam e vinham como a estação das chuvas, com o seu cortejo de palhaços, trapezistas e feras magras, com falhas de pêlo mas ainda assim capazes de um último rugido assustador. Um caso extremo da rotina de que falo — ninguém sabe já se real ou lenda — foi o da bela trapezista do Boswell que um dia tombou lá do alto e ficou parálitica, retomando mais tarde o seu número com a única diferença de que agora era um assistente que a trasladava em braços da cadeira de rodas para o baloiço que subia às alturas, ante o pasmo solidário da assistência.

Mas em geral era como fica dito, com muitos terminando as carreiras na cidade, ou pelo menos alongando o mais possível a permanência aqui. Alguns ainda levavam a cabo pequenas incursões às cidadezinhas do Norte ou à vizinha Rodésia, mas depressa encontravam pretextos para regressar à Beira. Foi este o caso do conhecido cantor Victor Gomes, o rei do *twist* colonial, que actuou no Moulin Rouge com um sucesso retumbante, só interrompido para uma curta surtida a Salisbúria, na tentativa, já agora, de internacionalizar a carreira. Ali, acompanhado pelo conjunto musical Os Brasileiros, abrilhantou as noites do Bretts, um dos cabarés mais conhecidos da cidade. Gomes usufruía

de toda a liberdade artística e de escolha do repertório, com uma única e curiosa excepção: a canção *Delilah*. A razão de tão inusitada proibição foi durante muito tempo matéria de controvérsia. Para alguns tratava-se da mensagem de violência, facas e ciúme, que a canção encerrava, ou de mais uma proibição das autoridades rodesianas, sempre prontas a proibir coisas por tudo e por nada; já segundo Arthur Durling, proprietário-gerente do Bretts e autor directo da proibição, o cantor interpretava a canção com poses e gestos lascivos, atentatórios da decência; finalmente, o próprio Gomes via no acto a mesquinha inveja do seu sucesso junto do público feminino. Certa noite, em que a assistência gritava «Delilah! Delilah!» sem parar — no meio dela, segundo as más-línguas, a esposa do próprio Durling, o que a ser verdade obrigaria a inscrever o facto como mais uma das possíveis razões da proibição (*cherchez la femme!*) — Gomes não teve como não dar sinal a Os Brasileiros para atacarem a canção. Fizeram-no durante um breve minuto, *I saw the light on the night that I passed by her window* e pouco mais, o tempo que bastou para levar o público feminino ao paroxismo e para que Durling chegasse ao quadro da energia e o desligasse espumando de raiva. E foi já no escuro que Gomes e o seu grupo foram sumariamente despedidos e expulsos das instalações, ante os protestos da clientela de um Bretts que, nas semanas seguintes, e segundo testemunhas, ficaria completamente às moscas.



Acontece que nessa fatídica noite estava presente uma rapariga chamada Nicky, que com a sua amiga Carole formava o duo artístico The Honeys, também em cartaz no Bretts. Segundo fontes próximas, Nicky Honey (ou simplesmente *Gota de Mel*, como veio a ser conhecida nos meios beirenses, numa tradução do original algo maliciosa e livre), impressionada com a coragem e a presença de Gomes em palco, e também ela presa ao fascínio da «Delilah», deixou-se cair nos braços do cantor. Alguns dias depois o duo feminino desfazia-se, Carol partia inconsolável de regresso à África do Sul e o casal chegava à Beira para actuar nos pavilhões dos principais clubes desportivos, já sob o novíssimo nome artístico de The Blenders. Passados tempos, Nicky declarava-se presa ao lugar e os dois aventavam justamente a possibilidade de se estabelecerem na Beira em definitivo.



Em grande medida, os responsáveis desta tendência para a sedentarização dos artistas itinerantes eram os empresários que, à distância, lhes descreviam a cidade como um El Dorado encravado entre as montanhas peçadas de feras da Gorongosa e um mar de topázio, redigindo-lhes depois os contratos e organizando-lhes as viagens (Lylian e Orlanda, por exemplo, duas famosas artistas de *strip-tease* com um número que resgatava velhas lendas chinesas envoltas em fumos a fazer de ópio, declararam mesmo que o que aqui as atraíra fora a possibilidade de olhar as feras e encontrar um Tarzan). Nomes como Jorge Bello, o empresário dos circos e de uma gama larga de espectáculos que ia do grotesco ao extraordinário; Al Pereira, o organizador de eventos desportivos com realce para os combates de boxe e luta-livre (e que não deve ser confundido com o grande Al “Power House” Pereira, de Half Moon Bay, Califórnia, que conquistou o título de campeão de pesos-pesados da Europa em 1937); Bel Guerra, o rei da noite e do *strip-tease*, que nos tempos áureos chegou a ter um grupo de *ballet* privativo formado por seis dançarinas; Alódio Alminhas, homem do desporto; Alex Barbosa, a alma da rádio, e muitos outros — todos eles tiveram a sua participação neste empreendimento. E quem caía

nas suas redes eram cantores românticos, concertistas clássicos e fadistas, palhaços, domadores de feras, dançarinas, mágicos, ventríloquos, travestis, imitadores, humoristas, lutadores, cartomantes, trapezistas, coristas, *strip-teasers* e muitos mais.

A bem dizer, começavam por actuar com a despreocupação de quem está apenas de passagem, tentando resistir quanto podiam ao desgaste da repetição do que tinham para mostrar. Mas, dadas as piadas conhecidas e os desfechos previsíveis, era inevitável que fossem passando dos espectáculos a solo em grandes casas como o São Jorge, o Nacional, o Olímpia ou o Palácio, para agremiações desportivas e clubes recreativos como o Solar dos Beirões ou o Monte Alentejano, onde terminavam a carreira em palcos de luzes fracas e amareladas, abrilhantando modestas festas de aniversário. A outros, calhavam-lhes os clubes nocturnos onde partilhavam números com bailarinas de meia-idade de pele desgastada pela sucessão de noites, por cosméticos baratos e pela crueza dos holofotes, que em palcos apertados bronzeiam muito mais do que a praia. Era por esta altura que se convenciam da inevitabilidade da sedentarização, assim como barcos encalhados que perdessem a esperança de voltar um dia a navegar, e procuravam ocupações complementares que lhes garantissem um modo de viver, ocupações essas que, por sua vez, lhes reclamavam parte cada vez mais importante dos dias, até tomarem conta deles por completo. Tornavam-se então ajudantes de despachante em empresas como a Breyner & Wirth ou a Manica Trading Co., ou empregados de comércio destituídos de qualquer *glamour*, passando as horas vagas na esplanada do Café Capri a relembrar as glórias do passado para maravilhamento nostálgico dos dois ou três indefectíveis que lhes restavam. Entretanto, os empresários, desinteressados desta melancólica gente, viravam-se já para os novos artistas que aí vinham e a Beira tornava-se assim uma espécie de lago onde as águas velozes e agitadas desaguavam para poder enfim serenar.

De todos, o grupo mais vulnerável era o das artistas da nudez, quer porque chegavam à cidade na idade da imprudência, em que o futuro não passa de uma questão distante, quer porque essa idade se escoava muito depressa e isso acabava por interferir pesadamente na profissão. A trágica transformação ocorria normalmente nas inúmeras boîtes da cidade, com nomes como Moulin Rouge, Campino, Média-Luz, Primavera, Jóquei, etc. Algumas dessas raparigas transportavam consigo amargos ressentimentos, como a bailarina judia Rachelle Lithins, oriunda de Bulawayo, atraída desde cedo, sem saber explicar porquê, para a actuação em *cabarets*, *boîtes* e *night-clubs*, e a quem o

“estigma dos séculos” (sic) que trazia no sangue lhe fez passar a vida ao lado, uma vez que lhe dificultou a obtenção do passaporte para aceder ao convite de um empresário de Nova Iorque que jurava fazer dela uma segunda Marlene Dietrich. Outras pintavam o erotismo com tons de tristeza e privação, como a princesa vietnamita Minh Kim, que se dizia neta do imperador Bao-Dai e filha de um ex-governador do Vietname do Norte, e que, como quase todas as princesas, cresceu entre tapeçarias raras e criadagem fiel, no fausto de um palácio oriental cuja lembrança lhe encheu de tristeza o resto da vida, da vivida e da que faltava viver. A guerra, conclui, arrancou-a do Vietname e deu-lhe como pátria o mundo. Parte para Paris e dali para a Suíça, de caminho perdendo todos os bens que levava consigo. Ali, casa com o actor de cinema russo Miscki e mudam-se para Moscovo, mas pouco depois veio a separação. O marido, reconhece ainda, trouxe-lhe sensibilidade artística, mas impôs-lhe igualmente, e pela segunda vez, um comunismo que não conseguia suportar. Regressa a Paris e é no Crèzy que conhece o sucesso. Torna-se amiga de Charles Aznavour e deixa-se retratar pelo pintor Salvador Dalí. Este, sempre que a via (era mais forte do que ele) pegava no lápis e com gestos largos fazia mais um dos seus exóticos retratos. Torna-se musa de Jacques, *coiffeur*, venceu o concurso de melhor modelo de Paris e partiu em digressão pela Europa e pela Ásia. Participa em filmes com os sugestivos títulos de *Mundo Nocturno*, *Europa à Noite* ou *Amore en la Cadena*. Acicatada pelo mistério e o exotismo inerentes ao continente negro, resolve responder positivamente ao convite da *boîte* Campino para uma temporada de actuações na Beira. A deslocação é quase gorada pela exigência de um *cachet* elevadíssimo, o maior de sempre na história dos clubes nocturnos da cidade, que faz hesitar e franzir o sobrolho ao senhor Santos, o gerente do Campino, mas enfim, nem tudo é culpa da artista, a produção é cara, a primeira parte do espectáculo consiste numa *Madama Butterfly* com guarda roupa riquíssimo, etc., etc. Aos poucos, Minh Kim, lá está, habitua-se à Beira, melhora o domínio do português (tinha muita queda para línguas) e vai acalentando o sonho de encontrar um licenciado, um industrial ou um jornalista que lhe ampare o futuro. E divulga, por achar ser talvez do interesse do público, as esculturais medidas de 1,66 de altura, 92 de peito, 55 de cintura e 92 de ancas, medidas essas que, associadas à beleza exótica do rosto, lhe abriram as portas do cinema.



Alia Wassel, a inquietante artista egípcia; Clara, bailarina apache; Wanda Maria, bailados orientais; Consuelo, invulgar temperamento; Carmen Vargas e Las Cordobesas, duro e comovente; Vosie, directamente do Lido de Paris, *strip-tease* a chicote!; Sandra de Arellanos, Venezuela a ferver!; Vicky; Michele; Suzety; Lisbete; Ube Celis, a chilena misteriosa; Hilda Van Wyk, simplesmente escultural, só vendo se acredita!; Salomé, a welwitschia angolana; Pérola Morena, um monumento de formosura; Eliete; Isabella Marçal; Pili; Suzi; Lolita; Cathie; Marybel, bailarina frívola; Wuhina Dania, exótica, bailado sírio e suspense; Galindo, a bela ninfa raptada ao sultão; Azra Riaz, rara beleza do Paquistão; Jesabel, vedeta judia com fantasias *sexy*; Anne Victory, fabulosa!; Inez Marcô, extraordinária beleza argentina; Lima Kim, tentação coreana; Yassine, o diamante em bruto da África do Sul; Florita de Cuba, e está tudo dito; Medina e las Psicodélicas, directamente de Acapulco e da Riviera Francesa; Erleney, danças exóticas; Lynne e Madelynne; Belinda, ai Belinda andas sempre na berlinda!; Rosita Ballesta, rosa rubra de Barcelona; Celo Morán, argentina *caliente*! — estas e muitas mais tiveram o brilho das escassas lantejoulas que as cobriam, embotando aqui.



Mas se elas eram as mais vulneráveis, o grupo dos mágicos era sem dúvida o mais misterioso. Chegavam trazendo na bagagem as suas varas de metal extensíveis e articuladas, mesas desdobráveis com compartimentos secretos, painéis de veludo escuro, caixas cilíndricas para acondicionar a cartola, enfim, capas de cetim negro com forro escarlate que, com gestos bruscos, desfraldavam e punham a voar. Os mais afamados viajavam com assistentes elegantes a quem serravam a cabeça ou faziam desaparecer para depois trazerem de volta ao mundo, incólumes e sorridentes. Alguns, para reforçar a verosimilhança, aplicavam a sua arte sobre espectadores embasbacados e em seguida desafiavam os médicos a vir descobrir-lhes os segredos, escarnecendo da ciência e da população em geral. Faziam-se anunciar nas suas variantes de magnetismo, fascinação, retenção memorial, telepsiquia, hipnotismo (teatral e terapêutico), ventriloquia, parapsicologia, quirologia, prestidigitação, quiromancia, astrologia, adivinhação, numerologia, cartomancia, mentalismo, ilusionismo, alquimia, e muitas mais. Muitos combinavam uma ou mais destas especializações com outras artes, como é o caso do espanhol José Luís Moreno, que aliava a ventriloquia à adivinhação e à interpretação de canções modernas, ou do autodenominado artista-fantasia Joseca, que abriu uma escola de ilusionismo no número 53 do quinto andar do prédio Mira-Mortos, paredes-meias com o apartamento de uma corista que teve um trágico fim, de que falarei adiante se houver oportunidade. Mas, no geral, eram cultores orgulhosos de uma arte só, de que se denominavam professores: Professor Ferrery

(números de hipnotismo, retenção memorial, magnetismo e fascinação), Professor Belito (ilusionista e mentalista), Professor Martini (diabólico ilusionista!), Professor Cicarelli (hipnotizador), Professor Max, e por aí fora. Outros, mais raros, dispensavam títulos e apostavam tudo na crueza do seu nome, como o misterioso Aghos Rocha, Orlandini (o homem das mil caras), ou ainda Domax, o ilusionista, cartomante, telepata e mestre de cálculo mental, que dirigia de olhos vendados um automóvel pelas ruas da cidade e tinha um importante número intitulado «A mala negra», embora, segundo a opinião geral, a sua «Decapitada» fosse inferior à homónima do Professor Ferrery. Apenas um era mulher, Maria Guilherme, também designada de astróloga prudente porque, embora afirmasse que a vocação lhe tinha vindo com os primeiros dentes, achava haver grande diferença entre adivinhar o futuro e acertar na lotaria.



O mais modesto de todos, embora com um percurso invulgarmente longo e aventuroso, foi o quiromante Luís Francisco Pires, mais conhecido por Professor Pires. Chegou em 1922, transferido, não de Lisboa mas de Goa, para trabalhar na Trans-Zambezia Railways como chefe de estação dos caminhos de ferro, chegando a ter a seu cargo a estação de Caia. Em 1929 muda de profissão

e estabelece-se na cidade como revisor de provas do jornal *Beira News*. Insatisfeito, muda-se para o Luabo e torna-se despachante da Sena Sugar Estates, a grande companhia açucareira. Em 1942 a guerra leva-o ao Quénia, onde combate durante três anos, integrado nas forças aliadas. Finda a guerra, trabalha como guarda-livros numa plantação de Mocímboa da Praia, torna-se tripulante do navio *Rovuma*, regressa à Beira para trabalhar na construção da ponte sobre o Chiveve, parte para a Mutarara, onde se torna gerente de mercearia, regressa novamente à Beira para desempenhar essas mesmas funções num par de lojas, passando em 1951 para o porto como conferente de estiva. Em seguida, tendo descoberto a vocação da sua vida, passa uns tempos na África do Sul, onde se diploma em Quiromancia com especialidade em Astrologia e Numerologia. Regressa à Beira para viver o seu momento de glória como Professor Pires, com consultório, recepcionista e diploma pendurado na parede. Mas o público vai-se cansando e ele começa lentamente a decair até acabar num quarto alugado nas traseiras de um bar, na Rua Correia de Brito, comprando e vendendo pianos velhos, máquinas de escrever avariadas e todo o tipo de artefactos mecânicos obsoletos, ao mesmo tempo que prepara estudantes para o exame do liceu e redige cartas e requerimentos para analfabetos necessitados, contra módicas quantias.



De todos, o único mágico com quem troquei algumas palavras, e de facto apenas num único encontro, foi o Doutor Rakar. Um dia um tio meu visitou-o para lhe comprar um quadro e levou-me consigo. Além de astrólogo e quiromante, Rakar era também pintor. Aliás, foi nessa qualidade que deixou em mim a impressão talvez mais indelével. Entrava-se na sua sala e não era uma sala normal, isto é, um compartimento com poltronas em que os visitantes se

pudessem sentar a confabular com os da casa; nem tão-pouco havia aqueles objectos dispostos para que os de fora possam fazer a ideia que os da casa querem que se faça deles. Ver essa milenar finalidade posta de parte tão radicalmente provocou em mim, na altura, o mais puro espanto, tanto mais que me obrigava a constatar que neste aspecto o meu desprezo pelas convenções era, em comparação com o seu, muito incipiente ainda (embora estivesse ciente da inutilidade dos bibelôs, por exemplo, nunca me tinha perguntado verdadeiramente para que servia essa instituição burguesa a que chamamos *sala de visitas*). Era como se naquela sala houvesse um combate feroz e o pintor estivesse a levar a melhor. Pensei no que diria acerca disto a senhora Rakar (só mais tarde soube que este era um nome artístico, não o verdadeiro). No sofá e nas poltronas havia pilhas de telas e trapos com manchas de várias cores. O próprio forro, em tecido claro, estava cheio de manchas descuidadas. Encostadas à parede, havia mais telas já armadas ou em rolo e, por toda a parte, cavaletes de vários tipos. As mesinhas estavam cheias de mais rolos de tela, pincéis, godés, espátulas, carvões, frascos de todas as espécies, um infinito número de bisnagas de tinta de óleo e variadas paletas (ou simples tábuas, pratos, pires e tampas de latas a servir de paletas) apenas encetadas ou já muito usadas, com as tintas tão misturadas que resultavam num único cinzento sujo com sugestões de várias cores na periferia das manchas. No meio deste alegre caos, e apesar de não haver um centímetro disponível, o Doutor Rakar, com um trapo e um pincel na mão que comprovavam ter sido interrompido em pleno acto artístico, convidava com um gesto largo a que encontrássemos espaço onde nos sentarmos.

O propósito da visita era a aquisição de um quadro, já o disse, mas comprar um quadro a Rakar não era, como me explicara o meu tio no caminho até ali, um empreendimento simples, e estava longe de ser o preço a razão. É que o Doutor começava por pretender saber o que nos levava a optar por um tema e não outro (por exemplo, uma «queimada africana», ou leões progredindo na savana — Rakar tinha muitos quadros com este tipo de temas, além de outros, mais enigmáticos e esotéricos), qual a finalidade do quadro, se era para colocar numa parede da sala ou no quarto de dormir, por exemplo. Supondo que as *conversações* chegavam a esta fase, e que se concluía a transacção, havia ainda que combinar quando o Doutor podia ir a casa do comprador a fim de *escolher* a parede em que o quadro ficaria pendurado em definitivo. Sim, porque não podia ficar em qualquer lugar. Critérios ingénuos ou sentimentais como a razão de ligar bem com o tom da parede ou ficar perto do retrato de um antepassado

que em vida teria tido um grande apreço pela savana africana, por exemplo, eram por ele apoucados, embora este último fosse provavelmente, a seus olhos, mais interessante que o primeiro. Havia que analisar os materiais, a orientação da casa em relação aos pontos cardeais ou às *forças dominantes*, etc., e isso só o Doutor sabia fazer. Pronunciado o veredicto, o quadro ficaria exactamente onde ele dizia que ficasse, e dali só saía após nova consulta com o mágico pintor.

Confesso que me escapou grande parte das palavras que os dois trocaram entre si até à combinação da visita do Doutor, sugado que fui, na atenção, para o ambiente que nos envolvia. É claro que nessa altura eu já tinha a minha experiência artística, chamemos-lhe assim, colhida nas gravuras de obras de pintores famosos, nas reproduções das paredes e nas aulas de desenho do liceu. Até já decidira intimamente, por mais do que uma vez, que talvez viesse a ser pintor quando crescesse. Mas os guaches, as aguarelas e o papel cavalinho do liceu não me tinham preparado para o extraordinário mundo novo que se abria agora a meus olhos, e de facto a todos os sentidos. Não se tratava dos quadros em si, uma vez que, embora vulnerável a um ou outro rubro pôr-do-sol (sobretudo pela violência com que as cores conviviam), eu tinha já uma espécie de sexto sentido que me defendia de queimadas africanas, zebras e gnus trotando na planície, girafas atacando as copas das árvores com os seus lábios afiados, ou leões mastigando uma infeliz gazela à sombra de uma grande pedra, temas que me entediavam e predominavam nos trabalhos que se podia ver naquela sala. Não. O que de facto me impressionou foi o mundo da arte em si, que eu tinha a oportunidade de respirar pela primeira vez, um mundo que me mostrava que o que vira até então não passava de uma vulgar simplificação.

Desde logo os tubos de tinta de óleo, com o seu cheiro característico (tão diferente do monocórdico cheiro do guache ou da ausência de cheiro da aguarela), com os seus tamanhos diversificados que, no caso de algumas cores básicas, chegavam a atingir a envergadura dos tubos das pastas dentífricas, uma abundância para mim extraordinária. Havia-os de todas as cores, com amolgadelas resultantes de apertões que traíam um uso convicto e profissional (algo perdulário até, achei), muito diferente do cuidado com que usávamos as nossas insignificantes bisnagas de guache. Vistas de perto, as telas eram também diferentes das superfícies lisas e baças das reproduções, tinham grão e brilho, e os trabalhos que sobre elas se operavam acentuavam essa rugosidade, deixando relevos distintos, quer se tratasse das espátulas ou dos pincéis. Estes últimos pouco tinham que ver com os pincéis a que eu estava habituado. Com

cabos maiores e de madeira e pêlo mais claros, eram também de tamanhos muito mais variados e com um pêlo que era uma verdadeira cerda. Deixavam como rasto um estriado subtil que só de muito perto víamos perturbado pela trama rugosa da tela. Apesar de em cada gesto evoluírem ambos da tinta espessa e carregada para a velatura leve, a pincelada era muito diferente da *pegada* das espátulas, neste caso uma espécie de dedadas que criavam pequenas superfícies planas e densas com elevações de tinta acumulada nas extremidades. Inegável era que ambos, pincel e espátula, deixavam marcado na tela, com frontalidade e com clareza, o gesto do pintor.

A espátula era uma velha conhecida minha. Vira-a nas mãos sábias do jardineiro de Dona Carol, que com ela revolvía a terra negra dos canteiros a fim de a tornar mais arejada e fofa, e abria pequenos buracos onde colocava as sementes, enfim, que com pancadinhas suaves da sua lâmina acamava a terra por cima dessas mesmas sementes antes de borrifar com água os montículos; em casa, na cozinha, era uma espátula que cortava e transportava até ao nosso prato a tão desejada fatia de bolo; era ainda com ela, embora mais pequena, quase do tamanho da do pintor, que o Doutor Vila mantinha a nossa língua recuada e em respeito a fim de poder inspeccionar-nos a garganta; e, na obra que paulatinamente ia matando o terreno baldio como espaço de liberdade, era a espátula que nos fazia interromper a brincadeira para seguir, fascinados, o gesto preciso do pedreiro colocando com ela a camada espessa e lúzida de massa de cimento em que assentava nova fiada de tijolos, ajeitando-os com pancadinhas leves do cabo do próprio instrumento, como quem os admoesta para manter disciplinados junto ao fio; finalmente, era ainda recorrendo às costas da espátula que, com os gestos largos e antigos de quem semeia, esse mesmo pedreiro espalhava um cimento mais líquido na parede levantada, para a rebocar. A espátula estava pois presente nos meus dias, a quase todas as horas e em quase todos os lugares.

Embora sem o ter visto em acção, era com este último gesto do pedreiro que, na minha imaginação, o Doutor Rakar preenchia as superfícies lisas das suas telas. Perdido nos meandros daquele mundo maravilhoso, eu pensava o pintor como uma espécie de pedreiro empunhando uma espátula menor e dedicado a minudências de ourives, e o pedreiro como uma espécie de pintor ambicioso, interessado em superfícies mais vastas, no impacto do seu trabalho sobre grandes audiências ou a grandes distâncias.

Era aliás nos pormenores e nas distâncias que residia o segredo desta pintura que eu agora descobria: embora de muito perto se pudessem adivinhar nas

rugosidades da superfície da tela os gestos que o trabalho escondia, era preciso recuarmos alguns passos, e por conseguinte criarmos distância, para perceber o efeito real das misturas de cores e formas que só aqui, e nunca perto, ganhavam sentido. Havia pois como que um fenómeno que contrariava a natureza das coisas, e que mais tarde descobri também na Geografia: de longe entendíamos o mundo, mas quando nos aproximávamos, curiosos, para o ver melhor, perdíamos-lhe de certa forma o sentido! Foi este o primeiro milagre da pintura que testemunhei, completamente inebriado pelos cheiros da terebintina e das outras resinas e vernizes que carregavam o ambiente daquela sala. Desconhecidos até então, ficaram desde esse dia gravados indelevelmente na minha memória, emboscando-me nas circunstâncias e momentos mais inesperados, estabelecendo uma corrente que atravessou incólume os anos e ainda hoje me prende a esse primeiro encontro.

O meu tio já escolhera o quadro, um inevitável pôr-do-sol no horizonte de uma savana africana. Rakar explicava-lhe agora o verdadeiro conteúdo da obra, a substância por detrás da paisagem, que incluía os minúsculos símbolos maçónicos que pendiam como frutos de uma árvore de miombo postada a um canto, a orientação do capim-elefante, as cores violentas, quase inverosímeis porque resultantes de uma espécie de algoritmo cromático secreto e que só pecavam, dizia ele, por defeito, por não querer afastar-se demasiado da aparência das coisas que nós, incautos, confundimos com realidade. Aliás, foi essa mesma falta de verosimilhança das cores africanas o que o fascinou no continente (e fazia um gesto largo para abranger todos os quadros em volta, como que para o comprovar). Com o indicador, percorreu então um caminho imaginário até ao fundo da savana, ao encontro do céu violento e do que restava do sol, para apoiar a explanação da sua teoria. Esta cidade em que vivíamos, disse, sempre fora refém do combate que ele não se cansava de retratar nos seus quadros: o combate entre a água e o fogo. Chovia copiosamente, o mar transbordava, com isso ameaçando submergir-nos a todos, mas logo em seguida o poderoso sol secava tudo e incendiava o ar, carregando-o de nuvens que, não tardava, desabariam com fragor para reiniciar o processo. O desfecho deste combate era sempre incerto e sempre renovado. O indicador perdia-se agora em pleno céu, por cima da savana. E Rakar prosseguia dizendo que, apesar de tudo, isto era só uma aparência. Dentro em breve a nossa era de conflitos e disputas daria lugar à Era do Aquário e desceria sobre a terra um manto de paz e de prosperidade. Em breve, quando?, perguntava o meu tio, não sem uma ponta de ironia que Rakar ignorava, ou fingia ignorar, quando

respondia que tal aconteceria assim que a Lua se encontrasse na Sétima Casa.



Confesso que a sua tese me impressionou, por defender o mesmo que uma canção *hippie* muito em voga na altura, *When the moon is in the Seventh House, And Jupiter aligns with Mars*, etc. Das duas uma, ou o Doutor ouvia a mesma música que nós ou então tinha acesso a verdades sobre o futuro do mundo desconhecidas dos comuns mortais. Em qualquer dos casos, razão suficiente para deixar em mim uma impressão forte a acrescentar à já de si forte impressão da pintura. Perorou ainda um bocado sobre o tema, avançando com cálculos numéricos complexos. Referiu, se não estou em erro, a torre de Babel. Confesso, no entanto, que o seu monólogo, que na altura me pareceu psicadélico e magnífico, foi progressivamente desaparecendo das minhas reminiscências à medida que o tempo me afastava dessas questões.

Uma única vez pareceu reparar na minha presença. Já à saída, enquanto apertava a mão ao meu tio, perguntou-me de que signo eu era. Balbuciei «caranguejo», e ele prontamente me aconselhou, como quem dá uma esmola dos seus poderosos conhecimentos, que pela vida fora confiasse sempre naquilo que era a força do meu signo, a intuição. E nos dias seguintes a ter deixado aquela casa passei a ser assombrado por um novo problema: o de definir o que era de facto a intuição, para depois poder passar a confiar nela.

Embora não voltasse a falar com ele, vi o Doutor Rakar inúmeras vezes depois dessa tarde. Circulava num grande carro descapotável (um *Plymouth Fury* ou algo muito parecido), com os cabelos ao vento. Os cabelos daquele tamanho, num homem daquela idade, eram mais um motivo de admiração para a nossa já adolescência, de alguma maneira colocavam o homem *do nosso lado*. Fez uma ou duas exposições na cidade, a dado passo viajou para Las Palmas, salvo erro. Nas vésperas de ano novo costumava anunciar ao público, com pompa e circunstância, as suas previsões para o ano que se avizinhava. Recordo uma delas, em que falhou em quase toda a linha, prometendo a resolução de conflitos internacionais que, pelo contrário, se agravaram, o fortalecimento de moedas que acabaram por desvalorizar, enfim, a queda de um Muro de Berlim que durante muitos anos continuaria a mostrar uma invejável solidez. No fundo, permanecia fiel à crença segundo a qual estávamos a sair da conflituosa Era de Peixes e a entrar na paz perpétua da Era do Aquário, e não eram pequenos acontecimentos desgarrados que iriam abalá-la.

A bem dizer, foi só algum tempo depois do nosso encontro que integrei o Doutor Rakar na multidão de mágicos da cidade, um grupo que, quando o conheci, ainda não estava capaz de circunscrever com clareza. Fi-lo, como disse, um pouco mais tarde, numa altura em que também descobri que este grupo estava sempre acompanhado por uma sombra, um reflexo seu invertido e desfocado no espelho das águas que alagavam a cidade: o dos mágicos africanos, *nyangas*, *bonas* e *mphondoros*, filhos de Zuzo, o deus das águas, chegados de locais distantes como Marromeu e Lacerdónia, ou a serra da Gorongosa, para povoar os quintais dos subúrbios da cidade e, com os seus *chicuembos* e *mangolomeras*, pasmar os habitantes e oferecer-lhes futuros alternativos que demorariam ainda uns anos a chegar.

13

Farmácia Beira

Eu batia três ou quatro vezes o pequeno punho de bronze esverdeado contra o espigão incrustado na porta e o velho levava sempre uma eternidade a vir abrir. Uma eternidade cuja duração, com o tempo, aprendi a medir com certo rigor. Batia e ficava a observar as flores do minúsculo jardim urbano a que não faltava um efeminado fauno de gesso com um cântaro à anca, de cujo gargalo jorrava um fio de água, e as complicadas volutas dos gradis de ferro forjado que iam do passeio até à porta, tanta pompa de um lado e de outro para metro e meio de caminho! Enfim, tinha ainda tempo de reler, no azulejo da entrada, em letras azuis, o dizer inusitado:

Il faut de tout pour faire un monde.

Tudo isso eu passava em revista, e mais os alquímicos fumos que se soltavam da chaminé da Farmácia Beira, mesmo ao lado, os remates elaborados do seu telhado de zinco, arabescos e rendas em folha-de-flandres, como se o capricho tivesse chegado ao extremo de importarem de longe um mestre funileiro só para tratar de caleiras e goteiras. Havia ainda as casas e árvores ao redor, o semáforo com as suas cores, a gente que passava. Mas, por mais voltas que desse, era àquela frase que acabava sempre por regressar, *Il faut de tout pour faire un monde*, que na altura, como disse, me parecia apenas inusitada e só mais tarde viria a descobrir encerrar em si todo um corajoso manifesto.

E era quando voltava a pôr os olhos nela que sabia ter chegado o momento exacto de a porta se abrir para eu poder entrar. Gostava de pensar que adivinhava esse momento pelo som das pantufas do velho, um som que apesar de inacessível ao ouvido comum eu julgava conseguir ouvir (nesse tempo ainda fazia as coisas depender de mim, não das circunstâncias e das conjugações que elas encerravam). Em suma, ele lá abria a porta devagar e se afastava para me deixar entrar, enquanto dizia, num sussurro, indicando com um gesto trémulo a

minúscula sala de visitas, na primeira porta à direita:

O professor M. já aí vem.

E retirava-se pela penumbra do corredor, onde a cadência do tiquetaque de um relógio algures era perturbada pelos estalidos conspirativos que os corredores das casas beirenses emitiam sempre que atravessavam o âmagô da tarde. Desaparecia lentamente e sem fazer barulho, e eu voltava a esperar, e nesta outra espera abria-se um admirável mundo novo, também ele minúsculo, todavia muito diferente dos canteiros lá fora e dos telhados da farmácia, um mundo em que o sol vespertino, retalhado pelas gelosias e aveludado pelas cortinas de tule, ia pousando nas coisas e serenamente iluminando milhões de partículas suspensas no ar, não de pó, que tudo ali era impecavelmente limpo, mas de luz no estado mais puro.

Na sala havia um par de velhas poltronas com resguardos de cabeça feitos em *crochet*, duas ou três pequenas mesas de três pernas, uma delas com um candeeiro de leitura, outra com um pequeno Apolo de bronze sem outro préstimo que o de nos exercitar a atenção para os detalhes. Na terceira já não me lembro do que haveria, talvez um cinzeiro de cristal. Mas era sobretudo a multiplicação de partituras musicais, assentes em suportes metálicos de armar ou simplesmente espalhadas pelas mesas, além de um metrónomo e de dois estojos de violino encostados a um canto, que davam àquela sala, apesar do silêncio que a inundava, um aspecto alegre de fábrica de música.

Por vezes atrevia-me a espreitar da janela o sapo vivo que arfava aos pés do fauno do jardim, e o movimento da rua atrás da sebe de hibiscos da entrada, muito perto do semáforo, mas quase sempre me deixava ficar por ali mesmo, preso a um inesperado mundo feito de rendas e de louças.

Encostada à parede do fundo, ao lado de uma reprodução de Fragonard algo castigada pela luz que a certa altura da tarde lhe haveria de bater directamente, havia uma cristaleira com portas de vidro sempre espanejada de fresco, embora nunca naquela casa eu tivesse visto um criado. Pelas suas prateleiras espalhavam-se desirmanadas peças de louça de Sèvres, pequenos pratos de rebordo dourado, azul-ultramarinos ou cor de vinho, e também damas e duendes de *biscuit*, um frasco de perfume vazio com todo o ar de ser Lalique, duas ou três chávenas com asas de um elaborado delirante, um par de molheiras, enfim, um jogo de seis minúsculos copos de licor. Na prateleira do meio, bem em frente dos nossos olhos, figurava ainda uma terrina com uma ligeira racha na tampa, um traço quase tão imperceptível quanto o som das pantufas do velho que me abria a porta, e nos costados uma paisagem urbana

pintada a grená acinzentado sobre fundo anil.

Perdi-me ali inúmeras vezes enquanto esperava pelo professor M., os olhos presos a dois minúsculos cães, um castanho e um malhado, caminhando junto à berma de uma rua enlameada por uma chuva recente e limitada pelo lancil de um passeio feito de uma sucessão de compridos blocos de pedra clara. Logo atrás havia uma fiada de árvores de Outono, descarnadas e com os ramos apontados ao céu. Na rua, progrediam duas carroças e uma caleche elegante puxada por um cavalo branco (dentro dela, o vulto tenso de uma jovem senhora de chapéu) e, ao fundo, descobria-se a esplanada vazia de um café, na base de um edifício imponente, tipicamente parisiense. Nessas alturas eu era tomado por uma sonolência doce, um torpor marcado pelo fraseado melancólico de um teclado lento vindo não sei de onde, talvez de uma lição numa casa próxima, reduzido à expressão mais pura e simples, diria mesmo essencial, quase infantil, e a superfície da terrina era lisa como um espelho e por esse espelho eu acedia a uma espécie de outro lado por uma porta com o número 6, porta essa que, uma vez aberta, e descidos os dois degraus, sem que eu o soubesse ainda, me deixava em plena Rue Cortot, no coração de Montmartre.



Curioso, descia a rua uns metros apenas, até à esquina da Maison Rose, virava à esquerda, cruzava com os dois cães, um castanho e um malhado, via passar a caleche da senhora num trote ansioso, e estugava por minha vez o passo para subir a rua comprida que desembocava na Rue Norvins, voltava a dobrar à esquerda e caminhava devagar até à Place du Tertre, onde os pintores se afadigavam a espalhar pelo mundo pequenos quadrinhos originais que me maravilhavam e só mais tarde, quando cresci, descobri não passarem de banais cópias repetidas até à exaustão, numa escala tão reduzida que nem se chegava a

sentir o cheiro do óleo e da terebentina. Sentava-me em frente ao Chez Plumeau por um momento, às vezes descia a Rue Saint-Eleuthere até à curva, ao pequeno jardim de Square Nadar onde o jovem Cavaleiro de la Barre foi seviciado e morto por não ter saudado a passagem de uma procissão, e sentia-me como ele por não saudar a procissão de turistas que vinha ver de longe a Torre Eiffel sobressaindo na paisagem cinzenta, lá em baixo.



Nessa altura, o professor M. fazia a sua entrada e tudo se desmoronava. A vitrina voltava a ser vitrina; a terrina, terrina. E enquanto eu desesperava por encontrar uma justificação plausível para ter os olhos ali pregados, ele pigarreava e dizia:

Boa tarde, meu jovem, estudámos hoje a lição?

O professor M. era baixo e calvo, tudo nele era miúdo e sempre um pouco tímido. Era um homem bom, embora um pouco extravagante. Sentávamo-nos à mesa da sala, uma mesa redonda com um *napperon* a meio, sobre o qual assentava um castiçal *menorah* de sete pontas que ele afastava para o lado a fim de nos podermos ver e iniciar a lição de solfejo: o compasso quaternário, a mão direita no ar com gestos ritmados e sacudidos a acompanhar a voz monocórdica, uma fusa que restos da distração levavam a alongar até se transformar em algo diferente, hoje difícil de precisar por ter sido deformado pelo tempo, talvez uma semi-colcheia, de qualquer maneira um erro grave a ponto de o levar a dar três pancadas na mesa com a ponta do lápis:

Ah! Ah! Mais non!

A mão imobilizava-se no ar, petrificada pela magnitude da surpresa, e rompia-se o encadeamento delicado que até então vigorara para poder tecer o ritmo. Tudo tinha portanto de voltar ao início, tudo tinha de recomeçar.

Por vezes o professor M. pedia desculpas por ser ele próprio a interromper a lição, por ter de ir lá dentro por um momento. Como sempre, eu aproveitava para voltar a perder-me, desta feita atraído por um pequeno vitral, uma janela minúscula escondida a um canto da sala, como que o resultado de um discreto capricho daquela casa tão particular, um segredo violeta, rosa e amarelo-limão em vidro martelado que granulava o céu atrás dele e lhe dava cores inusitadas, transformando as copas das árvores em labaredas roxas, as flores dos canteiros em minúsculas explosões psicadélicas, e espalhando sobre o mundo uns fumos com as cores do arco-íris. Até o semáforo da esquina não escapava incólume, o verde transformado em amarelo, o vermelho em laranja e o amarelo em castanho, com laivos de mostarda, ciano, púrpura e magenta, que abriam a possibilidade de uma sucessão de absurdos e trágicos acidentes de viação.

Tudo aquilo não me era estranho porque na altura já líamos Ginsberg e Corso e Williams, já repousávamos a cabeça na almofada surrealista de Grace Slick para enfrentar o tédio das melancólicas tardes. E a discussão tensa que o professor M. e o seu amigo mantinham em surdina, ao fundo do corredor, emprestava à minha divagação um sentido conspirativo, e através do vitral uma cobra bebia do cântaro do fauno e eu olhei-a, e ela, como no poema de Lawrence,

*Ergueu a cabeça enquanto bebia, como faz o gado
E olhou-me distraidamente como o gado faz quando bebe.*

Só que não era castanha cor de terra, dourada como a terra nas suas entranhas ardentes, mas cor de beringela e cheia de um mau presságio, os olhos amarelos, a língua bífida de um azul-celeste inesperado, e ocorria-me estar preso na armadilha e o meu nome podia bem ser um confuso *Barabajagal*, e de repente todo aquele mundo voltava a desmoronar-se ao som do lápis de um professor M. entretanto regressado, um tudo-nada ofegante, voltando a desculpar-se e afirmando em voz baixa que podíamos retomar a lição.

Prosseguíamos. Ou seja, eu levantava-me e ia até à senhorinha que havia a um canto, forrada de um tecido cor de mel com minúsculas flores avermelhadas, abria o estojo do meu violino, pegava no arco, esticava o pescoço para encaixar correctamente o instrumento entre a clavícula e a

mandíbula (segundo o professor M., só com uma posição correcta podíamos vir a ter violinista um dia), e nessa altura o velho regressava lentamente pelo corredor, arrastando umas pantufas que só eu ouvia, e anunciava, sem ser visto, enquanto abria a porta da entrada:

Vou ali à farmácia. É preciso alguma coisa?

O professor M. dizia que não e ele fechava a porta devagar, atravessava o jardim, já possuído das cores com que o vitral o quisesse pintar, muito diferente de há pouco, uma silhueta sinuosa como se feita de ondas do mar, expelindo leves fumos cor-de-rosa pela cabeleira, e desaparecia atrás da pujante sebe roxa dos hibiscos. Sempre lentamente, palmilhava um passeio da cor do céu sob um céu da cor da terra, com nuvens verdes, manchadas de negro como a pele dos abacates quase maduros. Ou seja, penetrava num mundo delirante enquanto eu e o professor M., presos os dois à monotonia da tarde, ficávamos a invejar aquela liberdade tão inteira.

Quanto a nós, só nos restava retomar a lição interrompida, eu fazendo um esforço para produzir um som ameno, o professor M. impávido e sereno, como se nada houvesse no mundo capaz de lhe parecer surpreendente. Levantava o lápis, dava o sinal de partida e sobre a sala abatia-se o som do juízo final, o chiado das roldanas dos instrumentos de tortura que supliciaram um dia o pobre Cavaleiro de la Barre, o resfolegar dos cavalos disparados pela estrada enlameada (a caleche desgovernada e a senhora do chapéu aos prantos), os cães espavoridos. Ficava enfim clara a razão da racha na tampa da terrina, adensava-se o enigma de estarem inteiras as peças de vidro que havia naquela sala, tudo isso enquanto o professor M., de dedo espetado, me ordenava com gestos ansiosos que corrigisse o ângulo da cabeça e a mão que segurava o arco, como se tudo o resto estivesse bem e fosse obra do arco e da cabeça a hecatombe. Lá fora, a cobra escapulia-se velozmente pela relva e o cântaro do fauno, embora mantendo as suas cores extravagantes, soluçava até secar.

Bon Dieu!,

exclamava o professor M., e eu sem saber se se condoía do fauno ou de mim.



Nesta altura, o velho prudente, bamboleando a sua cabeleira à Art Garfunkel, ia já longe dos sons do inferno, a cruzar no seu passo arrastado uma das entradas da Farmácia Beira, e a minha mente atarantada dividia-se entre a genuína tentativa de agradar ao professor M. e a vontade de escapulir-se pela janela no encalço do seu amigo, desconfiada que estava dos conluíus deste com o farmacêutico desde um dia em que, fugindo de uma perseguição, eu entrara no estabelecimento e dera com os dois confabulando conspirações. De facto, via-o agora entrar na farmácia, trocar um olhar cúmplice com o farmacêutico na penumbra de um pé-direito infinito e escassamente iluminado (o edifício era muito antigo), e em seguida esgueirarem-se os dois por uma porta estreita que havia atrás do balcão e ia dar a uma sala onde, em cima de bancadas de madeira grossa, entre ervas e flores, num ambiente carregado de fumos densos, borbulhavam líquidos dentro de frascos e retortas a caminho de dar em extractos e xaropes e elixires, e havia ainda tabuleiros com pastas de várias cores, que eles, munidos de facas e anéis afiados como lâminas, cortavam em comprimidos de formatos muito diversos, que metiam em frascos e pacotes de papel pardo para expor nas prateleiras da frente e impingir aos incautos que ali iam em busca de alívio para as suas dores e sofrimento. E, enquanto trabalhavam, os dois alquimistas deixavam escapar gargalhadas disfarçadas que soavam como soluços, as gargalhadas da conspiração, e foi pelo som delas que

reconheci o farmacêutico, Timothy Leary *himself*, e ele, por seu turno, pela minha expressão, descobriu que eu o reconhecera, e nem sei o que seria se não tivesse na altura acontecido o milagre de, no meio do fumegante pântano de ruídos loucos, emergir, obra do meu arco, uma nota musical límpida e cristalina que ficou a reverberar na sala um longo momento, após o que partiu pelo jardim fora até à rua, obrigando a farmácia ali ao lado a reentrar nos eixos. O professor M. sorria e dizia, mais confiante:

Voilà!

E acrescentava, otimista, que um dia chegaríamos lá.

Nessa altura, o cuco escancarava as portinholas do seu esconderijo, no relógio de parede, e gritava três vezes com um olhar furibundo antes de voltar a recolher-se para accionar as roldanas que produziam as cinco badaladas que nos libertavam, a mim e ao professor M., e permitiam ao velho voltar a pendurar na parede o avental de laboratório para iniciar o caminho lento do regresso, antes do baixar da noite.

Simulando uma surpresa genuína face às travessuras do tempo, o professor M. arqueava então as sobrancelhas, tirava o seu relógio de bolso, preso por uma corrente dourada, enquanto punha os óculos para confirmar a pertinência do aviso do cuco. Depois, voltava a guardar o relógio, esperava pacientemente que eu arrumasse as minhas coisas e vinha acompanhar-me até à porta.

Dê cumprimentos meus lá em casa.

E eu punha-me a caminho sob a luz avermelhada de uma tarde já madura, trauteando uma das *Gymnopédies* na companhia de uns desdenhosos Heifetz e Menuhin, que o professor M., como boa pessoa que era, invariavelmente dizia enviar como uma espécie de guarda de corpo para me acompanhar na viagem de regresso.

Trilogia da montanha

Tse-tserra

Espalmei ambas as mãos na superfície da pedra. Não era uma chegada repentina, antes o culminar de difícil viagem feita de acasos, conduzida primeiro por meu pai, levado por sua vez por uma certa coragem (não há como negá-lo), portador do sorriso de quem, embora não o soubesse dizer por palavras, conhecia de antemão o que a cada momento me era dado descobrir. Eu surpreendia-me e ele, pudico que foi toda a vida, fingia ser da sua natureza desconhecer a surpresa. Amparava-me sem que eu me apercebesse e calculo que seja sempre assim: há que respeitar este ordenamento das coisas, estas sequências causais, a fim de se evitarem males maiores. Estes laços fazem parte da maneira como todos, em conjunto, desbravamos o tempo.

Espalmei ali ambas as mãos num tempo de jovens pulmões rosados, depois de ter subido um caminho íngreme ladeado de árvores altíssimas e caladas, pisando folhas mortas que se agarravam aos sapatos como uma pasta de cores berrantes. Por baixo das folhas, uma terra escura feita de minúsculas lâminas, xistosa, e perguntei-me o que seria daquela terra sem a sua humidade permanente, que terra seria ela, que seríamos nós sem as privadas sequências causais, mas também sem este estremecimento tão contrário a elas que por vezes me invadia, esta intensa sensação de existir, uma espécie de alegria surda, órfã por não chegar apoiada em qualquer causa ou explicação.

Por toda a parte havia presenças palpáveis no ar da montanha, a ponto de dar comigo a virar-me de súbito na tentativa de surpreendê-las, tão claras eram. Enfim, subi esse caminho ouvindo, como disse, ecos de coisas em funcionamento, vozes dispersas. Alguém, numa curva, junto a um maciço de

abetos, afirmou:

É a Suíça de África!

E esta frase ficou a pairar, mesmo depois de todas as outras se terem perdido no ar rarefeito.

É a Suíça de África!

E espantava-me não só a serenidade dessa Suíça que nunca vira, mas também a largueza do espaço africano, o tamanho da sua hospitalidade, a sua disposição para acolher uma Suíça inteira numa simples curva do caminho. E eis que essa conclusão arrastava consigo uma outra, inquietante, a de que teria necessariamente de haver na Suíça um lugar do qual diriam:

É a África da Suíça!

Um lugar onde a neve, por qualquer motivo, fosse mais relutante em chegar, onde existisse um cheiro particular a madeiras raras e fragrantes, ou por ali morar alguém que tivesse viajado, por exemplo um missionário de Saint Gallen com um baú de peles bafientas, crucifixos de sândalo e cabaças aromáticas cheias de sementes (exóticos rosários por enfiar), contando histórias que todos se tivessem cansado já de ouvir, a não ser nas datas festivas, na altura em que se comemorasse algum feito nobre em que o referido missionário ou algum dos membros da sua vetusta congregação tivessem participado, datas assinaladas por balões e coretos e bandas de bombeiros e canecas de cerveja e jornalistas, estes por um dia pacientes a ponto de virem de Zurique pelo caminho de Kloten, Winterburg, Wil e Gossau, para lhe baterem à porta e dizer,

Vá lá!, conte-nos...

E ele pigarreasse, emocionado por ver chegado enfim o seu dia, preparando-se para lhes satisfazer a vontade.

E eis que, sempre subindo a montanha, eu sentia necessidade de trocar umas palavras com esse missionário sobre as nossas respectivas impressões só aparentemente contraditórias, a minha de estar subindo por ali, a dele de estar descendo as escadas da vida, ambos perturbados por uma sensação que durava de cada vez apenas um momento, eu querendo saber se ele já sentira algum dia estar subindo estes íngremes caminhos da Suíça Africana, e que propósitos levava (se pretendia também espalmar as mãos na pedra), e seria natural que ele me perguntasse então se algum dia, na Europa, me acontecera cheirar África, e evidentemente que eu não poderia senão baixar os olhos, pois nessa época era ainda muito jovem, a Europa era-me desconhecida a não ser no sangue e nos recônditos de alguma circunvolução cerebral, nos textos de algum manual, no estremecimento de algum poema, na nuvem de alguma música,

além de que nem sequer em África eu estava capaz de cheirar coisa alguma, ou seja, cheirava muito naturalmente sem integrar os cheiros em conjuntos classificatórios mais amplos que dissessem respeito a continentes, sei lá!, o cheiro da laranja, por exemplo, que uns associariam logo a lugares, Sevilha, Algarve, não me remetia para lugar algum, para mim era simplesmente o véu que a laranja largava para se afirmar, uma espécie de cítrico polvo estendendo a sua mancha, o seu recurso, e tanto o fazia na minha curva como na rampa descendente do missionário ou no sonho puro de Lorca, mas nesse tempo, como disse, eu nem sequer pensava nisso, não compreendia esses segredos, limitava-me a observar os laranjais na caminhada que desembocava numa pedra onde pudesse espalmar as mãos, numa elevação de onde pudesse ver a planície lá em baixo, pura e vasta, pelo menos assim à distância, simplesmente ela própria, planície arisca porque de uma serenidade inexpugnável (nessa altura eu desconhecia que também as montanhas conseguem albergar enredos hediondos).

Era só isso que eu faria, baixar os olhos na frente do experiente missionário, desconhecendo, mas respeitando a sua dor, uma dor cercada de balões e bandas de bombeiros, canecas de cerveja e coretos, convenientemente assinalada na agenda privada dos dias com a frase

Hoje é o dia da minha dor.

Espalmei as mãos na pedra morna e por um breve momento tive a sensação inexplicável de que a pedra era minha. Nunca a tinha tido antes, nunca a voltei a ter depois. Foi ali, depois daquela curva, aquela pedra.

Esta pedra é minha!

Foi isso que pensei. Está aqui desde tempos imemoriais aguardando que eu chegue para dela tomar posse, e logo a inquietação adolescente e desvairada se perguntou se não seria também meu tudo o que a ela viesse agarrado, desde logo o chão de onde aflorava, seguindo-se as árvores presas a esse mesmo chão, altíssimas e caladas, e mesmo as nuvens atadas ao cenário por fios invisíveis, assim como balões. Transportado por tanta soberba, olhava já os montes vizinhos que nada tinham em comum com este monte a não ser uma vaga contiguidade, assim como outras paisagens mais distantes, meras manchas de cinza e nevoeiro, e eis que retorno à pedra e ela já não é minha, é apenas uma pedra, morna do calor do dia que guardou e onde eu podia espalmar ambas as mãos sempre que quisesse, mas apenas uma pedra, e foi isso que timidamente me arrisquei a dizer ao missionário,

Era apenas uma pedra.

Ele acenou tristemente, parecia saber do que eu falava. Também terá subido íngremes caminhos para encontrar pedras iguais à minha, também terá pretendido delas tomar posse, ainda que para as entregar a Outrem, isso agora pouco importa, importa apenas saber se ele foi bafejado por essa sensação, se é isso que se dispõe a contar a conta-gotas aos entediados jornalistas de província, uma frase em cada ano, em dias certos povoados de balões e coretos e marchas e bombeiros, uma frase como um pequeno gole do cálice que contém o néctar precioso da experiência, e a questão seria se morre o missionário antes que se esgote o fio do que tem para contar ou, ao contrário, se o terrível silêncio o surpreende ainda em vida, e ele parece estar ciente disso mesmo pois a cada ano que passa conta menos aos impacientes jornalistas, há mesmo anos em que pronuncia apenas uma única palavra fresca no meio de dúzias de repetições, e eles encolhem os ombros, sabem que para ouvir mais terão de voltar no ano seguinte à mesma hora, outra vez Kloten, Winterburg, Wil e Gossau até Saint Gallen, alertados pelo rebentar dos balões, a fanfarra e o tilintar da cerveja, ou então avisados por empenhados editores e académicos conscientes que passam a vida mergulhados em gabinetes ou esconsos centros de documentação, perguntando-se todos os dias o que significam esses dias, o que significa cada hora dentro deles, não por uma terrível necessidade de saber mas apenas por ser essa a sua função.

Haverá mesmo um ano em que o missionário, às interpelações dos jornalistas, responderá com o silêncio. Ou porque perdeu as palavras que pudessem exprimir a dor lembrada e o surpreendeu o fim da história, ou ainda — e seria o mais gaio dos desfechos — porque em lugar do missionário encontrarão apenas uma cela vazia, a cama feita, coberta por uma modesta colcha de retalhos, o candeeiro em cima da mesa de trabalho, um pequeno quadro na parede, um missal em francês ou alemão, uma janela que antes dava para o vale e agora para as traseiras de um edifício nas cercanias da Bankgasse, não muito longe da igreja, onde estacionam as furgonetas de uma pequena ou média empresa (estão sempre a instalar empresas onde quer que seja), e haverá sempre uma viúva ou uma rosada moça de província para nos trazer versões convincentes que expliquem o silêncio do missionário, ou mesmo a sua ausência.



Quanto a mim, na altura em que espalmei as mãos na pedra não pensava em retirar dali conhecimento para ir judiciosamente debitando, gota a gota, mas apenas seguir o instinto ditado por aquele furor tão próprio da idade, de gastar perdulariamente o que me caía nas mãos, ouro, tabacos raros, álcoois de obscura decantação, mel de ricos pomares. Ou seja, os tenros anos em que tudo nos cabe na palma da mão, rosados pulmões e rosados amores, e era por ingenuidade e limpidez, não por desprezo, que ignorava o enredo que se tecia em volta, que diziam movido pela justiça e pela razão.

O que é a dor dos outros se não for também a nossa dor?

É isso que me pergunto agora, olhando para esses anos verdes em que, mais até do que hoje, me doía a dor dos outros desde que fosse uma dor concreta e lancinante que pudesse ler em olhos cheios de significado, não nos frios manuais da dor e da razão e da justiça. O que é, afinal, a dor dos outros?

O tractor do mandarim

A chuva desaba, pesada e vertical. Ficaré assim durante uns dias, alternando súbitas vergastadas com um brandíssimo aspergir (a branca névoa, própria da

montanha). Aqui e além, o recolhimento a que a altitude convida é rasgado por escuros campos agrícolas, mares de ondas certas e imóveis encimadas por torrões de espuma negra. É nesse lugar de pastores magros, nesse dia líquido, que vamos ter o encontro com o velho, por uma vez mais vulneráveis do que ele.

Mas antes disso desaba a chuva vertical e com ela a euforia mansa que me invade sempre que chove assim, por soar a fim do mundo. Chovendo o suficiente tornar-se-ia impossível ir às aulas, pensava eu nessa altura. Cafés com as esplanadas vazias (gotas oleosas enrugando o tampo das abandonadas mesas de metal), uma encenação da rebeldia do Inverno sem as suas verdadeiras consequências, corvos abrigando-se sob as próprias asas nos ramos de casuarinas descarnadas, canoas triunfantes embaladas pela minúscula vaga que se enrola sobre as ruas, automóveis afogados, a ficção derramando-se impante sobre a cidade. Talvez, se continuasse chovendo daquela maneira, pudéssemos ter um vislumbre da desordem e da sua misteriosa claridade: horários escusados, rotinas rompidas, regras desfeitas. Nesse tempo eu não tinha interesse nem fazia ideia do que existiria para lá da cortina, movia-me apenas o *frisson* do ir espreitar. E era tal o empenho, tal o desejo de uma chuva sem limites, que quem manda nela se assustava e desistia.

Mas não naquele dia, na montanha, em que foi como se estivéssemos a ser empurrados para o encontro com o velho. A água encharcou primeiro as árvores, a manta negra dos campos cultivados de fresco e as verdes matas, depois as tendas, os casacos e cabelos, e finalmente os olhos, forçando-nos a correr pelo declive abaixo, cegos de tanta liquidez. O líquido chilrear tornava-se gargarejo rouco, as cascatas engrossavam em cada curva por onde passávamos. Perdemos-nos dos caminhos, saltámos sebes às apalpadelas acabando por deixar para trás tudo aquilo que nos pesava, e resvalámos pela encosta até darmos com um cruzamento onde subimos, enlameados e a custo, para o atrelado do tractor de um Chinês que uma insondável confluência de acasos colocou na nossa rota. Um tractor sem idade, expelindo um fumo obstinado para o meio do dilúvio, e um som que não conseguia impor-se na natureza e portanto me está hoje vedado recordar. Um Chinês com a altivez de um mandarim tal como eu os imaginava nesse tempo.

Por que passaria ali um Chinês no seu velho tractor, a não ser para nos salvar? Já disse que havia tomado conta da pedra; tomava agora conta da montanha inteira com os chineses que tivesse dentro! Tudo nesse tempo era doce e girava ao meu redor.

Abrandou, sem chegar contudo a parar. Fez um gesto com a cabeça, como se as palavras não passassem de mais uma maneira, entre outras, de dizer coisas, e prosseguiu lentamente a descida do monte espalhando um discreto ruído que afinal já recordo, de máquina de costura, um som de agulha alinhavando o rego aberto no tecido crespado da encosta. Era um Chinês corpulento, com costas redondas entre os parêntesis dos braços, um chapéu a desfazer-se e, quando se virava, minúsculos sinais pontiagudos polvilhando as pálpebras gordas de uns olhos sempre semicerrados, como se o incomodasse a luz. Dos lábios pendia-lhe uma ponta de cigarro torta e encharcada. Vimo-lo quase sempre de costas enquanto, agarrados aos taipais do atrelado, procurávamos, para nos proteger, e logo largávamos, as sacas de serapilheira vazias que havia por ali, ásperas e com vagos vestígios de velhos grãos e cheiros desagradáveis que perfuravam a chuva. Ou vinha de uma entrega ou não era capaz de enchê-los: lutava com uma vida difícil. Foi o que nos dedicámos a adivinhar nas suas costas, enquanto o caminho o obrigava a estar atento.

A certa altura cruzámos olhares, eu e o Chinês, e pareceu-me perceber nele uma muda inquietação:

Não sei onde é a China.

Não que vivesse todos os dias com a espada de Dâmocles desse desconhecimento, de certeza haveria dias em que a China não lhe passava sequer pela cabeça, ocupado com o tractor ou com as couves, com o roubo das cenouras levado a cabo por empregados desleais ou esfomeados (com o dilema moral que essa dúvida lhe criava), com a queda da pequena ponte que lhe deixava a machamba isolada ou outros fragmentos da sua vida privada que na altura nos estava vedado conhecer. Mas naquele momento veio-me a certeza de que a questão o atormentava:

Não sei onde é a China.

O seu tractor era uma peça sem idade ou referência, feita da canibalização de outros tractores, *Massey-Ferguson*, *Ford*, *John Deere*, *Caterpillar*; depois, de outros veículos (um farol de *Taunus*, um pedal de *Renault Gordini*, um espelho de *scooter*), e finalmente bocados da natureza como o banco onde se sentava, de panga-panga escavada por paciente enxó e encerada anos a fio pelo seu pesado rabo, ou a maçaneta das mudanças que a vibração do motor sacudia loucamente, coberta por um pedaço retesado de câmara-de-ar. O tractor não passava do prolongamento do corpo do Chinês (*Não sei onde é a minha fábrica*).

Ah, mas aquela cor amarela não o deixava mentir!, aquelas fendas que tinha

por olhos, salpicadas de minúsculos sinais, mostravam bem de onde viera, ainda que por ínvios caminhos, difíceis de traçar. Daí a necessidade de saber, para ter o que dizer sempre que isso lhe fosse perguntado.

Nesse tempo eu olhava o mapa-mundi todos os dias, sabia perfeitamente onde era a China e muitos outros lugares de onde ele pudesse também ter vindo, transmitir-lhe esse conhecimento era até uma forma de retribuir o favor que nos prestara ao deixar-nos subir para o atrelado pejado de serapilheiras vazias com um determinado cheiro. Mas, como chegar até ele?

Não sei onde é a China,

insistia o seu olhar, num mudo e discreto apelo, e o facto de eu nada poder fazer para aplacar aquele sofrimento mostrou-me os limites do que aprendemos na escola, a modéstia daquilo a que chamamos conhecimento.

Quanto a ele, constatando a inutilidade do apelo que fazia, errou o olhar pelos montes que nos estavam próximos, como que para apagar os vestígios da atitude anterior, após o que voltou a fixá-lo no caminho. Era um resto de dignidade que procurava preservar, após ter constatado que nem sequer a gente da cidade o podia ajudar.

Foi a partir daí, suponho, que a atitude dele se crispou um pouco. Ainda nos disse uma ou duas coisas acerca do tempo, uma vaga indicação sobre os caminhos que devíamos tomar depois que nos largasse, e foi tudo. Era ali que nos separávamos. Fizemo-lo saltando do atrelado, depois de ele ter abrandado ligeiramente, sem chegar contudo a parar. Aceitámos o facto com naturalidade: afinal, podia ter passado lá em cima sem sequer olhar para nós. Acalentara uma certa esperança e decepcionara-se, compreendíamos isso. Não há nada pior do que pretender saber e não poder.

Prosseguimos a pé, sempre no meio de um verdadeiro dilúvio. Por vezes escorregávamos na lama e ríamos. Ríamos muito, nesse tempo. Ríamos por tudo e por nada, até por escorregar na lama. E, todavia, o episódio deixara um vestígio. Não basta haver conhecimento para que se completem os ciclos, são necessários sopros misteriosos que ponham tudo a voar. Se naquele dia houvesse um mapa-mundi ao meu alcance, um mapa que resistisse à chuva sem se desfazer, muita coisa teria mudado na vida do Chinês. Sorriria agradecido, pensando nas noites mais serenas que aí vinham; despedir-se-ia da angústia que o vinha castigando anos a fio.

Ríamos muito, nesse tempo, mas o Chinês não havia meio de me sair da cabeça. Enfim, foi pensando nisto que avistámos o rolo de fumo branco desafiando a chuva com valentia.

A casa das maçarocas

Aproximámo-nos por um carreiro enlameado que descia serpenteando desde a estrada até ao vale. Ficou-me assim o nome por maçarocas ter sido a primeira coisa que vimos, secando em cima de uma esteira, sob uma cobertura que não se sabia até quando conseguiria resistir à chuva. Ouvimos o ladrar de um cão, mas afastado. Mais do que empenho, parecia haver ali apenas o propósito de cumprir um dever. Quero com isto dizer que não era agressivo: ou tinha medo ele próprio ou então ladrava à chuva e ao que nela se escondia. Tremíamos por dentro, estávamos molhados até aos ossos. Lá em cima, o tractor do Chinês diluía-se há muito no negro-azulado da montanha. Não tínhamos a mínima ideia do que haveria pela frente.

Primeiro vieram umas crianças, que logo desapareceram. Depois, espreitou uma mulher. Só passado um tempo surgiu o velho, olhando-nos da penumbra de outro telheiro que afinal existia, atrás da palhota principal. Fez-nos sinal com a mão. Era magro e muito alto, com todas as características do que se diz ser um chefe. Era-o, sem dúvida, ao menos daquela casa. Tinha o cabelo todo branco e uma barba rala, branca também. Tinha umas pulseiras de latão e três cicatrizes paralelas junto a um artelho, grossas, mais escuras e lisas do que a pele, mas eu nessa altura era incapaz de distinguir sevícias de escarificações, ou até das presas de algum animal selvagem. Descontando as muitas diferenças, o seu semblante era idêntico ao de um tio que tive, de quem sempre me senti próximo, e por isso avancei sem reservas. Tinham os dois os mesmos ossos. Tive a certeza instantânea de que nos protegeria.

Indicou, por gestos, que nos chegássemos à fogueira, mandou vir capulanas para nos secarmos. De português proferia apenas umas palavras soltas. Embora estivesse *sentado* por causa da idade (foi esta a expressão que usou), tinha sido, à sua maneira, conforme nos explicou, um homem de viagens. De aventuras, pensámos nós. Tinha um ar indomável. Os esforços para se fazer entender minoravam-lhe algo da grandeza (usava os verbos no infinitivo, demorava muito tempo a procurá-los, tolhendo assim as histórias quando estas pareciam prestes a voar), mas isso de modo algum afectava nele essa liberdade inteira, uma espécie de comando do próprio destino. Coisa rara, nesse tempo.

A nossa imaginação era um pequeno animal voraz, mas enjaulado, e assim, ocupados que estávamos a alimentá-la, não olhávamos para os espaços em

volta. Não descobrimos logo que não era tempo de trazer ideias, mas de ver as coisas. Por isso se perderam no ar quase todas as perguntas que podíamos ter feito àquele homem. O que vale é que cada gesto seu continha em si uma história, que ele espalhava pela encosta levemente inclinada onde assentavam as suas palhotas. Ficámos a saber como as construiu naquele chão duro e pedregoso, que animais disputavam com ele o território, lhe rondavam os cercados e levavam cabritos e galinhas (imitava-lhes o som). O indicador comprido descrevia a retirada das feras às arrecuas, por entre as pedras, até à crista do monte, de onde se sumiam contrariadas por itinerários que só elas sabiam onde iam dar. Por cortesia acompanhávamos todos esses gestos, mas os nossos olhos não se desprendiam das maçarocas encostadas à fogueira, que ele de vez em quando rodava para que assassem por igual.

Deu-nos de comer, tão curioso das nossas maneiras como nós das dele. As crianças foram-se aproximando. Pressentiam, com a agudeza das crianças, a possibilidade de acontecerem coisas. Severo, o velho ordenou-lhes que se sentassem. Comeram também, com pequenos gestos cerimoniosos que, suspeito, se deviam mais à presença do velho que dos estranhos que nós éramos; e atentas, para o caso de acontecer ali uma lição. Naquele ambiente austero, estava fora de questão o desperdício de histórias, mais até que de comida.

A um rapazito de uns cinco anos coube sentar-se a meu lado (o seu nome perdeu-se no tempo, apesar das minhas reiteradas investidas). Permaneceu muito quieto, com as mãos fechadas no colo e os olhos fixos no pai ou avô, nunca o soube ao certo, enquanto este gesticulava e nós respondíamos como podíamos. Via-se que a criança fazia um esforço para evitar olhar para mim, embora tudo na sua atitude denunciasse uma consciência aguda da minha presença. A dada altura notei que as suas mãozinhas escondiam um pequeno pássaro. Notei-o porque elas, apesar de imóveis, pousadas no colo, pareciam tomadas de uma leve vibração. Era como se respirassem. Veio-me a certeza de que, à sua maneira, constituíam as abas de um ninho seguro. Pelo menos era o ninho com que o pequeno pássaro contava para conseguir vingar. Em contrapartida, o rapazinho dependia daquele minúsculo pássaro para soltar a imaginação. O contrato entre eles era portanto perfeito.

Entretanto, o dia suspendeu-se por altura dos derradeiros fulgores da tarde, senão na natureza ao menos na nossa aguda consciência. A chuva, notei-o de repente, deixara há muito de cair. As nuvens eram agora ralas, quase inúteis. Discretamente, os elementos da natureza punham-se de acordo para o

silencioso concerto que nos cercava. Vénus refulgia no alto como um quieto diamante. Junto ao negrume da encosta levitava a bruma triste da montanha. Estava frio. Nem o grilo ousava ferir o silêncio. Pensando nisso, dei-me conta de que nenhum de nós falava há muito tempo. Tínhamos o olhar perdido na imensidão ou, se o recolhíamos, era para o pousar pensativamente na fogueira. O velho mantinha um sorriso sereno e os seus olhos brilhavam, vermelhos e muito vivos. Espalhava em volta o fumo acre do seu tabaco. Estendeu-nos a mão para que fumássemos também. Aceitámos, orgulhosos. Era um gesto que, além de combater o frio, nos fazia sentir adultos. Tossimos.

Tabaco de nosso,

disse ele divertido. E nós assentimos, inundados do prazer de prevaricar.

Escureceu. O equilíbrio que parecia eterno não durou afinal mais do que um instante. As cortinas negras cerraram-se com violência, negando-nos mais impressões do espaço em volta. Vénus lutava agora por sobressair na multidão. Ficámos ainda assim um tempo, agora só olhos para a fogueira que crepitava e produzia o único som em quilómetros ao redor, afora o lamento solto de algum bicho desconhecido. Nessa altura o rapazinho não pôde mais e deixou-se adormecer. Notei-o porque foi descaindo até acabar encostado ao meu ombro, algo que não se atreveria a fazer se estivesse no comando do seu comportamento. As mãozinhas entreabriram-se levemente, deixando entrever o minúsculo novelo de penugem. Tinha também um ou dois grãos de milho que guardara do jantar, na esperança de que o pequeno pássaro se decidisse enfim a começar a comer. Por um momento tive a sensação de que me cabia proteger a criança para que ela pudesse proteger o pássaro. Levantei os olhos para o velho. O seu sorriso dizia-me do dever que sentia de me proteger a mim para que eu pudesse proteger a criança e esta o pássaro. E compreendemos todos que o espírito da montanha protegia a nossa pequena comunidade, que havia uma cadeia que unia o pequeno pássaro à natureza, da qual todos nós fazíamos parte. Com esta certeza, o velho largou o galho com que remexia de vez em quando a fogueira, levantou-se, pegou na criança e retirou-se sem uma palavra.

A noite foi agitada. Por duas ou três vezes senti chover copiosamente entre sonhos estranhos que hoje não consigo recordar. Vagamente, percebi uma vez as nuvens rolando grossas, muito perto, e outra o latido do cão esconjurando o escuro. Acordei com um som de raspagem que a princípio não identifiquei, mas mais tarde descobri serem as crianças a varrer o terreiro ao redor das palhotas e telheiros. Quando saímos, o chá fumegava e o velho, com uma pequena faca, descascava batatas-doces que tirava das brasas. O chão estava

liso como uma folha de papel. Era como se os passos de ontem tivessem sido apagados pelas vassouras para nele se escreverem os novos. Nada ali era desperdiçado.

Um pouco mais tarde o velho gesticulou coisas, indicações sobre como dali podíamos ir dar a qualquer parte onde encontraríamos o caminho de regresso. Quisemos retribuir com dinheiro aquela noite. Ofendeu-se, disse que podia ser nosso avô. Pedimos desculpa, embaraçados, e é-me muito necessário acreditar que nos perdoou.

As crianças acompanharam-nos até lá acima, à estrada. Junto a mim ia o rapazito do pássaro. Desta vez era ele que me mostrava o caminho. Levava as mãos vazias. Ou libertara o pássaro ou deixara-o em local seguro.

Epílogo: a cobra mamba

Um dia a angústia do Chinês tornou-se eterna. Os criados deram com ele em cima do tractor, sentado na peanha de madeira. Ligeiramente curvado, de frente para a horta que lhe ocupou o tempo em vida. Olhava talvez para lá dela, na vaga direcção da China, como se a pergunta que o atormentava tivesse ficado para sempre em suspenso.

Parecia sereno, não fosse a cor que a pele ganhara, escurecida, de um tom quase negro. Por uma vez imune ao pensamento dos criados que, pouco atentos às pequenas diferenças, lhe chamavam *branco*. Acabou-se o tormento assim que o tractor se imobilizou na curva do caminho e ele ficou parado a olhar, não na vaga direcção de um qualquer lugar mas apenas para a pergunta que o acompanhara a vida inteira.

Ao que disseram os jornais, na página de crimes e insólitos, uma cobra mamba saltou do caminho para o chassis do tractor enquanto este progredia lentamente com aquele ruído de máquina de costura. O tractor era modesto, o vão pequeno, e uma vez ali a maldita foi ondulando pelo estribo até ao bloco do motor, onde se queimou. Enfurecida, saltou no ar com um silvo de chicote e fincou os dentes no calcanhar do Chinês. Explorava o ponto vulnerável, aquele por onde uma velha Tétis oriental o segurara quando o mergulhou numas águas tão diferentes das águas desta terra. Com isso o pé do Chinês, calçado por uma velha sandália, foi deixando de pressionar um pedal de *Renault Gordini* polidíssimo pelo uso, de onde há muito desaparecera a borracha para ganhar a

limpidez de um espelho de água. E o tractor foi abrandando, como se ao Chinês faltasse agora uma pressa que na verdade nunca chegara a ter, até que, com um ligeiro soluço, não mais que uma seca tossidela, se imobilizou numa pequena elevação de terreno, na borda do caminho. Dali via-se a pequena horta e, para lá dela, numa vaga direcção, a dita pergunta chinesa.

Conta ainda o jornal que no resto do dia, depois de descoberto o corpo esturricado da cobra colado ao bloco do motor, continuaram os criados procurando, pois é do conhecimento geral que as malditas andam sempre aos pares. E, sentado no velho selim, ligeiramente curvado, era como se o Chinês comandasse ainda essa procura.

Rumores brancos

Abafa-se nas ruas da cidade. Quanto a mim, a sensação que tenho é de que o meu tempo, neste lugar, ainda que ininterruptamente, se escoia sem muita pressa. Luto por terminar o liceu sem todavia me empenhar com denodo. As aulas são fatias de tempo sempre iguais, entrar e sair delas uma monotonia. Deixo-me ir como se levado por uma corrente lenta que aponta ao largo, um futuro amplo mas difuso. É-me impossível prender nas mãos um sentido, sobra apenas esta esperança abstracta que tarda em tornar-se cativante, em ser força de fulgor inadiável. Algo me transmite a certeza de que a cidade acabará por regurgitar-me, e por enquanto isso me basta para atravessar os dias.

Uma reprovação deixa-me o estudo do latim como ocupação exclusiva do ano que se avizinha. Um ano inteiro a declinar em latim os vocábulos que designam o mundo, como se essa fosse a condição *sine qua non* de poder partir e abarcá-lo. Um ano é portanto o prazo que me é dado para provar que essa língua deixou de ser para mim inexpugnável, circunstância que me deposita nas mãos de um singular provedor de conhecimentos, um certo doutor José Tinoco, homem de leis e exímio latinista que todavia não tem o latim como obsessão, antes para ele foi atirado por um crime de contornos imprecisos e uma condenação inapelável de três anos de prisão, cento e vinte dias de multa à razão de vinte escudos por dia, duzentos e quinze mil seiscientos e sessenta e dois escudos e trinta centavos de indemnização aos Sindicatos Nacionais, e custas e selos do processo, e que além disso lhe trancou as portas da advocacia para a qual se achava destinado, lhe vedou o púlpito de tribunais onde pudesse exercer a sua verve, que afinal não é mais do que o som das extraordinárias ideias que lhe pululam dentro, delicadas umas, argutas quase todas, como se as palavras fossem tâmaras e as ditas ideias, dentro delas, a secreta mina de água que dá de beber ao oásis luxuriante.

Assim o vejo desde a primeira vez que subo os lanços de escadas voltados para o mangal e atravesso a varanda traseira que conduz à porta de entrada a cuja campainha toco, e que é aberta por uma vestal muito mais nova do que ele, muito mais velha do que eu, Maria Teresa, salvo erro, que cedo percebo existir com o único propósito de servir aquela figura que tanto a fascina.

Esperava-me (figuro já no pequeno grupo do seu caderninho). Sorri e deixa-me entrar. Conduz-me através do estreito corredor forrado de livros desde o chão até a um tecto que me parece altíssimo, embora talvez acabe por não o ser assim tanto. Desembocaremos em breve, ela sempre na frente, numa sala de visitas transformada em espécie de santuário prático da religião do conhecimento que os dois professam naquela casa, ele oficiando-a, ela garantindo que as condições estejam criadas para tal fim. Onde, nos apartamentos em volta, imagino se acha a medíocre sala de visitas com um modesto sofá e uma mesinha de apoio com um *bibelot* e duas ou três revistas de circunstância, há aqui, vê-lo-ei dentro em breve, a ampla e desarrumada secretária do Professor Tinoco, a ara dos ofícios, o campo de batalha do saber soterrado por pilhas de livros onde ele cavou a sua trincheira. Há mais livros na cave, diz quem passou por aqui antes e sabe do que fala, há mais livros em caves vizinhas, em armazéns alugados nos subúrbios, no porão de velhos navios encalhados lá para os lados da Praia Nova, livros sobre todas as matérias possíveis e imaginárias, uma vez que tudo o que possamos conceber cabe na insaciável curiosidade do Professor. Para uns o estudo desmedido faz parte da preparação minuciosa da sua *revanche*, enquanto para outros ele apenas se cultiva para seguir à risca o desejo do juiz, expresso após a leitura da sentença, de que uma vez expiada a pena o réu pudesse ainda vir a ser um homem de bem convivendo com os verdadeiros homens de bem. Uma das duas estará tentando, são estas as histórias que correm, um dos muitos rumores brancos.

Maria Teresa traz e leva o chá, leva e traz alunos desde a entrada até aqui, após o que desaparece em interiores que nunca conhecerei, frágil figura de escorridos cabelos negros na busca dos livros que o Professor lhe vai pedindo em voz baixa, como se seguisse à risca a liturgia. Assim que bate levemente à porta para me entregar, e depois que nos chega o murmúrio anuente, ela afasta-se para me deixar passar e reparar em mais livros em pilhas, hera grossa e colorida de papel trepando pelas paredes, amontoados nos cantos, por cima dos móveis, livros de todas as matérias e também de circunstância, latim com moda e mecânica, variedades com literatura e direito, a *Crónica Feminina* e a *Plateia*

ombreado com números dos *Cahiers* (Rohmer e o *Genou de Claire*, Bogarde e a *Morte em Veneza* de Visconti, a sair no ano em curso), nada escapa à voracidade desta religião que descubro oculta nos interstícios da cidade, não em esconsas caves mas num insuspeito apartamento, e assim que a silenciosa vestal se afasta e me deixa ali à mercê sinto derramar-se sobre mim um sortilégio, algo de definitivo, faltando apenas descobrir de que forma se exercerá o seu efeito.

A ténue tentativa de piscar os olhos para me refazer é desde logo gorada por uns olhos que faíscam por entre hirsutas sobrancelhas sal-e-pimenta, como sal-e-pimenta é o cabelo hirsuto, e vem-me a certeza de que o homem sabe tudo sobre mim de antemão, colheu-o nos livros ou nas mil e uma maneiras que tem, descubro aos poucos, de saber coisas. Se me faz perguntas é por mera cortesia, ou então para me adormecer, me retirar de um estado de alerta cuja tensão é o contrário da serenidade necessária ao acto da aprendizagem, que constitui afinal o cerne do seu dever e a razão que me leva ali. É isso, serenar, deixar-me ficar de olhos semicerrados como quem sonha, e aprender. Mas, assim que me acostumo ao faiscar e que sereno, eis que por entre o bigode sal-e-pimenta, hirsuto ele ainda, desponta por um instante a língua de um verde intenso, fosforescente, e eu assusto-me e dou um salto por dentro, que diabo!, embora por fora transpareça quando muito um ligeiro tremor, e quando recobro uma certa maneira de estar já a língua recolheu. Foi tão curto o instante em que espreitou que não posso deixar de duvidar daquilo que os meus olhos viram, e a dúvida só não se transforma em certeza por entretanto a língua ter voltado a espreitar, um inesperado cuco verde-alface dando as horas, instalando em mim uma perplexidade que só mais tarde, depois que me vieram à mente raras doenças ou drogas psicadélicas, se desfaz, isso por entretanto ter descoberto ser das pastilhas Valda que ele incessantemente chupa para poder resistir ao vício dos cigarros, ou Valda ou outra marca qualquer dentro de latas de Valda pois que as Valda que conheço, coneziinhos verdes de uma gelatina dura salpicada de grãos de açúcar, não põem as línguas naquele estado. De qualquer maneira a cor é essa, um verde brilhante tornado ainda mais vivo pela rapidez do gesto do vir cá fora espreitar, e aos poucos vou descobrindo que ele o faz para humedecer os lábios e assim melhor lhe escorregarem as palavras do que tem para dizer, por exemplo quando pergunta:

O que acha que aconteceu à rapariga?

Sobressalto-me outra vez. Não tenho ideia de quem seja essa tal Olívia M. de que me fala assim de chofre, e não, não li o jornal, e ele estende-mo dobrado

em quatro para acabar com as evasivas, batendo repetidamente com a unha amarela do tabaco num título ao alto da página da cidade, «Jovem põe termo à vida atirando-se do quinto andar», e quase deixo escapar que estou numa fase em que passo dias e dias evoluindo lentamente para o largo, para um futuro incerto, sem reparar sequer nas notícias. Calo-me a tempo, a intuição diz-me que manifestar assim um desinteresse por aquilo que me cerca me diminuiria a seus olhos, e que abrir os meus é o que ele entende ser o seu papel. Até esse dia o vasto mundo estava para mim em casa, dentro de escassos livros e discos, e eis que aqui chegado começo a suspeitar que o que me é pedido é que olhe em volta, que atente naquilo que o mundo misteriosamente cala. Sigo-lhe o dedo sobre as letras, como quem faz esse percurso, e é assim que tomo conhecimento do caso.

A notícia refere a possibilidade de um suicídio passional.

Suicídio passional?!

O Professor Tinoco junta à exclamação um sorriso de diabo céptico de língua verde e sobancelhas hirsutas, sal-e-pimenta. Suicídio passional é um absurdo. A língua vai e vem, incessante. E que dizer dos fios de plástico enrolados ao pescoço da pobre rapariga, oito voltas precisamente? Que dizer dos gritos que antecederam a queda no passeio de cimento contíguo à estrada de saibro, ouvidos pelos vizinhos?



De bom grado me deixo ir disparado atrás dele. Afinal, este é o ano da Laranja Mecânica, os jovens empoleiram-se em bando nos muros da cidade, grupos de *mabandidos* circulam pelo lado escuro dos passeios, os soldados e marinheiros, nos bares e *night clubs*, têm formas peculiares, mas agressivas, de manifestar os seus temores. A noite da cidade está cheia de violência e facas.

Mas por enquanto este não é um caminho que interesse ao Professor. Desiste subitamente, vira-se para a lição propriamente dita, quer antes ouvir-me ler, ajuizar da familiaridade que tenho com os sons da língua que me leva ali a fim de fazer ideia da envergadura da tarefa que tem pela frente.

Leio: *Beira est tota divisa in partes tres*, etc., após o que chegamos à hora certa e Maria Teresa me devolve silenciosamente à porta de entrada.

Início o regresso a casa matutando no conteúdo da primeira lição, sem estar certo de qual seja. Talvez que os acontecimentos, uma vez notados, pululem à nossa volta e tragam mais do que uma explicação. Pela janela do machimbombo desfilam as árvores e sombras verdes da Avenida da República, pelos ares carregados do fim do dia suburbano desce o vulto num silêncio vertical, depois que se esgotou a reserva de gritos lá em cima, na *flat* 55. Desce andar por andar, cometa riscando as janelas de um prédio com o nome oficial

de Príncipe da Beira e a alcunha popular de Mira-Mortos, por estar virado para o cemitério de Santa Isabel, e nunca houve alcunha mais apropriada do que esta pois é isso que fazem os vizinhos nas janelas, vencido o sobressalto provocado pelos gritos de há pouco: miram a morta que desce. Que segredo leva ela?

As rotinas que me ordenavam os dias são agora menos densas, o que deixa em mim um complexo rasto de insegura liberdade. Acordo tarde, foi-se o tempo da correria para as manhãs diárias de aulas, restam estes encontros esparsos a que me agarro como fundas lições. Passa ainda um par de dias antes da lição seguinte, dias vazios que me dão tempo ao que quiser. Ouço música, Joni Mitchell, King Crimson, visito a praia com frequência, a horas que os banhistas desconhecem, fixo-me na partida das pequenas canoas de pescadores. Levam apenas uma lata de água e um minúsculo fogareiro com uma única brasa que a brisa faz pulsar, sobreviverão ou não com o punhado de farinha mais o que o acaso lhes quiser dar. São quem mais claramente me mostra a dificuldade em deixar este lugar. Tentam-no todos os dias com afinco, e ou se diluem nas águas para todo o sempre ou acabam por regressar cabisbaixos, com um molho de *marora* na mão. Entretanto, aprendo a tornar-me atento aos jornais. Aquela história enrola-se em mim como a fita de plástico ao pescoço da rapariga.

À lição seguinte levo uma importante descoberta com que espero impressionar o Professor. Na mesma notícia, o repórter de serviço diz que o corpo ensanguentado e já sem vida (a camisa de dormir como mortalha), foi levado para o Hospital Central Rainha D. Amélia ao princípio da noite; mais adiante, na mesma peça, desdiz-se e escreve que o corpo deu entrada no Hospital do Macúti às sete e vinte dessa mesma noite. O meu confuso argumento é que a ambiguidade que envolve a morte da rapariga se prolonga para lá dela, se desdobrará até ao infinito. Na verdade, talvez fiquemos para sempre sem saber.

Mas as pequenas imprecisões dos jornais não parecem impressionar o Professor. Recusa mesmo atribuir qualquer interesse às minhas descobertas, fruto de uma mentalidade crédula e de um jornalismo incompetente. Embora com polidez, lastima a minha falta de sentido prático. Opta por passar à lição propriamente dita, manda-me ler: *unam partem incolunt Populi, aliam Patritii, tertiam qui ipsorum linguā Marginales, nostrā Adolescentes rebelles apellantur.*

Subitamente, tira a língua verde de fora para me interromper:

Que acha do Angoche?

Nova perplexidade. Sei que se refere ao mistério do navio que por estes dias apareceu a arder e à deriva em pleno mar, sem a tripulação, depois de ter sofrido no convés o que parece ter sido uma violenta explosão. Não vejo a relação e digo-lhe isso mesmo. Ele aponta a primeira página do jornal com o poderoso indicador, e eu observo as duas notícias lado a lado. No canto superior direito, uma pequena fotografia da jovem Olívia M. arranjada para o retrato, encarando a objectiva com um optimismo agora quase comovente; do lado esquerdo, em grandes parangonas, uma referência à evolução do caso do *Angoche*, às esforçadas tentativas das autoridades para o localizar.

Agasto-me. Depois de me dissuadir de acreditar nos jornais, eis que o Professor constrói teorias a partir deles como se troçasse da leveza das minhas convicções. Refugio-me num mutismo carrancudo que ele corrói com o seu sarcástico sorriso de diabo verde, enquanto penosamente se levanta, as mãos tentando afagar as costas que não lhe dão descanso, e se arrasta até à pequena varanda para onde atirou as chaves da gaveta onde guarda as chaves do cofre dentro do qual esconde o maço de cigarros. Cumpre este ritual para dificultar o acesso ao tabaco e deste modo se punir por não ser capaz de vencer o maldito vício. A dor é condição da recompensa. Depois que tem finalmente um cigarro na mão, de volta à cadeira, adapta-lhe uma vistosa boquilha, contempla a obra com visível satisfação, as mãos trémulas de desejo, após o que lhe incendeia a ponta com o *Zippo* dourado. Fecha a tampa do refulgente objecto com um estalido seco, puxa um trago fundo, expelle o fumo devagar pelas narinas e por entre os dentes, por entre os lábios entreabertos, frementes de prazer, e só então volta a falar. Então eu não vejo o evidente? O facto deveras extraordinário de os dois casos se terem dado exactamente na mesma altura, no princípio da noite de 25 para 26, ou seja, de domingo para segunda?

Perco-me por um momento imaginando a hora mais melancólica de todas, o princípio das noites de domingo. A hora em que a cidade acende o tímido cordão de luzes para assinalar o fim de um pequeno ciclo de liberdade e a reentrada inexorável no túnel escuro da semana, esse mergulho em apneia que durará até ao fim da manhã de sábado. Em consequência, a vontade que tenho é de questionar essa premissa. Afinal, mil e um acontecimentos se dão na mesma altura, nascimentos e mortes, torpezas e bravuras, sem que isso nos obrigue a ligá-los entre si.

Todavia, quando regresso a casa vou ciente de que, unidos pelo Professor, os dois casos não mais se separarão. Doravante, foi o embate da jovem Olívia M. no chão de cimento que provocou a explosão no *Angoche*, foi o fogo deste que

matou a rapariga. E enquanto a tripulação do *Esso-Port Dickson* — o petroleiro panamiano que descobriu o *Angoche* à deriva em alto mar — combate o incêndio, um médico faz a autópsia ao corpo de Olívia M., revolvendo-lhe as entranhas e sopesando cada ensanguentado órgão. Os marinheiros chegam o mais perto que podem, de agulhetas apontadas ao convés, logram mesmo a abordagem. O *Angoche* está deserto, os tripulantes desapareceram sem deixar rasto. O interior da rapariga, devassado pelo bisturi do médico, também nada revela.

Vazia está também a cidade, castigada por uma chuva tardia, mas persistente. Os vultos atravessam a estrada em corrida, os automóveis espalham a água acumulada nas bermas com a sua passagem descuidada, gerando uma torrente de pragas dos transeuntes fustigados. Como um rato aprisionado, passo tempos infundáveis a ver a chuva escorrendo em riscos tortuosos no vidro da janela. Quando o céu por fim se acalma, dois dias mais tarde, reinstala-se o peso de uma humidade quase líquida, e as ilhas de luz projectadas pelos candeeiros públicos enchem-se de baratas brancas cuja espalhafatosa agonia produz um som eléctrico, um zumbido insano e ensurdecador. Milhões de baratas brancas confabulando em desespero, confusas, tentando escapar da luz mas presas a ela por um fascínio irresistível. Na agonia dessa indecisão, deixam-se esmagar pelas solas dos sapatos ou pelos rodados dos carros com um ruído de folhagem seca, gerando manchas cinzentas no alcatrão em brasa e no ar um denso cheiro da quitina.

Quanto a mim, sinto-me preso à cidade como as baratas à luz, sinto que esta prisão me mata. Ouço música, leio e aprofundo o meu romance com T., envolto no melancólico ambiente das coisas que trazem no seu âmago a promessa de serem breves, esmagadas por forças imensamente superiores. Nenhum de nós comanda o destino. Apenas, viajando em carrocéis independentes, passamos perto um do outro muito devagar. É esta a frágil força de que se imbui a nossa idade.

Apesar de um par de dúvidas persistentes (como conseguiu ela enrolar a fita ao pescoço com tantas voltas, e tão justas? Como teve fôlego para errar pela *flat 55* naquele estado, e em seguida despenhar-se da varanda?), a Polícia Judiciária apressa-se a convocar a imprensa para anunciar o encerramento do inquérito à morte da rapariga. Foi suicídio, ponto final.

Tamanha displicência enfurece o Professor. Inicia, muito tenso, a lição. Manda-me ler, quase com rispidez. Obedeço: *Hi omnes linguā, institutīs, legibus inter se differunt. Populum a Patritiis Chiveve flumen, ab*

Adolescentibus angustia dividit. Mas logo me interrompe, não são ainda decorridos dez minutos. Inectiva o inspector Pereira Cravo, responsável pelo inquérito. Acusa-o de incompetência ou algo mais. Suspeita que deste modo o homem presta um serviço voluntário aos poderosos. Atrevo-me a dizer-lhe que não está só no raciocínio, que há outros que pensam como ele. Refiro o editorial do jornalista Gouvêa Lemos, que li antes de vir para a lição, intitulado «Os cadáveres não se suicidam, pois não?!»

Salta na cadeira, grita por Maria Teresa. Pergunta-lhe pelo jornal. Ainda não chegou, por qualquer razão o ardina atrasou-se e isso, além de irritar o Professor, abre caminho ao meu momento de glória. Sou eu a fonte de informação, sou eu que ligo o Professor aos acontecimentos do mundo. Descrevo os argumentos do jornalista o melhor que sou capaz, amaldiçoo-me por não ter lido a peça com mais atenção para poder referi-la agora com outra profundidade. Ao jornalista não move o ânimo de acusar alguém, quer tão-só deixar claro que nós, os cidadãos, nos sentimos com direito à verdade, só isso. Mexendo com pinças no assunto, diz não pretender acusar as autoridades de incompetência, longe disso, mas apenas manifestar o receio de que os casos insolúveis se multipliquem a ponto de fazer da cidade, embora não o diga assim desta maneira, ela própria um caso sem solução. Porquê, então, tanta pressa em dar o inquérito por encerrado?, pergunta. A quem aproveita? E, sibilino: «os cadáveres não se suicidam, pois não?!»

Com grunhidos e anuências, o Professor encoraja o meu esforço. Depois levanta-se, gemendo. Levanto-me também, disposto a ir à varanda buscar-lhe a chave dos cigarros. Interrompe-me com um gesto seco. Está impaciente, manda-me sentar. Irá ele próprio, na face a habitual máscara de dor, a língua verde pendendo-lhe exangue, destituída já de qualquer mistério. É necessário que se puna sem interferências.

Cumprido o ritual, ressurgem das traseiras da secretária com o cigarro numa mão, e na outra uma caixa de sapatos cheia de recortes de jornais que despeja sobre o tampo da secretária. Os recortes estão cheios de esquemas e gatafunhos, anotações à margem e sublinhados a vermelho. Vê-se que estuda o caso com minúcia. Convida-me a ver de perto, e a partir deste dia ascendo a um novo patamar, o dos habilitados à sua caixa dos segredos.

Apesar de instado repetidamente pelas autoridades, o mutismo do *Esso-Port Dickson* permanece absoluto, as indagações hertzianas deparam com um muro de estalidos e silêncio. Por que razão o petroleiro panamiano, arrastando vagarosamente o que sobra do *Angoche* atrás de si, rejeita a ajuda de outros

navios e evita dar a conhecer a sua posição? Debalde as autoridades os procuram, todos os esforços desaguam em nada. A fragata *Hermenegildo Capelo* e a corveta *João Coutinho* lançam-se ao largo e regressam de mãos vazias, um avião rodesiano avista uma baleeira do *Angoche* que ninguém mais volta a ver e podia ter sido outra coisa qualquer, alguém localiza dois navios que afinal não passam de uma fragata inglesa a ser abastecida por um anónimo petroleiro.

No jornal, evolui todos os dias este complexo enredo que parece empolgar o Professor (é a veia do causídico latejando). Explica-me as razões da situação, afinal pouco ou nada misteriosa. Achado em águas internacionais abandonado e à deriva, o *Angoche* seria agora pertença de quem o encontrou, dois quartos para o armador, um quarto para o comandante e outro tanto para a corajosa tripulação que combateu o fogo, isto segundo a Convenção de Bruxelas. O *Esso-Port Dickson* estaria, pois, a ganhar tempo enquanto discutia o assunto com o seu armador ou se afastava de águas moçambicanas. Quanto às autoridades, intrigadas com a sorte de tripulantes e navio, e ao abrigo do direito de visita prescrito nessa mesma Convenção (afinal, o mesmo direito que possibilitava às fragatas britânicas a abordagem a todos os navios que entram e saem da barra da cidade), multiplicavam os esforços para localizar os dois navios. *Voilà!*

Esta fastidiosa linha de argumentação, que se desdobra todos os dias em inúmeras ramificações com a chegada à Beira de representantes da Companhia Nacional de Navegação ou a discussão do Código Comercial Português de 1888 (título VII, «da salvação e assistência no mar»), não tem para mim qualquer interesse. Estou certo de que a explicação é bem mais simples do que o Professor quer fazer crer: o *Esso-Port Dickson* não entra na barra da Beira simplesmente porque não a encontra, porque desde há tempos esta cidade, tal como Olívia M., se despenhou no vazio, fora do tempo, tornando-se, por conseguinte, invisível e inabordável. Pela mesma razão, seria capaz de jurar que nada se achará na outra ponta da corda que o petroleiro arrasta atrás de si. Os marinheiros do *Angoche*, tal como o seu navio, não passam hoje de fantasmas.

Por tudo isto, nestes dias acontece-me acreditar cada vez menos. A própria teoria da ligação entre os dois casos começa a apresentar para mim as primeiras brechas. Como seria tal possível se, ao que tudo indica, a história do *Angoche* parece só agora começar ao passo que a da rapariga se acabou bruscamente em cima do passeio naquela fatídica noite, como o atesta o encerramento do

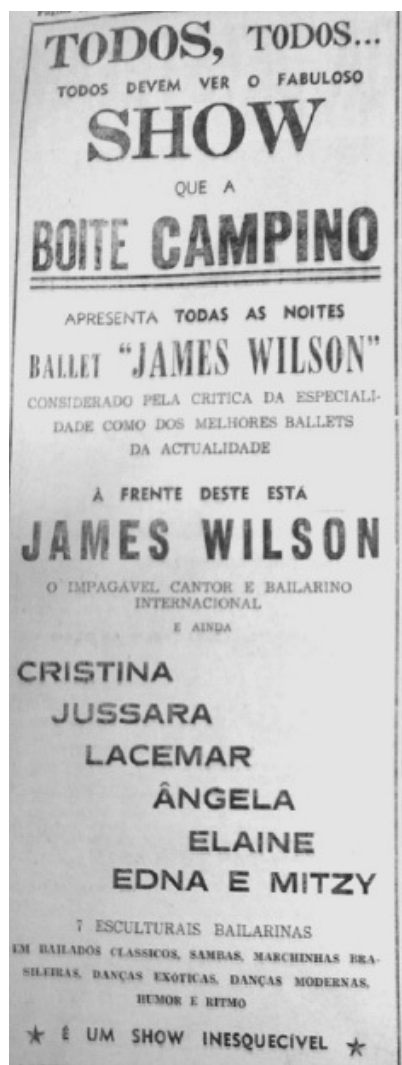
inquérito? É isso que tento dizer ao Professor, que as duas histórias talvez se tenham revezado, uma começando onde a outra terminou, mantendo-se vivos no ar os rumores brancos.

O Professor Tinoco ouve isto e passa a língua verde pelos lábios numa expressão de despeito. Foi a ligação entre os dois acontecimentos que selou o nosso pacto e, portanto, a dúvida que levanto equivale à sua denúncia. Diz-me, com certo azedume, que a história do *Angoche* está longe de só agora ter começado, que teve muito que caminhar para aqui chegar. Baixa a voz e, a partir da carga do *Angoche*, quase toda militar, aflora, ainda que apenas ao de leve, um conjunto de segredos. Abre um salão cuja existência era para mim desconhecida, excitante e levemente atemorizador. Talvez desconfie um pouco deste meu desligamento, mas, justiça lhe seja feita, é homem de uma palavra só: empurra a caixa de sapatos na minha direcção, como que a dizer que apesar da imatura rebeldia que revelo, apesar da ignorância de jovem burguês da Ponta Gea, continuará a dar-me acesso aos seus recortes.

Hesito durante uns dias, céptico, cheio de amor-próprio. Afasto-me, embora continue a frequentar as sessões. Vou lá mas a minha alma está ausente, vagueando por outros espaços a que procuro ancorar-me. Dou alguma atenção ao latim, é certo, mas dedico o resto do tempo a alimentar essa mesma rebeldia. Regresso aos meus amigos, juntamo-nos em cima dos muros, ouvimos a nossa música com poses teatrais. No fundo, através da música importamos outras raivas e adaptamo-las às nossas necessidades. Agitamo-nos como pequenos bichos presos em gaiolas. Deixamo-nos ficar na rua até horas tardias, palmilhando descaminhos, se bem que aos poucos até isso se torne em coisa que já pouco me satisfaz. Em certas tardes espreito furtivamente a passagem de T. pela Praça Artur Brandão, sem ousar interromper-lhe a caminhada. Gosto de a ver investir com pressa no caminho, a saia branca ondeando na passada, um livro de estudo seguro junto ao peito, entregue a uma grande melancolia. Carrega-a como a um pesado fardo a que já se tivesse resignado, o que, na sua idade, é tão surpreendente que fico de garganta presa, impedido de lhe perguntar a razão. Tudo isto contribui para que me sinta invisível, distanciado da cidade, embora mergulhado nela como num pântano. Os nossos destinos afastam-se sem remissão. Os dias são difíceis, aquilo que me cerca cada vez mais indefinível.

Debato-me durante esse tempo, na dúvida se o Professor se desinteressa ou se é apenas paciente. Não consigo, contudo, desprezá-lo. A dúvida e o erro fazem parte da descoberta genuína. Se ele erra é sinal de que procura possíveis

respostas. Aos poucos, de olhos baixos, acabo por regressar ao nosso pacto original. A lição é curta: *Horum omnium fortissimus est Populus*, após o que me dedico à exploração dos recortes. O Professor concede-nos agora aos dois este pequeno espaço, depois de concluída a lição e antes que eu regresse a casa. Por vezes fala-me de livros, empresta-me alguns, abre-me caminhos, dir-se-ia que interessado em afiar as minhas pequenas lâminas. Ultimamente, contudo, pouco temos a dizer, ocupados a vasculhar os recortes da caixa de sapatos cada um para seu lado. Algo me diz que irei mais longe do que ele.



Segundo colheu a polícia, Olívia M. largou um emprego no Ministério do Ultramar, em Lisboa, onde vivia maritalmente com um homem casado, a fim de responder ao velho e conhecido apelo de África. Chegou à Beira a 12 de

Fevereiro com um contrato para trabalhar no Campino, um clube nocturno com créditos firmados. Junto das suas novas companheiras, revelou-se surpreendida com o tipo de trabalho a que descobriu vir destinada. Estas declarações, associadas ao novo estatuto da rapariga, envolvem uma certa ambiguidade e terão suscitado comentários jocosos de algumas delas (achavam que a inocência não é algo que se possa alegar apenas porque nos convém). Esse grupo não incluía, porém, a brasileira Jussara, bailarina do grupo de James Wilson, em cartaz no mesmo *night-club*, que a acolheu de braços abertos. Olívia M. passou a partilhar com Jussara a fatídica *flat* 55 do prédio Mira-Mortos. É descrita como recatada e cumpridora.

Sempre segundo a polícia, em dia não especificado de Março um certo Sérgio Z., acompanhado por amigos, entra no Campino e convida algumas raparigas para a mesa. Elas bebericam *champagne*, os homens emborcam *whiskies* em doses duplas e triplas, o que os vai tornando cada vez mais grosseiros e impacientes, sem disposição para os clássicos preâmbulos. Sérgio Z. repreende-os, diz-lhes que se deve manter a educação e a correcção da linguagem, seja em que circunstância for. Para Olívia M., que está à mesma mesa e presencia a atitude, é o *coup de foudre*!

No resto do mês serão vistos juntos em inúmeras ocasiões. Todavia, o romance dura pouco. No princípio de Abril, Sérgio Z., o eterno insatisfeito, sai já regularmente com Fany Girl, uma bailarina do Jóquei Bar. Sensivelmente nessa altura, diz a investigação do Professor Tinoco (as notas à margem que ligam os episódios são inequívocas), o *Angoche* aporta a António Enes para deixar alguma carga. Entretanto, o par frequenta os mais diversos lugares, o Moulin Rouge, a *boîte* Primavera, o próprio Campino, embora este último seja para Sérgio Z. um local a evitar devido à presença de Olívia M., que de certa forma o constrange. Mas é esse mesmo Campino que Fany Girl insiste em frequentar, certamente por razões clássicas e também perversas.

Na sexta-feira, 23 de Abril, ocorre um novo episódio no já tempestuoso relacionamento do casal. Sérgio Z. pretende ir ao Moulin Rouge, Fany insiste como sempre no Campino, como sempre sem grandes argumentos. Aliás, o *ballet* de James Wilson, que abrilhantava as noites do local, acaba de ser substituído por um programa que inclui a bailarina espanhola Perla del Mar e as esculturais *strep-teasers* Salomé e Angelique, um programa apesar de tudo taciturno, que nem a dançarina exótica Eunith Nadar consegue salvar. Mesmo assim Fany acaba por vencer.

Uma vez chegados ao Campino, Olívia M. vem à mesa cumprimentá-los, um

gesto que tem tanto de súplica como de desafio. Sem que se saiba porquê, Fany Girl está desta vez carrancuda. Sérgio Z., como que a dizer-lhe que quem brinca com o fogo acaba por se queimar, tira Olívia M. para dançar. A orquestra residente toca o *He ain't heavy he's my brother*, um sucesso dos Hollies que se presta a desenvolvimentos coreográficos de grande intimidade entre os dançarinos. Com o avançar da noite as coisas não podem senão piorar. No final, e num clima de cortar à faca, Sérgio Z. oferece-se para levar as duas a casa. Fany Girl recusa, prefere um táxi. Deambula pela cidade deserta para ganhar tempo, após o que passa no endereço de Sérgio Z. a fim de tirar a limpo se tudo não passa de um jogo ou se de facto o namorado teve uma recaída. Deduz, a partir de pequenos indícios (uma janela acesa, do quarto que tão bem conhece, e vultos entrando e saindo dela), que esta última possibilidade é afinal a verdadeira: Olívia M. passa a noite no apartamento de Sérgio Z.



Imagino antecipadamente o quanto o Professor vai rejubilar. É um homem romântico, mas de um romantismo de espectro largo, já se sabe, com laivos de ironia e de cinismo: tanto regressa à Madame Bovary quanto lê os queixumes das leitoras da *Crónica Feminina*, entrecortando-os com comentários jocosos e sonoras gargalhadas.

No sábado, Sérgio Z. e Olívia M. passeiam juntos todo o dia. Às cinco e meia da tarde a rapariga está no paraíso e o *Angoche* sai da barra de Nacala, rumo a

Porto Amélia. No porão leva sacos de farinha e de açúcar, gasóleo, material de guerra para a força aérea, nomeadamente cem bombas de cinquenta quilos, granadas e cargas inertes para bombas de *napalm*, além de diverso material aeronáutico e de engenharia. Depois da largada, o comandante Adolfo Manuel Bernardino entrega o navio ao imediato Tavares e recolhe ao camarote para ler umas cartas e descansar um pouco.

Sérgio Z. e Olívia M. também se encerram no quarto, mas não para ler cartas, apenas para descansar, o que fazem até à meia-noite, altura em que regressam ao Campino para que a rapariga entre ao serviço. Fany já lá está, tresloucada, à procura do confronto. Dança colada a um desconhecido, na parte mais iluminada da pista. Num intervalo da música, Sérgio Z. vai à mesa dela e segreda-lhe que a procurou no Jóquei a fim de fazerem as pazes. Fany mostra-se desinteressada, finge que o som da música, entretanto reatada, a impede de ouvir as justificações com clareza, mostra vontade de voltar à pista de dança com o desconhecido. Sérgio Z. recua então para o bar, na esperança de que outro *whisky* o ajude a resolver os seus dilemas. Olívia M. vai ter com ele e tenta convencê-lo a irem também dançar. Sérgio Z. acaba por aceder. Se Fany quer confronto, venha o confronto. Assim que se lançam atrás da música, Fany mostra que não se deixa intimidar e abandona o recinto de mãos dadas com o desconhecido (espicaça a imaginação do ex-amante). Voltará mais tarde, acompanhada de um grande grupo e disposta a novas provocações, mas por essa altura Sérgio Z. já lá não está, nem tão-pouco Olívia M., que não o deixou partir sozinho apesar de todos os seus esforços (ele pretendia procurar Fany). Nesta noite de desencontros, também o *Angoche*, sem razão aparente, depois de uma última transmissão do radiotelegrafista Tormenta da Silva, perde-se da rota definida e prossegue noite adentro no maior dos silêncios.

Passam novamente a noite no apartamento de Sérgio Z., uma noite prenhe de súplicas de Olívia M. a que ele não sabe como atender. A rapariga chora, ele responde-lhe com evasivas. Fany ronda cá em baixo, enfurecida. De madrugada Sérgio Z. leva Olívia M. de volta ao Mira-Mortos, usando de pretextos vagos e fazendo promessas de voltar no dia seguinte para buscá-la. Dali segue no encalço de Fany, que lhe ocupara a mente toda a noite e que acaba por encontrar em casa de uma amiga. Consegue fazer as pazes. Olívia M. é uma página virada, diz-lhe. Saem para a praia do Macúti, conversam e ajustam contas no Clube Náutico, acabam a manhã de domingo no apartamento dele.

Sempre no dizer da polícia, levantam-se às quatro da tarde com a ideia de ir

ao Nacional ver o filme *Aeroporto*, com Burt Lancaster e Jean Seberg, mas chegam tarde, a *matinée* já começou. Compram bilhetes para a sessão da noite e partem de imediato para a Manga a fim de comerem lá qualquer coisa. Um pouco antes das seis estão de volta à cidade, estacionados em frente ao Mira-Mortos de Olívia M. Todos os caminhos parecem desembocar neste local de tragédia.

Fany Girl permanece no carro e Sérgio Z., reunida enfim a coragem necessária, sobe à *flat* 55 para dizer a Olívia M. que está tudo acabado entre eles. Vai disposto a acusá-la de ocupar muito espaço, de se agarrar demais numa altura em que a esposa verdadeira está para chegar. Não é claro o que acaba por dizer, mas seja o que for constitui um rude golpe nas ilusões da rapariga. Esperava-o de *baby-doll*, nada fazia prever aquele desfecho. Também nada fazia prever o que estava para acontecer no mar ou o *Angoche* não teria abandonado tão temerariamente a sua rota. Alguém o chamou? Alguém lhe surgiu ao caminho? Ninguém pode dizê-lo com certeza.

Nem tão-pouco são claros os tempos em que tudo isto acontece. Sérgio Z. sobe ao quinto andar às dez para as seis, uns meros vinte minutos após a saída de Jussara, a companheira de quarto de Olívia M., e fica no apartamento até por volta das seis e meia. Um quarto de hora depois, presumivelmente só e amargurada, Olívia M. cruza a varanda, sobe ao parapeito e inicia a sua queda lenta, enquanto o casal do apartamento vizinho joga às cartas sobre a cama e o *Angoche*, solitário e cego, sulca as águas escuras do Índico.

Tudo isto desfila na minha frente, repartido pelos recortes de jornal, coado por uma luz vespertina projectada na parede branca da varanda do apartamento do Professor. Penso no jornalista Gouvêa Lemos, no ar indefinido, mas sempre amigável, que os óculos de aros grossos ajudam a compor: que mais saberá ele, e por que demora tanto nas revelações? Olívia M. jaz fria, incapaz de fazer avançar o caso. É urgente que o corajoso jornalista o faça por ela.

Enquanto espero, atravesso as fronteiras da cidade. Tenho tempo para imaginar o mundo de Olívia M. feito de luzes multicoloridas, lantejoulas de fancaria e miséria. Faço-o a partir das ruas ensolaradas da Ponta Gea, de onde se descortina o mar e a linha do horizonte. Uma linha que por vezes se me enrola ao pescoço e me dificulta o respirar. Certo dia, descubro que no outro apartamento vizinho de Olívia M., do lado oposto ao do casal que jogava as cartas quando ela morreu, existe uma escola de ilusionismo. Que influência terá isto na morte da rapariga? Será que ela foi ilusão? É assim, raciocinando no terreno florido do absurdo, que vou empurrando o tempo.

Certo dia Gouvêa Lemos volta finalmente à carga. Se a polícia tem apenas duas dúvidas, ele confessa ter muitas mais. Como explicar que Olívia M. pretendia suicidar-se se há marcas de unhas no pescoço, sinal de que tentou desesperadamente arrancar as oito voltas de fio apertado que a não deixavam respirar? E que sangue tinha ela nas unhas, ganho na luta pela vida: próprio ou alheio? E, tentando com tanto empenho salvar-se, seria mais verosímil que ela corresse para a varanda ou para a porta do apartamento em busca de socorro? Estas e outras perguntas (que haviam dito o médico e a enfermeira?, por exemplo, que havia dito quem a transportou ao hospital?), deixa-as o jornalista no ar, antes de concluir com um firme e enigmático: «Prosseguiremos!».

Por seu turno, o Professor Tinoco também não está parado. Durante um tempo a sua linha de pesquisa situa-se nas intenções do *Esso-Port Dickson*, o navio panamiano que encontrou o *Angoche* e que solicita de Durban o envio do *Baltic*, um rebocador de alto mar, a fim de o ajudar a arrastar e pôr a salvo o seu troféu, longe das águas moçambicanas. O Professor vê nisso uma prova do conluio entre comandante, armador e sul-africanos. Não que isso o incomode. Ao contrário, exulta com os complexos gestos dos protagonistas, fala em coreografia em alto mar (é capaz de farejar a possibilidade de um bom enredo a grande distância). Todavia, apesar de tudo isto, o seu caso, tal como o meu, reluta em avançar.



Retomamos por isso a lição: *propterea quod a cultū atque humanitate provinciae longissimē absunt*. Estamos nesta fase mais distantes do que nunca, eu e o Professor. Rispidamente, dá-me as ordens que costumam dar os professores: que leia, que mostre os exercícios que fiz em casa. Corrige-os com um vermelho que é propositadamente escandaloso e se corporiza em comentários vigorosos que deixam sulcos fundos no papel; as pintas dos pontos de exclamação com que invariavelmente termina as frases que visam atingir-me chegam mesmo a ferir as folhas do caderno. Ah, mas por meu turno também em desafio lhe respondo, com trejeitos de aluno arredio e insinuações de uma ironia que tenho por fina, embora sem propriamente chegar a faltar-lhe ao respeito.

Por alguns dias acalento a ilusão de uma parceria com Maria Teresa. É que a vejo tensa, depositando o chá do Mestre na borda da mesa com inédita secura, trocando com ele sussurros cortantes. Certamente que também eles atravessam uma fase difícil, que só a presença de terceiros ameniza.

Numa tarde de sábado, em que calha eu passar perto com o meu bando na busca permanente de novas sensações, vejo-os pela primeira vez fora do seu habitat. Não notam que estou por perto. Tudo me surpreende nesta inesperada visão. Em vão procuro a grandeza do homem na circunstância tão trivial de apressar o passo para atravessar a rua, fugindo à ameaça dos carros. Se me pusesse a dizer aos transeuntes quem ia ali, a importância que tinha, todos se ririam de mim. Um génio à solta, aquele que atravessa a praça em frente ao seu prédio? Que absurdo! Vai curvado, padecendo do velho problema das costas, mais pequeno assim na rua, agarrado ao braço de Maria Teresa que, essa sim, desabrocha com a brisa da tarde, liberta por uma vez das idas e vindas no corredor apertado, inspirando fundo e gozando aqueles horizontes apesar de tudo mais amplos. Parecem reconciliados. Avento pela primeira vez a possibilidade de ela viver numa prisão, e isso dá-me ideias.

Despeço-me dos meus companheiros com um pretexto fútil e atraso o passo para que o casal continue sem me ver. Sigo-os rua fora, invertidos no reflexo do vidro das desinteressantes montras das lojas (artigos eléctricos, motores, bombas de água), até que se detêm à porta do Olympia, uma casa de espectáculos que anuncia para hoje, em *matinée* extraordinária, o Professor Ferrery e os seus espantosos trabalhos de hipnotismo, fascinação, telepsiquia, magnetismo e retenção memorial, convidando-se médicos e autoridades a subirem ao palco a fim de seguirem de perto a evolução dos acontecimentos e poderem desta maneira confirmar a seriedade dos mesmos junto do público.

Depois de olharem o cartaz, compram ingressos, transpõem a espessa cortina de veludo e desaparecem na sala já escura. Num impulso, corro para a bilheteira e habilito-me também a mergulhar na escuridão. O que se segue, porém, não está longe da decepção. Não que o espectáculo não tenha picos de interesse, por exemplo quando o Professor Ferrery serra a cabeça da própria assistente sob a supervisão de um suposto médico, ou quando descobre ao acaso, no meio da assistência, pares de indivíduos com a mesmíssima idade, ano, dia e, em um dos casos, até hora. Decepção, talvez, porque esperava mais da parte do Professor Tinoco, que se levantasse e fosse ao palco unir as duas metades da pobre assistente do mágico, denunciar a farsa com base num argumento científico ou coisa assim, algo que justificasse de maneira dramática a sua descida do santuário até ao mundo dos comuns. Não aquela passividade de espectador, aquela humildade de vulto de coxia duas ou três filas à frente da minha, a imersão total naquela ingénua e rala assembleia, o aplaudir quando todos aplaudem, a participação no murmúrio conjunto sempre que o mágico chega à fase decisiva de cada número com um sorriso de falsa modéstia nos lábios, acompanhado por um sonoro estrolejar de pratos e um rufar de tambor.



O espectáculo termina. Os dois atravessam a rua e entram no Café Luso para, assombro dos assombros, se porem a jantar um pequeno-burguês bife-à-café.

Para mim é a gota de água. Basta! Tenho agora a certeza de que daquela surtida nada de transcendental vai resultar. Deixo-os na vulgaridade do melancólico mastigar, ao som dos talheres batendo no vidro dos pratos e das conversas de comensais que a luz do néon torna pálidos como doentes terminais. Pergunto-me se Maria Teresa não será afinal uma pérfida criatura apostada em fazer do Professor uma pessoa vulgar.

Passo parte da noite na varanda, de olhar pousado no escuro, às voltas com possíveis explicações. Talvez tenha sido um gesto desesperado do Professor Tinoco, esse de procurar a ajuda de Ferrery, o prestidigitador, e chego até a imaginar uma sessão de hipnotismo no Campino, as dançarinas alinhadas e de olhos fixos na varinha mágica, dispostas a confessar todas as intimidades e segredos. Por breves momentos ainda avento a possibilidade de o Professor Tinoco ter ido solicitar a graça de uma imagem do convés do *Angoche* na fatídica noite, uma artimanha parapsicológica que desvendasse o enigma do desaparecimento da tripulação. Mais tarde, a sessão do Professor Ferrery volta a trazer-me à lembrança a pequena escola de ilusionismo vizinha do apartamento de Olívia M., dirigida por Joaquim da Silva Ferreira, um pobre mágico que também ostenta o nome artístico de Jossy ou Joseca. Haverá alguma ligação entre tudo isto? Inquieto-me com este caminhar sem direcção.

Mas, como sempre, a madrugada faz encolher e banalizar todas as conjecturas que a noite tornou fantásticas e gigantes. Regresso à aula resignado à ideia de que o Professor foi ao Olympia apenas com o miserável intuito de espairer.

Recebe-me exultante, de jornal na mão. Por um instante temo que me fale do espectáculo da véspera e do quanto o mágico o impressionou, mas o dedo amarelo aponta veemente numa outra direcção: a notícia, em grandes parangonas, segundo a qual a equipa do *Notícias da Beira*, liderada pelo jovem jornalista Heliodoro Baptista, acaba de descobrir ao largo, entre Vilanculos e Inhambane, o par de navios que o mundo inteiro — ou pelo menos o mundo da nossa cidade — procurava. A edição é ilustrada por rasgadas fotografias. Junto dos dois navios, o rebocador sul-africano *Baltic*, a fragata *Hermenegildo Capelo* e, um pouco atrás, a corveta *João Coutinho*, navegando todos em conjunto para Sul, a toda a força dos motores!

Jovial e sorridente, o Professor Tinoco saltita até à chave dos cigarros. Cumpre o ritual falando ininterruptamente, soltando as palavras entre pequenas baforadas. Em breve estará tudo esclarecido quanto aos navios e às suas intenções, acha. Em breve se desvendará o caso da tripulação desaparecida.

Tento intervir. Murmuro qualquer coisa acerca da rapariga, cuja sombra não me larga, mas parece ser assunto que lhe interessa muito menos do que outrora. Desconversa, ordena que regressemos ao verdadeiro motivo que nos junta ali. *Minimēque ad eos mercatores saepe commeant atque ea quae ad effeminandos animos pertinent important*, leio, enquanto a tarde se escoia velozmente.

É já no final, quando meto lápis e cadernos no saco, que ele pigarreia e diz, como se por mero acaso tivesse acabado de lembrar-se:

Tenho más notícias para lhe dar.

Avagaro os gestos, à espera do resto. E ele acrescenta que tem voltado aos jornais para rever tudo desde o princípio, tem comparado notas, aprofundado as coisas. Há suspeitas mirabolantes, algumas das quais só me pode contar sob juramento de sigilo absoluto. Podem ter sido os comunistas quem incendiou o navio, podem ter sido os nacionalistas para destruir equipamento, pode mesmo ter sido a Pide para atribuir o assalto a terceiros, as possibilidades são quase infinitas. Alguém sem suficiente coragem para assumir o acto. E, logo em seguida, desfere o golpe de misericórdia. Diz que chegou a uma descoberta fantástica, um facto de meridiana simplicidade que nos escapara aos dois: a morte da rapariga não coincidiu com a explosão do *Angoche*! Embora a hora tenha sido sensivelmente a mesma, houve um dia inteiro de permeio, vinte e quatro horas completas a separar os dois episódios!

Diz isto como se fosse um pormenor sem importância, e eu sinto que tudo se desmorona e fico sem saber o que dizer. Afinal Olívia M. lançou-se no espaço sem sequer ter o *Angoche* por companhia, ainda mais sozinha. Acabo de arrumar cadernos e canetas dentro do saco com uma lentidão quase teatral. Quero ganhar tempo e dar-lhe tempo a ele para que atente nas consequências da decisão que acaba de tomar. Afinal, foi ele quem relacionou os dois casos e me levou por este caminho. Aliás, foi ele que me introduziu em toda esta história, foi ele que me voltou a prender à cidade numa época em que eu me deixava assaltar por dúvidas e pela descrença, uma época em que o meu espírito já quase partira, já quase andava pelo vasto mundo lá fora. E, agora que me sente regressado e dominado, desliga os dois casos aproveitando na passagem para me humilhar, me atirar também pela janela. A morte de Olívia M. não passa de uma pequena injustiça sem qualquer interesse, dessas que estão sempre a acontecer com esse tipo de mulheres e com as pessoas pequenas em geral, que não têm quem zele por elas. Afinal é o *Angoche* que representa o mistério, o caso de proporções históricas cujo desvendamento lhe permitirá uma reentrada fulgurante e triunfal na sociedade. É isto que interessa a este

homem volúvel que olha o mundo como a um livro, do alto do seu orgulhoso santuário!

À porta, respondo à despedida de Maria Teresa com um aceno frio e deixo aquela casa sem vontade de lá voltar. Sigo pelas ruas procurando perder-me nelas, mergulhar na cidade e na música que entorpece. São escassas as memórias desses dias, resumidas a uma geral sensação de cansaço e pouco mais.

Os jornais acabam por esquecer Olívia M., mas o *Angoche* não vai melhor: caem lentamente os dois para as últimas páginas, substituídos pelo caso dos trabalhadores do porto, que se instala agora, com todo o seu peso, nas parangonas. No Cais Número Dois forçaram a tampa de um bidão de álcool metílico e distribuíram o conteúdo entre si para se esquecerem desta vida feita de dias cinzentos morbidamente iluminados. Durante toda a tarde vão chegando estivadores com latas, garrafas e frascos vazios, reclamando em silêncio a parte que lhes cabe da mortal ilusão. Bebem sofregamente e, ao início da noite, começam a morrer. Seis de imediato. Decorrerão ainda uns dias antes da tragédia se revelar em toda a sua extensão, desconhece-se quantos beberam o veneno e quantos mais, apesar dos avisos, o beberão. Chegam mais de cem ao hospital, esgota-se o bicarbonato de sódio para as injeções intravenosas. Multiplicam-se os apelos. Vinte já estão cegos, número que segundo os médicos poderá chegar em alguns dias aos cento e cinquenta. A cidade, mergulhada na bruma, já não consegue ver.

Resgata-me da solidão uma nova crónica de Gouvêa Lemos, raio de luz que perfura a carapaça de nuvens baixas que não nos dá tréguas. Em nome do público, da *vox publica*, o jornalista só queria que as premissas da Polícia Judiciária fossem fundamentadas e que a demonstração tivesse um pouco mais de coerência, só isso. Um mês depois de termos noticiado o acontecimento, estamos cada vez mais convencidos de haver razões de sobra para o inquérito não ter sido encerrado, escreve. E conclui com um enigmático e promissor: «Explicaremos porquê!»

Regresso à lição tomado pelo optimismo que esta promessa encerra. Olívia M. renascerá das cinzas, as palavras do jornalista vão resgatá-la. O Professor Tinoco, desconfiado do meu ar triunfal, adopta uma atitude conciliatória, tenta mesmo atrair-me para as virtualidades do caso do *Angoche*, apesar de este navegar velozmente para o desfecho. É isto que lhe digo, em atitude de desafio: que, quanto ao navio, está tudo mais ou menos esclarecido.

Discorda. Muito pelo contrário, é cada vez mais denso o mistério, diz. Um

ajudante de despachante que assistiu à largada do *Angoche* em Lourenço Marques, muito antes de tudo o resto acontecer, e que aparentemente sabia mais do que dizia, foi morto em casa por um misterioso assassino que cortou a rede da janela com uma faca e fez o trabalho no maior dos silêncios. Tão assim que a esposa do pobre, que dormia na mesma cama, nem deu por isso. É o que o Professor me diz na esforçada tentativa de provar que a história está longe do seu termo. Quiseram calar o homem, conclui ele para me impressionar. E desde esse dia que a pobre mulher se recusa a dormir na cama, passando as noites no chão de *parquet*.

Ouçõ este floreado dramático com que tenta impressionar-me sem despregar os olhos dos livros, com alguma impaciência até, e o Professor compreende o sentido do meu simulado desinteresse. Suspira, resigna-se e pede-me que leia: *proximique sunt Rhodesianis, qui trans Tse-tse-ram incolunt, quibuscum continenter bellum gerunt*, após o que me diz que terminámos.

Como assim?, pretendo saber.

Terminámos, repete com uma entoação definitiva.

Acrescenta que me ensinou tudo o que tinha para ensinar, que confia em mim, que *estamos prontos* para o exame oficial. Tem um ar cansado, a língua verde mostra-se muito mais lenta do que quando a vi pela primeira vez, muito mais escurecida, uma língua que só a custo empurra as palavras do que tem para dizer.

Despeço-me, depois de olhar demoradamente a sala, a estante onde Virgílio, Cícero e Júlio César convivem com as extravagâncias da Karina e de Belmondo que, tal como eu, vagueiam sem saber o que fazer. Despeço-me também da varanda em cujo chão refulge a chave dos cigarros. Sei que não voltarei ali. Desço com um misto de tristeza e nervosismo. Agora só me resta enfrentar os algozes, numa fria sala do liceu.

A disputa pelas primeiras páginas dos jornais, entre os cegos do cais e as misses que desfilam sempre belas nas *passerelles* e nos concursos, é agora desabrida. Ducha em vestes tradicionais africanas, Ana Paula em vestido de noite e em biquíni. Vem-me a ideia insolente de regressar ao santuário uma derradeira vez para perguntar ao Professor se não haverá uma relação entre os cegos e as misses pelo facto de partilharem todos as primeiras páginas dos jornais. Não estará aqui, nesta ironia — elas ansiosas por se revelar, eles sem nada poder ver — a base de uma nova investigação? As hipóteses são múltiplas: eles podem ter cegado com tanta beleza; quanto a elas, mergulhadas neste nosso presente cinzento, e apesar dos belos olhos que têm, nada

conseguem ver. Eu convidaria então o Professor Tinoco a escolher, de entre as inúmeras possibilidades que a perspectiva nos abrisse, aquela que lhe parecesse mais promissora. Retomaríamos então as nossas lições.



A cidade entrega-se ao desvario, engalana-se para morrer. T. desapareceu no horizonte e eu fico sem a solidão ativa e triste que dela emanava e com a qual, apesar de tudo, dialogava. A Praça Artur Brandão está agora deserta. Dou-me

conta da fragilidade da minha âncora, o latim é um obstáculo em vias de ser arredado. Que restará depois? Vem-me, súbita, a urgência de partir. Fazer o exame e partir.

Seguem-se dias que se desdobram sem deixar rasto. O que sobra do *Angoche* agoniza atracado num qualquer cais de Lourenço Marques, despindo lentamente a sua capa de mistério. O jornalista Gouvêa Lemos, dizem os jornais, partiu para o Brasil e morreu. O coração não suportou. Engulo em seco. Olívia M. fica um pouco mais só, sem aquela sombra protectora. Jaz numa qualquer sepultura do Cemitério de Santa Isabel, curiosamente num local de onde se pode ver perfeitamente a sua *flat* 55, onde Jussara mora agora com uma nova companheira e se afadiga em limpezas rituais para esconjurar fantasmas. Quanto a Olívia M., partilha o local com quatro mil e duzentas sepulturas, mil trezentas e sete das quais perpétuas, sem contar com as setenta células municipais ou os ossários da Associação Chinesa (o povo propriamente dito é enterrado nos arrabaldes, nas areias húmidas entre os campos de arroz, sem a companhia tutelar dos anjos de pedra). Entretanto, os cegos são em número cada vez maior, as misses riem cada vez mais alto, inocentes e nervosas.

Chega enfim o dia do exame. Apresento-me composto, de cabelo cortado, sentado numa cadeira em frente à banca dos examinadores. Nas minhas costas, alguns colegas, com as respectivas famílias, aguardam a vez. Entre a pequena multidão descubro com surpresa, num rápido relance, o Professor Tinoco. Por uma vez saído da toca para vir contemplar a sua obra. Inunda-me uma espécie de orgulho, enquanto os examinadores se agitam nas cadeiras (a reputação daquele homem transcende-o, onde quer que vá). Não se cumprimentam, eles e ele, apenas se medem mutuamente nos preparativos da batalha. Eu sou o instrumento a que recorrem para se digladiar. Os examinadores tomam a iniciativa. Mandam-me ler, interpretar, e por fim perguntam, depois de um preâmbulo cheio de rodeios frios e cortantes que, suspeito, se dirigem mais ao meu mestre do que a mim. Respondo com uma inesperada segurança: *Mors fortior est quam amor*.

Saio para o corredor, à espera do veredicto. O Professor Tinoco sai também. Acerca-se de mim com um certo ar conspirativo. Diz-me que não me preocupe, que não preciso sequer de aguardar por um resultado que é mais do que certo. E, para comprová-lo, acrescenta:

Trago-lhe uma prenda.

Estende-me um pequeno embrulho e pede-me que abra. Rasgo o papel enquanto a língua verde entra e sai, traindo um nervosismo expectante. Trata-se

de um livro de pequeno formato, mas não vem escrito em latim. O título é *Rumor Branco*. O autor é-me desconhecido. Folheio-o. Pergunto qual o significado do livro (estará porventura no nevoeiro denso de rumores brancos que pende sobre a cidade perdida, um nevoeiro que é o retrato do império, prenhe de segredos e maledicências, de barcos e de prostitutas). Responde-me que se trata de uma edição revista do livro de um jovem (tinha menos de vinte anos quando o escreveu), um livro em tempos muito falado, o que evidentemente não constitui uma resposta. Fico, portanto, sem saber a razão e o instinto impede-me de prosseguir por essa via. Limito-me a agradecer. Ele fala:

Tenho ainda uma coisa a dizer-lhe.

Parece-me hesitante, talvez um pouco constrangido. Ou então é por estar longe do seu santuário, em território desconhecido. Fala num tom baixo, quase uma surdina, talvez para compensar o eco que as palavras produzem nos corredores nus do liceu. Diz-me, algo embaraçado, que afinal tivemos razão desde o início: os dois casos estiveram sempre ligados. Comprova-o, senão a data, o facto de Sérgio Z., o amigo de Olívia M., ser também o comandante de um dos navios que procederam às buscas do *Angoche*. Procurava o que afinal ele próprio havia perdido.

Fico sem saber se não está ali um pedido de socorro, um convite a que regressemos os dois aos papéis da caixa de sapatos, a afirmação de que há muito trabalho a fazer, agora que estamos finalmente no trilho certo. Mas talvez se trate de imaginação minha: ele já vai adiante, a boquilha numa mão, nos passinhos curtos que lhe denunciam os pés-chatos e que ecoam naquele corredor cheio de penumbras, em direcção à luz que irrompe da porta de entrada e quase nos cega. Aí desaparece, à procura de Maria Teresa que o estará aguardando algures. No fundo, talvez ele quisesse apenas prolongar qualquer coisa, suspender o tempo.

O mesmo acontece comigo. Permaneço naquele corredor um tempo longo, à espera nem sei de quê. Talvez que ele regresse do quadrado de luz que o engoliu. Ou então para memorizar as coisas, tantas, que vivi, para que no futuro as lembranças não se vejam reduzidas a meros traços essenciais destituídos dos luxuriantes pormenores, uma prática a que recorro desde os tempos em que vi um afogado no mangal, há muito tempo. Entretanto, as coisas vão escurecendo e o quadrado avermelha-se. Não tarda o sol vai desaparecer e tudo ficará apagado por completo, o liceu vazio. Após este exercício longo despertarei para a necessidade de celebrar, o exame e as coisas que se perdem para sempre. Depois sim, estarei pronto a partir. Fá-lo-ei como o anjo novo, olhando por

cima do ombro a minha cidade.

Glossário

Badgia — Bolo frito, normalmente de farinha de grão de bico.

Bindi — Acessório feminino indiano que se cola na testa.

Choli — Blusa curta que as mulheres indianas usam debaixo do sari.

Dabchick — Pequeno barco desportivo sul-africano de duas velas.

Mabandido — Designação genérica de bandido (o prefixo *Ma-* designa o plural).

Mangolomera — Feitiço que confere força sobrenatural (na língua CiCewa).

Marora (*Hilsa kelee*) — Pequeno peixe típico da parte ocidental do Oceano Índico, alimento universal das populações costeiras. No Sul de Moçambique toma o nome de Magumba.

Mfinse (*Brugueira gymnorrhiza*) — Árvore de mangal usada na construção de barcos.

Morrubo (*Xylocarpus granatum*) — Árvore de mangal usada como combustível e na construção de canoas e remos.

Mpedje (*Avicennia marina*) — Árvore de mangal usada na construção de casas e abrigos.

Mpia (*Sonneratia alba*) — Árvore de mangal usada na construção de canoas.

Mucorongo (*Rizophora mucronata*) — Árvore de mangal usada como combustível.

Mussopo — Pequeno peixe da família dos murenídeos, típico do mangal.

Nhacandala (*Cerriops tagal*) — Árvore de mangal, usada como combustível.

Nhantazera (*Rizophora mucronata*) — Árvore de mangal, usada como combustível.

Panga-panga (*Millettia stuhlmannii*) — Madeira escura com laivos claros típica das zonas baixas do centro de Moçambique, muito utilizada em mobiliário.

Sadza — Papas de farinha de milho (CiSena).

Singanga — Feiticeiro (CiCewa).

Squaw — Mulher índia da América do Norte.

Tépuè — Pequeno camarão quase transparente onde sobressaem os olhos como duas negras cabeças de alfinete.

AGRADECIMENTOS:
Amélia Neves de Souto, Padre Manuel Ferreira,
Pedro007 e Miguel de Paiva Couceiro